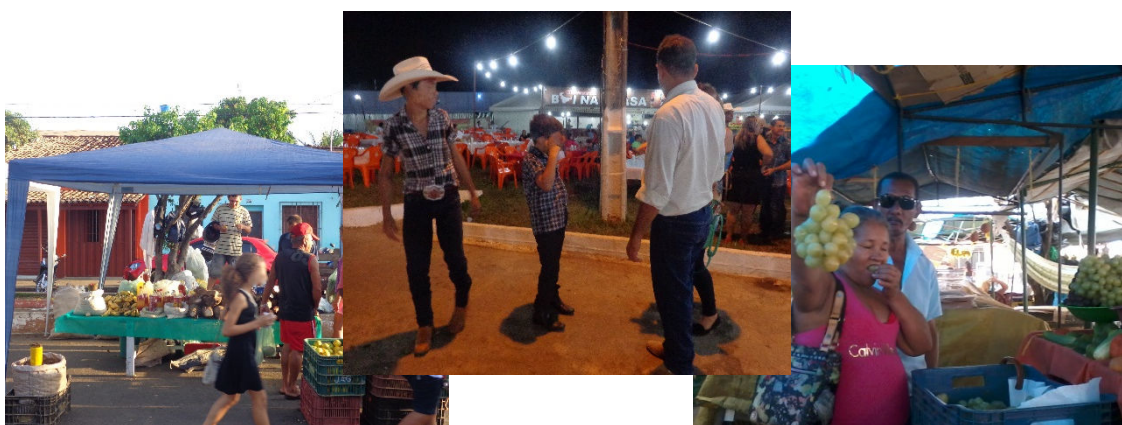




**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZÔNICOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
DO TRÓPICO ÚMIDO**

DÉBORA AQUINO NUNES

FEIRAS-LIVRES & FEIRAS DE EXPOSIÇÃO:
expressões da relação cidade-floresta no sudeste paraense



BELÉM/PA

2015

DÉBORA AQUINO NUNES

FEIRAS-LIVRES & FEIRAS DE EXPOSIÇÃO:

expressões da relação cidade-floresta no sudeste paraense

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará, como requisito à obtenção do título de Mestre em Planejamento do Desenvolvimento.

Área de concentração: Sociedade, Urbanização e Estudos Populacionais.

Orientador: Prof. Dr. Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior.

BELÉM

2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

381.18608115

972f Nunes, Debora Aquino

Feiras-livres & feiras de exposição: expressão de relação cidade-floresta no sudeste do Pará / Debora Aquino Nunes – 2015.
256f.

Dissertação (mestrado) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, 2015.

Orientador: Prof. Dr. Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior.

1. Relação Cidade-Floresta. 2. Circuitos da Economia Urbana. 3. Vida Cotidiana. 4. Marabá.
5. Feiras-livres. 6. Feiras de Exposição
I. Trindade Junior, Trindade Junior, *orient.* II. Título.

DÉBORA AQUINO NUNES

FEIRAS-LIVRES & FEIRAS DE EXPOSIÇÃO: expressões da relação cidade-floresta no sudeste paraense

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará, como requisito à obtenção do título de Mestre em Planejamento do Desenvolvimento.

Aprovado em: ____/____/____.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior (Orientador – PPGDSTU/UFPA)

Assinatura:

Profa. Dra. Edna Maria Ramos de Castro (Examinadora Interna – PPGDSTU/UFPA)

Assinatura:

Prof. Dr. Marcio Douglas Brito Amaral (Examinador Interno – PPGEIO/UFPA)

Assinatura:

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus. Depois, às “Deuzas” de minha vida, minha mãe e minha avó, e a todos os feirantes que participaram, junto comigo, da caminhada desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

De início, agradeço a Deus e a todos os meus “santinhos”, por permitirem que eu me levante com saúde e tenha força para seguir em frente, dia após dia.

À minha família, que sempre me dá força e aconchego, seja nos bons, seja nos maus momentos. Obrigada Deuzalina Maria José Santos de Aquino, minha avó e heroína, pelos ensinamentos que me fizeram ser uma pessoa melhor. Lembro-me sempre dos afagos matinais e do amor que recebia todos os dias antes de ir para aula, eles me encorajavam e fortaleciam, sempre. Além disso, suas histórias e estórias sobre a cidade de Óbidos e como era a vida antigamente, à beira do rio Amazonas, enchem-me de orgulho e prazer de ser sua neta. À minha mãe, Deuzalina Santos de Aquino, que, com sua força e sabedoria, encharca a minha vida de amor e garra. Amo-te muito, mamãe, para além do que as palavras podem explicar! Vocês duas são as mulheres da minha vida e estão cravadas com amor em meu peito. Não posso esquecer de agradecer também ao meu pai, Marco Aurélio Leite Nunes.

Agradeço também ao anti-herói e namorado Michel de Melo Lima, que faz a minha vida ser mais gostosa. Amo-te amiúde e a cada momento, “te amo porque te amo”. Obrigada por tudo.

Aos tios Miguel e Luzia, por possuírem corações enormes, que me ensinam muito sobre os caminhos do mundo, juntamente com a minha cunhada Michelle Lima, pelos bons momentos e risadas. Obrigada também Raimunda Campos, que é parte importante da minha família, estando ao meu lado desde antes de meu nascimento. Obrigada sempre, “Muumum”!

Quero também agradecer ao meu orientador, Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior, por ter transformado a minha vida quando me deu a chance de ingressar na pesquisa. Isso me levou a acreditar e a lutar por outro mundo possível, com esperança em uma sociedade mais justa e que respeite as diferenças. Obrigada por tudo e desculpe pelas falhas.

Também cabe aqui um agradecimento à Gesiane Trindade, pelos incentivos e pela companhia nesse caminho de cinco anos de graduação, com direito a dois PIBICs e meio, e dois anos de mestrado. Você banhou o meu cotidiano com garra, alegria, risadas e muita cerveja, compartilhando os melhores e os piores momentos comigo. Um salve à “Geise”!

Gostaria de agradecer também aos professores do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, pelos ensinamentos comigo compartilhados; não só os acadêmicos, mas também os de vida. À Professora Dra. Edna Castro, deixo meu muito obrigada, por ter sido essencial em um dos momentos mais difíceis da minha vida e me deu força para continuar e desenvolver a dissertação. Aprendi que, mesmo baseados em trabalhos árduos, de desvelo também pode viver a academia. Lutar sempre, perder a ternura jamais! Ao professor Dr. Chiquito, que me levou a mergulhar nas obras de Marx, numa naturalidade jamais pensada. Ao professor Dr. Thomas Hurtienne (*in memoriam*), que destrinchou os clássicos autores da sociologia e que nos deu a honra de ser a última turma que este genial homem compartilhou seus conhecimentos. Aos professores Drs. Índio Campos, Nírvia Ravena, Juarez Pezzuti, Silvio Figueiredo, Simaia Mercês, Claudio Szlafsztein e Armin Mathis, que também contribuíram para a formação acadêmica desta autora. Aos professores de graduação em Geografia também deixo meu muito obrigada, em especial à professora Dra. Goretti Tavares e ao professor Dr. Márcio Douglas Amaral.

Agradeço também aos “pedreiros” Elton, André, Marcelo e, em especial, à Jamilly Lopes, à Fabio Bentes e à Benison, que se tornaram verdadeiros irmãos, compartilhando e transformando toda e qualquer dor em sorrisos e brincadeiras. Obrigada pelas comidas, pela atenção, pelas “grades”, e, principalmente, pela luta travada através de passeatas e atos em prol de uma outra sociedade e de uma ciência geográfica crítica.

Deixo meu muito obrigada também para todos os companheiros de turma do mestrado 2013 do Núcleo de Altos Estudos da Amazônia, em especial para Karen Nogueira, Kellem Prestes, Amarildo Júnior, Rafael Flores e Adria Macedo. Vocês mostraram dia após dia o quanto as pessoas podem se ajudar e torcer umas pelas outras dentro da academia, sem vaidades ou competições. Agora é só comemorar ou será “bebemorar”?

Quero agradecer à Universidade Federal do Pará e ao Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, instituições que marcaram a minha formação acadêmica. Agradeço também ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por financiar meus dois anos de iniciação científica e por conceder ajuda ao projeto de pesquisa que deu origem a esta dissertação.

Além disso, deixo o meu muito obrigada à Casa de Cultura de Marabá, que concentra diversas fontes de dados disponibilizadas para os estudantes e os

pesquisadores que a ela se dirigem. Às secretarias municipais, à Associação Comercial e Industrial de Marabá e ao Sindicato dos Produtores Rurais de Marabá, muito obrigada por me receberem e me concederem entrevistas durante os meus trabalhos de campo.

Agradeço também à família que formei durante minha vida, meus amigos, que sempre estarão comigo. Brigamos, bebemos, abraçamo-nos, choramos, sorrimos, brincamos, e, principalmente, cuidamos sempre um do outro. Obrigada Abílio, Renato, Caio, Keké, Cibele, Neth e, especialmente, aos corações Nai, Larissa e Aman. Desculpem-me também pelas ausências.

Por fim, quero agradecer ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marabá e a todos os sujeitos que animam com vida e esperança as feiras-livres de Marabá. Eles que, gentilmente, cederam parte de seu tempo para responder à minha entrevista e me contar as suas histórias e estórias de vida.

Que tal se começarmos a exercer o jamais proclamado direito de sonhar? Que tal se delirarmos, um pouquinho? Vamos fixar os olhos mais além da infâmia, para adivinhar outro mundo possível. [...] as pessoas trabalharão para viver, ao invés de viver para trabalhar. Os economistas não chamarão nível de vida ao nível de consumo, nem chamarão qualidade de vida à qualidade de coisas. A morte e o dinheiro perderão seus mágicos poderes e nem por falecimento nem por fortuna o canalha será formado em virtuoso cavaleiro. Ninguém será considerado herói ou pascácio por fazer o que acha justo em lugar de fazer o que mais lhe convém. A justiça e a liberdade, irmãs siamesas condenadas a viver separadas, tornarão a se unir, bem juntinhas, ombro contra ombro. [...] a perfeição continuará sendo um aborrecido privilégio dos deuses, mas neste mundo confuso e fastidioso, cada noite será vivida como se fosse a última e cada dia como se fosse o primeiro. (Eduardo Galeano, “direito ao delírio”)

RESUMO

Tendo por base as teorias dos circuitos da economia urbana de Milton Santos e da vida cotidiana de Henri Lefèbvre, as reflexões deste trabalho vão ao encontro do tema “relação cidade-floresta na Amazônia oriental”. Analisar tal relação em face da atual dinâmica regional é o nosso principal objetivo. Nesse sentido, as feiras-livres e as feiras de exposição da cidade de Marabá aparecem como recortes empíricos analisados, sendo espaços de mudanças e de permanências da relação cidade-floresta na região do sudeste paraense. Para realização desta pesquisa lançamos mão dos seguintes procedimentos metodológicos: a) revisão bibliográfica teórico-conceitual de temas, teorias, conceitos e noções pertinentes à realização da pesquisa; b) revisão bibliográfica de caráter histórico-geográfico e levantamentos de dados secundários sobre o sudeste paraense, a cidade de Marabá e suas feiras-livres e feiras de exposição, e também a respeito das políticas públicas pertinentes a relação cidade-floresta; c) levantamento fotográfico nas feiras-livres e na feira de Exposição Agropecuária de Marabá (EXPOAMA); d) observação sistemática de campo sobre a interação cidade-floresta; e) realização de entrevistas individuais gravadas com questões semiestruturadas com técnicos, planejadores e representantes do poder público, ligados às políticas de planejamento e de gestão de Marabá; com os atuais e/ou antigos representantes das feiras-livres; com os representantes do Sindicato de Produtores Rurais de Marabá (SPRM) e da Associação Comercial e Industrial de Marabá (ACIM); com os frequentadores das feiras; com principais feirantes e atravessadores das feiras-livres; e com representantes de empresas que participam da EXPOAMA; f) análise e sistematização dos dados coletados à luz do referencial teórico-conceitual previamente definido e revisado. A floresta no sudeste paraense é negada e também derrubada em prol da produção econômica e vida cotidiana capitalista, ganhando destaque as atividades de mineração e da agropecuária. O Estado produz e dá base para tal processo, que destrói traços do passado e constrói novas representações e práticas socioespaciais na região. Com isso, ganham destaque os espaços que estão inseridos e que reproduzem a lógica da modernidade e do capital, como as feiras de exposição. Estas estão orientadas pelo valor de troca e pela ausência da floresta, servindo de vitrines da cidade dentro do mercado nacional e internacional. Em Marabá, a modernidade, e junto com ela a negação da floresta, invade até mesmo os seus espaços de feiras-livres. Estas possuem um importante papel na reprodução de grupos sociais de menor poder econômico, e vêm sendo invadidas, cada vez mais, por produtos e lógicas distantes. Negligenciadas pelas ações e intervenções do poder público, as feiras-livres são tratadas no máximo de maneira setorial, ignorando as atividades agroextrativistas praticadas e possíveis na região. Dessa forma, em Marabá a floresta é negada na sua multidimensionalidade (econômica, ecológica, simbólica e lúdica), apresentando-se apenas de maneira residual.

Palavras-Chave: Relação Cidade-Floresta. Circuitos da Economia Urbana. Vida Cotidiana. Marabá. Feiras-livres. Feiras de Exposição.

ABSTRACT

Based on theories of circuit of the urban economy of Milton Santos and of the everyday life of Henri Lefèbvre, the reflections of this study are in line with the theme: the relationship city-forest in the eastern Amazon. Analyze this relationship in the face of actual regional dynamics is our main goal. Thus, free fairs and exposition fairs in the city of Marabá appear as empirical clippings, because it are representatives spaces of changes and continuities of the city-forest relationship in southeastern paraense. For this, we used the following instruments: a) theoretical and conceptual bibliographic review of issues, theories, concepts and notions relevant to the search; b) bibliographic review of historical and geographical character and secondary data survey about southeastern paraense, city of Marabá and its free fairs and exposition fairs, and also about public policies relevant to relationship between city and forest; c) photographic survey in the free fairs and Agricultural Exposition Fair of Marabá (EXPOAMA); d) systematic observation field on the interaction city-forest; e) realization of individual interviews recorded with semi-structured questions applied in the technicians, planners and public officials linked to planning and management of Marabá; in the representatives of the free fairs; in the representatives of the Farmers Syndicate of Marabá (SPRM) and of the Commercial and Industrial Association of Marabá (ACIM); in the frequenters of fairs; in the workers of free fairs; and representatives of companies participants of the EXPOAMA; f) analysis and systematization of data collected on the theoretical-conceptual framework previously defined and reviewed. The forest is denied and removed in benefit of the economic production and capitalist everyday life in southeastern paraense. In this context, is highlighted the role of mining and agricultural activities. The state produces and provides the basis for this process, which destroys traces of the past and build new representations and socio-spatial relations in region. Thus, the spaces that gain prominence are insert in the logic of modernity, such the exposition fairs. That fairs are oriented by exchange value and by absence of the forest, serving as windows within the national and international market. The modernity in Marabá along with the negation of the forest invades even the spaces of free fairs. This fairs has an important role in the reproduction of social groups with lower purchasing power, and have been invaded, increasingly, by extra-regional products and distant logical. Neglected by the actions and interventions government, the free fairs are treat sectorally, ignoring the agro-extractive activities practiced and possible. Thus, in Marabá and its relationship with its surroundings, the forest is deny in its multidimensionality (economic, ecologic, symbolic and ludic).

Key-words: Relationship City-Florest. Circuit of Urban Economy. Everyday Life. Marabá. Free Fairs. Exposition Fairs.

LISTA DE TABELAS

TABELA 01 – Doação realizada pelo poder público para promoção da EXPOAMA, 2010-2014.....	211
---	-----

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – Características dos dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos.....	48
QUADRO 02 – Objetivos da feira-livre segundo os representantes ou ex-representantes dos feirantes	104
QUADRO 03 – O abastecimento das feiras-livres das Laranjeiras e da 28 pelos seus principais atravessadores	107
QUADRO 04 – Produtos comercializados nas feiras-livres das Laranjeiras e da 28 em Marabá	110
QUADRO 05 – Produtos comercializados nas feiras-livres do pequeno agricultor em Marabá	114
QUADRO 06 – A importância das feiras-livres para os feirantes.....	117
QUADRO 07 – Importância da tecnologia, do trabalho e da floresta para os feirantes e seus representantes.....	121
QUADRO 08 – A importância da interação social para os feirantes.....	134
QUADRO 09 – Principais motivos para ir à feira segundo os frequentadores.....	138
QUADRO 10 – A importância das feiras-livres para os frequentadores.....	145
QUADRO 11 – A importância da EXPOAMA para as empresas e para o Sindicato dos Produtores Rurais de Marabá.....	156
QUADRO 12 – Concessionárias e empresas de comércio de produtos agropecuários com estandes na XXVIII EXPOAMA/2014.....	164
QUADRO 13 – Importância da tecnologia e do trabalho para as principais empresas presentes na EXPOAMA.....	176
QUADRO 14 – Os frequentadores e alguns elementos da cotidianidade na EXPOAMA	182
QUADRO 15 – A importância da EXPOAMA para os frequentadores.....	186
QUADRO 16 – Aspectos gerais da FICAM para os empresários e frequentadores	191
QUADRO 17 – Principais agentes que participaram da organização da FICAM.....	195
QUADRO 18 – Legislação e Planos Municipais que contemplam as feiras-livres...	202
QUADRO 19 – Importância das feiras-livres para os representantes do poder público.....	206
QUADRO 20 – Ações desenvolvidas pelo poder público em relação às feiras-livres.....	208

QUADRO 21 – Importância da EXPOAMA para os representantes do poder público municipal e estadual.....	213
QUADRO 22 – Bancos e instituições públicos federais em face da importância e dos seus objetivos para com a EXPOAMA.....	219

LISTA DE MAPAS

MAPA 01 – Infraestruturas e localização do Município de Marabá no Estado do Pará.....	37
MAPA 02 – Localização das feiras-livres e do Parque de Exposição Agropecuária da cidade de Marabá.....	40
MAPA 03 – Evolução urbana de Marabá até 1960.....	78
MAPA 04 – Núcleos Urbanos de Marabá.....	87

LISTA DE FOTOS

FOTO 01	– Feirante mostrando um cacho de uva na feira da 28.....	42
FOTO 02	– Barraca e produtos na feira do agricultor.....	43
FOTO 03	– O country na EXPOAMA.....	45
FOTO 04	– Exposição de trator da New Holland.....	46
FOTO 05	– Concentração de pessoas e embarcações na ribeira de Marabá no início do século XX.....	80
FOTO 06	– A Marabá do início do século XX.....	81
FOTO 07	– Barracas da Feira do Agricultor.....	99
FOTO 08	– Casal concertando a barraca na Feira das Laranjeiras.....	100
FOTO 09	– Barracas na Feira da 28.....	101
FOTO 10	– Caixas, caixotes, bacias e mesas na Feira do Pequeno Agricultor.....	102
FOTO 11	– Jerimuns expostos em cima de tapete na Feira das Laranjeiras.....	103
FOTO 12	– Os feirantes, a sua produção e a casa de apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marabá.....	115
FOTO 13	– Adolescente trabalhando no descarregamento da produção trazida pelos atravessadores.....	131
FOTO 14	– Menina ajudando feirante a cuidar e organizar a produção às vésperas da realização da feira do pequeno agricultor.....	132
FOTO 15	– XV Grande Cavalgada – EXPOAMA.....	152
FOTO 16	– Espaço gourmet da Canopus Veículos.....	172
FOTO 17	– Estande da Scania (Itaipu Norte).....	173
FOTO 18	– Estandes dos bancos públicos na EXPOAMA 2014.....	218

LISTA DE SIGLAS

- ACIM** – Associação Comercial e Industrial de Marabá
- ADEPARA** – Agencia de Defesa Agropecuária do Pará
- ALPA** - Aços e Laminados do Pará
- BASA** – Banco da Amazônia
- CNPq** - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- COSIPAR** - Companhia Siderúrgica do Pará
- CVRD** - Companhia Vale do Rio Doce
- D.I.M** – Distrito Industrial de Marabá
- EMATER** – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará
- EMBRAPA** – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
- EXPOAMA** – Exposição Agropecuária de Marabá
- FACIAPA** - Federação das Associações Comerciais, Industriais e Agropastoris do Estado do Pará
- FICAM** – Feira de Indústria, Comércio e Artes de Marabá
- FIIPA** - Federação das Indústrias do Estado do Pará
- INCRA** - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
- LNR** – Liga Nacional de Rodeio
- PGC** – Projeto Grande Carajás
- SEBRAE** – Serviço Brasileiro de Apoio a Pequenas e Micros Empresas
- SUDAM** - Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia
- SPRM** – Sindicato dos Produtores Rurais de Marabá
- STRM** – Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marabá

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
1. A MODERNIZAÇÃO CAPITALISTA E A VIDA COTIDIANA NA AMAZÔNIA: REFERENCIAIS PARA O ENTENDIMENTO DA ATUAL RELAÇÃO CIDADE-FLORESTA EM MARABÁ.....	33
1.1 A relação capital-trabalho na Amazônia: os circuitos da economia urbana e a floresta no sudeste paraense.....	34
1.2 A vida cotidiana na Amazônia oriental: uma aproximação entre o viver e o vivido nas feiras-livres e feiras de exposição de Marabá.....	60
2. A PRODUÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA DA RELAÇÃO CIDADE-FLORESTA EM MARABÁ.....	70
2.1 Exploração, expropriação e (re)existência: do Burgo de Itacayunas a Marabá dos castanhais.....	71
2.2 Reorganizando a relação cidade-floresta: mineração, agropecuária e resistências em Marabá.....	82
3. OS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA E A VIDA COTIDIANA: ENTRE AS FEIRAS-LIVRES E AS FEIRAS DE EXPOSIÇÃO DE MARABÁ.....	92
3.1 O circuito inferior da economia e a vida cotidiana: a importância do trabalho, da floresta e das vivências para as feiras-livres de Marabá.....	94
3.2 O circuito superior da economia e a vida cotidiana: a importância da tecnologia, da informação e do mundo country para a EXPOAMA.....	148
3.3 A mineração no sudeste paraense: uma breve apresentação da FICAM.....	190
4. AS POLÍTICAS PÚBLICAS URBANAS E REGIONAIS E A RELAÇÃO CIDADE-FLORESTA NA AMAZÔNIA ORIENTAL.....	198
4.1 A negação da relação cidade-floresta: o conceber as feiras-livres e as feiras de exposição de Marabá.....	199
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	225
REFERÊNCIAS.....	235
APÊNDICES.....	246

INTRODUÇÃO

Antes do processo de colonização europeia, o espaço amazônico estava organizado para garantir formas simples de sobrevivência dos seus grupos sociais. Isso não significa dizer que as relações sociais, antes predominantes, fossem harmônicas ou estivessem isentas de conflitos, e sim que estavam orientadas pela dimensão do uso, sendo, até mesmo, as trocas baseadas na utilidade dos objetos (OLIVEIRA, 2000).

Na Amazônia essa dinâmica começou a ser transformada a partir do século XVII com a entrada dos colonizadores, principalmente portugueses. Movidos principalmente por interesses políticos, de dominação do território, e econômicos, de exploração das drogas do sertão e da mão de obra local, eles adentraram na região (CASTRO, 2008; CORRÊA, 1987) chocando-se com as relações de produção e com a produção das relações até então existentes; fundamentadas na interação mais direta entre os homens e deles com a natureza, provocando novos conflitos (OLIVEIRA, 2000).

A partir principalmente de 1960, ocorre uma intensa reestruturação do espaço e da vida cotidiana regional. A Amazônia aparece para o mundo como fronteira¹ do capital, sendo cada vez incorporada por interesses econômicos e lógicas distantes. A importância do rio, para a circulação, e da floresta, para a economia do extrativismo vegetal e para sobrevivências de inúmeros grupos sociais, é, então, relativizada.

Nesse contexto, houve uma intensa migração direcionada à Amazônia, que levou essa região a ser também uma fronteira da alteridade, onde o diverso se (des)encontra, num misto entre conflitos, novas articulações, sobrevivências na diferença e negação de sociabilidades pretéritas (MARTINS, 2009). Transformam-se os modos de vida, o território e as formas de trabalho na região. Isso devido à entrada de novos agentes, objetos² e processos que carregam consigo uma nova lógica do capital (TRINDADE JR., TAVARES, 2008; TRINDADE JR., 2010a; CASTRO, 2011).

¹ A fronteira é um espaço em incorporação ao capital global (BECKER, 1990) e também um lugar, essencialmente da alteridade (MARTINS, 2009). Dessa forma, ela é, segundo os atores hegemônicos, o espaço de projeção para um futuro mais promissor, a nova fonte de recurso a ser explorada e onde se pode implantar rapidamente novas estruturas (BECKER, 1990). Além disso, ela é o lugar dos conflitos sociais, do (des)encontro de perspectivas que denotam tempos históricos distintos, ritmos de vida diferentes, formas de apropriação do espaço e do tempo que se misturam dialeticamente (MARTINS, 2009).

² Os objetos são aqui entendidos como tudo que existe na superfície da Terra, toda a herança da história natural e todo o resultado da ação humana que se objetivou. Eles são esse extenso, essa objetividade, isso que se cria fora do homem e se torna instrumento material de sua vida. Sua utilidade atual, passada e/ou futura vem do uso combinado pelos grupos humanos que os criaram ou que os herdaram. Seu papel pode ser apenas simbólico, mas, geralmente, é também funcional (SANTOS, 2008a).

Solapa-se, em graus diversos e com intensidades variadas, as estruturas de produção tradicionais (CASTRO, 1999). Nas cidades e nas florestas os usos se dissolvem e mingnam as solidariedades ancestrais. O dinheiro passa, então, a tentar ser a medida de tudo, impondo à vida social uma competitividade e um selvagerismo crescente (SANTOS, 2007). Tudo pode ser transformado em capital. Porém, algumas relações escapam e resistem a essa nova lógica. Em certas situações, até mesmo reforçam-se as relações tradicionais de trabalho e de reprodução da vida (CASTRO, 1999; MARTINS, 2009, 2011; LIMA, 2012), como as que têm na apropriação do espaço e na resistência da relação cidade-floresta os fundamentos da sua (sobre)vivência.

Entendemos a floresta não como espaço intocável, mas como espaço socialmente produzido (LEFÈBVRE, 1974), podendo ser apropriado em suas múltiplas dimensões (econômica, ecológica, lúdica e simbólica) por grupos sociais diversos. Nela, antigos e novos valores e saberes são produzidos, na mediação dialética entre o local, o regional e o extra-regional e entres os homens e destes com a natureza, tornando-se parte particular da vida urbana amazônica (TRINDADE JR., 2014; CASTRO, 2008).

Nesse sentido, a relação cidade-floresta é aqui compreendida como um recorte particular da relação cidade-região na Amazônia oriental. É particular porque a dimensão da floresta na Amazônia configura parte do ethos urbano-regional (CASTRO, 2008). Este é constantemente negado em cidades que assumiram um importante papel dentro da expansão da fronteira econômica regional, como Marabá.

O grande desafio aqui é, então, o de não repetir esquemas teóricos que optaram pela análise segmentada e romantizada do urbano e da floresta, mas entendê-los como parte inseparável da dinâmica regional (CASTRO, 2008). Daí a relevância da análise combinada, levando em consideração os processos locais, regionais e globais, que juntos produzem o que é hoje a Amazônia.

Desse modo, entender como se apresentam as diferentes e desiguais formas de trabalho e as mudanças e permanências da vida cotidiana em face da intensificação da inserção da Amazônia brasileira à economia nacional e internacional, consiste em uma análise fundamental para a compreensão da atual relação cidade-floresta no sudeste paraense.

Esta pesquisa, ao abordar tal relação, possui como recorte empírico as feiras-livres e as feiras de exposição da cidade de Marabá, localizada no Estado do Pará,

na porção oriental da Amazônia. Isso porque essas feiras são representativas das mudanças e, em menor intensidade, das permanências das interações entre o espaço citadino e a floresta. As primeiras possuem um importante papel na reprodução de grupos sociais de menor poder econômico e vêm sendo invadidas por produtos e por lógicas de consumo e comportamentos extra-regionais, relativizando a dinâmica da floresta para sua organização. As segundas, por sua vez, estão orientadas principalmente para atender as necessidades do capital, negando a floresta a partir, principalmente, do apoio às atividades de mineração e agropecuária. Nas feiras de exposição ganham destaque as relações de troca, o consumo, o dinheiro e a homogeneização do espaço.

Assim, mesmo que cerca de 6.585,4 km² (43%) do município de Marabá, em 2013, seja composto por áreas de florestas (BRASIL, 2013), esta é negada de maneira contundente na vida cotidiana e na produção do espaço local.

A cidade de Marabá tem sua origem remontada ao final do século XIX com a formação do Burgo do Itacayunas, às margens do rio Itacayunas e a 8 km do Rio Tocantins. Sua instalação tinha como objetivo abastecer com gêneros alimentícios, principalmente com a carne, a cidade de Belém e, posteriormente, já como núcleo urbano, configurou-se como um importante entreposto comercial para as atividades extrativistas do caucho e da castanha-do-pará na região (VELHO, 1972; EMMI, 1999; DIAS, 1958). Isso demonstra a importância da exploração da floresta para a formação da cidade de Marabá.

A partir da abertura da fronteira econômica regional, essa cidade se tornou representativa das dinâmicas que se rebatiam na sub-região do sudeste paraense, pois assumiu um papel político-econômico importante dentro da nova organização da rede urbana regional. Com o crescente incentivo à mineração e à agropecuária e com a construção de infraestruturas na região, Marabá serviu de apoio para o desenvolvimento dos principais projetos que tinham no aprofundamento da exploração econômica da região seu fundamento central; processos que levaram a novas conexões entre o local, a região e as lógicas globais (TRINDADE JR *et al*, 2012; TRINDADE JR., 2014; NUNES e CARDOSO, 2013).

A partir da década de 1960, foi formada a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) e instalada na região a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), empresa de origem estatal. Esses agentes eram pilares de uma nova política econômica desenvolvida para a Amazônia. Tal política incentivava a

instalação de grandes empresas agropecuárias e de grandes projetos mineradores e foi fortemente concentradora de terras. Com vistas a desenvolver economicamente a região e integrá-la ao mercado, o Estado concedeu incentivos fiscais e empréstimos, construiu infraestruturas e facilitou a privatização das terras e a entrada da lógica do capital na Amazônia (COSTA, 2012b; OLIVEIRA, 1990).

Algumas relações e dinâmicas resistiram ao processo de abertura da fronteira. Em Marabá, apesar das feiras-livres serem constantemente invadidas por processos e dinâmicas externas, nela ainda persistem, de maneira residual³, sociabilidades marcadas pela (re)produção das experiências vividas na qual a floresta ainda aparece como meio, produto e condição para a sobrevivência, material e imaterial, de diversos grupos sociais. Os pequenos agricultores trazem seus produtos, suas histórias e seus conhecimentos da floresta e do campo para a cidade. Em contrapartida, eles levam mercadorias, novas histórias e saberes para o local onde vivem. Essa dinâmica, que vai para além das trocas materiais, é esmagada continuamente pelo capital e pelo Estado, através de suas políticas públicas concebidas de maneira setorial, segmentando as dinâmicas socioespaciais, e também orientadas para atender às necessidades dos agentes com maior poder econômico.

O apoio do poder público ao capital pode ser explicado por conta de que, nesse mundo globalizado, o que passa a importar é a capacidade que as cidades e/ou as regiões possuem de participar de uma contabilidade global, ou seja, das transações que conseguem movimentar e reproduzir o grande capital, deixando de lado as atividades voltadas à subsistência ou à sobrevivência da maioria da população (SANTOS, 2011). A base dessa contabilidade global é o conjunto de parâmetros, segundo os quais os principais governos são capazes de medir, avaliar e classificar as economias nacionais, regionais e urbanas, que, no Brasil, é conhecido por Produto Interno Bruto (PIB) (SANTOS, 2011).

Assim, em busca de uma maior participação no PIB, para com isso melhorar a sua imagem dentro do processo de modernização capitalista, Marabá, como cidade representativa da região, tem como um dos seus principais papéis atrair diversos empreendimentos para si e para o sudeste paraense. Baseada principalmente nos

³ As diferenças que não sucumbem à opressão da equivalência são, pois, resíduos: são o que não se deixou capturar, aprisionar em modelos; são o novo que emerge do movimento dialético de inclusão e exclusão de conteúdos momentaneamente portadores ou não da diferença; são o que não se deixou reduzir ao previsível, ao identificável e ao classificável (NASSER; FUMAGALLI, 1996).

serviços, o Município aparece no ranking estadual com o 5º maior PIB do Estado (PARÁ, 2010).

Nesse contexto, em Marabá são criados importantes espaços vitrines⁴ (SANCHEZ, 2001), que são as suas feiras de exposição, a saber: Exposição Agropecuária de Marabá (EXPOAMA) e a Feira de Indústria, Comércio e Arte de Marabá (FICAM). Elas lançam o espaço citadino e a região dentro da competitividade que se instala entre os lugares, baseando-se em atividades que negam a floresta, como a agropecuária e a mineração. As feiras de exposição ajudam a instalar a modernidade enquanto objeto e objetivo da organização da vida e do espaço, relativizando as práticas socioespaciais produzidas na relação entre Marabá e a floresta ao favor dos valores, lógicas e comportamentos globais capitalistas.

Em contrapartida, existe outro tipo de feira, que nem sempre recebe incentivos do poder público, e que tem na sobrevivência dos grupos sociais de menor poder econômico seus fundamentos, as feiras-livres. Elas possibilitam a autonomia relativa dos feirantes em relação às regras do emprego formal. Porém, atualmente em Marabá, elas também são organizadas a partir, muito mais, das lógicas e das dinâmicas que negam a floresta, do que através de sociabilidades e de materialidades que nos remetem à relação cidade-floresta.

Nesse sentido, entendemos que as diversas temporalidades e espacialidades ligadas à presença e à ausência da relação cidade-floresta na região promovem parte da vida cotidiana regional. Tais temporalidades e espacialidades se (des)encontram na fronteira amazônica, negando-se e articulando-se. Tendo em vista esse conjunto de elementos que permeiam as nossas inquietações, destacamos as seguintes questões-problema:

- a) como se organizam nas feiras-livres e nas feiras de exposição de Marabá os circuitos da economia com suas diferentes formas de interação capital-trabalho ligadas à floresta?

⁴ É sob a pressão da economia, da tecnologia, da comunicação e de um capitalismo desenfreado que as cidades começam a se preocupar de maneira extrema com o seu papel dentro do mercado nacional e internacional. Assim, baseadas em uma arquitetura global, não relacionada com as condições locais, dentro das cidades são organizados espaços-vitrines que servem para dar suporte à modernização necessária para a reprodução do capital. Esses espaços são uma repetição de modelos importados bem sucedidos de cidades que normalmente estão localizadas nos países desenvolvidos, ignorando a história e a identidade do lugar. O objetivo das vitrines são maximizar a eficiência do funcionamento econômico do espaço envolvido de acordo, principalmente, com as necessidades do mercado (SÁNCHEZ, 2001).

- b) como se realiza a (re)produção da vida cotidiana ligada à presença e à ausência da interação cidade-floresta nos espaços das feiras-livres e das feiras de exposição de Marabá?
- c) de que maneira as políticas públicas voltadas para as feiras-livres e feiras de exposição tratam a relação de Marabá com a floresta?

O presente trabalho, posta a problemática que lhe dá sentido, tem por objetivo analisar a relação cidade-floresta em face da atual dinâmica da Amazônia oriental, levando em consideração as interações capital-trabalho, a partir da análise dos circuitos da economia urbana, e a (re)produção da vida cotidiana. Para isso, as feiras-livres e as feiras de exposição de Marabá aparecem como referenciais empíricos.

Esse objetivo geral se subdivide em três outros específicos, são eles:

- a) analisar os circuitos da economia urbana que organizam a relação cidade-floresta nas feiras-livres e nas feiras de exposição de Marabá;
- b) reconhecer e analisar a vida cotidiana ligada à presença e à ausência da floresta nas diferentes feiras de Marabá;
- c) analisar as políticas públicas desenvolvidas para as feiras-livres e para as feiras de exposição levando em consideração as particularidades da relação cidade-floresta na Amazônia oriental.

Para contemplar esses objetivos, lançamos mão dos seguintes procedimentos metodológicos de investigação:

- a) revisão bibliográfica teórico-conceitual pertinentes à realização da pesquisa, assentada principalmente na teoria dos circuitos da economia urbana (SANTOS, 1998, 2005, 2008b; SANTOS, SILVEIRA, 2008; SILVEIRA, 2004, 2005, 2007, 2009, 2010; HOLANDA, 2007; ELIAS, 2006a, 2006b, 2011, 2012; ELIAS, PEQUENO, 2005; CATAIA, SILVA, 2013; SALVADOR, 2012; MIYATA, 2010). Pretendemos com isso entender as diferentes relações capital-trabalho que organizam as feiras-livres e as feiras de exposição de Marabá em sua relação com a presença e com a ausência da floresta. Além disso, para analisar e identificar as diferentes temporalidades e espacialidades que produzem material e imaterialmente os espaços das diferentes feiras, juntamente com suas virtualidades, trabalhamos com a teoria do cotidiano na modernidade (LEFÈBVRE, 1969, 1974, 1991; MARTINS, 1996, 2008, 2011). Dentro dessa

- perspectiva outros autores também se fazem importantes, como: Santos (2007, 2008a, 2009 e 2011), Trindade Jr., Santos e Ravena (2005), Trindade Jr. (2010a), Amaral (2010), Trindade Jr. et al (2012), Silva e Malheiro (2005), Malheiro e Trindade Jr. (2009), Castro (1999, 2008, 2011) e Seabra (2011);
- b) revisão bibliográfica de caráter histórico-geográfico de Marabá e da região do sudeste paraense. Baseado em várias fontes de pesquisa (artigos científicos, livros, teses e dissertações), esse procedimento consistiu na análise dos processos e dos fatos que ocorreram ao longo do tempo e de seus rebatimentos no espaço geográfico de Marabá. Entre os autores principais que trabalhamos destacam-se: Velho (1972), Emmi (1999), Trindade Jr. e Pereira (2007), Trindade Jr. et al (2012), Castro (2008), Becker (1990), Dias (1958), Corrêa (1987), Tavares (1999), Lima (2013) e Almeida (2008). Esse procedimento nos permitiu uma melhor contextualização empírica da problemática de pesquisa, assim como possibilitou arrolar elementos presentes na formação socioespacial regional que ajudaram a compreender a atual relação cidade-floresta em Marabá;
- c) levantamentos de dados secundários sobre o sudeste paraense, a cidade de Marabá e suas feiras-livres e feiras de exposição, e também a respeito das políticas implantadas nesses espaços, tendo como base: o Plano Diretor de Marabá (MARABÁ, 2006b); as Leis e os Projetos de Lei relacionados à implementação, “revitalização” e organização de feiras-livres; os informativos da Prefeitura; o Plano Plurianual de Marabá (MARABÁ, 2014); os convênios firmados entre governo federal, governo estadual e/ou governo municipal, e também deles com entes privados, relacionados às feiras-livres e às feiras de exposição de Marabá; as atas e documentos das associações dos feirantes, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marabá (STRM) e do Sindicato dos Produtores Rurais de Marabá (SPRM); os documentos e dados relacionados à participação e incentivo do Estado à EXPOAMA e à FICAM; e as matérias publicadas no Jornal Tocantins e no Jornal Opinião, os principais da cidade;
- d) levantamento fotográfico nas feiras-livres e na EXPOAMA⁵, visando a registrar as práticas sociais e materialidades desses espaços. A fotografia é uma forma

⁵ Esse procedimento foi realizado apenas na EXPOAMA, pois atualmente é a única feira de exposição em atividade em Marabá. A FICAM, outra feira importante desse gênero na cidade, não funciona mais desde meados da década

de obter registros visuais que servem como fonte documental, por isso pode esclarecer, explicar e demonstrar os fenômenos e os elementos trabalhados na pesquisa (SAMAIN, 1995);

- e) observação sistemática de campo sobre a interação cidade-floresta, com inventário da paisagem urbana e suas dinâmicas socioespaciais. Esse procedimento foi realizado através de uma abordagem de perto e de dentro, capaz de apreender as espontaneidades e os padrões dos comportamentos e das relações sociais dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de grupos sociais (MAGNANI, 2002). Tal observação sistemática exigiu certo rigor e planejamento na sua realização. Assim, nas feiras-livres as observações foram realizadas durante os períodos da manhã e da tarde, e também no inverno e no verão amazônico. Na feira de exposição EXPOAMA, a observação foi realizada em todos os dias de seu funcionamento, de manhã, de tarde e de noite. Um caderno de campo foi utilizado para fazer anotações, principalmente sobre os objetos, as ações e as conversas presenciadas. Isso nos possibilitou identificar e analisar os usos, as formas e as práticas sociais desenvolvidas;
- f) realização de entrevistas individuais gravadas com questões semiestruturadas com técnicos, planejadores e representantes do poder público, ligados às políticas de planejamento e de gestão de Marabá; com os atuais e/ou antigos representantes das feiras-livres; com os representantes do Sindicato de Produtores Rurais de Marabá (SPRM) e da Associação Comercial e Industrial de Marabá (ACIM); com os frequentadores das diferentes feiras; com os principais feirantes e atravessadores das feiras-livres; e com os representantes de empresas que participam da EXPOAMA. As entrevistas semiestruturadas possuíram um guia previamente elaborado que serviu de eixo orientador; este não era fechado e pôde ir se adaptando ao entrevistado (FRASER; GODIM, 2004). A entrevista individual permite entender a visão do informante sobre um determinado assunto. O objetivo central foi procurar os sentidos e a compreensão do texto obtido pelo entrevistado. Para isso, foi necessário produzir uma transcrição de boa qualidade que não distorcesse o sentido das respostas sobre as questões levantadas. Assim, o conteúdo da entrevista pôde

de 2000. Isso devido principalmente à crise no setor mineral que afetou também o setor de comércio e de serviços da cidade de Marabá.

decompor temáticas e subtemáticas relacionadas à problemática enfocada (GASKELL, 2008);

- g) análise e sistematização dos dados coletados à luz do referencial teórico-conceitual previamente definido e revisado, e redação da dissertação.

Com base nessa metodologia, procuramos entender os processos histórico-geográficos e as dinâmicas socioespaciais que produzem e organizam as feiras-livres e feiras de exposição de Marabá. Além disso, pudemos identificar os agentes e analisar suas temporalidades e espacialidades, juntamente com suas interações sociais que marcam permanências e mudanças na relação cidade-floresta. Pudemos também analisar a visão do Estado sobre a importância da floresta para Marabá e para sua região de influência, o sudeste paraense.

Ademais, o método com o qual buscamos trabalhar na pesquisa foi o materialismo histórico e dialético. Isso porque este método permite analisar as contradições existentes dentro da sociedade moderna capitalista, entendida sempre em movimento (DEMO, 1981). Compreendemos que o homem pode antes moldar a história, do que ser simplesmente determinado por ela, pois é ele que produz as condições materiais de sua própria existência, escrevendo a história humana (SPOSITO, 2004).

A apreensão e utilização desse método nos ajudam a entender a sociedade em seu movimento, destruidor e construtor, suas mudanças e permanências e suas desigualdades e diferenças. Toda realidade gera, por dinâmica interna própria, seu contrário, ou as condições objetivas e/ou subjetivas para a sua superação. O tempo e o espaço social estão, então, sempre em devir, nunca sendo um dado acabado ou estático. Não há uma unicidade, nem uma determinação única e harmônica, e sim uma dinamicidade das mudanças e um caráter antagônico que nos norteiam e nos fazem caminhar (OLIVEIRA, 2000).

Algumas críticas foram elaboradas em relação ao materialismo histórico e dialético, principalmente pelo seu viés economicista que reduz a análise da sociedade às relações econômicas e de exploração do trabalhador, e também pelo seu pensamento histórico determinista e análises duais, negando a dialética que aparece nas obras do próprio Marx. Tendo em vista essa crítica, e num trabalho de resgate do pensamento marxiano, de forma a esclarecer as confusões realizadas em cima das suas categorias, teorias e metodologias, apropriamo-nos dos estudos de Lefèbvre

(1974, 2008b). Autor este que realizou diversas críticas ao marxismo economicista, determinista e dual, avançando em discussões e análises (MARTINS, 1996) que nos interessam de perto.

Para Lefèbvre (1974), o homem atua sobre a natureza para saciar-se, para atender às suas necessidades, modificando-a e modificando-se. Desafiado a criar e a imaginar, ele deixa de ser repetitivo, igual e reativo, passando a construir suas condições materiais, suas espacialidades e temporalidades, de acordo com o que está posto, com sua história e com suas possibilidades. O homem não é limitado pelas relações econômicas e/ou que já estão postas. Ele detém o poder da transformação e da criação. As condições materiais de sua existência, desiguais e diferentes, fazem coexistir relações sociais e formas-conteúdos contraditórias e com datas e origens diversas, relacionando-se dialeticamente, gerando inúmeras possibilidades de domínio, apropriação e transformação social (LEFÈBVRE, 1974; MARTINS, 1996).

Foi dessa forma que baseamos nossa pesquisa no método regressivo-progressivo. Tal método alinha-se ao materialismo histórico e dialético (LEFÈBVRE, 1974, 2008b; MARTINS, 1996), estando relacionado à volta e às noções críticas do pensamento de Marx. Ele compreende, em linhas gerais, um caminho analítico edificado em três momentos: o descritivo, o analítico-regressivo e o histórico-genético (MARTINS, 1996).

Conforme Martins (1996), no primeiro momento, de natureza descritiva, a complexidade da vida social deve ser reconhecida através da descrição do visível, sendo identificada, por conseguinte, a diversidade de relações sociais presentes no espaço. O segundo momento, por sua vez, é analítico-regressivo, nos levando a mergulhar na complexidade da vida social e no seu processo de formação e de origem histórico-geográfica. As relações anteriormente identificadas se traduzem, na sua coexistência, em datas, características (econômicas, políticas, simbólico-culturais etc.) e dinâmicas diferenciadas e desiguais. Nesse momento, descobre-se o tempo-espaço das relações que se (des)encontram. Por fim, o terceiro momento é histórico-genético e nele ocorre o reencontro com o presente, este que aparece, então, diferente do primeiro momento, pois está elucidado, compreendido e explicado, levando em consideração os desencontros de tempo-espaços e, portanto, de possibilidades, de alternativas não consumadas, de necessidades não atendidas e de virtualidades não realizadas (LEFÈBVRE, 1974, 2008b; MARTINS, 1996).

Isto é, partindo do presente, o passado se esclarece de maneira diferente. Por conseguinte, o processo que vai desse passado ao atual se expõe também de maneira diferente e mais elucidada, processo no qual sempre desenha possibilidades novas. O movimento regressivo descobre as raízes e a essência das temporalidades e das espacialidades coexistentes, diversas e desiguais, e o progressivo desvenda a sociedade em foco e navega do superado e do finito ao movimento que declara esse fim, que anuncia e faz nascer algo novo em sua particularidade e especificidade (MARTINS, 1996).

Deste modo, analisaremos as feiras-livres e feiras de exposição de Marabá, partindo do presente em direção ao passado, ou seja, rumo à sua gênese e essência, e, posteriormente, seguindo um caminho inverso, partiremos da formação desses espaços em direção a um presente diferente, iluminando suas virtualidades.

Assim, para entender a relação cidade-floresta, levando em conta a diversidade da relação capital-trabalho e da vida cotidiana na região, é importante destacar que na Amazônia coexistem tempos e espaços diferentes e desiguais. Para alguns, a floresta e o rio são tratados enquanto necessidade de uso, pois deles são retirados, principalmente, o necessário para a sobrevivência, para a construção de abrigos, ou, ainda, são tidos como referencial de vida, de festa e de encontro. Por outro lado, para outros, tais elementos são vistos somente como recursos econômicos a serem aproveitados ou como empecilhos para o desenvolvimento dos mais variados tipos de empreendimentos econômicos (minerais, agropecuários, hídricos, vegetais, turísticos etc.) (OLIVEIRA, 1999).

Assim, interessa aqui compreender a sobreposição de diferentes formas de organização do trabalho, assim como a sua relação com o capital e com as tecnologias, que configuram dois circuitos da economia urbana, a saber: o circuito superior, que é um resultado direto da modernização nos países subdesenvolvidos, no qual se encontram os atores hegemônicos e o capital global; e o circuito inferior, que é um resultado indireto dessa mesma modernização, organizado principalmente por atores hegemônizados que buscam a sobrevivência em um mundo subdesenvolvido extremamente desigual, fragmentado e instável (SANTOS, 2008b).

Dessa forma, é possível entender, na sua totalidade e na sua particularidade, a organização dos espaços de países como o Brasil (SANTOS, 2008b; SILVEIRA, 2004). É assim que nos apropriamos dessa teoria para entender as diferentes formas

de relação capital-trabalho que coexistem e organizam juntas a relação cidade-floresta na Amazônia oriental.

Entendemos também que o trabalho vai para além de sua relação com o capital, apesar dessa relação ser hegemônica no mundo contemporâneo. Castro (1999) chama a atenção para as multidimensões do trabalho: “o trabalho está longe de ser uma realidade simplesmente econômica” (CASTRO, 1999, p. 35), afirma a autora. Ele pode ser o dispêndio de força humana na apropriação e adaptação de recursos às suas próprias necessidades materiais e imateriais.

Nesse sentido, o cotidiano pode nos levar a adentrar nessa multidimensionalidade do trabalho e da vida humana. Acreditamos que nosso esforço deve ser o de entender os mecanismos da modernização em voga e também as resistências e as possibilidades que surgem daí e que se rebatem tanto em espaços do capital, como as feiras de exposição, quanto nos espaços que vêm sendo englobados de maneira diferente e desigual pela própria lógica capitalista, com as feiras-livres.

No mundo contemporâneo as sociabilidades teatrais, as fabulações e as representações imprimem práticas, normas e sociabilidades que, vindas de fora, muitas vezes se rebatem no espaço de maneira esquizofrênica, produzindo simulacros, montagens e cenários que pouco dialogam com as dinâmicas, com as necessidades e com as interações já existentes, mas são imprescindíveis para a reprodução do atual modo de produção e de sua ideologia (MARTINS, 2011).

Sabemos que no atual momento do capitalismo, o espaço inteiro, em toda a sua complexidade, é tomado por uma racionalidade mercadofila (ou pelo menos ela tenta tomá-lo, dominá-lo, subjugá-lo) e o seu uso passa a ser direcionado por fatores econômicos que visam à produção de mais-valia. Porém, algo sempre escapa. Apesar da terra, dos recursos naturais, da floresta, das águas e do ar entrarem, hoje em dia, como forças produtivas e/ou produtos do capital e da divisão do trabalho, o corpo resiste, a vida se reinventa, sempre resguardando o incomensurável, a obra e a festa (LEFÈBVRE, 1974, 1991, 2005).

Nesse momento histórico do capitalismo, a cidade e a vida urbana ganham uma importância central, não como espaços do encontro e dos direitos sociais, como modos de vida que exprimem a diversidade e o respeito a alteridade, fazendo nascer sempre algo novo e possibilidades de uma sociedade mais justa, mas sim como

espaços que dão suporte à reprodução do capital e à vida cotidiana regulada e doutrinação para servir a tal propósito (LEFÈBVRE, 1991, 2005).

O individualismo, o consumismo, a força da tecnologia, a organização corporativa, a alienação cada vez maior do trabalho e o fetichismo das mercadorias e objetos, marcam a produção do espaço e da vida na contemporaneidade (LEFÈBVRE, 1991, 2005). Por outro lado, há muitas manifestações de resistência a essa dominação hegemônica, que se traduzem por estratégias de sobrevivências e vivências⁶ de diferentes grupos sociais, seja no campo ou nas cidades (MARTINS, 2011).

Assim, a imaginação, criadora e revolucionária, não desaparece. Sobrevive como tensão, como contradição do viver expressa no imediato, e, portanto, na própria vida cotidiana. O irredutível sempre se faz presente e impede o fechamento da vida proposta pelo capital (MARTINS, 2011). Nesse sentido, apropriamo-nos também dessa teoria a fim de analisar as diferentes formas de interação socioespacial ligadas à presença e à ausência da relação de Marabá com a floresta.

Buscamos, apoiados nessas teorias, desvelar, então, a atual relação cidade-floresta na região do sudeste paraense. Isso levando em consideração a atual transformação pela qual a Amazônia oriental vem passando, principalmente após 1960, com a abertura da sua fronteira econômica e sociocultural. Tal processo garantiu um novo sentido e valor para a floresta, transformando-a em produto e/ou recurso a ser explorado pelo capital global e até mesmo negando-a em suas múltiplas dimensões, do econômico ao cultural. Porém, as práticas sociais apoiadas no uso da floresta como possibilidade de (sobre)vivência, ainda permanecem, mesmo que de maneira residual, na região. Tal realidade deve ser considerada pelas políticas públicas de desenvolvimento pensadas e implementadas em Marabá e no sudeste paraense.

Dessa maneira e com o objetivo de responder as questões de nossa problemática de pesquisa, dividiremos a nossa dissertação em quatro partes. No primeiro capítulo apresentaremos os elementos referentes à nossa abordagem teórica-empírica, elencando temas, categorias e conceitos que dizem respeito ao

⁶ Consideramos como sobrevivências, as atividades, dinâmicas e relações orientadas para a reprodução da vida material humana, e como vivências as ligadas ao vivido, ou espaços de representação, que são mais amplas que as sobrevivências. O vivido se caracteriza também pelos simbolismos e pela clandestinidade, onde as virtualidades e as possibilidades ganham relevância (LEFÈBVRE, 1974).

trabalho, aos circuitos da economia urbana, à cidade média, à modernização do espaço, à vida cotidiana, à fronteira econômica e sociocultural, juntamente com a apresentação contextualizada do nosso recorte analítico de pesquisa, as feiras-livres e as feiras de exposição da cidade de Marabá. Pretende-se, dessa maneira, melhor compreender o tema referente à relação capital-trabalho, às racionalidades e às contra-racionalidades, que produzem e são produzidas pela atual relação cidade-floresta na Amazônia oriental. A proposta é partir do presente concreto, e utilizando um aparato teórico-metodológico abstrato, poder identificar as dinâmicas presentes e ausentes da relação cidade-floresta que estão postas na região. O argumento principal que sustenta esse capítulo é de que a modernização do espaço-tempo que se rebate na Amazônia leva a importantes transformações socioespaciais, fazendo com que as necessidades dos agentes ligados a exploração econômica do espaço ganhem relevância em detrimento das necessidades dos agentes que desenvolvem práticas associadas à floresta.

Tal sistematização será o ponto de partida do segundo capítulo, no qual realizamos uma retomada histórico-geográfica do processo de formação e de produção da cidade de Marabá e de suas feiras-livres e feiras de exposição. A proposta é empreender um movimento intelectual radical, ou seja, que vai à raiz dos processos e dinâmicas identificadas anteriormente, em busca da sua gênese, do seu contexto e de suas relações. Isso nos possibilitará, ao voltar a olhar para o presente, um entendimento melhor da relação cidade-floresta na Amazônia, pois nos permitirá reconstruir as continuidades e as discontinuidades que revelam as diferentes e desiguais espacialidades e temporalidades que organizam e produzem as feiras-livres e as feiras de exposição de Marabá. O argumento central é de que as novas espacialidades e temporalidades que adentram na região, a partir de incentivos e interesses do capital, muitas vezes negam as relações dialéticas da cidade com a floresta. Tal relação caracterizava significativamente o espaço regional, e, atualmente, sobrevive de forma fraca em Marabá.

O presente, já iluminado, leva-nos à discussão existente no terceiro capítulo. Este trata da análise dos atuais circuitos da economia e da vida cotidiana que produzem e organizam os espaços das feiras-livres e das feiras de exposição em Marabá. A proposta é realizar uma discussão dos resultados empíricos da pesquisa, com a sistematização dos dados coletados à luz do referencial teórico definido e revisado. O argumento central é de que, mais do que permanências, as feiras-livres e

as feiras de exposição vêm passando por processos de mudanças relevantes, afirmando a presença e as dinâmicas do capital em detrimento das relações de Marabá com a floresta.

Continuando a proposta de realizar uma discussão dos resultados empíricos da pesquisa levando em consideração os dados coletados e nosso referencial teórico, o quarto capítulo traz uma análise das políticas públicas em seus diferentes níveis (municipal, estadual e federal), implementadas e propostas aos espaços das diferentes feiras de Marabá. O objetivo é analisar a forma de entendimento do Estado sobre a importância da relação cidade-floresta em Marabá. As intervenções e os projetos urbanos e regionais atendem predominantemente as demandas dos agentes sociais ligados à modernização, que produzem, na maioria das vezes, relações que negam a floresta. Até mesmo em espaços de feiras-livres, o Estado fomenta e dá base para tal negação. Ao desenvolver políticas setoriais que ignoram as relações das feiras-livres com outros espaços e também as práticas agroflorestais presentes e possíveis na região, o poder público contribui para difusão da modernidade que destrói traços do passado e promove novas representações e dinâmicas ligadas a reprodução do capital.

Por fim, destaca-se que esta pesquisa, ao abordar a relação cidade-floresta na Amazônia oriental, não se reduz às análises estruturais do que está posto e do que é hegemônico. Ao tentar dar voz e vez ao homem comum, busca-se contribuir também no sentido de reconhecer o seu protagonismo social (MARTINS, 2011) e as suas relações vividas. Atenta-se para outro espaço-tempo presente e possível na região que convive, dialeticamente, com a racionalidade do capital. Busca-se, nesse sentido, também dar subsídios à elaboração de políticas públicas mais alinhadas às especificidades de Marabá e às particularidades do sudeste paraense.

**CAPÍTULO 1: A MODERNIZAÇÃO CAPITALISTA E A VIDA COTIDIANA NA
AMAZÔNIA: REFERENCIAIS PARA O ENTENDIMENTO DA ATUAL RELAÇÃO
CIDADE-FLORESTA EM MARABÁ**

Apresentaremos nesse capítulo teorias, categorias, conceitos e temáticas que nos ajudam a pensar a relação cidade-floresta na Amazônia oriental, juntamente com a apresentação das dinâmicas e dos processos que fazem parte das feiras-livres e das feiras de exposição de Marabá; recortes empíricos de nossa pesquisa e que representam as mudanças e permanências de tal relação no sudeste paraense.

Para isso, realizamos levantamentos bibliográficos teóricos-conceituais principalmente sobre a teoria dos circuitos da economia urbana (SANTOS, 2008b) e sua atualização e sobre a vida cotidiana moderna (LÉFEBVRE, 1991, 1969), levando em consideração o contexto e as particularidades nos quais a cidade em análise, Marabá, está inserida e é produzida e organizada. Apresentamos também considerações sobre o trabalho (MARX, 1989; LIPTZ, 1988; HARVEY, 1996; CASTRO, 1999, 2011), as “cidades da floresta” e “cidades na floresta” (TRINDADE JR., 2010a, 2014), as cidades médias na Amazônia (TRINDADE JR., PEREIRA, 2007; TRINDADE JR. *et al*, 2012) e a fronteira econômica (BECKER, 1990, 2004) e sociocultural (MARTINS, 2009) regional.

Através de trabalhos de campo, baseados na observação sistemática da paisagem, apresentamos as características aparentes das atuais feiras-livres e feiras de exposição de Marabá, a fim de identificar os principais processos e dinâmicas que organizam e produzem tais espaços, levando em consideração a presença e a ausência da relação cidade-floresta.

1.1 A relação capital-trabalho na Amazônia: os circuitos da economia urbana e a floresta no sudeste paraense.

O ritmo acelerado das mudanças sociais, econômicas e ambientais pela qual a Amazônia vem passando, desde a década de 1960, leva a uma intensa transformação em curso nos modos de vida, no cotidiano das pessoas e nas formas de trabalho na região (CASTRO, 1999, 2011). Organiza-se um mercado de trabalho, sem com isso aniquilar relações consideradas tradicionais, e insere-se a Amazônia na nova lógica da produção capitalista global (MARTINS, 2009; CASTRO, 1999).

Nesse contexto, os grandes projetos tiveram e têm uma responsabilidade fundamental na introdução de novas formas de trabalho e de organização do espaço que obedecem às necessidades e estratégias do capital. Eles inserem novos

comportamentos, objetos e saberes na região (TRINDADE, 2001), apoiando-se nas características do atual momento histórico, como a importância que ganha a técnica, a ciência e a informação (SANTOS, 2008a).

Porém, não podemos esquecer também da pertinência e da reprodução, apesar da modernização, do trabalho e dos saberes de populações que resistem a essa investida e que, no caso da Amazônia, pode ter no uso da floresta um elemento central. Sua vida pode ser produzida na mediação entre trabalho familiar e conhecimentos sobre recursos naturais e suas estratégias de apropriação e exploração comercial (CASTRO, 1999).

Nesse sentido, uma categoria importante se faz presente: o trabalho. Ele é radicalmente uma “[...] atividade com o fim de criar valores-de-uso⁷, de apropriar os elementos naturais às necessidades humanas; é condição necessária do intercâmbio material entre o homem e a natureza; é condição natural eterna da vida humana” (MARX, 1989, p.208). É quando o homem através de seu corpo, a fim de apropriar-se e transformar a natureza, produz objetos mais úteis à reprodução da sua própria vida (MARX, 1989).

Com a formação e o avanço do capitalismo, o trabalho foi ganhando outros contornos. Ele passou a ser apropriado por terceiros, transformando-se em mercadoria força de trabalho, da qual é retirada a mais-valia. O salário remunera o tempo vendido pela força de trabalho. Tal força é usada no processo produtivo gerando novos valores, pois o salário é sempre inferior ao tempo gasto em relação à sua produtividade, gerando um valor extra que é controlado pelo capitalista (MARX, 1989).

Assim, o trabalho se torna mercadoria e é organizado em um mercado específico, o mercado de trabalho (MARX, 1989). Tal mercado vive em constantes transformações a fim de se adaptar às lógicas, aos avanços e às crises do capital. Ao longo do tempo, ele foi exigindo novos conhecimentos e comportamentos, os quais se baseiam, cada vez mais, na racionalidade econômica e no avanço da técnica, da informação e da ciência pelo mundo (SANTOS, 1998, 2008a).

⁷ O valor-de-uso se baseia na utilidade de uma coisa. Tal utilidade nada tem de vago e de indeciso, sendo determinada pelas propriedades dos objetos e pela maneira que o homem se apropria dessas propriedades. Esse valor-de-uso dá origem e é suporte material do valor-de-troca. Este que é, antes de tudo, uma relação quantitativa, na qual os objetos se transformam em mercadorias e sua única função passa a ser a troca. Na qualidade de valor-de-uso, deseja-se, prefere-se, utiliza-se e consome-se o objeto. Na qualidade de valor-de-troca, o artigo é desejado apenas pelo dinheiro nele virtualmente contido (MARX, 1983).

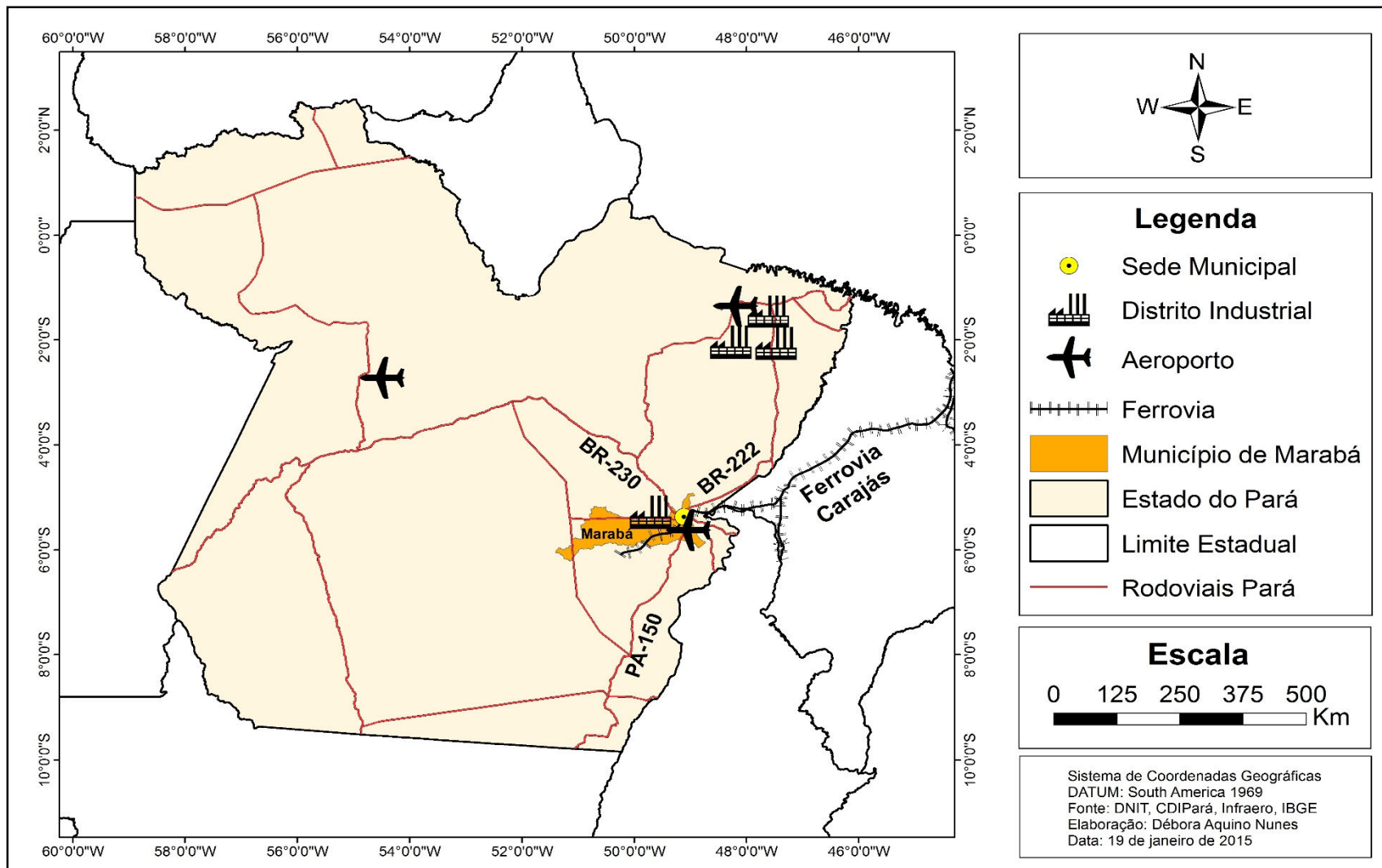
Atualmente, o trabalho na Amazônia vem se modificando, sendo, cada vez mais, incorporado pelo capital e suas necessidades. Isso porque as políticas públicas, principalmente desde 1960, continuam incentivando a modernização do espaço regional aos moldes do capital (BECKER, 1990). Reestruturam-se, então, as centralidades urbano-regionais (TRINDADE JR., 2010a; TRINDADE, JR e PEREIRA, 2007).

Assim, atualmente, no Estado do Pará sobrevém certo fortalecimento da centralidade exercida por outras cidades fora da Região Metropolitana de Belém, a exemplo do que vem acontecendo em Marabá. Esta cidade vem se tornando, cada vez mais, um espaço decisivo dentro dos projetos de desenvolvimento implementados na região, pois exerce um forte papel de mediação e de centro político-econômico no sudeste do Pará (TRINDADE JR., 2010a), configurando-se como cidade média, ou seja, define-se como núcleo urbano que assume um importante papel na estrutura urbana regional, como centro sub-regional, capaz de polarizar um número significativo de centros menores e articular relações de toda ordem, como anteparo e suporte às metrópoles regionais, não compondo com estas uma unidade funcional contínua ou contígua (SPOSITO, 2001).

Estes tipos de cidades na Amazônia se diferenciam daquelas de outras regiões brasileiras, pois consistem em espaços que nem sempre revelam a incorporação dos processos de acumulação de capitais decorrentes dos investimentos realizados no contexto regional, possuindo traços de frentes pioneiras agropastoris e minerais, e por apresentarem baixos índices relacionados ao padrão de vida (TRINDADE JR., PEREIRA, 2007).

A cidade média de Marabá, além de sua importância econômica, com destaque para sua base produtiva ligada principalmente à agropecuária, à indústria minerometalúrgica e ao extrativismo vegetal e mineral, também apresenta considerável relevância política e de distribuição de serviços no sul/sudeste do Pará (TAVARES, 1999; NUNES, LIMA, 2012). Ela se tornou um ponto nodal rodoviário e, posteriormente, aéreo e ferroviário no sudeste paraense, facilitando a sua articulação com o espaço regional, nacional e internacional (TAVARES, 1999 CASTRO, 2009); elemento importante para o desenvolvimento do atual modo de produção e da divisão territorial do trabalho (mapa 01).

Mapa 01: Infraestruturas e localização do Município de Marabá no Estado do Pará



Podemos analisar através do mapa 01 que no sudeste paraense, as infraestruturas que facilitam o fluxo de pessoas e capital, bem como da exploração econômica do espaço, estão concentradas no Município de Marabá. Várias rodovias que cortam o Estado do Pará se cruzam na sua sede, a saber: rodovia Transamazônica (BR-230) e a PA-150 e BR-222. A Estrada de Ferro do Carajás também corta o Município, possuindo um ponto de parada estratégico em Marabá. O principal aeroporto do sudeste paraense também está localizado nessa cidade, assim como o único Distrito Industrial fora do Nordeste Paraense; reafirmando a sua importância diante da apropriação capitalista do espaço regional.

A centralidade exercida por essa cidade pode ser definida principalmente pelo seu poder de polarização, dinamização e convergência de fluxos (TRINDADE JR.; RIBEIRO, 2009), sendo impossível entender a sua dinâmica urbana se a apartamos de suas interações com a região e com os processos globais, que levaram a uma ressignificação da floresta, negando seus valores e potenciais.

Marabá assume um papel fundamental para que a expansão da fronteira econômica tome forma no sudeste paraense (TRINDADE JR., et al, 2012). Tal fronteira é historicamente caracterizada por ser um espaço em incorporação às novas lógicas e exigências dos atores hegemônicos. Destaca-se que o Estado, através de diversas campanhas de marketing, fez com que a fronteira aparecesse para a nação como símbolo e fato político, uma vez que sua “ocupação” trazia a possibilidade de desenvolvimento nacional. Para o capital, ela é reserva energética e de matérias-primas, além de ser um espaço onde se podem implementar rapidamente novas estruturas (BECKER, 1990).

Negam-se ou apropriam-se as dinâmicas regionais e locais a favor da sua exploração econômica, a qual produz benefícios concentrados nas mãos de poucos. Nesse contexto, algumas cidades na Amazônia, como Marabá, passam a se caracterizar mais por serem “cidades na floresta” do que “cidades da floresta”. Marabá, por exemplo, está articulada principalmente às demandas associadas à difusão de atividades capitalistas modernas voltadas ao mercado externo, fazendo da floresta um elemento de pouca integração aos novos valores da vida urbana e regional, “sendo mesmo sua negação, vista, principalmente, como espaço de exploração econômica (madeiras, minérios, fragrâncias, espécies animais e vegetais, turismo etc.)” (TRINDADE JR., 2010a, p.118) ou como estorvo ao aumento da produtividade e da exploração do espaço ligadas às atividades da agropecuária e da mineração, que

retiram a cobertura vegetal a fim de transformá-la em pasto ou área de extração mineral, que são as principais atividades modernas desenvolvidas no entorno de Marabá (TAVARES, 1999; COSTA, 2012b).

Nesse sentido, a política e os processos implementados na Amazônia romperam com a tradicional dinâmica marabaense e regional ligada às “cidades da floresta”, que

[...] eram, até a década de 1960, as mais comuns na região. Suas características de pequenas cidades e associadas frequentemente à circulação fluvial, conferiam a elas fortes ligações com a dinâmica da natureza, com a vida rural não moderna e com o ritmo da floresta ainda pouco explorada. Além disso, tais cidades sempre estabeleceram forte relação com os seus respectivos entornos e com as localidades próximas (vilas, povoados, comunidades ribeirinhas etc.) (TRINDADE JR., 2010a, p. 118).

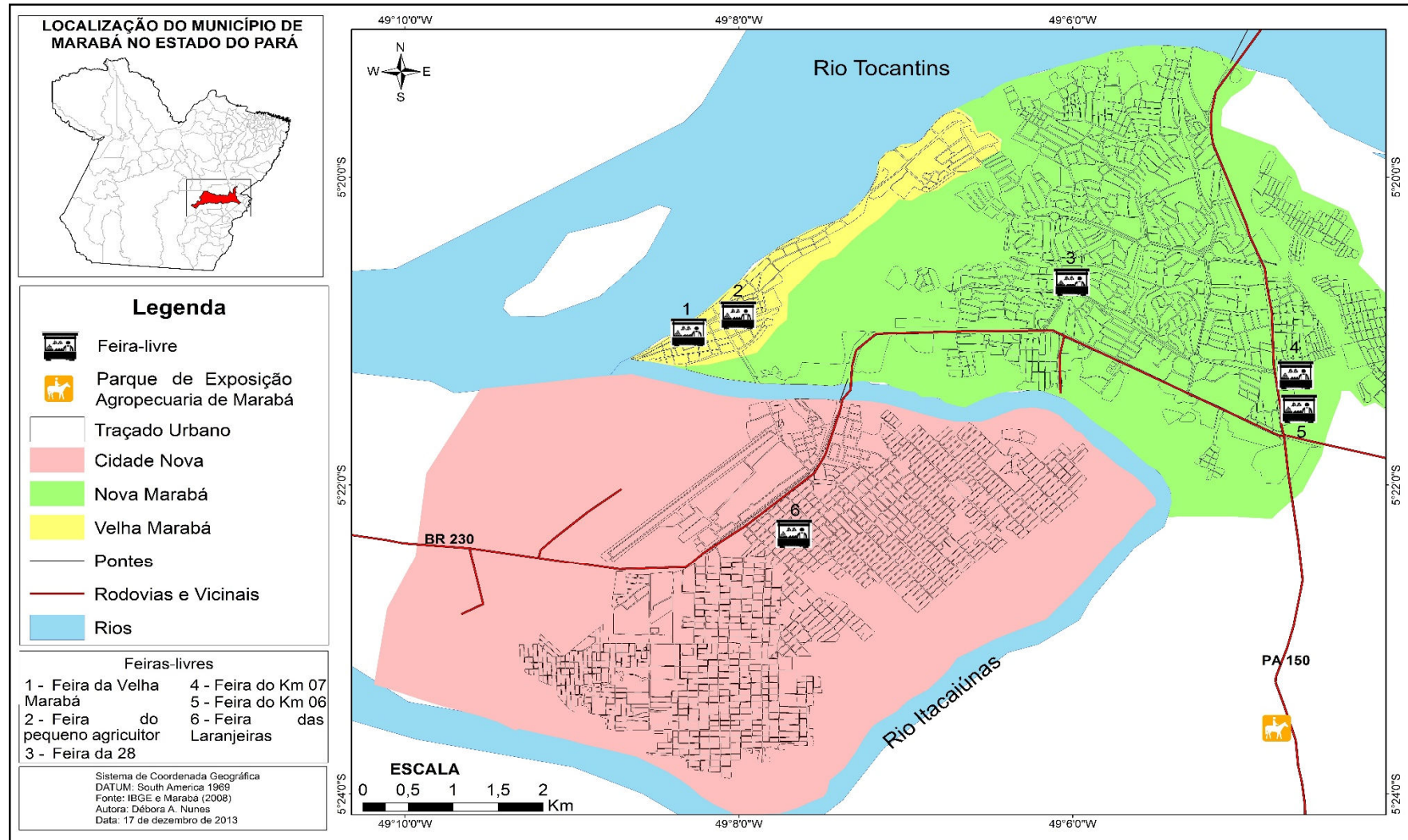
Assim, os diferentes espaços que articulam ou poderiam articular Marabá com o entorno, como os das feiras-livres e feiras de exposição, respondem cada vez mais ao papel de “cidade na floresta” (TRINDADE JR., 2010a). Identificamos que atualmente ambas as feiras negam, de maneira diferente, a floresta.

Em relação às feiras-livres, existem seis destes espaços em Marabá: a feira das Laranjeiras, na Cidade Nova; a feira da 28, a feira Miguel Pernambuco, mais conhecida como feira do quilometro 06, e a feira do quilometro 7, na Nova Marabá; e as feiras do pequeno agricultor e da Velha Marabá, no núcleo homônimo desta (mapa 02). Porém, neste trabalho selecionamos para estudo apenas as feiras mais representativas de cada núcleo⁸: a feira das Laranjeiras, a feira da 28⁹ e a feira do pequeno agricultor. Isso porque elas apresentam uma dinâmica maior no que diz respeito aos trabalhadores, aos frequentadores e à oferta de produtos, sendo consideradas pela população citadina e pelo poder público as principais feiras da cidade.

⁸ Atualmente Marabá é composta oficialmente por cinco núcleos urbanos: Marabá Pioneira, onde a cidade teve origem; Nova Marabá, núcleo urbano planejado pela SUDAM; e a Cidade Nova, o São Felix e a Morada Nova, áreas de forte expansão urbana. A Marabá Pioneira, a Nova Marabá e a Cidade Nova são os núcleos que mais concentram o comércio, o serviço, sendo que estes dois últimos também dispõem da maioria das instituições públicas sediadas na cidade (MARABÁ, 2006a).

⁹ As feiras das Laranjeiras e da 28 também possuem uma parte de seu espaço ocupado por camelos. Porém, iremos trabalhar apenas com o seu setor de feira-livre, ou seja, onde se desenvolve o comércio de produtos alimentícios relacionados à agricultura, ao agroextrativismo, à criação de pequenos animais e ao extrativismo.

Mapa 02: Localização das feiras-livres e do Parque de Exposição Agropecuária da cidade de Marabá



No mapa 02 podemos identificar que as feiras-livres de Marabá articulam-se às principais vias de circulação dos seus respectivos núcleos urbanos. A feira das Laranjeiras localiza-se às margens da Avenida Esperança, a mais importante dentro do bairro das Laranjeiras, o mais povoado da Cidade Nova. As feiras da 28, do quilometro 6, do quilometro 7, ficam próximas da VP 8 ou a rodovia PA 150. A primeira concentra o comércio, o serviço e as instituições públicas localizadas na Nova Marabá, já a segunda é uma importante via que liga Marabá a outras regiões brasileiras. Por fim, as feiras do pequeno agricultor e da Velha Marabá, localizam-se nas ruas paralelas à Avenida Getúlio Vargas, a principal via na qual se concentram o comércio da Velha Marabá.

Nas feiras das Laranjeiras e da 28, a primeira dinâmica que identificamos foi que a maioria dos seus trabalhadores de segunda-feira à sexta-feira é constituída por pessoas da própria cidade de Marabá. Os pequenos agricultores e moradores da floresta se deslocam apenas aos finais de semana para esses espaços. Além disso, percebemos que os atravessadores exercem uma importância central dentro do abastecimento dessas feiras. É pouca a relação entre os feirantes citadinos com a produção do entorno de Marabá e da floresta. Essa dinâmica também atinge os frequentadores, que passam a adquirir produtos de outras regiões brasileiras, contribuindo para a criação de novos hábitos de consumo alimentar, como: cebola roxa, pequi, tomate carabobo, melão, uva, pera e maçã (foto 01).

Na feira do pequeno agricultor tal cenário se modifica. Quase não identificamos a presença de atravessadores. Os feirantes são obrigatoriamente também produtores rurais do entorno de Marabá. Em tal feira, os produtos agroflorestais¹⁰, extrativistas e de pequenas hortas e plantações marcam a sua paisagem. Encontramos cupuaçu, maracujá, cebola, acerola, goiaba, “cheiro-verde”, bem como castanha-do-pará, tamaridus, coco babaçu, coco da praia e ervas e essências diversas, como copaíba, andiroba e jucá (foto 02).

¹⁰ Os produtos agroflorestais ou agroextrativistas são oriundos de práticas homônimas que combinam extrativismo com agricultura e/ou com a criação animais numa mesma área. A presença de árvores e/ou arbustos no sistema produtivo pode trazer benefícios diretos e indiretos, tais como: o controle da erosão e manutenção da fertilidade do solo, o aumento da biodiversidade, a diversificação da produção e o alongamento do ciclo de manejo de uma área. O objetivo principal dessa atividade é de otimizar o uso da terra, conciliando a produção florestal com a produção de alimentos, conservando o solo e diminuindo a pressão pelo uso da terra para produção agrícola (ENGEL, 1999).



FOTO 01: FEIRANTE MOSTRANDO UM CACHO DE UVA NA FEIRA DA 28: a feira da 28 é abastecida principalmente por produtos trazidos de fora pelos atravessadores. Nessa foto percebemos a presença de uvas verdes e roxas como importantes mercadorias comercializadas. Elas estão na mão da feirante, no caixote a sua frente e nas bacias em cima da sua barraca.
Autora: Débora Aquino Nunes, 2014



FOTO 02: BARRACA E PRODUTOS NA FEIRA DO AGRICULTOR: identificamos a variedade dos produtos ofertados na feira do agricultor, sendo que todos são oriundos do entorno de Marabá, como: castanha-do-pará, à direita da imagem; bananas, raspas de urucum (coloral), pimenta no tucupi e coco seco, em cima da mesa do feirante; bem como laranjas à direita. Próximo das pimentas, o feirante também guardava vidros de andiroba, cabacinha, jucá, copaíba e mel de abelha.
Autora: Débora Aquino Nunes, 2014

Em relação às feiras de exposição, na EXPOAMA, realizada no Parque de Exposição Agropecuária de Marabá, à margem da PA 150 (mapa 02), onde realizamos o nosso trabalho de campo, identificamos que as atividades desenvolvidas giravam em torno da floresta derrubada e transformada em pasto. É a agropecuária que ganha destaque, juntamente com todos seus produtos e simbolismos. Marcam e organizam o espaço as máquinas, implementos agrícolas e produtos agropecuários, juntamente com um modo pré-determinado de ser e agir ligado ao campo moderno, a moda country com seus cintos, chapéus, blusas quadriculadas (foto 03); as músicas sertanejas, que possuem letras que sempre remetem a elementos citadinos e/ou luxuosos; e os logotipos das empresas multinacionais, ligadas à modernização do campo e à especialização da produção (foto 04), constroem um sistema de valores homogêneos ligados a exploração econômica do espaço e da cultura.

O country introduz o tema da ruralidade no cenário urbano. Ele é o modelo globalizado do estilo rural, ligado à prosperidade e ao acesso aos bens de consumo modernos, sendo imposto ao mundo através de elementos resignificados da vida rural, como: a música sertaneja, as camionetes pick-ups, as botas, os cinturões e as camisas xadrez. Estes passaram a fazer parte do consumo diário de muitas pessoas que nem sempre têm o rural como lócus de suas experiências. A imagem do rural identificada no country é uma imagem que transcende o campo e a experiência sertaneja e é mediado pelo mundo urbano moderno e pelo consumo cultural. Através disso, o mercado de bens materiais e simbólicos, potencializado pela mídia, tenta homogeneizar alguns aspectos da cultura local e regional (SILVA, 2012).

Ademais, entendemos que Marabá, para além de ser referência para o mercado formal na região, como o ligado às atividades modernas da agropecuária, exerce também um importante papel dentro do mercado informal e de trocas de bens materiais e simbólicos, alimentando as antigas e novas relações de sociabilidade e socioculturais (CASTRO, 2008), como as ligadas à presença e à ausência da floresta.



FOTO 03: O COUNTRY NA EXPOAMA: a calça jeans, as botas, o cinto, o chapéu de cowboy e as camisas quadriculadas, vestimentas características de uma moda country que é importada de outros países, principalmente dos Estados Unidos, estão nos corpos das crianças e dos adultos, fazendo parte da feira de exposição agropecuária de Marabá.

Autora: Débora Aquino Nunes, 2014.



FOTO 04: EXPOSIÇÃO DE TRATOR DA NEW HOLLAND: as máquinas e implementos agrícolas se encontravam espalhados pela EXPOAMA, sendo a New Holland uma das empresas que possuía seus produtos expostos. O seu logotipo era estampado tanto nos seus tratores e máquinas pesadas quando em bandeiras que tomavam conta dos caminhos, por onde as pessoas andavam, dentro da feira de exposição.

Autora: Débora Aquino Nunes, 2014.

Apesar de existir aparentemente um sistema de valores homogêneos ligados ao capital, entendemos que as modernizações essencialmente se rebatem de maneira diferente segundo os diversos países, apropriando-se, de maneira desigual e diferente, das lógicas e dinâmicas presentes nos locais e nas regiões. O objetivo é produzir da melhor maneira possível a mais-valia, apropriando-se das diferentes potencialidades presentes (HARVEY, 2012).

Nesse sentido, no intuito de avançar e de propor novas formas de analisar e compreender as particularidades produzidas nos países subdesenvolvidos pelos processos de modernização, Santos (2005, 2008b) desenvolveu a teoria dos circuitos da economia urbana. Nos países subdesenvolvidos, diz o autor, o aparelho econômico adapta-se ao mesmo tempo aos imperativos de uma modernização poderosa e também às realidades sociais, herdadas ou novas, que criam resistências e outras maneiras de se viver. A existência de pessoas com salários muito baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com renda elevada, cria na sociedade urbana uma divisão entre aqueles que podem ter acesso de maneira permanente a diversos bens e serviços, e aqueles que não têm condições ou apenas acessam parcialmente esses mesmos bens e serviços. Essa coexistência encontra nos países subdesenvolvidos uma forte ressonância. As forças de modernização interior ou exterior impostas são extremamente seletivas em sua forma e efeito, resultando em uma grande instabilidade na organização do seu espaço inteiro, com repetidos desequilíbrios e ajustamentos (SANTOS, 2008b). Isso produz, ao mesmo tempo, diferenças quantitativas e qualitativas de produção, circulação e consumo. Essas diferenças são a causa e o efeito da existência e da manutenção dos dois circuitos da economia urbana, a saber: o circuito superior da economia e o circuito inferior da economia (SANTOS, 2008b).

O primeiro está ligado aos interesses do grande capital, é fruto direto da modernização e faz-se hegemônico. O essencial das suas relações ocorre fora da cidade e da região que o abriga e tem por cenário o país e o exterior. As suas atividades características consistem e são criadas em função dos progressos tecnológicos, científicos e informacionais e das pessoas que se beneficiam deles (SANTOS, 2008b).

Já o circuito inferior, como resultado indireto da modernização, é fruto das relações socioespaciais que não conseguem ou pouco se apropriam dos avanços da técnica, da informação e da ciência contemporâneos. Ele é formado de atividades de

pequena dimensão, interessando principalmente às populações com menor poder aquisitivo. O circuito inferior é bem enraizado e mantém relações privilegiadas com sua região (SANTOS, 2008b).

Esses circuitos são independentes e complementares, não podendo ser entendidos de forma dual, ou seja, somente podemos identificar e analisar os circuitos da economia em conjunto, pois eles se influenciam mutuamente, fazendo parte do modo de produção capitalista. A carga mais pesada da modernização é suportada pela população de baixa renda, os que estão bem abaixo na escala dos salários e pagam bem mais que os outros pelo custo social de diversos planos de desenvolvimento. Isso é uma condição geral para o desenvolvimento capitalista. No campo esse empobrecimento assume formas gritantes de desigualdade, com a incapacidade do pequeno produtor de pagar por melhorias tecnológicas; mesmo quando estas custam pouco. Nas condições atuais, a urbanização e seus circuitos econômicos facilitam o processo capitalista que agrava as desigualdades, através do fenômeno de concentração de renda e de acumulação da pobreza. Sendo produtos do mesmo processo histórico, o que os difere é apenas uma questão de comportamento e organização (SANTOS, 2008b). Podemos identificar no quadro 01 as principais características de cada um dos circuitos da economia urbana.

Quadro 01: Características dos dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos

Características	Circuito Superior	Circuito Inferior
Tecnologia	Capital intensivo	Trabalho intensivo
Organização	Burocrática	Primitiva
Capitais	Importantes	Reduzidos
Emprego	Reduzido	Volumoso
Assalariado	Dominante	Não-obrigatório
Estoques	Grande quantidade e/ou alta qualidade	Pequena quantidade e/ou qualidade inferior
Preços	Fixos (em geral)	Submetidos à discussão entre comprador e vendedor (<i>haggling</i>)

Crédito	Bancário institucional	Pessoal não-institucional
Margem de lucro	Reduzida por unidade, mas importante pelo volume de negócios (exceção produtos de luxo)	Elevada por unidade, mas pequena em relação ao volume de negócios
Relações com a clientela	Impessoais e/ou com papéis	Diretas e personalizadas
Custos fixos	Importantes	Desprezíveis
Publicidade	Necessária	Nula
Reutilização dos bens	Nula	Frequente
<i>Overhead</i> capital	Indispensável	Dispensável
Ajuda governamental	Importante	Nula ou quase nula
Dependência direta do exterior	Grande, atividade voltada para o exterior	Reduzida ou nula

Fonte: Santos (2008b)

Nos países subdesenvolvidos, as tecnologias que caracterizam o circuito superior da economia são notadamente importadas, imitativas e de alto nível. Elas possuem um papel destacado e fundamental para a manutenção e desenvolvimento desse circuito. Enfatiza-se, então, o capital intensivo. Dessa maneira, existe também uma dependência direta dos países centrais, já que são neles onde a racionalidade hegemônica, a técnica, a ciência e a informação são produzidas e disseminadas; elementos esses que são alicerces centrais do circuito superior da economia. A organização desse circuito é burocrática, ganhando relevâncias profissionais da contabilidade, do direito trabalhista e da administração, o trabalho é predominantemente assalariado e reduzido (considerando o volume e o valor da produção) (SANTOS, 2008b).

Destaca-se também que no circuito superior da economia o lucro é reduzido por unidade, mas grandioso quando se leva em consideração o volume de negócios, com exceção dos produtos de luxo. Nesse sentido, trabalha-se com grandes estoques de mercadorias ou pequenos estoques de alta qualidade. A perspectiva de acumulação se dá a longo prazo e a produção do capital é seu objetivo central. Os preços das mercadorias são fixos e seu consumo é seletivo, pois não há espaço para

muitas negociações. Para garantir esse consumo, o circuito superior necessita de créditos bancários, o qual facilita a aquisição dos produtos. Dessa maneira, as pessoas podem adquirir as mercadorias, sem muito risco para o estabelecimento (SANTOS, 2008b).

Os preços das mercadorias são fixos, assim como os custos de produção. Este último é indispensável para o desenvolvimento e manutenção das grandes empresas, já que a mão de obra é formal e assalariada e a maioria dos seus agentes possui lojas físicas, o que inclui despesas como água, energia, telefonia e outros serviços. Estes custos são calculados pela contabilidade e levados em consideração no momento de projetar o lucro da empresa (SANTOS, 2008b).

A publicidade também é essencial, pois ela é responsável por modificar e deformar gostos e perfis da demanda a favor da reprodução do capital (SANTOS, 2008b). Além disso, a maioria das relações dos estabelecimentos com a clientela no circuito superior se realiza de maneira impessoal, mediada pelo dinheiro líquido e por papéis (SANTOS 2008b).

O investimento em infraestrutura, em capital fixo, é indispensável, ou seja, o overhead de capital se faz importante para a manutenção e desenvolvimento desse circuito. Sendo assim, o Estado assume um papel de destaque, já que, além de facilitar os créditos institucionais através dos bancos públicos, ele fornece o suporte material e infraestrutural necessários para a realização do circuito superior da economia (SANTOS, 2008b).

Muitas dessas características estão visivelmente presentes na organização do espaço e do trabalho nas feiras de exposição de Marabá. A negação da floresta e, conseqüentemente, das dinâmicas históricas e hegemônicas locais e regionais, através da sua substituição por pastos e espaços a serviço do capital é objetivo e objeto da EXPOAMA. Esta é organizada principalmente a partir dos interesses do capital, ou seja, através dos imperativos de aumento da produção, em um menor espaço de tempo e área, e da necessidade de participação no mercado internacional.

Assim, necessita-se de capital para se especializar e se desenvolver produtivamente, bem como de trabalhado qualificado, normalmente assalariado, de uma organização burocrática das finanças e de um forte apoio do Estado. Este assume o papel de disponibilizar crédito e de construir e dispor aos grandes agentes econômicos infraestruturas de circulação e comunicação na região. O objetivo aqui é transformar a floresta, negando-a, muitas vezes, em favor do crescimento econômico.

Em relação ao circuito inferior, ele é caracterizado pelo trabalho intensivo, com alto poder criador e pela utilização reduzida de capital. Nele as técnicas possuem idades diversas, podendo ser locais e/ou localmente adaptadas. A reutilização de bens é frequente, ou seja, ganha relevância o conserto de objetos ou a sua utilização em outras funções que difere da intencionalidade de sua criação. A organização das atividades é “primitiva” (SANTOS, 2008b). Cabe aqui destacar que não concordamos com o termo “primitivo”, pois as relações que organizam esse circuito estão baseadas em acordos e conhecimentos tácitos que são (re)produzidos na mediação entre passado, presente e possibilidades futuras, estando em constante atualização e ligação com a modernidade.

Nas transações desse circuito predominam o crédito pessoal direto e o dinheiro líquido. A relação com a clientela é principalmente pessoal, personalizada e direta, mediada pela necessidade de sobrevivência do estabelecimento e dos consumidores (SANTOS, 2008b).

No circuito inferior o emprego é volumoso, considerando a quantidade e o valor da produção, e o trabalho assalariado não é obrigatório. A notícia de oportunidade de trabalho circula rapidamente e nem sempre é necessário ter frequentado uma escola ou ter seus papéis (documentos) regulamentados. Como o que está em jogo é a sobrevivência, os trabalhadores aceitam ser mal pagos e os donos dos pequenos estabelecimentos podem fugir, então, dos impostos e cargas tributárias. A remuneração situa-se normalmente no limite ou abaixo do mínimo vital, existindo acordos pessoais entre os interessados, como flexibilização na jornada de trabalho e uso de mão de obra familiar. É necessário frisar que, algumas vezes, o dono do estabelecimento é também o único trabalhador (SANTOS, 2008b).

O volume de produtos comercializados no circuito inferior é restrito pela capacidade de guardar ou transportar os mesmos. Os preços são mais acessíveis. Nesse sentido, o estoque se apresenta em pequena quantidade e/ou em qualidade inferior. Vende-se menos, porém com maior lucro por unidade. A perspectiva do negócio se dá a curto prazo. Podemos identificar também que os preços podem ser submetidos à discussão entre comprador e vendedor. Pechinchar é quase uma regra (SANTOS, 2008b) e em meio às trocas e negociações, as relações pessoais se estreitam.

Existe também no circuito inferior uma grande cadeia de intermediários que encarecem o produto final e uma margem de oscilações dos preços; estes que podem

aumentar ou diminuir conforme o contexto, o horário e as situações do dia. Além disso, os custos fixos são desprezíveis e podem ser até mesmo ignorados, pois a casa própria ou os locais improvisados podem se tornar estabelecimentos comerciais e/ou produtivos, sem a necessidade de pagar taxas públicas ou privadas. A grande publicidade é nula e tão pouco possível visto o capital disponível. Assim, a propaganda do estabelecimento ou das mercadorias à venda se dão da maneira “boca a boca”. O overhead de capital é nulo, visto que os agentes do circuito inferior sobrevivem mesmo sem se apropriar totalmente da infraestrutura e do capital fixo disponível. A ajuda governamental para esse circuito é pouca ou quase nula. Seus agentes são frequentemente perseguidos pelo Estado. Por fim, a dependência ao exterior é reduzida (SANTOS, 2008b).

Dessa maneira, algumas características do circuito inferior são indispensáveis para analisar a organização do espaço e do trabalho nas feiras-livres de Marabá. Identificamos que visivelmente o trabalho é o elemento que comanda a organização desse espaço. O capital é pouco e o estoque é pequeno. A improvisação e a pechincha são quase regras. As relações de proximidade ainda marcam as sociabilidades, fomentando as trocas e o reconhecimento mútuo entre os agentes presentes. A reutilização de bens é frequente. Porém, alguns elementos do circuito inferior se modificam, como: a importância que passa a ganhar a conexão entre o local e outros estados brasileiros e a tecnologia. Identificamos que até mesmo nesses espaços os produtos da floresta são escassos.

A teoria dos circuitos da economia urbana, mesmo produzida no final da década de 1970, ainda se faz pertinente para compreender e analisar as diferentes formas com que o trabalho e o espaço são organizados em sua relação com o capital. Porém, o contexto no qual ela foi produzida está ligado ao avanço do fordismo periférico pelo mundo. Isso é, a um regime de acumulação que atualmente vem sendo solapado por novas formas de organização do trabalho, da produção, do consumo, do tempo e do espaço.

O fordismo, com suas necessidades de produção e de consumo em massa e com suas linhas técnicas de montagens, transformou consideravelmente as relações de trabalho no mundo capitalista desenvolvido. O trabalho passou a ser regulamentado pelo Estado, que instituiu um salário mínimo a fim de proporcionar ganhos ao trabalhador e dinamizar a economia e o consumo interno do país. Eram observadas altas taxas de emprego nos países centrais, o que dissolvia seu exército

de reserva e proporcionava mais facilmente um ganho salarial do trabalhador e a diminuição do lucro do capitalista. Mesmo assim, o consumo interno não conseguia acompanhar, na mesma velocidade, a produção de novos produtos (LIPIETZ, 1988). Dessa forma, não durou para esse sistema entrasse em crise.

As relações de classe eram difíceis, pois se apoiavam no trabalho rotinizado por longas horas, no controle inexistente do trabalhador sobre o produto, no ritmo e na organização do processo produtivo e no alto grau de rotatividade. Isso levou a ganhos extraordinários de produtividade, mas também à superprodução e ao fortalecimento da força sindical dos trabalhadores (HARVEY, 1996).

Em relação ao resto do mundo, a organização do trabalho e as tradições artesanais eram muito fortes, sendo, no início, uma barreira para a expansão do fordismo. Com a crise desse sistema, as outras regiões do mundo começaram a aparecer como espaços capazes de solucionar momentaneamente os problemas dos países centrais (HARVEY, 1996; LIPIETZ, 1988). Era necessário expandir o fordismo para o mundo, porém sem conservar algumas de suas características centrais, como o ganho salarial e as altas taxas de emprego. O objetivo era muito mais realizar uma produção de massa, com altos ganhos produtivos e de capital, do que dar base, concomitantemente, para um consumo de massa (LIPIETZ, 1988).

Na prática, a expansão do fordismo tentou destruir as culturas locais e promover a opressão em troca de ganhos bastante pequenos em termos de qualidade de vida e serviços públicos, a não ser para uma pequena elite que decidiu colaborar com o capital internacional (HARVEY, 1996).

Nesse período, o Estado brasileiro instalou as suas leis trabalhistas e instituiu o salário mínimo, que, ao contrário dos países centrais, era baseado apenas no mínimo para a sobrevivência (LIPIETZ, 1988). Para atender às novas necessidades de modernização que se impunha ao País, o poder público também desenvolveu grandes políticas de industrialização e urbanização (SANTOS, 2009).

Todavia, conforme mencionado, esse regime de acumulação não demorou muito a entrar em crise, pois sua rigidez dificultava o avanço e o desenvolvimento do capital tanto nos países centrais como nos periféricos. Na tentativa de superar tal crise houve um processo de flexibilização do trabalho, da produção e do consumo (HARVEY, 1996). Assim, ganha importância nas diferentes partes do mundo a

acumulação flexível¹¹, o avanço da globalização e a crescente interdependência dos lugares, que demandou congregar as análises dos circuitos da economia novos elementos, como: a incorporação do campo nos circuitos da economia, a expansão do crédito e do consumo, o uso disseminado das novas tecnologias e as novas relações entre os circuitos.

Entendemos que os regimes de acumulação, assim como as modernizações do espaço e as formas diferentes e desiguais de trabalho coexistem dentro do território nacional. Porém, um dos elementos que está posto como central pelo modo de produção vigente é a crescente especialização produtiva dos lugares, possibilitada pelo desenvolvimento dos sistemas de transporte e comunicação e pela política de Estados e das empresas. Tornou-se mais complexa a distribuição espacial das atividades econômicas e a articulação de diferentes etapas, em diferentes lugares, da produção. Expandiu-se, então, o processo de hierarquização entre os lugares que redefiniu a capacidade de agir das pessoas, das firmas e das instituições (SANTOS, 2005, 2008a, 2011).

Nesse sentido, os países centrais, principais produtores da ordem do capital, passaram a submeter às suas regras até mesmo as dinâmicas e os processos dos locais mais longínquos, como a Amazônia. A unicidade das técnicas¹², a unicidade dos momentos¹³ e a mais-valia global¹⁴, elementos característicos da atual globalização, passaram a comandar o processo de organização do espaço no mundo inteiro (SANTOS, 2008a).

De um lado, o processo econômico se fragmenta em nível mundial, graças à presença, em diversos pontos do globo, de pedaços do aparelho técnico e informacional comandados por grandes organizações. Pode-se, a partir de um ponto

¹¹ A acumulação flexível, como é denominado esse novo sistema, apoia-se na flexibilidade dos mercados de trabalho, do próprio trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracterizam-se por novos setores de produção, novos serviços financeiros, novos mercados e por inovações comercial, tecnológica e organizacional (HARVEY, 1996).

¹² Conjunto técnico homogeneizado sistêmico, preenchido e comandado por relações mundializadas sistemicamente unificadas. Ele dá base e faz parte do modelo de globalização predominante no mundo. Como um sistema técnico ubíquo, de conteúdo universal, as técnicas invadem os locais e funcionam através de certa interdependência universal (SANTOS, 2008a).

¹³ A unicidade do tempo ou convergência dos momentos se dá pela possibilidade de conhecer instantaneamente eventos longínquos e, assim, a possibilidade de perceber a sua simultaneidade. Essa unicidade se estabelece principalmente através das técnicas atuais de comunicação, podendo criar entre lugares e acontecimentos uma relação unitária à escala do mundo (SANTOS, 2008a).

¹⁴ A racionalidade empresarial avança pelo mundo, com base na competitividade, no consumo e no lucro, produzindo uma mais-valia global que se transformou no motor da vida econômica e social do mundo; esta que é assegurada pela existência de grandes organizações (SANTOS, 2008a e 2011).

escolhido, exercer um comando, complementar e organizado, de processos econômicos e políticos dispersos pelo mundo. O trabalho assalariado e a informação se tornam universal e o uso “adequado” do tempo e do espaço multiplica a eficácia dos processos capitalistas e o poder das firmas. Na verdade, são as técnicas, as informações e as racionalidades pragmáticas que ganham relevância, sendo manipuladas por poucos atores em seu benefício próprio. É mínima a parcela de pessoas que se beneficiam totalmente do progresso técnico e informacional trazido pela globalização (SANTOS, 2008a e 1998).

Dessa maneira, o papel do Brasil na divisão internacional do trabalho, que é fornecer matérias-primas e commodities baratas para o mundo, aprofunda-se. É necessário aumentar a produção em uma mesma área e em um menor espaço de tempo. Assim, o campo se especializa e se liga diretamente aos interesses do capital, principalmente através do agronegócio globalizado (ELIAS, 2012; ELIAS, PEQUENO, 2005).

Esse novo contexto, nega mais intensamente a floresta e conecta o campo diretamente aos interesses do capital no sudeste paraense, bem como transforma as características dos circuitos da economia no País.

Atualmente, com o desenvolvimento da agropecuária moderna e do agronegócio globalizado, é possível, com as devidas adaptações, utilizar a teoria dos circuitos da economia no estudo da organização agrária. Isso porque a reestruturação produtiva, com crescente interdependência e especializações dos lugares, pela qual estamos passando, promovem transformações regionais que atingem tanto a cidade quanto o campo (ELIAS, 2006a, 2011, 2012; ELIAS, PEQUENO, 2005).

As cidades passam a ganhar novas características, sendo responsáveis por atender às demandas de comércio e serviços especializados do campo. Já este se reorganiza obedecendo, cada vez mais, ao mercado externo e à lógica de produção do capital, com forte presença da racionalização do trabalho e do emprego da tecnologia e da informação na produção. O circuito superior, então, lança suas garras sobre o campo. Sua lógica organizacional e comportamental invade os mais diversos espaços rurais (ELIAS, 2006a; ELIAS, PEQUENO, 2005).

Destaca-se também que a difusão do agronegócio não se dá sobre espaços desocupados. O grande latifúndio que marca essa atividade, e a racionalidade do capital, atingem diretamente a reprodução da vida camponesa no Brasil, que tem na

subsistência e/ou na produção simples de mercadorias seus pilares centrais (ELIAS, 2006a, 2006b).

Na Amazônia, o agronegócio passa a ser uma atividade importante, modificando as dinâmicas da floresta e da cidade na região. Essa atividade faz com que se derrube a mata para a produção de pastos e de monoculturas, aumente o emprego assalariado e especializado concomitantemente com a expulsão de trabalhadores do campo, favorecendo a entrada de grandes empresas nacionais e multinacionais na região (COSTA, 2012b).

É nesse contexto que a EXPOAMA vem ganhando importância dentro do cenário das feiras de exposição nacional. Ela concentra em seu espaço as grandes empresas e os grandes pecuaristas presentes na região e no País. Isso porque Marabá atualmente é umas das principais cidades do sudeste paraense que dá suporte ao desenvolvimento da agropecuária moderna.

Entretanto, o fato do agronegócio estar avançando sobre o território regional não elimina a existência de superposições de divisões territoriais do trabalho particulares, responsáveis pela formação de outras lógicas de produção e organização do trabalho, tais como as formadas a partir da agricultura camponesa que vive, principalmente, da produção e extração de alimentos, destinados tanto para a subsistência como para as trocas simples. Os pequenos agricultores, as populações tradicionais, entre outros grupos sociais, não desaparecem nem aceitam o processo de modernização capitalista passivamente. Intensificam-se, assim, os conflitos agrários (OLIVEIRA, 1997; COSTA, 2012b).

Nas feiras-livres de Marabá, ainda podemos identificar a presença desses grupos que resistem à exploração e à derrubada da floresta como processo que se impõe para a fronteira econômica do sudeste paraense. Porém, é cada vez menor a sua participação, bem como a presença da floresta, na organização desses espaços citadinos, visto a relevância que vem ganhando os atravessadores e a crescente pressão sobre os recursos naturais da região, principalmente a madeira, a qual abastece os fornos das mineradoras do Distrito Industrial de Marabá¹⁵.

¹⁵ Informação concedida pelo Sindicato das Industrias de Ferro-Gusa do Estado do Pará (SINDIFERPA), no âmbito da pesquisa de iniciação científica desenvolvida por esta autora, no período de agosto de 2011 à agosto de 2012, intitulada “Marabá: dinâmicas socioespaciais e centralidade política de uma cidade média na Amazônia oriental”, vinculada ao projeto de pesquisa “A cidade e o rio na Amazônia: mudanças e permanências face às transformações sub-regionais”, coordenado pelo prof. Dr. Saint-Clair Cordeiro da Trindade Junior e financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Ademais, outro processo que deve ser considerado para a atualização da teoria dos circuitos é a intensificação da dominação do circuito superior sobre o circuito inferior, principalmente por meio das finanças. Silveira (2005, 2009, 2010) alega que o período atual caracteriza-se, entre outros complexos aspectos, pela expansão do crédito e do consumo. Assim, estes que antes podiam ser seletivos, como afirmava Santos (2008b), passam agora a se generalizar, parecendo não abandonar nenhuma parcela da economia nem do território (SILVEIRA, 2009).

A expansão do crédito atinge principalmente a população de baixa renda e, também, os estabelecimentos do circuito inferior. A primeira aparece como novo mercado consumidor e tem acesso facilitado aos empréstimos e ao dinheiro adiantado, principalmente através de cartões (SILVEIRA, 2009). Os segundos começam, por seu turno, a se integrar às formas de pagamentos modernas e ligadas ao sistema financeiro (SALVADOR, 2012).

Com a facilidade do crédito e com a importância que continua tendo a publicidade nos dias atuais, que agora tem como um dos seus públicos-alvo a população de baixa renda, promove-se a expansão do consumo. Ao contrário da produção, que é seletiva nas escolhas dos lugares, a finança e o consumo se interessa, direta ou indiretamente, pela totalidade do território vivente (SILVEIRA, 2005).

Criam-se, então, novas necessidades e desejos que podem e devem ser atendidos mais facilmente pelo circuito superior da economia. Isso faz com que a pobreza, de certa forma, agrave-se. O aumento do endividamento, da inadimplência e da transferência dos excedentes de todas as camadas da população para os agentes do circuito superior da economia, como os bancos, esmaga o circuito inferior e a economia popular, fortalecendo a lógica do capital (SILVEIRA, 2009, 2010).

Em busca de garantir um domínio sobre o mercado consumidor das populações com menor poder econômico, além de facilitar o crédito, os agentes hegemônicos tentam também produzir simulacros onde seja possível imitar, mesmo que de forma distorcida, as relações diretas características do circuito inferior (MIYATA, 2010).

Acreditamos que as atividades não-hegemônicas estão, cada vez mais, sendo “descobertas” pelos atores hegemônicos. O capitalismo global demonstra, mais uma vez, sua capacidade de adaptação ao explorar mais este interstício para realizar a acumulação, mas nem por isso as demandas de grande parte da população de baixa renda deixam de ter um papel motor na construção de uma economia popular

dinâmica da qual mesmo as grandes empresas hegemônicas querem fazer parte (MIYATA, 2010).

Nesse contexto, em Marabá, cidade representativa de uma sub-região de fronteira econômica, o sudeste paraense, são criados alguns espaços-vitrines onde um dos objetivos é mimetizar as relações próximas que antes eram marcadamente características do circuito inferior. As feiras de exposição, por exemplo, tentam produzir uma atmosfera de proximidade entre empresas e população, mediadas por certo tom de confraternização que camufla os seus interesses maiores, as trocas e a acumulação. Além disso, o consumo e o crédito mediam as relações sociais presentes, que têm na ausência da floresta um elemento central.

Em Marabá, as reações de proximidade, que caracteriza o circuito inferior, também sofrem mudanças. Com o aumento do poder do dinheiro na produção da vida, as relações pessoais e diretas que antes marcavam esse circuito, passam a coexistir com relações mais impessoais, como podemos identificar através da análise das feiras-livres (conforme será visto no capítulo 3). Os supermercados, com sua facilidade de consumo a crédito, concorrem e, algumas vezes, até mesmo abastecem diretamente esses espaços, criando novas interações sociais e relativizando a importância do pequeno produtor e da floresta. Nesse sentido, o circuito superior aprofunda seu domínio sobre as feiras-livres de Marabá, espaços representativos do circuito inferior da economia. Tais feiras passam, cada vez mais, a se ligar e a servir direta ou indiretamente os interesses do capital.

Em relação à tecnologia, nesse período, a sua apropriação é maior e pode ser realizada por diferentes agentes sociais. Montenegro (2006) e Silveira (2009) revelam que o circuito inferior usa, cada vez mais, as novas tecnologias da informação para executar suas atividades. O celular, o computador, a impressora e a internet são incorporadas à sua dinâmica, aumentando a necessidade de capital fixo e (re)criando novas atividades. Isso faz com que o circuito inferior não permaneça hoje tão enraizado na escala regional, como ocorria antigamente, sendo capaz de conectar-se e manter relações com outras regiões do País, e até mesmo com outros Estados-nação (MONTENEGRO, 2006; CATAIA e SILVA, 2013).

Nesse sentido, o circuito superior também sofre transformações. Nele coexistem tecnologias produzidas no País com tecnologias importadas e imitativas, as duas de alto nível. Um bom exemplo disso é a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), que é a principal empresa responsável pelas novas

tecnologias que possibilitam o avanço de várias commodities pelo Brasil (HOMMA, 2012). Ligado a esse processo, várias empresas brasileiras se fortalecem e abastecem o mercado com produtos altamente carregados de informação e tecnologia.

Reorganiza-se também a forma de atuação das multinacionais. Com o desenvolvimento das tecnologias de informação e circulação ganha importância o processo no qual as empresas optam por utilizar distribuidores e revendedores que já comercializam outros produtos e, portanto, que já possuem uma rede de contatos e de clientes. Para ter acesso aos mercados globais, as empresas costumam utilizar-se de parcerias para distribuição de seus produtos, com a redução significativa de despesas fixas internas da equipe de vendas, em que a utilização de uma rede comercial já montada é um grande ponto de sucesso (MIYATA, 2010).

No sudeste paraense uma das principais atividades que as empresas de alto capital tecnológico e informacional participam ativamente é a agropecuária. Dessa forma, estão presente nas feiras de exposição da sua principal cidade, Marabá, empresas multinacionais que coexistem com as grandes empresas brasileiras de produção de adubos, vacinas, serviços de inseminação artificial, antibióticos, entre outros produtos. Porém, nem sempre essa presença se dá de maneira direta. A maioria das grandes empresas firma acordos com os agentes locais e regionais, passando a revender seus produtos ou representar suas marcas; é assim que elas aparecem no espaço regional.

Reorganiza-se nessa cidade também o circuito inferior da economia. Nas suas feiras-livres, por exemplo, o uso do celular é quase obrigatório, além da presença, em menor escala, de balanças eletrônicas de precisão. As ligações com outras regiões brasileiras, como o Centro-Oeste e o Nordeste, aparecem, atualmente, como indispensáveis, pois o abastecimento das feiras-livres é realizado também por essas regiões.

Assim, entendemos que se deve levar em consideração, ao utilizar a teoria dos circuitos espaciais da economia, a atual organização do espaço e da relação capital-trabalho características do mundo contemporâneo. Devido às dinâmicas complexas e transformadoras da economia urbana no período atual, os novos e diferentes agentes hegemônicos e não-hegemônicos que têm dado forma aos circuitos, ensejam novas e renovadas racionalidades que estão sendo implementadas em face do aumento da concorrência entre empresas, das novas tecnologias, da contínua necessidade de

sobrevivência das populações de menor poder econômico, da expansão do crédito e do consumo e das mudanças no mundo do trabalho e da produção, entre tantos outros fatores (MIYATA, 2010).

Ademais, no atual contexto, a vida é realizada, cada vez mais, por meio das técnicas e da informação, e é cada vez menos subordinada ao aleatório, exigindo dos homens comportamentos previsíveis que conduzem a uma organização sócio-técnica do trabalho e da vida (SANTOS, 1998, 2011). Podemos, desta feita, inferir que a racionalidade econômica interfere no cotidiano das pessoas, seja por meio de sua ideologia de consumo, do primado do dinheiro sobre o imaginário, a espontaneidade e as vivências (MIYATA, 2010).

Estamos assistindo a uma tentativa de homogeneização e redução da vida cotidiana. Porém, acreditamos que há um limite para a racionalidade dominante, que são as contra-racionalidades e as racionalidades paralelas, corriqueiramente chamadas de irracionalidades, mas que, na realidade, constituem outras formas de pensar e viver. Estas são produzidas e mantidas principalmente pelos que estão “em baixo”, sobretudo os que têm menor poder econômico, que em sua luta pela sobrevivência conseguem escapar, consciente e inconscientemente, ao totalitarismo econômico (SANTOS, 1998).

Assim, existem mais do que circuitos da economia nas feiras-livres e nas feiras de exposição de Marabá. Na tentativa de compreender a força da disciplina e da organização da vida social impostas pela racionalidade do capital, e também a reprodução de relações de espontaneidades e das apropriações do espaço, que fogem a essa mesma racionalidade, é que lançamos mão da teoria da vida cotidiana no mundo moderno, de Lefèbvre (1991).

1.2 – A vida cotidiana na Amazônia oriental: uma aproximação entre o viver e o vivido nas feiras-livres e feiras de exposição de Marabá

Atualmente, a existência do homem comum na Amazônia é atravessada por mecanismos de dominação e alienação que distorcem sua compreensão de história e de seu próprio destino. O homem luta pela vida de cada dia e para sobreviver em um mundo carregado de significados que, às vezes, escapa-lhe e, não raro, apresenta-se como absurdo e destruído de sentido (MARITNS, 2011). Tal mundo encontra-se

reduzido à racionalidade econômica que é imposta por agentes e países estranhos ao contexto regional e local.

Esse mundo não consegue se realizar por inteiro. Ao negar o outro e a produção social em sentido amplo¹⁶, ele, mesmo munido do discurso e de estratégias dominantes, escapa diante da vida do homem comum, que mantém relações que vão para além dos objetivos do capital, perpassando e se nutrindo de sonhos, de possibilidades e de desejos (MARTINS, 2011).

Entendemos que na Amazônia existe uma dificuldade estrutural relativa na expansão do modo capitalista de reprodução do capital e daquilo que é a modernidade. Nessa região, as coisas se combinam de maneira particular e, juntamente com a reprodução da lógica e de espaços do capital, encontra-se um mundo que escapa, no qual não só as técnicas são simples, mas as relações sociais são familiares e comunitárias (MARTINS, 2011, 2009). Ainda há uma ligação simbólico-cultural com a floresta e com os rios (CASTRO, 1999, 2008). Como sugere a abordagem de Costa (2012a), a existência de alternativas de sobrevivência do trabalhador na Amazônia teve e tem como fundamento, desde os primeiros momentos, a apropriação da floresta através de um saber prático detido pelo conhecimento que o homem da região possui do seu meio social e espacial. Porém, tal processo vem sendo relativizado com mais intensidade nas regiões de fronteiras econômicas, como o sudeste paraense (TRINDADE JR., 2014).

É evidente que a lógica ligada à dinâmica da floresta é afetada pelas economias de mercado. Tenta-se, até mesmo, aniquilá-la. Mas ela sobrevive, e várias de suas dinâmicas particulares continuam sendo essenciais na reprodução da vida de inúmeras pessoas.

Nas feiras-livres de Marabá, os pequenos agricultores e extrativistas ainda se fazem presentes, mesmo que de maneira relativa, pois o seu abastecimento é realizado primordialmente por atravessadores e também, em menor proporção, pelas grandes redes de supermercados, que trazem a produção de grandes agricultores localizados em outros estados brasileiros. A exceção fica ao encargo da feira do

¹⁶ A reprodução social em seu sentido amplo diz respeito tanto à reprodução ampliada de capital quanto a produção de contradições e diferenças sociais. Não há reprodução da vida social, sem certa criação de novas relações e vivências. Não existem apenas produtos e vida cotidiana orientada pelo capital. A obra, as sociabilidades e o trabalho, que escapam a padronização economicista, resistem. Esses momentos de anunciam o homem como criador e criatura de si mesmo e revela que é na prática social que se instalam as condições de transformação do impossível em possível (MARTINS, 2011).

pequeno agricultor, realizada apenas aos sábados. Apesar dos ritmos da modernidade e da ausência da floresta marcar e se aprofundar na cidade de Marabá e no seu entorno, alguns elementos e relações sociais ainda conseguem escapar.

Assim, devemos tomar cuidado para não produzir estudos que reduzem o homem e a sua vida às racionalidades estruturais capitalistas, pois, na urgência de acelerar a história, para nos liberarmos do nosso “atraso”, de nossa pobreza e de nossa insuficiência, alguns cientistas fazem uma escolha compreensível pelos grandes temas e pelos processos sociais decisivos da transformação social a qualquer preço. E isso fechando os olhos e a inteligência ao reiterativo, como se fosse simples estorvo da história; uma mutilação que anula a dimensão propriamente dialética da realidade social, suas contradições e seus desafios interpretativos. Trata-se de uma ciência dominada pelo afã de poder, daquilo que empobrece a condição humana e bloqueia a humanidade possível e não pelo afã da possibilidade de emancipação do homem (MARTINS, 2011).

Nesse sentido, no intuito de apreender as mudanças e permanências das diferentes formas de relação cidade-floresta presentes na região e que configuram o seu espaço-tempo, entendemos que devemos avançar nos estudos sobre trabalho, produção do espaço e vida cotidiana. Os produtos intelectuais desenvolvidos sobre o trabalho, por exemplo, tiveram a atenção voltada, sobretudo, à compreensão das mudanças dos regimes de acumulação e de suas crises, procurando acompanhar de perto a emergência de novas tecnologias e de processos de trabalho. Acabou-se, assim, deixando de fora um debate extremamente interessante sobre a pertinência e a reprodução, apesar da modernização, de saberes de grupos hegemônicos. Estes, muitas vezes, na Amazônia, produzem sua vida a partir da relação com a floresta e com a terra, atualizando as relações de trabalho que continuam compondo o cotidiano da região, juntamente com as novidades da modernidade (CASTRO, 1999).

Entendemos que o trabalho pode recriar continuamente as relações de produção, de alienação e de dominação, reunindo seus aspectos visíveis, tangíveis e simbólicos (CASTRO, 1999). Porém, ele pode ir para além de sua relação com o capital, caracterizando-se por atividades que têm como principal objetivo garantir a sobrevivência, material e imaterial, dos grupos sociais. A apropriação¹⁷ da floresta,

¹⁷ Lefèbvre distingue apropriação de dominação (“possessão”, “propriedade”). O primeiro diz respeito ao uso do espaço, carregado das marcas do “vivido”, tempo e tempos, ritmos de vida diferenciados, do valor de uso e do simbólico. O uso implica “apropriação e não “propriedade”. O segundo é mais concreto, funcional e vinculado ao

como exemplo de tais atividades, não pode ser desconsiderada na produção do espaço e da vida na Amazônia, mesmo que tal apropriação venha sendo atacada pela ordem do capital.

Nesse sentido, concordamos com Castro (1999), ao mostrar que

o trabalho está longe de ser uma realidade simplesmente econômica. Nas sociedades *tradicionais*, no seio da pequena produção agroextrativista, o trabalho é representado por um caráter único, ou seja, reúne nos elementos técnicos e de gestão o mágico, o ritual, enfim, o imaginário coletivo criado no mundo simbólico [...]. O trabalho é esse conjunto de manifestações dos humanos face à natureza, de atividades materiais e simbólicas (CASTRO, 1999, p. 35, grifo da autora)

Em Marabá, a relação capital-trabalho, as conexões entre local e regional com as dinâmicas globais mediadas por essa cidade (NUNES; CARDOSO, 2013), bem como o seu importante papel na configuração e expansão da fronteira econômica no sudeste paraense (TRINDADE JR. *et al*, 2012), fazem com que as solidariedades ancestrais se diluam e mercantilizem-se as suas relações com o entorno, negando a floresta juntamente com as suas histórias, os seus conhecimentos e a suas possibilidades inerentes. Isso faz com que a exploração do trabalhador ganhe importância e que surjam na cidade espaços-vitrines que representam, dão base e expandem a lógica capitalista.

Porém, mesmo diante desse contexto, o homem comum (MARTINS, 2011) consegue sobreviver. Nas feiras-livres, eles se adaptam aos imperativos do capital e/ou resistem. A sobrevivência, marca da organização desse espaço, é mediada tanto pela ausência da floresta e pelo aprofundamento do papel dos atravessadores e das redes de supermercados e, conseqüentemente, dos grandes produtores rurais localizados em outras regiões brasileiras, que drenam uma parte do dinheiro gerado nas feiras-livres de Marabá, quanto pela presença, mesmo de maneira menos intensa, da floresta e dos pequenos agricultores e extrativistas

Assim, apesar da relação capital-trabalho ser essencial para entender como se organiza na região as interações da cidade com a floresta, pois no atual modo de produção essa relação é o cerne da sobrevivência e/ou da acumulação dos grupos sociais, é necessário também entender as produções das relações que se

valor de troca. Tanto mais o espaço é funcionalizado, mais ele é dominado pelos agentes que o manipulam tornando-o unifuncional, colocando-se fora do tempo vivido e atrelando-se ao tempo-espaço do capital (LEFÈBVRE, 1974).

desenvolvem a partir da presença e da ausência da floresta no contexto do espaço urbano e regional (TRINDADE JR., 2014).

Entendemos que a análise da vida cotidiana pode nos apontar para uma perspectiva de reflexão sobre as concepções e as necessidades que emergem do dia-a-dia, as quais podem reafirmar a ordem capitalista imposta e/ou carregar novos pontos de vista e novos conhecimentos para sentir e viver a Amazônia. Nesse sentido, a perspectiva aqui trabalhada difere de duas outras: as que entendem a vida cotidiana como o rotineiro a-histórico, sem movimento e importância científica (VAINFAS, 1996); e a que reduz a vida cotidiana às interações sociais simuladas e regulares (GOFFMAN, 1971, 2010).

A primeira se baseia numa posição trivial que opõe o “cotidiano-banal-insignificante” ao “histórico-original-significativo” (PAIS, 1986). O cotidiano tende a ser confundido aqui com o banal, com o indefinido, com o que não tem qualidade própria, nem se define a si mesmo como momento histórico qualitativamente único e diferente, sendo uma excrecência da história sem valor científico. Nesse sentido, a vida cotidiana é reduzida aos aspectos repetitivos e rotineiros, alheios à história e ao acontecer histórico, principalmente quando é confinada à dimensão da familiaridade e de intimidade (MARTINS, 2011).

De certo modo, há aqui uma renúncia à ideia de que o homem é senhor de sua história, de que pode produzir o seu próprio destino. Quando parece evidente que - contrariamente ao que essas posições formulam - o cotidiano é, antes de tudo, o cruzamento de múltiplas temporalidades e espacialidades dialéticas, situadas entre o repetitivo e a novidade (MARTINS, 2011; PAIS, 1986).

A outra corrente de pesquisadores tem centrado a análise da vida cotidiana em suas regras ou ritos. É o caso da escola goffmaniana, que parte da perspectiva de atuação ou performance teatral. Na vida cotidiana, o indivíduo se apresenta e mantém suas atividades seguindo regras e normas de comportamento que os obriga a se encaixarem numa dada situação. O sujeito enquanto ator deve, dessa maneira, ficar atento e se moldar mediante ao contexto em que está inserido. Só assim ele pode ser aceito pelo grupo, não sofrendo sanções (GOFFMAN, 1971 e 2010). Nesse sentido, são as regras e as normas que estão postas em cada situação que determinam o que você pode ou não fazer quando entra em interação com outras pessoas.

Contudo, entendemos que a vida cotidiana vai para além da simulação e do que está posto. Não é apenas importante aquilo que fixa as regularidades da vida

social, devendo se considerar também aquilo que a perturba. Se é certo que a vida cotidiana pode se manifestar por um elevado grau de regularidades, também é verdade que ela não pode ficar limitada às repetições sem consciência, teatrais e imposta pelo contexto (PAIS, 1986). Assim, o vir-a-ser dialético se depara com o enigma da repetição. Porém, não uma repetição homogênea e igual, mas sim repletas de movimentos contraditórios e de possibilidades (LEFÈBVRE, 1991).

Atualmente, vivemos o tempo do homem sem qualidade, mergulhado em uma historicidade nova. É o tempo do homem desencontrado consigo, que se torna produto de seu produto, transfigurado de sujeito em objeto (LEFÈBVRE, 1991). Esses processos são fortemente produzidos pelos interesses e estratégias do capital, que resignificam o trabalho, o viver e o espaço na atualidade, reduzindo tudo e todos em objetos a seu serviço, inclusive a Amazônia, as florestas e as suas cidades.

A cotidianidade, então, torna-se hegemônica. Ela é composta por sociabilidades teatrais, por fabulações e por representações que fazem presente o ausente¹⁸, ou seja, imprimem práticas, normas e sociabilidades, que vindas de fora, muitas vezes se rebatem no espaço de maneira esquizofrênica, produzindo simulacros, montagem e cenários que aparecem como presentes, mas que pouco dialogam com as dinâmicas, as necessidades e as interações já existentes no espaço (MARTINS, 2011). Nela há um alargamento do imaginário em detrimento da imaginação. Ao delinear as necessidades procura-se prevê-las; encurralam-se os desejos. A cotidianidade tenta a todo custo se transformar em um sistema único e perfeito, sendo ela mesma o principal produto da sociedade dita organizada (LEFÈBVRE, 1991).

Dessa maneira, afirma Martins, que

É no fragmento de tempo do processo repetitivo produzido pelo desenvolvimento capitalista, o tempo da rotina, da repetição e do cotidiano, que essas contradições fazem saltar fora o momento da criação e de anúncio da História – o tempo do possível. E que, justamente por se manifestar na própria vida cotidiana, parece impossível. Esse anúncio revela ao homem comum, na vida cotidiana, que é na prática que se instalam as condições de transformação do impossível em possível (MARTINS, 2011, p. 57).

¹⁸ O espaço pode ser definido através de um jogo dialético entre presenças e ausências. Os objetos no espaço simulam a aparição e a desaparecimento mais profundas das presenças. Ritmado pelas presenças, os espaços e ritmos de vida também contêm o engano das coisas, as representações simulantes-disimulantes (LEFÈBVRE apud TRINDADE JR., 2014).

Nesse mesmo sentido, Seabra (1996) destacou que a vida cotidiana é entrecruzada dialeticamente por duas dimensões, o viver e o vivido. “Na vida cotidiana, o viver corresponde a dimensão objetiva das práticas, enquanto o vivido, muito mais amplo, integra a subjetividade, sendo perpassado por retóricas e por estetismos. A relação entre esses dois níveis forma a vida cotidiana” (SEABRA, 1996, p.191).

O viver aqui está ligado à dimensão percebida do espaço. O espaço social, segundo Lefèbvre (1974), é produto/produtor e meio de diversos grupos sociais, sendo percebido, vivido e concebido. O percebido ou práticas espaciais está ligado à percepção do mundo que reflete o modo de produção vigente na sociedade contemporânea. Ele se relaciona aos conjuntos espaciais e lugares específicos de cada formação espacial, que assegura a continuidade do modo de produção numa relativa coesão e sequência. Nele, a reprodução das relações sociais estabelecidas predominam. O vivido ou espaços de representação, por sua vez, é carregado de simbolismos, de arte, de criação e de clandestinidade, onde se desenvolve a vida cotidiana, as virtualidades e as possibilidades que jamais se sujeitam à “coerência” e à homogeneização. Ele está ligado aos espaços dos habitantes, dos “usadores”, que é vivido sob os termos da apropriação; são os lugares da paixão, da ação e da imaginação. O concebido ou representação do espaço liga-se às relações de produção, à ordem que elas “impõem”, aos seus signos, aos seus conhecimentos e aos seus códigos. Ele é a representação mental, o produto do saber (conhecimento e ideologias misturadas) e da razão, e, por isso, pertencente aos planejadores, urbanistas e tecnocratas (LEFÈBVRE, 1974), ou seja, aqueles agentes que projetam, muitas vezes de forma autoritária e retalhada, intervenções, planos e programas para o espaço social

Assim, se o imaginário submetido e manipulado pelas instâncias de poder se alarga em relação à imaginação, criadora e revolucionária, esta não desaparece. Se o percebido esmaga, cada vez mais, o vivido, este sobrevive como tensão, como contradição do viver expresso no imediato, e, portanto, na própria vida cotidiana. O irreduzível sempre se faz presente e impede o fechamento da vida proposta pela cotidianidade, causando rachaduras nessas muralhas (MARTINS, 2011).

Em relação aos países do Terceiro Mundo, é importante frisar que o Estado tem um papel fundamental para a disseminação da cotidianidade e da modernidade

incompleta¹⁹ nesses espaços. As nossas políticas, por exemplo, promovem principalmente o moderno sem promover a modernidade, acata e legitima as formas modernas, a racionalidade do lucro, a organização racional do trabalho, o espetáculo da comunicação em massa e conservadora, sendo resistentes a espontaneidades e a vivências locais (MARTINS, 2011).

Na Amazônia, a vida cotidiana é o receptáculo da passividade, da desesperança, da repetitividade enfadonha, da falta de perspectiva, enfim da miséria do dia-a-dia no interior da fronteira do capital. Tal viver tem na exploração e negação da floresta e na constituição de simulacros modernos importantes pilares de sua reprodução. Todavia, indissociável do vivido, que é sobretudo a possibilidade de mudança da vida, pois ele possui a dimensão da riqueza não apenas material, mas principalmente do virtual e do criativo, que reproduzem a vida e que apontam para o fato de que o social e o espaço não se restringem ao econômico. Assim, é na vida cotidiana que as relações se humanizam ou se desumanizam, ao abrir novas possibilidades, resistências e convivências ou ao se programar através dos valores do capital, negando o outro e as múltiplas dimensões do viver e da floresta (OLIVEIRA, 2000).

Nessa região, coloca-se de forma mais clara a tendência de imposição da cotidianidade programada como parte de um processo de homogeneização baseado na predominância do valor-de-troca sobre o valor-de-uso. Há uma tendência do capital em produzir o espaço na fronteira desconsiderando o passado e o futuro. Ambos são aniquilados pelo imediatismo das ações (OLIVEIRA, 2000). Nesse processo, a floresta muda de significado, sendo reduzida à sua dimensão econômica e/ou negada, modificando também as suas relações, dialéticas, com o espaço urbano.

Nesse sentido, o moderno tenta destituir o espaço de seus traços do passado e de reiteração para impor e para produzir o novo e a novidade ligada à vida econômica mundial. Nesse sentido, o Estado volta suas atenções à atração e manutenção de grandes empreendimentos capitalistas para a região, com ênfase à agropecuária moderna e à mineração (OLIVEIRA, 1988), pois os pequenos trabalhadores, por exemplo, os informais, os ribeirinhos e os dedicados à agricultura

¹⁹ A modernidade não se confunde com os objetos e signos do moderno, porque a eles não se restringe. Ela deve ser também a consciência crítica do moderno, isto é, a recusa de sua transitoriedade e de sua impotência. A modernidade completa só o é, então, na perspectiva da história e da historicidade do homem, de que a vida e a práxis conduzem a constituição do humano e não à sua incerteza e à sua coisificação. Isso não se realiza nos países do Terceiro Mundo se não de forma incompleta, dissimulada e incerta (MARTINS, 2011).

familiar não têm na reprodução ampliada do capital a sua referência de vida. Assim, não podem contribuir ou contribuem pouco para o aumento da grande economia, sendo o crescimento desta última a principal preocupação das políticas públicas desenvolvidas na região (NUNES, TRINDADE, 2012; NUNES, 2012).

Em relação a Marabá, as suas feiras-livres e principalmente as suas feiras de exposição aparecem como espaços importantes e que dão suporte à entrada na região de novos valores e de costumes modernos. Estas últimas são, atualmente, verdadeiros espaços do capital, onde os mais diversos segmentos e grupos sociais as consomem como símbolo de uma ruralidade moderna, capitalista e tecnificada e como opção efêmera e privilegiada de sociabilidade, fruição e lazer. Metamorfosadas, transformadas em eventos urbanos, elas não deixaram esquecidos seus objetivos fundadores: serem espaços de consumo, culto e fetichização da mercadoria e locus privilegiado de representação e exercício de poder local e regional (SILVA, 2008), bem como de transformação e negação da relação cidade-floresta, visto que a floresta se apresenta de maneira ausente, ou seja, derrubada material e simbolicamente em prol do desenvolvimento da agropecuária e da mineração moderna.

Porém, mesmo nesses espaços, as contra-racionalidades estão presentes. Por exemplo, na EXPOAMA, os trabalhadores atam suas redes em baixo do palco de apresentações musicais para descansar após o almoço e passar a noite, apropriando-se do espaço e aprofundando as relações imateriais entre os mesmos, bem como alguns produtos que remontam à floresta em pé, como a castanha-do-pará, o açaí e as mudas de árvores também estão presentes, principalmente através dos estandes da Secretaria Municipal de Agricultura, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e do Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas (SEBRAE).

Destaca-se que na Amazônia, na maioria das vezes, as espacialidades e as cotidianidades foram impostas de fora para dentro, o que não significa que o espaço e a vida regional foram totalmente homogeneizados e submetidos por inteiro à racionalidade do capital e suas artimanhas. A região guarda resíduos de relações pretéritas como sinais e formas imprescindíveis de resistência e de sobrevivência de vários grupos sociais (OLIVEIRA; SCHOR, 2008).

Assim, integrantes e integrados à totalidade, a vida cotidiana na Amazônia pode ser caracterizada também pela presença de relações sociais ligadas a uma

temporalidade lenta, fortemente marcada pela dinâmica do rio e da floresta, na qual a sociabilidade do homem simples e as relações espontâneas se realizam dia após dia (OLIVEIRA, SCHOR, 2008; OLIVEIRA, 2000).

Em Marabá, por exemplo, as feiras-livres se constituem na mediação entre apropriação da floresta e racionalidades do capital. Nela coexistem grupos sociais diversos, trabalhadores e feirantes da cidade, pequenos produtores rurais, atravessadores, empresários e donas de casa.

É assim que as feiras-livres se apresentam: diversa, múltipla e plural, onde se misturam as tradições rurais e urbanas, os saberes locais, regionais e extrarregionais e as necessidades de reprodução do capital. Nela os tempos sociais se cruzam, negam-se e afirmam-se, e os conflitos se afloram.

Dessa forma, a análise da relação cidade-floresta, na perspectiva aqui desenvolvida, evita a tendência significativa de negação dos conflitos sociais e dos interesses contrários existentes nas formas de apropriação do espaço regional (OLIVEIRA; SCHOR, 2008). Entendemos que existe uma coexistência de grupos sociais que desenvolvem práticas associadas à apropriação da floresta com diversos outros que veem nesse espaço, e também na sua negação, a possibilidade de crescimento econômico de suas atividades e empreendimentos e de sobrevivência, no caso da maioria dos feirantes citadinos, visto a escassez dos produtos do entorno que conseguem chegar a cidade de Marabá. Nesse sentido, entendemos que devemos, após identificar as diferentes espacialidades e temporalidades presentes, realizar um movimento regressivo, de retomada histórico-geográfica, que busca abarcar as raízes da presença e da ausência, das continuidades e das discontinuidades desconstruídas da relação cidade-floresta nas feiras-livres e nas feiras de exposição de Marabá.

**CAPÍTULO 2 – A PRODUÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA DA RELAÇÃO
CIDADE-FLORESTA EM MARABÁ**

Iniciaremos uma retomada histórico-geográfica que nos permitirá construir continuidades e descontinuidades, capazes de desvelar diferentes e desiguais tempos/espços que se produzem atualmente as feiras-livres e as feiras de exposição de Marabá. A construção de uma geografia histórica nos levará a apreensão das raízes da realidade atual, esta que está em constante movimento dialético entre o passado, o presente e o futuro.

Para isso, realizamos levantamentos em livros, artigos e documentos oficiais. Isso nos possibilitou contextualizar o processo de formação do Município e das dinâmicas presentes da relação cidade-floresta que se realizam na mediação entre o local, o regional e o externo, entre a sua negação e resistência. Identificamos, assim, as raízes das atuais relações de trabalho, da vida cotidiana regional e da produção do espaço das feiras-livres e das feiras de exposição de Marabá.

2.1. Exploração, expropriação e (re)existência: do Burgo de Itacayunas a Marabá dos castanhais

Na Amazônia, durante muito tempo era retirado da floresta o necessário para a construção de abrigos, para a alimentação, para a produção de símbolos, ou ainda ela era utilizada como lugar de festa e de encontro. As práticas sociais e o espaço se produziam através da coexistência dessas experiências (OLIVEIRA, 2000).

Dessa maneira, a dinâmica do meio natural era um fator central para a produção do espaço e da vida social na região. Antigamente, segundo Santos (2008a), os homens escolhiam em seu entorno o que lhe podia ser útil para a renovação da vida. As técnicas, os usos e o trabalho tinham uma relação direta com a natureza e possuíam motivações, sobretudo, locais e de sobrevivência. Isto é, a sociedade local era, concomitantemente, criadora de técnicas e comandante do seu ritmo de vida e de produção do seu espaço. Ainda que o papel das trocas e intercâmbios pudessem existir e até mesmo, em alguns casos, ser crescente, o valor de uso era elemento central na constituição da vida social.

Porém, com as chegadas dos europeus na Amazônia, a sua dinâmica foi sendo transformada. Os objetos passaram a ganhar relevância por seu valor-de-troca e a exploração do espaço para fins econômicos passou a se configurar como um importante processo, solapando os costumes e a vida local (OLIVEIRA, 2000).

Assim, a partir do século XVII, o espaço regional começou a ser reorganizado e muitos povos tradicionais foram exterminados e/ou aprisionados, a exemplo de várias etnias indígenas (CASTRO, 2008). Foram criados aglomerados, vilas e povoados no local de algumas aldeias indígenas e também em outros pontos estratégicos do território, principalmente às margens dos principais cursos fluviais. Isso porque os corpos hídricos e a floresta, que antes eram indispensáveis para as sobrevivências e vivências da população local, passaram a ser indispensáveis também para a defesa, a ocupação e a exploração do território (TRINDADE JR.; SANTOS; RAVENA, 2005).

O povoamento da Amazônia se realizava de maneira nuclear, com pouca integração intra-regional, e estava ligado aos interesses externos, principalmente da metrópole Portugal (MACHADO, 1989). Assim, durante quase três séculos, após o início da colonização, o processo de criação de cidades e de sua dinamização na Amazônia foram incipientes, estando os aglomerados dispersos (OLIVEIRA; SCHOR, 2008).

O processo de urbanização da Amazônia começa a ganhar fôlego apenas a partir do final do século XIX, com a exploração do látex (MACHADO, 1999). Segundo Castro (2008):

Com a ascensão da economia da borracha, a malha de produção e troca de mercadorias estendeu-se por um território maior, abrindo novas áreas de povoamento. A rede que organizava a produção pré-existente foi a base da produção inicial da borracha, pois, em todas as bocas de igarapés e de rios com recursos e possibilidades de exploração, localizava-se um posto ou comércio que tinha a função de canalizar a produção agroextrativista trazida das terras interiores e de drená-la para os portos de cidades maiores, base da extensa rede de aviamento (CASTRO, 2008 p.17-18).

Tal rede, que fala a autora, dava-se a partir da compra e venda a crédito das mercadorias e no endividamento do trabalhador, ou seja, no que se denominou de sistema de aviamento. Por força da sazonalidade da extração da borracha, os coletores permaneciam seis meses inativos, portanto, sem remuneração. Essa restrição os tornava dependentes do crédito disponibilizado pelo comerciante local, em geral o próprio proprietário da unidade produtora (seringal), que era destinado à compra de alimentos e de bens de consumo básicos, o que, por certo, tinha a vantagem de reduzir o capital-dinheiro necessário para a implantação e sustento da atividade seringalista na região (MACHADO, 1999).

O espiral de endividamento mantinha os coletores presos à unidade produtora, evitando, até certo ponto, a mobilidade do trabalho no território e, em consequência, a competição entre os seringais pela força de trabalho (MACHADO, 1999). Assim, as relações de trabalho constituídas no período da borracha não foram das melhores, pois o sistema de aviamento era uma forma de “aprisionar” o trabalhador à atividade e a um patrão, explorando-o ao máximo.

Dessa forma, se, de um lado, esse sistema facilitava a expansão da atividade comercial, pois bastava ter crédito para o comerciante se estabelecer, por outro, dificultava a captação do excedente em cada lugar pela falta de monetarização, o que inibia a diversificação das atividades produtivas e produzia o processo de diferenciação e hierarquização funcional das aglomerações. O sistema de aviamento não era favorável à ampliação das trocas, tanto no interior das aglomerações como entre elas, pois era baixa a sua monetarização (MACHADO, 1999).

Nesse sentido, a economia da borracha na Amazônia embora seja remetida a uma visão de um período áureo, na verdade não enriqueceu a região, pois o excedente do valor produzido localizava-se nas pontas do sistema de aviamento, a Europa e o EUA, sedes das grandes firmas internacionais, e em Belém, e, posteriormente, em Manaus (TAVARES, 2008), cidades onde estavam localizadas as firmas exportadoras que escoavam a produção de borracha e mantinham ligações diretas com os grupos importadores internacionais (VELHO, 1972; CORRÊA, 1987).

Nesse contexto, as interações entre vilarejos, vilas e cidades, que antes eram restritas, passaram a ser importantes para a consolidação e expansão da divisão territorial do trabalho e da cadeia de exportação/importação extrativista da borracha (MACHADO, 1999). A circulação continuava se realizando pelos rios da região e a floresta continuava a aparecer como elemento central para a produção do espaço regional, seja por permitir a sobrevivência, material e imaterial, de inúmeros grupos sociais, ou pela sua importância econômica (GONÇALVES, 2001).

O crescimento econômico e demográfico das principais cidades da região, Belém e Manaus, proporcionado pela extração da borracha, demandou também a expansão da produção agrícola e da pecuária (VELHO, 1972). É nesse contexto que a frente pastoril proveniente do Maranhão e do norte de Goiás atingiu o sudeste paraense, instalando a colônia agrícola Itacayuna (Burgo do Itacayuna), em 1895, localizada a 8 quilômetros da foz do Rio Itacaiúnas (EMMI, 1999).

A criação do burgo teve como consequência o início do povoamento no sudeste paraense, uma vez que se estabeleceram famílias, casas e, aos poucos, desenvolveram-se povoados à margem esquerda do Tocantins, o que atraiu, inclusive, índios que habitavam as matas próximas e que trabalhavam principalmente como “carregadores de castanha” (EMMI, 1999). No entanto, desde sua fundação, o burgo passou por dificuldades. A descoberta do caucho e a insalubridade do local contribuíram decisivamente para o seu despovoamento e para a sua desagregação (EMMI, 1999). Isso levou a alteração da localização do Burgo, que passou a ocupar o pontal de terra formado na confluência dos Rios Tocantins e Itacaiúnas (VELHO, 1972; EMMI, 1999). Esse era um local estratégico, entre duas importantes vias de circulação, para o escoamento da produção e para a comercialização de diversos produtos, principalmente o caucho, na região (DIAS, 1958). Nesse momento aconteceu certa dispersão dos colonos que se espalharam pelo entorno, às margens dos rios, e pelos povoados e vilas vizinhos (EMMI, 1999).

É importante frisar que o território brasileiro foi, durante muitos séculos, um grande arquipélago, formado por subespaços que evoluíam segundo lógicas próprias, ditadas em grande parte por suas relações com o mundo exterior. Havia, sem dúvida, para cada um desses subespaços, polos dinâmicos internos, que articulavam determinada região. Estes, porém, tinham entre si escassa relação (SANTOS, 2009). Na Amazônia, isso não era diferente, o isolamento das cidades e povoados, acessíveis somente pelos rios, proporcionava a alguns o monopólio das representações políticas, das comunicações, dos transportes e do comércio baseado no extrativismo (EMMI, 1999).

Por possuir localização vantajosa, entre duas importantes vias fluviais, e por sua importância para o desenvolvimento da atividade de extração do caucho e dos fluxos regionais, Marabá era um desses importantes núcleos populacionais (VELHO, 1972; DIAS, 1958). Apesar disso, apresentava aspecto urbano miserável, característica que contrastava com a riqueza e esplendor da borracha (DIAS, 1958), reafirmando o discernimento de Tavares (2008): embora a economia da borracha seja associada a uma visão de um período áureo, na verdade não enriqueceu a região, ficando para a Amazônia os menores lucros, a grande exploração do trabalhador e os conflitos que daí surgiram.

Assim, a Marabá do início do século XX constituía-se, basicamente, um grande acampamento de caucheiros em que a maioria das energias eram canalizadas para a

extração e comércio do caucho, atividade econômica que convivia com a agricultura de menor porte (EMMI, 1999).

O caucho foi a base econômica de Marabá até a década de 1920, período que começou a se consolidar a chamada “crise da borracha”²⁰, que assolou a região amazônica até a década de 1960. Essa crise levou Marabá a reorganizar sua produção e comércio e uma nova atividade produtiva ganhou ênfase: o extrativismo da castanha-do-pará. Este foi o maior responsável por dinamizar economicamente e demograficamente Marabá, proporcionando a formação de uma oligarquia local. Nesse contexto, pela relevância que ganhou em meio à produção da castanha-do-pará e à crise da borracha, o núcleo urbano de Marabá foi elevado, em 1923, à categoria de cidade (VELHO, 1972); reafirmando, assim, a sua importância para a região e aparecendo como um dos principais entrepostos comerciais no sudeste paraense (VELHO, 1972)

No final da década de 1920, Marabá tornou-se o maior Município produtor de castanha-do-pará do Brasil. A extração desse produto se mantinha calcada na exploração da floresta, no sistema de aviamento e na circulação fluvial (EMMI, 1999). Para entender esse contexto político-econômico é importante destacar que a extração da castanha-do-pará sempre foi uma atividade desenvolvida na região, antes mesmo da crise da borracha, e servia, principalmente, para atender às necessidades alimentares da população e também de porcos e aves, sendo uma pequena parte exportada (VELHO, 1972).

Até o início da década de 1920, a exploração da castanha era livre no sentido da organização do trabalho sem dependência de um patrão e de acesso a terra (EMMI, 1999; VELHO, 1972). Essa atividade era desenvolvida principalmente por pequenos agricultores e castanheiros entre os meses de dezembro a junho, período da safra da castanha, e envolvia a família toda. O trabalho consistia em catar os ouriços dos vários pés dos castanhais naturais que se formavam na região, recolhendo-os em um cesto e, posteriormente, levando-os para as margens dos

²⁰ Na década de 1880, sementes e mudas de seringueiras, das quais era retirado o látex (goma elástica da borracha), foram distribuídos em partes da Ásia, que apresentava clima quente e úmido, semelhante à Amazônia. No período de 1911-1920, teve-se a produção racional da Ásia, que superou, em muito, a brasileira. Com a maior oferta de borracha no mercado internacional, seus preços diminuíram. Nesse contexto, verificam-se enormes falências de casas aviadoras, desemprego urbano, abandono dos seringais, crise de alimentos, obtidos, sobretudo, via “aviamento”, e aumento da dívida pública interna e externa (CORRÊA, 1987).

cursos fluviais, principais vias de circulação da época, para só assim transportá-los para as principais cidades da região (PATERNOSTRO, 1945), como Marabá.

Com a crise da borracha e com a concomitante valorização da castanha-do-pará no comércio internacional, a dinâmica dos castanhais livres foi sendo transformada. Tornou-se necessária a exploração ampliada desse recurso. Assim, ocorreu a expansão do sistema de aviamento para essa atividade e também o aprofundamento das relações entre a oligarquia local nascente e o poder político nacional. O governo federal teve um importante papel ligado à distribuição de títulos de terras de castanhais para a elite local, o que facilitava a sua exploração e controle. Os castanhais livres foram sendo, assim, transformados em privados (EMMI, 1999).

Nesse contexto, não ocorreram mudanças substanciais na organização do trabalho destinado à atividade extrativista exportadora, pois as relações de produção não se alteraram, havendo uma continuidade na utilização do sistema de aviamento. Além disso, toda a infraestrutura montada para a exploração da borracha foi transferida para o extrativismo da castanha (VELHO, 1972).

Os produtores diretos, ou seja, os castanheiros foram em grande parte expropriados e/ou transformados em trabalhadores a serviço da elite local. Os poucos que conseguiam fugir desse processo desenvolviam, principalmente, pequenas atividades na cidade de Marabá ou ligadas à agricultura na sua hinterlândia, garantindo a sobrevivência da família e comercializando os seus excedentes nessa cidade (VELHO, 1972; DIAS, 1958). Dessa forma, transformava-se a relação cidade-floresta em Marabá, ganhando destaque o capital comercial.

A dimensão econômica da interação cidade-floresta era tão forte que no inverno amazônico quando era a época da safra da castanha-do-pará, e os rios Tocantins e Itacaiúnas ficavam cheios e trafegáveis, a população da cidade de Marabá aumentava significativamente. Já na época de verão amazônico, ou seja, quando as águas baixavam e a castanha ficava na entressafra, essa população diminuía, migrando para outras localidades (VELHO, 1972).

Assim, as casas acabavam adquirindo um caráter sazonal, pois eram ocupadas somente durante o período de cata da castanha e de cheia dos rios, quando era possível, então, o escoamento da produção através dos trechos encachoeirados existentes no Tocantins (VELHO, 1972; DIAS, 1958). Elas eram, na maioria, construídas a partir de muito instinto e prática rudimentares, tendo no trabalho de transformar floresta em moradia seu caráter central (DIAS, 1958).

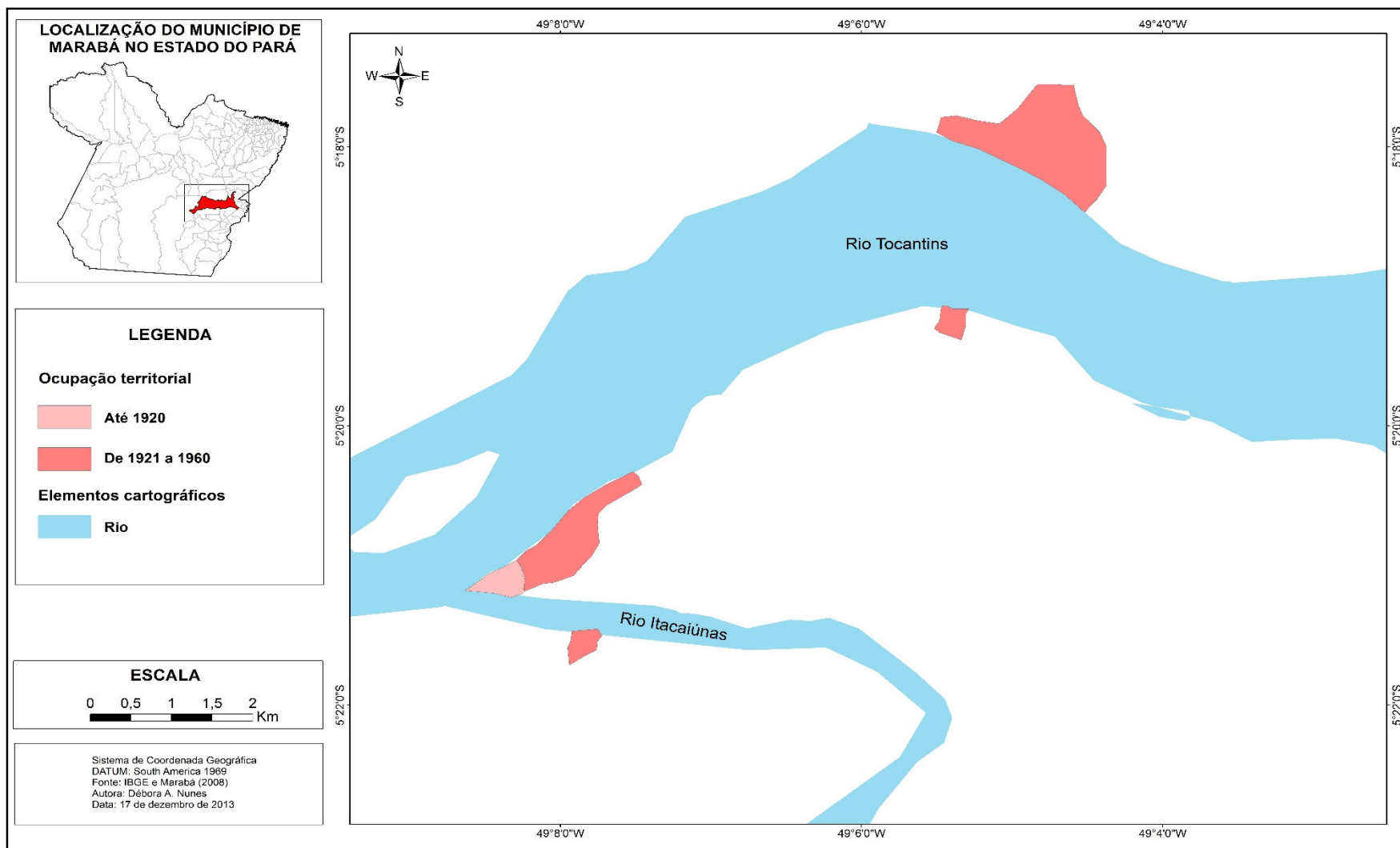
Apenas por volta da década de 1930 é que a população de Marabá começou a se fixar na cidade e na sua hinterlândia, principalmente porque se iniciavam, de forma modesta, as atividades mineradoras ligadas à extração de cristal de rocha e de diamantes dos fundos dos rios no tempo da sua seca (EMMI, 1999; VELHO, 1972), bem como ganhava importância uma agricultura de subsistência em terras marginais como a beira de rios, lagos e pequenas ilhas (VELHO, 1972).

Destaca-se também que a floresta não servia apenas como espaço de extração da castanha, ela marcava as relações na cidade e da cidade, e o imaginário da população na região. Seu ritmo produzia o tempo/espaço de Marabá. As formas de trabalho também não podem ser entendidas como reduzidas ao aviamento. Existiam na região pequenos agricultores que resistiram a esse processo de exploração da floresta e que mantinham ligações diretas, não só econômicas, com a cidade de Marabá (VELHO, 1972).

Nesse sentido, em 1931, foi inaugurado o mercado municipal, como parte das comemorações do primeiro aniversário do golpe militar de 1930 em Marabá. Esse espaço era significativo de outras relações cidade-floresta presentes na região, o qual concentrava a pequena produção extrativista e agroflorestal da hinterlândia, reunindo os habitantes da cidade e do entorno de Marabá (MARABÁ, 2010).

Também é importante ressaltar que até meados da década de 1960, o crescimento da cidade se dava predominantemente acompanhando os rios (mapa 03), confirmando a importância dos elementos naturais para o desenvolvimento das sociabilidades, das práticas sociais e da própria cidade.

Mapa 03: Evolução urbana de Marabá até 1960



Através da análise do mapa 03, identificamos que a cidade de Marabá até final da década de 1950 cresceu acompanhando os rios Tocantins e Itacaiunas, chegando a ocupar espaços como o Amapá, na margem esquerda do rio Itacaiúnas, em 1940; a fazenda Santa Rosa, em 1954, na margem esquerda do Tocantins; o Lote da Rampa na década de 1960, na margem esquerda do Tocantins; e o Geladinho e o São Félix, em 1963 e 1964, respectivamente, na margem direita do rio Tocantins (MARABÁ, 2008).

Nesse sentido, para além de sua localização à ribeira, entendemos que em Marabá as fortes relações diretas e indiretas com o mundo e o ritmo das águas e da floresta, apresentavam e produziam sociabilidades na qual as temporalidades ligadas à dinâmica da natureza e às espacialidades relacionadas aos usos, materiais e imateriais, da floresta produziam parte da vida cotidiana regional. Isso porque ela podia ser considerada uma “cidade da floresta” (TRINDADE JR., 2010a).

A maioria das cidades na Amazônia se caracterizava a partir de seus enraizamentos e ligações socioeconômicas e culturais com a escala geográfica local e regional. “Tais enraizamentos se traduzem, portanto, na relação das mesmas com o ambiente da floresta, não somente devido ao fato de estarem próximas a ela, mas por apresentarem interação funcional e simbólica com esse meio ecológico” (TRINDADE JR., 2014).

Com efeito, a relação cidade-floresta marcava a produção do espaço urbano e regional. A floresta servia como recurso econômico, primeiramente, com a extração das drogas do sertão e, posteriormente, da borracha e, no caso particular do sudeste paraense e de Marabá, também da castanha-do-pará. O sistema de exploração estava baseado na mão de obra local, de povos da floresta, e posteriormente no aviamento. Em menor intensidade, desenvolviam-se também a agricultura em conjunção com o extrativismo, sendo a floresta um espaço apropriado também para fins de sobrevivência, de construção de abrigos e de produção de objetos simbólicos.

Nesse contexto, a paisagem da cidade de Marabá era marcada por: canoas, trapiches, palafitas, caminhos entre o rio e a cidade e bancos feitos de madeira; castanha-do-pará; e árvores (foto 05 e foto 06).



FOTO 05 – CONCENTRAÇÃO DE PESSOAS E EMBARCAÇÕES NA RIBEIRA DE MARABÁ NO INÍCIO DO SÉCULO XX: era através da ribeira de Marabá que os principais produtos chegavam do interior da região ou saiam, principalmente, em direção ao porto de Belém. Imprimia-se assim através das canoas, de pequenos caminhos de madeira entre o rio e a ribeira, das coberturas de palhas das embarcações, que guardavam alimentos e/ou a castanha-do-pará, e da reunião de pessoas em baixo das árvores a paisagem dessa cidade no início do século XX.

Fonte: Marabá (2012).



FOTO 06 – A MARABÁ DO INÍCIO DO SÉCULO XX: as palafitas, as casas de barro e madeira, a rua de terra, os telhados de palha e a presença das árvores configuravam a paisagem do núcleo populacional de Marabá no início do século XIX.
Fonte: Marabá (2012).

É assim que a relação cidade-floresta encontra suas raízes na região da Amazônia oriental e do sudeste paraense. Fazendo-se presente, metamorfoseada e, às vezes, relativizada, até hoje na vida urbana regional (TRINDADE JR., 2010a; CASTRO, 2008). Com a abertura da fronteira econômica da Amazônia, a partir principalmente de 1960, tal relação foi novamente reestruturada. Nesse contexto, ganha importância, para além das atividades extrativistas, a mineração e a agropecuária, que negam a floresta, sendo o sudeste paraense e a cidade de Marabá diretamente afetados por esse processo (TRINDADE JR. *et al*, 2012; OLIVEIRA, 1990; COSTA, 2012b).

2.2 Reorganizando a relação cidade-floresta: mineração, agropecuária e resistências em Marabá

A partir de 1960, adota-se definitivamente no Brasil um projeto desenvolvimentista baseado na modernização, industrialização e urbanização do País. Os nexos econômicos, ligados tanto ao mercado externo quanto à crescente formação e expansão do mercado interno, passaram a ganhar enorme relevo, impondo suas dinâmicas à totalidade do território (SANTOS, 2009).

A indústria foi direcionada para bens duráveis e a agricultura recebeu incentivos para se modernizar por meio da tecnificação das grandes propriedades, criando condições de ampliação do mercado para o setor industrial produtor de insumos modernos. A proposta era incentivar a implantação de novas indústrias no País e, concomitantemente, aumentar a produção agrícola sem mexer na estrutura fundiária vigente (COSTA, 2012b).

Nesse contexto, a Amazônia aparece como fronteira do capital, onde os interesses dos grupos hegemônicos internacionais e nacionais encontrariam facilidades para a sua realização. Destaca-se que o Estado teve um papel determinante nesse processo, pois ele investiu na melhoria da infraestrutura e em mecanismos que facilitaram a implantação das grandes empresas na região. Era retirada a mata densa, considerada a principal barreira para o avanço da população e de alguns empreendimentos, como o da indústria de mineração, e construídas, principalmente, estradas que ligavam a Amazônia ao restante do País, facilitando os fluxos (BECKER, 1990).

Nessa região, a importância dos seus recursos foi redimensionada, da floresta como matéria-prima extrativista para incluir também o uso do subsolo, do potencial hidrelétrico e da terra, impondo uma estrutura fundiária marcada pela grande propriedade rural (CORRÊA, 1987). Assim, passava-se a negar, cada vez mais, as dinâmicas da floresta que antes organizavam o espaço regional e urbano. Isso porque as economias industrializadas pressionavam seus parceiros comerciais a se industrializarem e a expandirem seus mercados para novos produtos (LIPIETZ, 1988), sendo que no Brasil, a Amazônia aparecia enquanto espaço de possibilidade de ampliação do mercado interno e externo, além de produtora de alimentos para o mundo e de matéria-prima para as grandes indústrias (BECKER, 1990; CORRÊA, 1987).

Essa região brasileira recebe, então, objetos técnicos carregados de intencionalidades estranhas e dotados de uma força que jamais se viu, a serviço do que não estava aqui. Assim, o seu espaço é cada vez mais alienado e ditado por regras externas (SANTOS, 1998). Transforma-se a Amazônia a partir da inserção de “grandes objetos” (SANTOS, 2008a), como: as modernas plantas industriais; o novo sistema de circulação, estabelecido pelas rodovias e ferrovias; as modernas redes de telecomunicações; os novos sistemas portuários; a expansão da rede de energia elétrica, apoiadas na instalação de modernas hidrelétricas; a presença de grandes projetos econômicos e de infraestrutura; e, igualmente, as suas modernas cidades (TRINDADE JR., 2010a).

Esses “grandes objetos” artificiais têm como objetivo responder à necessidade de modernização da sociedade e do território, especialmente com vistas a atender às demandas associadas ao mercado nacional e internacional, que se impõe, em graus e maneiras diferentes, à Amazônia. Eles são repletos de intencionalidades do novo modo de produzir e de lógicas e dinâmicas cada vez mais estranhas ao lugar, ligadas diretamente à necessidade de fluidez, de expansão do capital e de exploração e negação da floresta (TRINDADE JR, 2010a; SANTOS, 1998).

A modernização da Amazônia revelou-se no acelerado crescimento do número de centros urbanos, na população ali assentada, nos valores e costumes urbanos que invadiram a região e nos seus objetos técnicos correspondentes (TRINDADE JR.; TAVARES, 2008). Difundem-se também as relações de trabalho formais e a produção capitalista, dispersa na floresta, no campo e na cidade (BECKER, 1990, 2004).

Nesse sentido, a política e os processos implementados na Amazônia romperam com a tradicional dinâmica regional mais atrelada às “cidades da floresta” e instaurou uma lógica hegemônica produtivista e de consumo do espaço, no qual a floresta tende a ser reduzida à sua dimensão econômica, dando sentido as “cidades na floresta” (TRINDADE JR., 2010a).

Trata-se, em sua maioria, de cidades que se tornaram bases logísticas para a reprodução do capital e que servem de apoio aos grandes projetos econômicos instalados na região. Difundindo e baseando-se em uma racionalidade econômica extrarregional, essas cidades estão voltadas para atender principalmente às demandas por recursos do mercado nacional e internacional (TRINDADE JR, 2010a).

É importante destacar que não se pode reduzir a complexidade das cidades da Amazônia a esses tipos ideais, “cidades na floresta” e “cidades da floresta”. No entanto, esses perfis não podem ser totalmente negligenciados, pois, em muitos casos, podem abrir caminho para o entendimento das dinâmicas presentes. Sempre tendo o cuidado de relativizá-los segundo a realidade estudada, destaca-se que nas cidades da Amazônia a dinâmica e o ritmo da floresta sobrevive, coexistindo, em graus e maneiras diferentes, com a sua apropriação capitalista, que pode se realizar também a partir de sua negação (TRINDADE JR., 2014).

Porém, cada vez mais, os interesses dos agentes hegemônicos ganham força e se fazem presentes, esmagando as dinâmicas que resistem entre a cidade e a floresta. Na Amazônia, em meados do século XX, os grandes projetos, apoiados pelo Estado, chegaram se apropriando de tudo, exportando tudo. A exportação era a palavra mágica que fez mover o processo de rapina identificado na região. Esse processo fascinou a burguesia nacional e soldou sua aliança com o grande monopólio internacional, abrindo caminho para santificar as estatais voltadas para os setores de exportação mineral, que sempre mantiveram uma relação muito próxima e de parceria com o capital privado. A modernização da Amazônia tem o rosto da expropriação dos recursos naturais, minerais, florestais, dos solos, do suor dos trabalhadores e das populações tradicionais (OLIVEIRA, 1990).

Para realizar seus objetivos e atender à demanda de modernização imposta ao País pelo capital, o governo modificou, à semelhança do que fez no Nordeste, as leis de incentivos fiscais para estender à Amazônia Legal os benefícios aos projetos agropecuários. Assim, visava-se a atrair investimentos de empresas e empresários de outras regiões. Para o governo, o extrativismo e a agricultura de pequena escala eram

sinônimos de atraso, motivo pelo qual era incentivada a vinda de grandes empresas para a Amazônia, principalmente as que tinham como principal atividade a agropecuária e a mineração, destruindo a floresta para transformá-la em pastos e/ou em áreas de exploração mineral (COSTA, 2012b). Reorganiza-se, então, a relação dialética entre cidades e floresta na região.

Demonstra-se claramente a preferência pelas grandes empresas diante da ocupação das terras na Amazônia. O conjunto de mecanismos de acesso a recursos através da política de incentivos fiscais e de facilidade de empréstimos geraram uma concentração de capital no setor agropecuário, aumentando também consideravelmente a concentração fundiária na região (COSTA, 2012b; OLIVEIRA, 1990).

Nesse contexto, o aumento da diversidade de atores, fruto das políticas governamentais, quebrou as estruturas de dominação vigentes, provocou modificações nas formas de gestão dos recursos naturais e, conseqüentemente, na configuração da paisagem local. Passa-se a se estabelecer às margens das estradas uma paisagem marcada pela uniformidade de pastagens artificiais (ASSIS; HALMENSCHLAGER; OLIVEIRA, 2009).

O sudeste do Pará foi uma das regiões que mais sofreram com esse processo de “ocupação”, concentrando os grandes grupos econômicos que se dirigiam à Amazônia (OLIVEIRA, 1990). Desde a década de 1960, essa região experimenta uma expansão econômica e demográfica elevada, que se intensificou principalmente com a instalação da grande indústria extrativa mineral e da atividade agropecuária. Em suas cidades as técnicas presentes e o modo de vida urbano se expandiram de maneira intensa (SILVA; DINIZ; FERREIRA, 2013). Assim, o grande capital passou a organizar de forma mais direta e relevante os processos e as dinâmicas que se rebateram nesse espaço.

Dessa maneira, a contribuição do sudeste paraense para o saldo positivo da balança comercial do Brasil, via exportação de minérios e de produtos agropecuários, fez com que essa região ganhasse destaque no cenário nacional e internacional (SILVA; DINIZ; FERREIRA, 2013). Assim, vários municípios foram criados e sua principal cidade, Marabá, ganhou destaque econômico e político no Estado do Pará (TRINDADE JR. *et al*, 2012).

Marabá deixa de ser, dessa maneira, apenas a terra dos castanhais, banhada por importantes vias fluviais (os rios Tocantins e Itacaiúnas), emergindo e ganhando

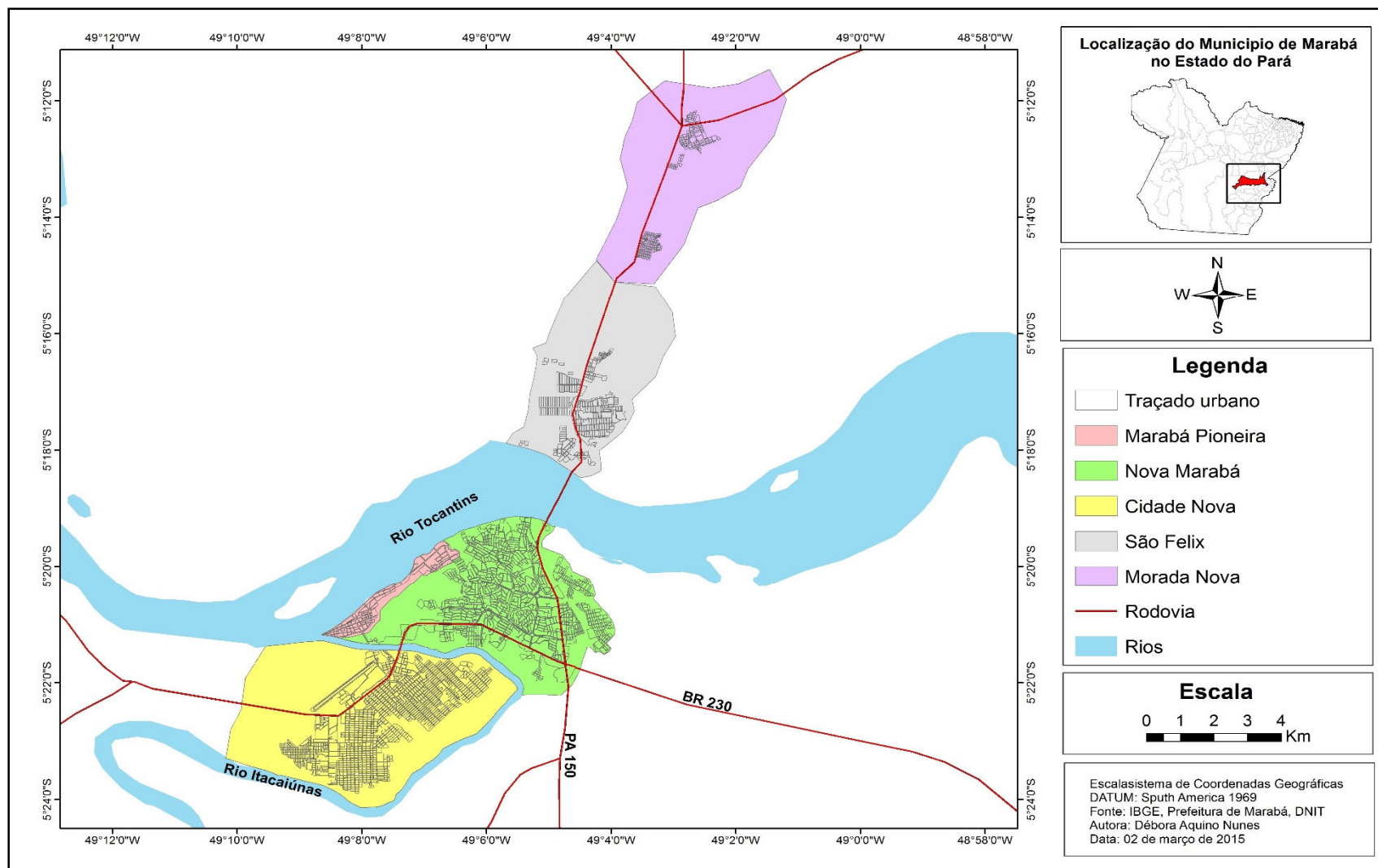
força em seu espaço os interesses do capital industrial e especulativo (EMMI, 1999). Nesse contexto, a sua estrutura de poder, apoiada no comércio e na exportação da castanha, foi alterada pelas mudanças que se traduziram em nível da terra, das relações de trabalho, da fidelidade partidária e de competição por crédito e por favores fiscais. Isso porque ocorre uma relativização da economia centrada no extrativismo da castanha-do-pará e no agroextrativismo de outros produtos em relação às novas atividades que passaram a comandar a economia regional, como a mineração industrial e a pecuária (EMMI, 1999; VELHO, 1972). Essas novas atividades se refletem e condicionam uma nova estrutura de poder, marcada tanto pelos remanescentes das antigas oligarquias locais, quanto pelos novos agentes político-econômicos, como os grandes grupos pecuaristas, os bancos, as empresas nacionais e as grandes corporações internacionais (EMMI, 1999).

Nesse contexto, observa-se um processo de reestruturação urbana de Marabá. O governo federal, em 1974, através da SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia) tenta implementar um núcleo urbano planejado em Marabá; intitulado Nova Marabá. Este núcleo tinha como objetivo abrigar as pessoas que eram afetadas anualmente pelas enchentes na Marabá Pioneira. Esse projeto não obteve o efeito esperado, pois grande parte da população preferiu continuar à beira-rio (MARABÁ, 2006), visto que suas relações, dinâmicas e práticas sociais estavam diretamente atreladas à dinâmica das águas e da floresta, que persistia na cidade.

No entanto, alguns estudos apontam que o seu real objetivo era criar moradias para abrigar grande parte da população que se deslocou para a região devido, principalmente, à explosão da atividade garimpeira, bem como desempenhar o papel de centro de apoio aos grandes projetos que estavam em desenvolvimento na região (ALMEIDA, 2008). Identificamos, então, que esse núcleo foi planejado levando em consideração principalmente as necessidades de Marabá já como “cidade na floresta” (TRINDADE JR., 2010a).

A Nova Marabá foi planejada em forma de castanheira, sendo entrecortada por duas novas e importantes vias de circulação regional, a rodovia Transamazônica e PA-150 (MARABÁ, 2006). Além dela, surgiram mais dois núcleos urbanos: a Cidade Nova, às margens da BR 230; e a Morada Nova, às margens da PA 150. Passando então a existir cinco núcleos urbanos na cidade, contando com a Marabá Pioneira e o São Félix, espaços mais antigos de Marabá, ambos localizados às margens do rio Tocantins (mapa 04).

Mapa 04: Núcleos Urbanos de Marabá



Através do mapa 04, percebemos a existência de cinco núcleos urbanos em Marabá. Os mais antigos, a Marabá Pioneira e o São Felix, estão localizados as margens dos rios que cortam a cidade; elemento importante para o processo de formação de Marabá. São Felix, atualmente, também é entrecortado pela PA-150, que exerce uma forte influência no seu traçado urbano. Já os núcleos mais recentes, Cidade Nova, Nova Marabá e Morada Nova, apesar de alguns também se localizarem próximos aos rios, sua ocupação é mais orientada para terra-firme, a qual as rodovias exercem um papel importante.

A expansão urbana de Marabá está ligada diretamente à sua importância dentro do contexto regional e internacional e à relevância que as rodovias assumiram dentro da nova organização da região. A lógica da estrada levou a uma nova ordem de produção do espaço urbano e regional solapado pela dinâmica do asfalto e da “modernidade”; lógica esta que está posta para a Amazônia e que se rebate na configuração socioespacial de suas cidades, e na relação dialética delas com a floresta (TRINDADE JR. *et al*, 2012; TRINDADE JR., 2014; GONÇALVES, 2001). Com efeito, essa lógica vem amiúde tomando conta da região em detrimento de uma temporalidade que nos remonta a apropriação da floresta e a sua conexão com os espaços da cidade, a qual os seus usos, materiais e imateriais, e ritmos de vida são cadenciados e as interações são principalmente endógenas e espontâneas (TRINDADE JR., 2014).

Na visão do regime militar, a construção de estradas, além de conectar a Amazônia às regiões mais dinâmicas do país, também indicava as futuras rotas para a mineração em larga escala e a interiorização da indústria. Apesar da descoberta das jazidas de ferro do Carajás datarem do início dos anos 1960, foi somente duas décadas depois que a atividade de mineração ganhou destaque na região. Nesse sentido, o governo implantou, como uma de suas prioridades, o Projeto Grande Carajás (PGC); este que tinha em Marabá uma das principais cidades de apoio (BECKER, 1990).

Esse projeto possibilitou um regime especial de incentivos para grandes empreendimentos na região, como a criação da ferrovia e do corredor de exportação de Carajás, a exploração mineral da Serra do Carajás, a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí e outras atividades econômicas (agricultura, pesca, pecuária e agroindústria) consideradas importantes para o dinamismo econômico da região (BRASIL, 1980).

Nesse contexto, o Estado incentivou a construção da linha rodoferroviária do Carajás e implantou em Marabá a ponte rodoviária sobre o rio Itacaiúnas e a ponte mista (rodoferroviária) sobre o rio Tocantins. Assim, as temporalidades e espacialidades ligadas à velocidade da mercadoria ganharam ainda mais força. Esses projetos e ações negam a floresta e reafirmaram os ideais e os valores modernos de rapidez e de relações fugazes, povoando o imaginário e a vida cotidiana regional.

É assim, interligados, que os processos produtivos, os objetos modernos e os símbolos do capital começaram a ganhar força na região. Visa-se, com isso, inserir, enquanto dimensão da vida cotidiana, a racionalidade econômica em detrimento das outras dimensões sociais. Isso vem trazendo um aumento na burocratização e na organização metódica do cotidiano, pelas quais se constroem a rotina repetitiva e não criativa, juntamente com a vigilância e o controle de uma falsa qualidade total ligada às necessidades do capital dentro e fora do ambiente de trabalho (CASTRO, 1999).

Entretanto, mesmo em face da expansão da globalização, na Amazônia conserva-se alta a parcela da população que recorre a formas alternativas de organização do trabalho e da produção. Parte da população sobrevive através dos seus conhecimentos tácitos e da longa tradição, enraizada na prática social e no substrato real, produzida também pela dinâmica da floresta (COSTA, 2012a; SILVA, DINIZ e FERREIRA, 2013).

Dessa forma, para entender como se apresenta a relação cidade-floresta em Marabá em face dos novos processos de exploração regional, deve-se também levar em consideração as relações de trabalho dos grupos hegemônicos (CASTRO, 1999). Dessa forma, entendemos que as feiras-livres aparecem na cidade de Marabá como espaços organizados e utilizados por uma boa parte da população que visa principalmente sobreviver, e onde residualmente, mais que nas feiras de exposição, está presente a relação cidade-floresta.

As primeiras feiras-livres de Marabá datam da década de 1970, época em que ocorreu uma expansão da malha urbana local. Surgem, então, a feira das Laranjeiras e a feira da 28, localizadas na Cidade Nova e Nova Marabá, respectivamente. Posteriormente, surge também a feira Miguel Pernambuco, mais conhecida como feira do quilometro 6, a do quilometro 7, na Nova Marabá; assim como as feiras do pequeno agricultor e da Velha Marabá, em núcleo homônimo desta.

A relação cidade-floresta nas feiras-livres diz respeito tanto à reprodução material da vida, através da geração de renda e da disponibilidade de alimentos mais

baratos, quanto simbólica, através da permanência de sociabilidades próximas e do reconhecimento mútuo entre os agentes, permitindo a troca de histórias e estórias, de conhecimentos e de objetos entre cidade e floresta. Porém, essa dinâmica vem sofrendo forte pressão. As novas lógicas de produção e consumo dos alimentos invadem a organização desses espaços, que passam a se ligar mais as dinâmicas externas, do que ao agroextrativismo e às dinâmicas regionais. Isto é, os grandes agricultores brasileiros e as redes de supermercados, agentes ligados ao circuito superior, ganham enorme relevância na organização do espaço das feiras-livres. Dessa maneira, em Marabá, o circuito superior estende suas garras e se conecta cada vez mais à organização dos espaços do circuito inferior, relativizando o papel dos agentes hegemônicos e de sua produção e consumo.

Ademais, o mercado municipal de Marabá foi desativado na década de 2000, apesar de ser o principal espaço que marcava historicamente a relação dessa cidade com a floresta. O que está posto para cidade de Marabá em relação a um espaço específico que concentre o pequeno comércio de produtos alimentícios, são suas feiras-livres.

Entendemos também que nem sempre a produção dos pequenos agricultores leva em consideração a importância da floresta. Historicamente, esta tinha que ser derrubada para demarcar o uso e a propriedade das terras na região (HURTIENNE, 2005). E até mesmo na feira do pequeno agricultor, espaço onde a relação entre cidade e entorno é mais estreita, os produtos extrativistas são minoria, comparados aos oriundos da pequena agricultura.

Em relação às feiras de exposição, elas passam a se organizar na cidade a partir da década de 1970, com a I Exposição Agropecuária de Marabá, a primeira feira desse tipo desenvolvida em Marabá. Ela deu origem à atual EXPOAMA e nasceu voltada para atender às exigências e às necessidades da nova elite fundiária regional e também para promover a sua confraternização.

Posteriormente, no final da década de 1990, a EXPOAMA se transforma em espaço-vitrine e no principal evento do mundo rural/country realizado na região. Seus objetivos passaram a englobar também a expansão do comércio e de símbolos do novo rural a toda a população regional²¹. Atualmente, essa feira é um dos principais espaços que disseminam novos valores e inserem novas técnicas e informações

²¹ Informações concedidas pelo Sindicato dos Produtores Rurais em julho de 2013

ligadas à agropecuária moderna, negando, muitas vezes, as relações cidade-floresta na região.

Além disso, com a importância que ganha a mineração no sudeste paraense na década de 1980, surge outra importante feira de exposição na cidade de Marabá, a Feira da Indústria, Comércio e Arte de Marabá (FICAM). Este espaço foi modelado segundo critérios de eficiência e racionalidade que comandam o processo técnico-científico-informacional moderno e que necessitam de um discurso e de locais que o difunda. A feira foi fundamental na medida em que reafirmou a ligação de Marabá com as dinâmicas modernas²².

Percebemos, então, o crescimento de feiras-livres concomitantemente a organização das feiras de exposição em Marabá, bem como o avanço das racionalidades que reduzem e negam a floresta com as resistências e as contraracionalidades tímidas que ainda possuem na floresta o seu lócus de vida, de vivência e de renda.

Dessa maneira, na dialética entre negação e reafirmação e também entre processos mais longínquos e mais endógenos é que identificamos as raízes da coexistência de tempos e espaços que hoje constituem parte da relação cidade-floresta em Marabá. Assim, iremos a partir daqui analisar os circuitos da economia e a vida cotidiana organizada e produzida nas feiras de exposição e nas feiras-livres de Marabá; espaços representativos das mudanças e permanências de tal relação, bem como de suas novas possibilidades.

²² Informações concedidas pela Associação Comercial e Industrial de Marabá (ACIM) em novembro de 2014

**CAPÍTULO 3 – OS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA E A VIDA COTIDIANA:
ENTRE AS FEIRAS-LIVRES E AS FEIRAS DE EXPOSIÇÃO DE MARABÁ**

Para entender a atual relação cidade-floresta traduzida nas feiras de exposição e nas feiras-livres de Marabá, apresentaremos neste capítulo reflexões alcançadas com base nas informações obtidas durante os trabalhos de campo realizados em diferentes momentos nesses espaços. Os dados que serão apresentados a partir deste momento foram coletados através da observação sistemática da paisagem, em diferentes horários e dias da semana, no caso das feiras-livres, e todos os dias em todos os períodos de funcionamento da EXPOAMA; de levantamentos nos principais jornais da cidade de Marabá, principalmente relacionados às feiras de exposição; e de entrevistas semiestruturadas gravadas com representantes das feiras-livres e das feiras de exposição, com frequentadores e feirantes desses diferentes espaços, além dos principais atravessadores das feiras da 28 e das Laranjeiras²³.

Estes procedimentos proporcionaram levantar dados que tratam da relação dialética entre Marabá e a floresta. Assim, identificamos e analisamos os circuitos da economia que caracterizam esses espaços levando em consideração a tecnologia, a informação, o capital e o trabalho, bem como as suas diversas espacialidades e temporalidades que produzem e são produtos da relação cidade-floresta presente ou ausente na região.

Lembramos aqui que o método de pesquisa que utilizamos é qualitativo. Sendo assim, o nosso critério de seleção e de quantidade de entrevistas foi baseado na escolha dos indivíduos mais representativos, que se destacam em diferentes escalas no âmbito da produção e organização social desses espaços. As visitas de campo ocorreram em julho de 2013, em julho de 2014, geralmente durando 15 dias, e do final de agosto a meados de dezembro de 2014.

É interessante destacar que na EXPOAMA entrevistamos os frequentadores em todos os setores da feira. Em relação às feiras-livres, nas Laranjeiras e na 28, as entrevistas com frequentadores foram realizadas tanto dentro da estrutura construída pelo poder público para os feirantes, como no seu entorno. Identificamos que nestas

²³ Ao todo foram realizadas 2 entrevistas com o Sindicato dos Produtores Rurais de Marabá (SPRM), a primeira com o seu tesoureiro e organizador da EXPOAMA e a segunda com o seu presidente; 1 entrevista com o vice-presidente da Associação Comercial e Industrial de Marabá (ACIM); 11 entrevistas com as principais empresas participantes da EXPOAMA; 13 entrevistas com os frequentadores da EXPOAMA; 2 entrevistas com os maiores atravessadores das feiras-livres, um das Laranjeiras e outro da feira da 28; 2 entrevistas com os presidentes das entidades representantes dos feirantes, um da feira da Laranjeiras e o outro da feira do pequeno agricultor; 1 entrevista com o ex-presidente da associação da feira da 28, já que a atual presidente não pôde conceder entrevista por motivo de doença ou porque não se encontrava na cidade; com 13 feirantes, sendo 4 na feira da 28, 4 na feira do pequeno produtor e 5 na feira das laranjeiras; e com 13 frequentadores das feiras-livres, sendo 4 na feira da 28, 4 na feira do pequeno agricultor e 5 na feira das Laranjeiras.

feiras, de segunda-feira à sexta-feira, os feirantes são principalmente os moradores da cidade, e é forte a presença de atravessadores. Aos finais de semana, por seu turno, a população da floresta se dirige à cidade ficando ao redor das feiras livres; ambos feirantes, citadinos e moradores do campo e da floresta presentes, foram entrevistados.

Na feira do pequeno agricultor, que acontece somente aos sábados, as entrevistas com os feirantes foram realizadas às sextas-feiras, um dia antes da realização da feira, na casa de apoio destinada aos agricultores familiares de Marabá, e também aos sábados, durante e após a realização da feira-livre. Os frequentadores desse espaço foram entrevistados aos sábados enquanto acontecia a feira.

Todos os feirantes foram entrevistados segundo o maior tempo de trabalho e conhecimento das dinâmicas das feiras. Já os frequentadores foram selecionados segundo a indicação dos feirantes e também da maior frequência de participação da feira.

Apresentaremos, então, sistematizações em quadros que serão analisados levando em consideração o contexto regional no qual a cidade de Marabá está inserida, a sua localização estratégica e as relações desenvolvidas com o seu entorno e também com espaços e lógicas mais longínquas. Com isso, apontaremos elementos de mudança e de permanência da vida cotidiana e dos circuitos da economia urbana que nos remetem à atual relação cidade-floresta desenvolvida, ou não, na produção e organização das feiras-livres e feiras de exposição de Marabá.

3.1 O circuito inferior da economia e a vida cotidiana: a importância do trabalho, da floresta e das vivências para as feiras-livres de Marabá

Para entender como se apresenta a relação cidade-floresta na Amazônia oriental é necessário levar em consideração o atual contexto e os novos processos de exploração regional, que relativizam a importância da floresta para a reprodução de inúmeros grupos sociais. Em Marabá, tal processo atinge até as suas feiras-livres, espaços organizados pelo circuito inferior da economia, que vêm negando cada vez mais a importância da relação cidade-floresta. Isso significa compreender que essa transformação não se explica somente por uma divisão territorial do trabalho e pela presença de um sistema técnico hegemônico que dominam os fixos e fluxos atrelados

ao circuito superior. Existem, então, sobreposições de capital, tecnologia e organização do trabalho (SILVEIRA, 2010; SANTOS, 2008a, 2008b) que vêm sendo englobadas pelas atuais dinâmicas do processo de globalização.

A feira-livre tem sua constituição histórica baseada no excedente de produção. Como afirmara Marx (1983), ela está diretamente ligada à divisão social do trabalho, que aumentou a produção e levou ao surgimento de diversas funções especializadas à sociedade. Nesse contexto, passou a ganhar força o intercâmbio das mercadorias em certos lugares. O excedente da produção era trocado por outros produtos e posteriormente por dinheiro nas cidades. Assim, surgem os mercados e as feiras, lugares onde se poderiam encontrar as mercadorias que se necessitava ou mesmo que não se pudesse produzir.

No Brasil as feiras são heranças, em certa medida, da tradição ibérica (também de raiz mourisca), posteriormente mesclada com práticas africanas (MASCARENHAS; DOLZANI, 2008). Elas surgem há centenas de anos após a colonização brasileira, sendo os seus primeiros espaços organizados a partir dos conhecimentos e práticas de povos europeus e africanos. Embora as primeiras feiras tenham sido criadas através de posturas ou alvarás oficiais, a sua grande maioria surgiu às margens das legislações específicas (MOTT, 1979). Elas estão presentes na maioria das cidades e desempenham ainda hoje um papel relativamente importante para o abastecimento de alimentos (MASCARENHAS; DOLZANI, 2008) e para as sobrevivências das populações que pouco conseguem se inserir nos processos modernos (SANTOS, 2008b, 2009).

Atualmente, na Amazônia, as feiras-livres se apresentam como formas alternativas de organização do trabalho, da produção e da circulação de mercadorias. Como espaços que não podem ser reduzidos à dimensão econômica, elas são lugares de encontro, onde as trocas de mercadorias ocorrem simultaneamente a uma troca simbólica, envolvendo vivências e experiências diversas de sentir a Amazônia (SILVA; MALHEIRO, 2005)

Em relação às formas de trabalho desenvolvidas nas feiras-livres da região, uma importante contribuição é o trabalho de Silva e Castro (2013), que desenvolveram um estudo ligado às atividades agroextrativistas nas feiras, mercados e portos de Belém. Tais atividades são entendidas como

forças produtivas na transformação dos recursos extraídos da natureza em *bens de consumo e de troca*, atribuindo-lhes valor econômico, com a inserção

no mercado para uso alimentar, medicinal, ornamental, artesanal, como matérias-primas e outros (SILVA; CASTRO, 2013, p. 110, grifo das autoras).

Sena (1998), por sua vez, analisa o papel do setor informal para a economia local e para a mão de obra que está, muitas vezes, fora do mercado de trabalho. A autora discute as relações de trabalho informais²⁴ no comércio ambulante de alimentos como parte integrante do sistema capitalista. Amaral (2013) analisa a inserção das feiras de Marabá (PA) e Macapá (AP) no circuito espacial de produção, enfatizando o circuito inferior da economia e as redes de relações produzidas entre as feiras e o espaço regional para o abastecimento e configuração das cidades. Ambos os estudos nos ajudam a entender a dimensão econômica e estrutural das feiras-livres na Amazônia.

Seguindo um pouco também nessa perspectiva, Pinto (2004) realiza um estudo sobre a inserção da feira-livre de Cametá na dinâmica desse Município a partir da teoria dos circuitos da economia, mais especificamente das lógicas e organização do circuito inferior. Realiza-se uma análise da relação capital-trabalho-espaço para compreender a importância da feira-livre.

Para entender as relações, dinâmicas e processos econômicos e também simbólicos que produzem as feiras-livres analisamos o trabalho de Paixão (2007). Esta autora procurou compreender a relação existente entre a feira de Vigia e as dinâmicas mais gerais da economia capitalista, sem com isso desconsiderar aquela enquanto espaço de encontro, onde as inter-relações pessoais acontecem, estimulando a noção de pertencimento. Medeiros (2010), por seu turno, analisa as feiras-livres existentes no Município de Belém, com ênfase na localização geográfica, na formação histórica, na quantidade de feirantes e na diversidade de produtos comercializados nas feiras-livres, bem como também através da dimensão cotidiana que se expressa a partir da existência de uma “solidariedade orgânica²⁵” entre os

²⁴ A formalidade e a informalidade estão muito mais ligadas à questão de uma atividade estar ou não regulamentada pelo poder público. Por sua vez, o que configura os circuitos da economia são, principalmente, a tecnologia, a organização do trabalho e os comportamentos. No circuito inferior, a informalidade pode ser um dos seus aspectos, mas ele não se reduz a isso, podendo possuir atividades que são autorizadas e reguladas pelo poder público, como as pequenas mercearias e as padarias. O estudo dos circuitos da economia urbana deve ser muito mais amplo do que o binômio legal e ilegal (SANTOS, 2008b).

²⁵ Relaciona-se a solidariedade orgânica a uma ordem local, com base numa interação estabelecida pelos objetos contíguos de um subespaço, podendo ser vista como uma continuidade, em virtude do papel persistente e indispensável que possui o meio geográfico imediato. Ela é organizada pela existência comum dos agentes que exercem ações sobre um território também comum. Essa ordem é cada vez mais relativizada pela força da que assume, no atual período, a solidariedade organizacional. Esta corresponde torna o espaço cada vez mais racional

diferentes atores partícipes do dia-a-dia da feira e pelo reforço das tradições e dos costumes locais.

Malheiro (2006), ao analisar o Porto do Açaí em Belém e sua feira-livre, apresenta-o como espaço onde se realizam as trocas econômicas e, concomitantemente, produzem-se relações de reconhecimento. A feira-livre é o espaço do encontro da diferença, capaz de fazer surgir novas possibilidades de expressar a vida urbana em sua totalidade e complexidade, isto é, na coexistência de diversas temporalidades e espacialidades.

Assim, entendemos que as feiras-livres de Marabá são espaços representativos do circuito inferior da economia, sendo resultados indiretos da modernização amazônica e parte da lógica de produção do capital, organizada a partir da importância do trabalho intensivo, do pouco uso das técnicas, aparecendo enquanto lócus de sobrevivência de uma parte relevante da população de baixa renda, tanto de vendedores que tiram o sustento das trocas materiais realizadas, quanto dos consumidores que podem comprar fiado²⁶ e a retalho apenas o essencial para a manutenção de suas vidas; bem como, são espaços onde a vida cotidiana se realiza, numa mediação entre existir e resistir, viver e sobreviver.

As primeiras feiras-livres de Marabá datam da década de 1970 e, atualmente, estão concentradas em três núcleos urbanos, a saber: Marabá Pioneira, Nova Marabá e Cidade Nova. Isso porque eles são os mais importantes da cidade, concentrando o comércio, o serviço e as instituições públicas. Além disso, salientamos mais uma vez, que iremos analisar apenas as principais feiras-livres de cada núcleo, a saber: a feira das Laranjeiras, no núcleo Cidade Nova; a feira da 28, na Nova Marabá; e a feira do pequeno agricultor, na Velha Marabá.

Para Montenegro (2006), analisando a metrópole de São Paulo, nos espaços do circuito inferior, um contingente populacional considerável encontra abrigo para a sua reprodução. Os fluxos e a acessibilidade dada pelos transportes a esses espaços são fundamentais, pois eles concentram normalmente um grande fluxo de pessoas. É a grande circulação das massas, combinada com um meio construído “desvalorizado”,

e corresponde a um sistema de objetos esparsos, obedientes à lei de acumulação global, viabilizada pelo avanço da técnica, da informação e da ciência (SANTOS, 2011, 2008a).

²⁶ Crédito pessoal direto fornecido pelo vendedor ao consumidor em forma de mercadoria, ou seja, o produto vendido ao consumidor, que só pagará por ele dias ou semanas depois. Esse tipo de prática se realiza, principalmente, quando consumidor e vendedor possuem certo vínculo e é indispensável para a sobrevivência da população de baixa e renda e do estabelecimento comercial do circuito inferior da economia (SANTOS, 2008b).

que autoriza a presença de uma série de estabelecimentos do circuito inferior da economia (MONTENEGRO, 2006).

Relativizando isso para a realidade de uma cidade média amazônica, concordamos com a autora ao dar ênfase à importância da acessibilidade, do meio construído normalmente “desvalorizado” e ao trabalho e consumo para a caracterização do circuito inferior. Porém, em Marabá não existem grandes terminais de transporte. O acesso às feiras é realizado principalmente pela população do núcleo em que ela se encontra, sendo que o trajeto entre residência e feira é realizado a pé, economizando o dinheiro que seria gasto em transporte. Algumas exceções são identificadas, como das pessoas que, por possuírem uma forte relação com os feirantes e/ou que trabalhem próximo das feiras, deslocam-se a esses espaços localizados em outros núcleos longe de suas moradias.

Em relação ao meio construído, a paisagem das feiras é marcadamente improvisada. As barracas muitas vezes têm que ser montadas e desmontadas no mesmo dia, como na feira do agricultor (foto 07), ou estão sucateadas devido ao tempo e ao material utilizado, como madeira e lonas, nas feiras das Laranjeiras e da 28 (foto 08 e foto 9). Alguns pontos de venda são improvisados, sendo necessário apenas uma mesa ou um caixote, de madeira ou de plástico (foto 10). Objetos também são reutilizados fora de sua função original. Até mesmo um pano estendido no chão (foto 11), uma bacia e um banquinho são suficientes para demarcar o espaço e comercializar a produção. Antenas parabólicas viram mesas para expor os produtos. No circuito inferior, os estoques são pequenos e um pequeno espaço pode ser o suficiente para guardar e vender os produtos (SANTOS, 2008b).

Podemos identificar, então, que a criatividade, a apropriação de objetos fora da sua função original marcam a materialidade presente nas feiras-livres de Marabá. Nesses espaços, o feirante é sujeito ativo capaz de se adaptar, juntamente com o seu meio, ao contexto imposto. Mais que a acumulação, é a sobrevivência e a criação que importa.

Assim, segundo os representantes ou ex-representantes das feiras-livres de Marabá, esses espaços possuem como objetivos principais facilitar e fornecer condições para sobrevivência de diversos grupos sociais, da cidade e da floresta, e de formas de trabalho alternativas (quadro 02).



Foto 07: BARRACAS DA FEIRA DO AGRICULTOR: todo sábado de madrugada, barracas são montadas na rua 7 de junho para acomodar os feirantes/produtores rurais. Algumas barracas já estão tortas e um pouco oxidadas. Alguns feirantes também utilizam guarda-sol e mesas para demarcar seu espaço e expor com mais organização a produção. Outros se encontram em baixo das árvores com cestos e isopores carregados de produtos, como: frutas regionais, verduras, hortaliças, polpa de frutas e galinha caipira.

Autora: Débora Aquino Nunes, 2014.



FOTO 08: CASAL CONSERTANDO A BARRACA NA FEIRA DAS LARANJEIRAS: com o tempo, as estruturas de metal das barracas e as suas lonas vão se deteriorando. Como o “capital” dos feirantes não é grande, o improviso e o conserto se tornam importantes. Assim, tenta-se remendar a lona e inventar uma estrutura que a segure melhor, protegendo tanto o feirante quanto os produtos do sol e da chuva.

Autora: Débora Aquino Nunes, 2014.



FOTO 09: BARRACAS NA FEIRA DA 28: a feira da 28 é composta por barracas de diferentes formas e tamanhos. Os sacos amarelos, que servem para colocar as mercadorias, muitas vezes mudam de função. Eles são amarrados na parte superior das barracas para sustentar a cobertura. Assim, dificulta-se que a água da chuva fique empoeada e rompa a proteção de lona.
Autora: Débora Aquino Nunes, 2014.



FOTO 10: CAIXAS, CAIXOTES, BACIAS E MESAS NA FEIRA DO PEQUENO AGRICULTOR: o improviso e o colorido marcam a paisagem da feira do agricultor. Os caixotes verdes, roxos, vermelhos e azuis, servem para guardar e para expor a produção, além de serem utilizados como bancos. As bacias também são importantes objetos para os feirantes. Nelas os “cheiros-verdes” ficam alocados com as suas raízes emersas na água, mantendo a sua beleza e frescos. Pequenas mesas de madeira, fabricadas pelos próprios feirantes, também são de grande utilidade para a organização dos produtos. Autora: Débora Aquino Nunes, 2014.



FOTO 11: JERIMUNS EXPOSTOS EM CIMA DE TAPETE NA FEIRA DAS LARANJEIRAS: como agentes do circuito inferior da economia, os feirantes não possuem grande “capital”. Às vezes, não se conseguem nem montar uma barraca. A improvisação mais uma vez chama a atenção. Para demarcar o lugar na feira e conseguir acomodar seus produtos, alguns feirantes utilizam objetos simples, como os tapetes.

Autora: Débora Aquino Nunes, 2014.

Quadro 02: Objetivos da feira-livre segundo os representantes ou ex-representantes dos feirantes

Feira	Informante	Entrevista
Feira do pequeno agricultor	Informante 01	<p>O principal objetivo nosso, inclusive, é duas coisas: caçar uma forma de ajudar aqueles trabalhador que estão lá na ponta, que as vezes produzem, aí se alimenta e sobra, mas acaba perdendo lá, né?! Não tinha para quem vender e acabava se perdendo!; e a outra coisa, a segunda coisa, é para ser um demonstrativo, não só para a sociedade, mas também para alguns políticos, de mostrar que a reforma agrária de fato funciona, entendeu? Desde que tenha uma pessoa que tenha interesse de ela ter um desenvolvimento e ela funcione! Então, isso foi uma visão nossa, que a gente tem até hoje! (representante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marabá e ex-coordenador da feira do pequeno agricultor, 40 anos).</p>
Feira das Laranjeiras	Informante 02	<p>O principal objetivo dessa feira é a subsistência. É para o pessoal... a população da zona rural trazer os produtos para cá para vender e as pessoas que mora aqui mesmo na cidade que tira seu sustento daqui da feira... Que vende aqui. A comunidade do bairro se beneficia também, por quê? Porque está tudo próximo de casa. É só sair e vim aqui e aí aqui ele vai encontrar tudo, né? Ele vai encontrar desde comida, galinha, peixe, cereais, o açaí, encontram tudo aqui! Então... é importante, é muito importante esses produtos! É importante a feira para o pequeno produtor que vive da extração. Tem também muita horta na região que tão trazendo para cá o produto. Final de semana você vai vim aqui e vai ver que tem muito alface, chicória, couve, cheiro-verde, tem tudo e é tudo retirado de hortas daqui do entorno, de vilas aqui perto de Marabá, que eles tiram lá e trazem para cá [...]. É importante, por quê? Porque a comunidade ela quer um produto que tenha origem, um produto que ele tá sabendo que tem procedência. Até o relacionamento... Se cria um relacionamento entre o produtor e o consumidor aqui, que todo final de semana tá comprando e já conhece quem traz o que, já bate um papo, já conhece todo mundo também. Ele já passa a procurar aquela pessoa que tá trazendo porque ele compra aquele produto, aquele produto ele conhece e conhece a pessoa e sabe como a pessoa manipula aquele produto. O objetivo é isso também, é gerar a renda tanto para o consumidor, que economiza, quanto para o transporte. Vai gerar porque o transportador vai ganhar também, como para o agricultor. Então, a renda que gera isso tudo. Então, todo mundo pega um pouco desse dinheiro. É importante por que também? Porque tá dando oportunidade para as pessoas que trabalham e que vivem na</p>

		cidade e que trabalham na terra, para ele poder plantar, colher, vender e aí comprar umas coisinhas, mais tarde ele comprar uma vaquinha e aí ele vai vender e com isso vai podendo sustentar a família (feirante e representante da Associação da feira das Laranjeiras, 49 anos).
Feira da 28	Informante 03	Acho que o principal objetivo dessa feira é gerar renda para a população de baixa renda da cidade. Nós feirantes também tem família, também tem despesa. Aqui serve pra isso, pra facilitar nossa vida e pra garantir nosso sustento! Também tem o pessoal da cidade que pode vim aqui encontrar algumas coisas mais baratas, encomendar alguma coisa, já conhece a gente. Então é isso! O objetivo é esse... Um lugar que garante o nosso trabalho e nosso dinheiro (feirante e ex-coordenador da feira da 28, 63 anos).

Fonte: Trabalho de campo realizado em julho de 2013 e de agosto a dezembro de 2014.

Elaboração: Débora Aquino Nunes.

Através do quadro 02, identificamos que para o informante 01, os objetivos principais da feira do pequeno agricultor são: a) facilitar o comércio do excedente da produção dos trabalhadores rurais, e; b) demonstrar que a reforma agrária pode funcionar desde que se tenha interesse e se lute por ela. O objetivo, então, não é só econômico, mas de afirmação de um grupo social hegemônico em face da modernidade esmagadora que nega a reforma agrária.

Para o informante 02, o principal objetivo da feira das Laranjeiras é prover a sobrevivência dos grupos sociais citadinos e do campo. Tal espaço facilita o escoamento da produção do entorno, pois para ele é destinada e comercializada a produção das hortas e lavouras da região; oferece trabalho para alguns; e também proporciona uma maior comodidade e diversidade de produtos para os frequentadores. Estreitam-se as relações entre cidade e entorno, criando reconhecimentos e confiança mútua entre produtor e frequentador. Os consumidores economizam ao adquirir produtos mais baratos, os atravessadores ganham com o transporte e os feirantes conseguem um dinheiro que ajuda na sua sobrevivência, juntamente com a da sua família.

Para o ex-representante da feira da 28, esta tem como principais objetivos: a) gerar renda para os trabalhadores; b) proporcionar uma economia para a população citadina, que pode consumir produtos mais baratos; c) facilitar a aquisição de produtos específicos, que podem ser trazidos pelos feirantes e encomendados pela população que mantém uma relação mais próxima com os mesmos, e; d) garantir a (re)existência de formas de trabalho alternativos, que fogem às condições capitalistas de acumulação e da organização técnica de comportamentos e relações. Garantem-se, então, as vivências e sobrevivências de parte da população.

Identificamos que a organização das feiras-livres de Marabá é diferente. A feira das Laranjeiras e da 28 se assemelham em termos de dependência do atravessador, de presença maciça de citadinos entre os feirantes e de sua origem, que remonta ao período de expansão urbana de Marabá. As relações presentes nesses espaços se dão muito mais com as regiões do Centro-Oeste e do Nordeste (quadro 03), o que demonstra que o circuito inferior que organizam as feiras-livres de Marabá, atualmente, consegue se apropriar de infraestruturas presentes no espaço, sendo capaz de conectar-se à outras regiões do País e também que o circuito superior estendeu seus domínios nesse espaço, aumentando a dependência entre feirantes e grandes produtores agrícolas nacionais.

Quadro 03: O abastecimento das feiras-livres das Laranjeiras e da 28 pelos seus principais atravessadores

Local	Informante	Entrevista
Feira da 28	Informante 01	<p>Essa produção aqui vem de Petrolina e Juazeiro da Bahia, o ano inteiro vem de lá. Lá é seca e chuva desse jeito. Eu moro em Petrolina e carrego lá. É sempre desse jeito porque lá não é chuva, é o rio São Francisco e é tudo irrigado. Aí tanto faz se é chuva ou é verão, é como se fosse uma época só. Lá é o seguinte, lá tem um mercado do produtor, o pessoal leva da fazenda ou da roça para o mercado e eu compro no mercado e carrego no caminhão, mas tem mercadoria que eu vou buscar dentro da fazenda, como a uva, a manga. E outras mercadorias que eu pego da roça lá de Pernambuco mesmo. Aí, eu venho primeiro para Marabá aqui e depois vou para Parauapebas. Eu abasteço Parauapebas também. Não dá para abastecer todo mundo, tem outros concorrentes meu que entram aqui também, mas como eu já tenho uma freguesia, eu entrego aqui e também já tenho um ponto em Parauapebas. Aí daqui eu vou para lá, fico lá até terminar e depois eu volto recolhendo as caixas e vou de novo para carregar [...]. Eu venho na quinta feira, volto segunda e terça para fazer essa cobrança aí. Eu dou espaço de tempo que é pra dar para o pessoal trabalhar e também eu tenho compromisso com outro pessoal lá em Parauapebas aí. É isso aí! (atravessador, 37 anos).</p>
Feira das Laranjeiras	Informante 02	<p>Eu compro em Imperatriz e trago para cá. Às vezes eu compro direto da fonte, em Brasília. Ai vai para Imperatriz e de Imperatriz vem para cá. É por safra, né? Depende da safra. Às vezes as safras tá funcionando em Brasília, na região ali de Goiás. Às vezes acaba a safra lá, como vai acabar daqui a mais ou menos um mês, ai a gente já passa para a Bahia e Pernambuco. Porque assim... se você carrega um caminhão fechado, você não vende tudo, mas se você carrega um caminhão com pouco, ai o frete não compensa, não vale a pena, sabe? É por isso que a gente leva o caminhão lá para Imperatriz e vende uma parte lá, e o resto a gente sai distribuindo... Quando a gente fala em Brasília, estamos falando do entorno de Brasília e Goiás, mas se a gente for procurando, tem roça que está dentro do DF. Ai a gente acaba falando que é Brasília, são cidade próximas, sabe? Ali aquela região tudo produz. É cebola, tomate, repolho, cenoura, batatinha, beterraba... tudo, tudo vem de lá... Essa região de Marabá, Parauapebas, Altamira tudo é abastecido pela região de Goiás [...]. Por exemplo, na questão do tomate a safra lá fica até meados do final de novembro, porque o que acontece? A chuva bate, aí a mercadoria não resiste... porque a chuva cai com uma certa acidez, aí o tomate derrete. Aí quando começa a chover, o produtor</p>

		<p>não planta. Tem que plantar uns três, quatro meses antes, quem começa a plantar agora em outubro tem que assumir o risco de perder a produção. Já no Nordeste, nesse período não chove no Nordeste, ai um amigo meu já me ligou de lá da Bahia para falar da produção que ele começou a plantar. Daí a gente já faz a transação direto, para colher em final de novembro, dezembro, janeiro, por aí. Nem toda produção passa por Imperatriz. Tem comprador que puxa o caminhão direto da Bahia e vem com o caminhão fechado para Marabá. Mas isso é mais raro! (atravessador, 32 anos).</p>
--	--	--

Fonte: Trabalho de campo realizado de agosto a dezembro de 2014.

Elaboração: Débora Aquino Nunes, 2014.

Identificamos, através do quadro 03, que a maioria da produção que chega às feiras-livres das Laranjeiras e da 28 não se relaciona com a floresta ou com entorno de Marabá. Elas são oriundas dos Estados da Bahia e de Pernambuco, compradas o ano todo dos grandes fazendeiros que possuem certa capacidade técnica produtiva, assegurando o comércio ao longo do ano de frutas e verduras (informante 01), e também de Goiás, Distrito Federal, Pernambuco e Bahia, trazidos para a cidade por atravessadores que trabalham seguindo as safras das frutas e verduras nas diversas regiões do Brasil (informante 02).

Tal circuito produtivo atende à Marabá e ao sudeste paraense, podendo chegar até mesmo à Altamira, localizada na região do Xingu. A cidade de Imperatriz, no Maranhão, aparece como um importante ponto nodal para o abastecimento regional. Lá, alguns atravessadores descarregam e comercializam parte da produção vinda de outros lugares e, posteriormente, trazem para o sudeste paraense (informante 02).

Atualmente essas feiras também são abastecidas pelas grandes redes de supermercados de Marabá, principalmente o Matheus e o Colina, inaugurados ambos em 2013. Esses estabelecimentos, às quartas-feiras, realizam uma promoção de venda no atacado de frutas e verduras. O preço do quilo de alguns produtos encontra-se menos da metade do preço do praticado pelos atravessadores. Aproveitando-se disso, alguns feirantes adquirem frutas e verduras desses supermercados e a revendem na feira. Estreita-se a ligação entre circuito inferior e circuito superior, sendo que este último drena os excedentes do primeiro.

Lá é muito barato, no Matheus. Uma caixa de repolho que aqui a gente compra por R\$2,50, e vem uns 2 quilos, lá é 0,85 centavos 1 quilo. Só que não dá muita gente daqui. Na verdade tava até meio vazio o supermercado. Eu fui umas dez horas. Eu mais esse menino aí, que a gente sempre vai junto. E cheguei agora, meio dia. É porque o pessoal não tem muito dinheiro vivo e lá tem que pagar no pau, no dinheiro (feirante, 63 anos, feira da 28).

Identificamos que até mesmo dentro das feiras-livres existem aqueles com maior poder econômico e que podem adquirir produtos em outros lugares mais facilmente. Percebemos também que pequenos caminhões e caminhonetes oriundos da região abastecem em menor intensidade essas feiras, não tendo uma data certa para chegar. Normalmente eles comercializam a produção a um preço mais barato. O quadro abaixo apresenta os produtos comercializados nas feiras-livres das Laranjeiras e da 28 (quadro 04).

Quadro 04 – Produtos comercializados nas feiras-livres das Laranjeiras e da 28 em Marabá

Procedência		Feira das Laranjeiras	Feiras da 28
Produtos extra-regionais	Grande atravessador	Batata, cenoura, beterraba, manga, goiaba, abacate, laranja, maracujá, banana, pimentão, limão, tangerina, jerimum, melancia, alface americana, cebola, alho, tomate, feijão e arroz	Batata, cenoura, beterraba, manga, goiaba, abacate, laranja, maracujá, banana, pimentão, limão, tangerina, jerimum, melancia, alface americana, cebola, alho, tomate, feijão, arroz, uva, maçã, melão, pera e pequi
	Supermercado	Cebola, tomate, batata, cenoura, manga, abacate e melancia	Cebola, tomate, batata, cenoura, manga, abacate, pimentão, repolho, melancia e gengibre
Produtos da região	Da floresta (extrativista)	Tamaridus, coco da praia, açaí, ervas e óleos de andiroba, copaíba, cabacinha, jucá e sucupira* e semente de urucum raspado (coloral)	Castanha-do-pará, tamaridus, coco da praia, ervas e óleos de andiroba e copaíba e semente de urucum raspado (coloral)
	Agrícolas e/ou agroextrativistas	Abacaxi, limão, acerola, goiaba, laranja, cupuaçu, banana, maracujá, coentro, cebolinha, chicória, feijãozinho, pimentinha, quiabo, maxixe, couve, alface, jambu, pimenta-do-reino, cominho, cebola, jerimum, mandioca, farinha, pepino, muda de plantas de hortelã, cactos, babosa, bromélias e de lírio do Amazonas	Abacaxi, limão, acerola, goiaba, laranja, cupuaçu, banana, maracujá, coentro, cebolinha, chicória, feijãozinho, pimentinha, quiabo, maxixe, couve, alface, jambu, pimenta-do-reino, cominho, pimenta amarela, pimenta malagueta, cebola, jerimum, mandioca, farinha, pepino, muda de plantas de hortelã e babosa.

*Existe na feira das Laranjeiras uma banca especializada em comercializar ervas e óleos regionais

Fonte: trabalho de campo realizado de agosto a dezembro de 2014

Elaboração: Débora Aquino Nunes

Através do quadro 04, identificamos que a maior diversidade dos produtos comercializados nas feiras das Laranjeiras e da 28 são de origem agrícola e/ou agroextrativistas e também de atravessadores. Apesar da diversidade de produtos oriundos da região ser maior comparado aos produtos extrarregionais, isso não se reflete na importância da floresta, nem na sua quantidade e regularidade para o abastecimento dessas feiras. Isto é, os produtos regionais chegam em menor proporção na cidade de Marabá e estão muito ligados a periodicidade das safras. Na sua maioria, eles são trazidos à cidade apenas aos finais de semana pela população do entorno e, em menor proporção, nos dias de semana por pequenos atravessadores da região e por produtores rurais. Regularmente e em maior quantidade estão, então, os produtos oriundos dos atravessadores e dos supermercados para o abastecimento dessas feiras-livres.

Os representantes ou ex-representantes desses espaços reconhecem a importância dos atravessadores para organização das feiras-livres

Pode ver aqui... isso tudo aqui, nada é daqui. Tudo vem de fora. Pode perguntar para o pessoal aí, que trabalha dia de semana, todos eles compram na mão de atravessadores. A gente sempre vai lá comprar. Os caras param lá perto da igreja, aqui pertinho e a gente desce lá para comprar e trazer para revender, né? Então, a maioria dos nossos produtos vem do Goiás, da Bahia... do Pernambuco também. O pessoal daqui não gosta de trabalhar não. Marabá não produz, aí o jeito que nós encontra é esse (feirante e ex-coordenador da feira da 28, 63 anos).

É como eu te disse, aqui é um bom local para a população do campo trazer seus produtos, mas, infelizmente, nós sabemos que a maioria dos feirantes compram os produtos das mãos dos atravessadores e atacadões para revender aqui. Não é o ideal, mas é o que existe. A maioria das coisas chegam aqui assim, são de fora. Mas aqui todo mundo pode trazer suas coisas. O pessoal do campo também participa, apesar deles virem apenas final de semana sempre tem um espaço aqui (feirante e representante da Associação da feira das Laranjeiras, 49 anos).

Ademais, nem todos os produtos da região estão ligados ao uso da floresta, apesar do sistema agroextrativista ser orientado para a prática produtiva dos Projetos de Assentamentos da região, através das principais organizações que representam os pequenos produtores rurais: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marabá (STRM), e das instituições do Estado (EMBRAPA, INCRA, Secretaria Municipal de Agricultura de Marabá, etc.).

Muitas vezes, realiza-se apenas a pequena agricultura em locais onde não existe mais mata, sem a preocupação de se reflorestar²⁷.

Eu acho importante entender o seguinte: quando nós tem um debate dessa história do meio ambiente [...] porque o cara com um pequeno espaço dá para ele plantar mandioca, fazer a farinha dele e trazer para a feira. No quintal dá para ele fazer a horta, plantar o quiabo, o jerimum, o pepino, entendeu? Para ele se manter lá no lote sem necessitar dele derrubar o restante da floresta que ele tem. É o incentivo do nosso sindicato, misturar as culturas junto com a floresta. Inclusive nós temos uma cooperativa que é a CONFAMA, que é a cooperativa de comercialização do município, e junto com a FECAT, que a confederação das cooperativas, a gente tem um debate de nessas comunidades incentivando eles a plantarem e a produzirem o maracujá junto com o açaí, por exemplo. Hoje tem muitos lotes que eles já tá 100% degradado. Aí todos nós sabe, e muitos deles, dos agricultor, sabe, que a gente... reza esse terço para eles direto, que nós tem, hoje ou amanhã, que florestar o nosso lote. Aí o que a gente diz? Em vez de você deixar enjuquirar, você deixar ou plantar um outro tipo de pau lá que não venha a dar fruto, por que que nós não refloresta esse lote com cupu, com acerola, como coco da praia, com açaí? Porque tu vai tá reflorestando e, ao mesmo tempo, vai tá tendo retorno desse negócio. Aí nós leva um incentivo nesse sentido, né? (representante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marabá e ex-coordenador da feira do pequeno agricultor, 40 anos).

Assim, identificamos que nas feiras da 28 e das Laranjeiras, a importância histórica da floresta é relativizada. A comercialização do excedente, as histórias e histórias, a troca de experiências e conhecimentos produzidos e produtores da relação cidade-floresta se apresentam nesse espaço apenas de forma residual e, principalmente, aos finais de semana. Dessa forma, na mediação entre a ausência da floresta e a sua presença residual é que se desenvolve, através das feiras das Laranjeiras e da 28, muito mais a negação do que a resistência da relação cidade-floresta em Marabá.

A feira do agricultor, por seu turno, apresenta-se na cidade de Marabá como representativa da relação cidade-floresta que permanece na região. Essa feira foi inaugurada em 11 de novembro de 2006, fruto de mais de dois anos de luta sindical dos trabalhadores rurais. Antes disso, foi realizado um curso de preparação dos produtores rurais de atendimento ao público e foram combinadas também algumas estratégias de funcionamento, como a oferta de produtos de qualidades, sem agrotóxicos, uma quantidade maior do mesmo produto comercializado em outras feiras e preço baixo. Também foi realizada uma consulta pública na Velha Marabá

²⁷ Informações cedidas pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marabá (STRM), pela Secretaria Municipal de Agricultura de Marabá e pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA).

sobre a instalação da feira, sendo que a maioria da população for favorável à instalação da mesma.

A feira foi inaugurada em onze de novembro de 2006. Foi até num sábado. Então, aí para ela ser inaugurada nesse dia, antes, uma semana antes, nós tivemos a ideia de fazer uma oficina de preparação, de conscientização dos trabalhadores. Porque você sabe, muitos deles mal sabe assinar o nome, outros são analfabetos de pai e mãe. Então, não tinha, assim, um conhecimento de feira. Era a primeira vez que eles iam participar. Aí nós teve uma ideia de fazer isso. Nós solicitamos da própria Coopserviço um técnico para dar uma oficina para nós. Nós tivemos uma oficina de dois dias de preparação desses agricultor. Aí nessa oficina teve vários debates, tiraram as dúvidas, né? Ensinando tudo de como nós ia trabalhar. Aí o perfil dessa feira foi aceito por todo mundo, porque primeiro nós ia vender uma produção que não tinha agrotóxico, a nossa produção ia ser uma produção de qualidade, quantidade e qualidade, e preço baixo. A ideia foi combinado que, por exemplo, uma comparação, se o cheiro-verde naquela época custava dois reais na 28 e nas Laranjeiras, aqui nós ia vender por um real. Até mesmo porque era uma coisa que tava iniciando e outras coisas era pra chamar clientela, né? Para o povo conhecer, para ter o gosto de ver a produção do trabalhador, para poder o pessoal ter a preferência. E aí nós fizemos essa oficina. No término dessa oficina foi tomado um encaminhamento que nós ia fazer uma consulta pública. Aí nós deslocamos uma equipe, nós fizemos lá na cabanagem, pedindo essa informação dos trabalhadores. Nós deslocamos esses trabalhadores. Nós fizemos essa oficina. Começamos era com trinta pessoas participando, né? Os trinta que pode dizer que foram os sócios fundadores dessa feira. Então aí, nós viemos para feira. No segundo dia, nós viemos pela parte da tarde fazer a consulta pública. E aí nós dividimos em grupo. Colocamos um grupo aqui. Nós procuramos o lugar mais nobre da cidade, né? Que foi o caso, que foi um grupo fazer consulta na Santa Rosa, que chamam do “Bairro do Amor”. Outro grupo entrou aqui na avenida Magalhães, o outro grupo nós colocamos aqui na rua do sindicato, onde tava sendo realizada a feira, na sete de junho. E ainda teve um grupo lá para o Cabelo Seco, o mais antigo bairro da Velha Marabá. Aí o pessoal saía de casa em casa contando a história que a gente tava na intenção, tava tudo preparado para a gente inaugurar uma feira aqui na Velha Marabá, e o que o público achava disso. Aí colocaram que ia ser uma feira-livre de agricultura familiar, que o produto que vinha para cá era produzido lá pela mão do agricultor, sem agrotóxico. Então, as pesquisas que foram levantadas, foram feitas, ninguém disse que não aceitava. Todos tavam desejando boas vindas (representante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marabá e ex-coordenador da feira do pequeno agricultor, 40 anos).

A feira do agricultor funciona apenas aos sábados e está localizada na Rua 7 de junho, no núcleo Velha Marabá. De trinta a quarenta trabalhadores rurais sempre se encontram nesse espaço, vindos principalmente dos Projetos de Assentamentos (PA) do entorno²⁸, trazendo sua produção (quadro 05).

²⁸ Os principais PA's que participam da feira são: PA Alegria; PA Iguaçu; PA Belo Vale; PA Murajuba; PA Talismã; PA Escada Alta; PA Padre Joizinho I e II; PA Palmeira; PA Juçara; PA Boa Esperança do Burgo; e PA Burguinho. Além disso, alguns agricultores da ocupação Piranha também participam da feira.

Quadro 05 – Produtos comercializados nas feiras-livres do pequeno agricultor em Marabá

Procedência		Feira do pequeno agricultor
Produtos extra-regionais	Grande atravessador	Batata, cenoura, beterraba, jerimum, maracujá, cebola e tomate
Produtos da região	Da floresta (extrativista)	Castanha-do-pará, tamaridus, coco da praia, açai, ervas e óleos de andiroba, copaiba, cabacinha, jucá e sucupira, semente de urucum raspado (coloral)
	Agrícolas e/ou agroflorestais	Batata, cenoura, manga, abacate, pimentão, melancia, abacaxi, limão, laranja, cupuaçu, banana, maracujá, coentro, cebolinha, chicória, alfavaca, jambu, feijãozinho, pimentinha, quiabo, maxixe, couve, alface, pimenta-do-reino, cominho, pimenta amarela, pimenta malagueta, cebola, jerimum, mandioca, pepino, muda de plantas de hortelã, cactos, babosa, bromélias e de lírio do Amazonas

Fonte: trabalho de campo realizado de agosto a dezembro de 2014

Elaboração: Débora Aquino Nunes

Identificamos, através do quadro 05, que é maior a diversidade dos produtos oriundos da região presentes na feira do pequeno agricultor de Marabá. Nesse contexto, na sua maioria, os feirantes são também produtores rurais. Eles começam a chegar a Marabá na sexta-feira, ficando alojados na casa de apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marabá, localizada cinco casas depois da sede de tal sindicato, na rua sete de junho (foto 12).



FOTO 12: OS FEIRANTES, A SUA PRODUÇÃO E A CASA DE APOIO DO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE MARABÁ: a casa de apoio fica bem próxima da sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marabá. Possui dois quartos, um banheiro, uma cozinha e um quintal. Como a quantidade de produção e trabalhadores são grandes, toda sexta-feira, essa casa fica lotada de sacos, isopores, bacias e caixas, carregados de frutas, verduras e hortaliças, principalmente. Os pequenos produtores mal conseguem se acomodar dentro da casa. Na foto, uma feirante mostra uma bacia cheia de castanha-do-para que será comercializada na feira.
Autora: Débora Aquino Nunes, 2014.

A feira livre do pequeno agricultor começa em frente ao sindicato e é o principal espaço produto e produtor da relação cidade-floresta que ainda resiste em Marabá. Nessa feira, os atravessadores são a minoria e são também mal vistos. Eles, normalmente, localizam-se ao final da feira, na esquina da Rua 7 de junho com a Avenida Getúlio Vargas, não se misturando com os outros feirantes. Os produtos destes são adquiridos de grandes atravessadores ou, na sua maioria, de pequenos produtores da região.

Identificamos que os principais meios de transportes utilizados pelos feirantes/produtores são caminhões e ônibus, que chegam abarrotados de mercadorias. A casa de apoio serve para guardar principalmente a produção, ficando muitos dos produtores/feirantes alojados nas calçadas e embaixo das árvores do meio fio da Rua 7 de junho. A conversa é animada e dura a noite inteira. São poucas as horas de sono entre o trabalho para armazenar, separar, lavar, escolher e arrumar as mercadorias. Porém, as risadas dão o tom da madrugada e o colorido das redes, de sacos brancos de farinha, de frutas e de verduras pintam a paisagem. Ao amanhecer, as galinhas cacarejam, acordando aqueles poucos que pegaram no sono. É hora da feira! Armam-se as barracas, sempre com a ajuda dos outros feirantes, e ajeitam-se as mercadorias de forma a chamar a atenção dos frequentadores.

Destaca-se que a feira do agricultor trata-se de um espaço concebido pelos próprios produtores rurais como uma forma de driblar as tradicionais teias estabelecidas pelo mercado, e, assim, poder se inserir por meio de um circuito alternativo e “insubordinado” nas relações comerciais (AMARAL, 2013), produzindo novas vivências e assegurando residualmente a relação cidade-floresta mediada pela apropriação do espaço da cidade e do entorno, pelo trabalho e pelas relações de reconhecimento e proximidade entre feirantes e cidadãos. As teias estabelecidas nas feiras-livres de Marabá pelo mercado têm como agente principal os grandes atravessadores. Eles são agentes da circulação. Não produzem diretamente nada, mas conseguem retirar seu lucro por ser, muitas vezes, o único meio de transporte entre a produção e o pequeno comércio de frutas, verduras e grãos, relativizando a importância do entorno, da floresta e dos agentes locais. Nesse contexto, as feiras-livres assumem importâncias variadas também para os trabalhadores nelas presentes (quadro 06).

Quadro 06: A importância das feiras-livres para os feirantes

Eixo	Informante	Entrevista
Sobrevivência e oportunidade de trabalho	Informante 01	A feira é importante para a gente sobreviver com o que ganha né? A gente sobrevive daqui! Essas feiras são muito boas para a cidade e nem precisa ter muito para abrir uma banca. Você pega as mercadorias, por exemplo, hoje (quinta-feira), aí eles te dão esse recibo. Eles só voltam na segunda para pegar o dinheiro. Você trabalhando direito e sendo honesto dá para vender! Dá para sobreviver bem daqui! (feirante, 63 anos, feira da 28).
	Informante 02	É feira é muito boa porque oferece muitas oportunidades para gente de baixa renda, igual nós, porque, por exemplo: aqui você pode vender se tiver um pontinho, mas pode vender lá fora, não tem dessa. Tudo que você trazer para cá é vendido! Do mastruz ao gervão, tudo é vendido! A feira é importante pra gente e também para os colonos que vem diretamente da roça para vender sua produção. É importante para todo mundo! Dia de domingo que é bom aqui, venha para você ver o tanto de gente que fica trabalhando lá fora desses PA's tudinho aqui da região, o movimento é grande, é bonito! Eu gosto de ver eles aí porque todo nós precisamos comer, pagar conta, e a gente aqui tá trabalhando honestamente pra isso. Eles precisam também, igual nós. Eles só vêm dia de domingo, às vezes no sábado também, a maioria deles. Aí fica mais movimentado aqui. Desde madrugada é gente colocando as coisas, montando a barraquinha, chegado daí desses interior. É bom! Mas dia de semana é só nós mesmo aqui, e é mais parado assim. (feirante, 32 anos, feira das Laranjeiras).
Sobrevivência	Informante 03	É muito importante, porque nós sobrevive daqui! Aqui é diferente! Quando a gente fica rodando pelo mato, trabalhando para um, a gente gasta muito, sabe? Aí caminhão também a gente gasta muito. Foi o que fez eu parar! Aqui o que a gente faz é isso, todo dia a gente tem um no bolso. Nada, nada, todo dia eu vendo! Aqui é bom e eu tô aqui. Daqui eu pago minhas contas, todas elas. Terminei de criar meus filhos com dinheiro daqui da feira... [...]. Os meus filhos mesmos se formaram tudo daqui. Nós não tinha recurso, né? Eles trabalhavam aqui, iam trabalhando e estudando e hoje tão formados aí. Aí... tudo é recurso daqui. Se não tivesse isso a gente ia ter que caçar outro meio e

		ia ser mais ruim. Eu não pretendo fazer nada depois disso! Aposentado eu já sou e fico aqui até quando minhas pernas aguentarem (feirante, 64 anos, feira da 28).
	Informante 04	A feira é importante porque é aqui que nós tira um dinheiro. A maioria das coisas que eu já trouxe, graças a Deus eu consigo vender tudinho. Só se a gente não quiser vim mesmo, não vim mesmo, mas se vier a gente vende. Não é todo dia que é bom não, mas, assim, normalmente, começo de mês até..., mais ou menos, dia quinze do mês é bom! Mas chegando para o final do mês é fraco! Mas mesmo assim vende! (feirante e produtora rural, 41 anos, feira das Laranjeiras).
Sobrevivência e oportunidade de adquirir produtos na cidade	Informante 05	Aqui é muito importante! A gente sobrevive daqui também. É onde a gente tira um lucrozinho. Até porque se a gente não tirar a gente não vem, né? Esse dinheirinho é importante para o nosso mantimento, para comprar o rancho, comprar nossas coisinhas. É para isso! Ainda sobra para um remediozinho, porque velho só vive doente, né? Às vezes a gente vem, junta, pra comprar um televisão, umas coisinhas assim, não muita porque não tem como, mas é pra isso, pra nossa sobrevivência mesmo (feirante e produtor rural, 63 anos, feira do pequeno produtor).
	Informante 06	Essa feira é importante porque ela dá pra gente uma vida melhor, poder... Porque esse dinheirinho que nós temos aqui já é uma ajuda que nós damos para o nosso marido, né? Na nossa casa. Quer dizer, ele ajuda de um lado, porque ele fica cuidando da terra, e a gente vem para poder comprar alguma coisa de melhor, né? Como a roupa, o calçado, que é o que vai dando. Toda semana nós temos esse dinheirinho, aí esse dinheiro é que nós vai sobrevivendo e vai comprando as coisas (feirante e produtor rural, 51 anos, feira do pequeno produtor).

Fonte: Trabalho de campo realizado em julho de 2013 e de agosto a dezembro de 2014.

Elaboração: Débora Aquino Nunes, 2014

Analisando o quadro 06, entendemos que as feiras-livres são importantes para os feirantes porque tal espaço permite a sobrevivência de diversos grupos sociais, oferecendo facilmente oportunidade de trabalho (informante 01 e informante 02). A baixa necessidade de capital e o crédito individual, características do circuito inferior da economia (SANTOS, 2008b), disponibilizado pelos atravessadores, ao vender a sua produção e receber o dinheiro dessa transação apenas dias depois, facilitam a entrada de novos feirantes, que podem sobreviver da renda conseguida na feira (informante 01).

Assim, a feira-livre oferece oportunidade de renda para população com menor poder econômico, tanto da cidade quanto do campo. O movimento é maior aos finais de semana, quando os trabalhadores do PA's da região se deslocam para esses espaços para expor e vender sua produção, aumentando o fluxo de dinheiro nas feiras-livres (informante 02).

Ela também é importante para os feirantes porque permite que eles sobrevivam (informante 03 a e informante 04) e forneçam condições melhores de vida para a sua família. O dinheiro adquirido muitas vezes é investido na criação dos filhos e o trabalho é entendido como tão importante, que apenas quando o corpo não tiver mais condições é que se pensa em abandonar tal atividade (informante 03).

O melhor período para conseguir renda se dá nos primeiros quinze dias no mês (informante 04), no qual as feiras ficam mais movimentadas, pois é quando os trabalhadores assalariados recebem, atraindo também mais feirantes para esses espaços; o que demonstra a influência das dinâmicas formais citadinas para a sua organização.

Além disso, a renda obtida na feira pelos trabalhadores rurais é utilizada para comprar mantimentos que não são produzidos e/ou que não estão no tempo de colher, bem como remédios, eletroeletrônicos (informante 05), roupas e calçados, melhorando a vida das pessoas (informante 06). Assim, na mediação entre produtos da floresta, importância do trabalho, produtos de origem distantes e assalariamento na cidade, é que a relação entre cidade e floresta se mantém e se transforma em Marabá.

É importante destacar que, apesar do discurso do preço mais barato dos produtos na feira, isso não se realiza por completo. Principalmente nas feiras da 28 e das Laranjeiras, abastecidas pelos atravessadores e pelos grandes supermercados, as frutas e verduras são, normalmente, mais caras. Apenas quando a produção é

regional, como parte dos limões, do maracujá, do cupuaçu, da castanha-do-pará e do coco da praia, é que os preços são menores dos que os praticados pelos grandes comerciantes, o que demonstra também a importância da floresta, dos sistemas agroflorestais e da pequena agricultura para a sobrevivência da população de menor poder econômico. Tal dinâmica vem sendo constantemente atacada através da negação da floresta e do entorno, juntamente com os pequenos produtores rurais, para o abastecimento da cidade, o qual é exercido, cada vez mais, por atravessadores e por redes de supermercado. Aprofunda-se, dessa forma, o domínio do circuito superior sobre o circuito inferior da economia e a alienação, que produz cotidianidades organizadoras do espaço afastadas das dinâmicas regionais e do encontro entre cidade e floresta.

Apesar disso, como resíduo, tal encontro ainda (re)existem como elementos presentes na vida cotidiana dos agentes das feiras-livres, ou seja, na dialética que se instala no cotidiano, na vida do dia-a-dia, repetitiva e, ao mesmo tempo, criativa, na qual persiste as tradições populares e são recolhidos os saberes que podem virar produtos e coisas, e também aquilo que não vira, que permanece em relação ao movimento do mercado, podendo, por vezes, integrar os espaços de representação, o vivido, dos grupos sociais (SEABRA, 2004).

Além disso, destacamos três elementos que fazem parte e são indispensáveis para a produção e organização do espaço das feiras-livres de Marabá. A tecnologia que é apropriada não de maneira ampla, mas como instrumentos que facilita a atividade de feirante; a floresta, que apesar de estar sendo relativizada ainda se faz presente; e o trabalho, que é entendido como imperativo nesses espaços (quadro 07).

Quadro 07 – Importância da tecnologia, do trabalho e da floresta para os feirantes e seus representantes

Eixo	Informante	Entrevista
Tecnologia	Informante 01	Tem gente que sempre vem. Eu tenho muito freguês fixo aqui. Bastante freguês! Tem o moço da goiaba. A gente bate um papo bacana com os fregueses. Eles gostam, né? Eles não vêm só uma vez. Então, a gente acaba se conhecendo. O moço da goiaba que tu conheceu, eu tenho o número dele. Ele já vem aqui há uns dez anos comigo. Aí é só eu ligar e ele chega. Eu tenho o número dele no meu celular, assim como outros também, que a gente liga e avisa quando tem mercadoria. Aí eu separo e guardo para eles, tudo isso! Tem freguês que gosta da gente, que vem sempre, só não compra na mão da gente mesmo quando não tem (feirante e ex-coordenador da feira da 28, 63 anos, feira da 28)
	Informante 02	Tem gente que vem do São Felix comprar aqui. Quando chega o piqui, eles vêm aqui e compram. Vem de lá do Murumuru. Só compra na minha mão desde que eu vendia na frente da Leolar. Aí é só ligar para eles. Eu tenho já o número deles e quando tem piqui é só ligar que eles vêm, é certo! (feirante, 56 anos, feira da 28).
	Informante 03	Aí tem gente que diz assim... porque tem um homem que vem aqui, que sempre vem aqui, já conheço a muito tempo, ele veio aqui e comprou uma polpa de cupu, ele perguntou quanto era e disse: “deixa aí pra mim que eu quero”. Ele disse que semana passada ele comprou uma polpa de cupu ali, que quase não tinha cupu, era só banana, mas eu falei “não moço, você sabe, as minhas não são assim não, eu não misturo não”. Lá em casa eu tenho dois freezer e tem tempo que os freezer não cabe. Aí tem gente que ainda tem coragem de fazer uma mistura dessa, mas porque não planta, não é produtor, pega aí do pessoal e faz isso. Mas pois, o meu, eu não misturo não! E só puro cupu mesmo. Acerola também é puro, é buriti, tudo aqui é puro! Eu não misturo nada! (feirante e produtora rural, 41 anos, feira das Laranjeiras).
Importância da floresta	Informante 04	Ano passado eu tirei um montão de castanha e trouxe, chega dava um orgulho. Ai, eu trouxe da minha terra. Meu sonho é encher essa banca de produtos da minha terra. Já tem plantado mamão, maracujá, limão. Ai, que eu vou ficar muito feliz! Eu vou conseguir, se Deus quiser! É um sonho! É... você traz o cupu, aquele cacau... lá tem. Ai depois você planta, vem quiabo, vem maxixe, vem mamão, mandioca, maracujá, ai vem tudo fia, abobora... ah danada (risos)!. Ai é

Importância da floresta (cont.)		maravilha, né? Aí, você já não vai comprar. Aí, já é seu. A gente já pode vender mais barato. É porque já é da lavoura da gente, já é nosso mesmo. A gente tem aquela oportunidade de transferir da mata pra cidade aquelas coisas que tá precisando. Aí você pode dar, porque nada vai fazer falta pra gente porque a gente já tem condição de dar, tudo vai ficar mais fácil... Produzido da gente mesmo, que orgulho! (feirante e produtora rural, 49 anos, feira das laranjeiras).
	Informante 05	A importância da floresta pra mim é muita! É onde eu moro, onde eu trabalho, onde eu conheço as pessoas. Até aqui mesmo ó, esse pessoal é tudo dos PA's lá de perto, não é do meu, mas tudo vem de lá. E também o que eu acho é que lá é tudo mais saudável, né? Você vai comer uma fruta, a gente sabe que é mais saudável. Você pode ir em supermercado comprar essas bananas aí, você vê a diferença do sabor da banana que a gente produz, entendeu? [...] Eu gosto de morar lá porque é tranquilo, até o presente momento ainda é! É mais tranquilo do que na rua. A gente dorme mais sossegado, a gente amanhece o dia em paz, entende? Aí vou lá com as galinhas. Eu crio galinha, porco, carneiro, gado, pouquinho mas eu tenho por lá. A importância que eu vejo é assim..., quando mais preservar a natureza, melhor é, né? Questão da água, questão do calor, tudo fica melhor com a natureza sendo preservada. É questão de sobrevivência para todos nós. Mas só que a gente vê muita coisa errada, aqueles campos sem nada, só com capim. Então, se um preserva, dez não, entendeu? Aí não tem jeito! E também vamos supor assim, se num PA todo mundo fizesse essa preservação era bom demais, mas na minha terra tem! Tem árvore, tem castanheira, nós temos, que chama, uns oito alqueires só de mata virgem, verde mesmo. Nós não vamos derrubar não! De jeito nenhum! (feirante e produtora rural, 41 anos, feira das Laranjeiras).
	Informante 06	A floresta é muito diferente daqui! Lá a gente planta, não tem esses negócios de agrotóxico igual a esses que planta por aí. A nossa planta é só mesmo com adubo natural mesmo. A tranquilidade é melhor, né? Tem a mata. É muito melhor que aqui! A gente passa o dia tranquilo lá, mais frio. Não tem zuada, esse negócio de poluição de tanta música, essas coisas. É muito melhor, eu acho. Não trocaria não, nem penso nisso. Na cidade é só calor. Acho que deveria plantar mais, arborizar as ruas, ficar com as arvores, era melhor para todo mundo que mora aqui, porque esse calor tá muito grande. Eu acho assim, que se a gente não cuidar vai é morrer todo mundo. Lá a gente vive mais tranquilo! [...] Lá na minha terra ainda tem um pedaço de

Importância da floresta (cont.)		<p>mata. Eu plantei muito cajú, um bocado de cajú, tem laranja, tem cajá, tem tudinho isso lá, tem galinha, tem tudo! Lá é muito bom! A gente planta, tem a mata, isso tudo para ajudar... como é que se diz... nessa poluição ser mais pouca, porque se acabar com isso, se acabar com a mata, nós vamos morrer tudinho, né? Nem que seja de calor. A mata eu não deixo derrubar, não! Só se for para tirar um pauzinho, e isso se for usar para fazer alguma coisa que precisa. Tem que deixar do jeito que tá. É muito bom as arvores lá, não pode derrubar lá não. Tem é que deixar ela crescer mais divina. A gente só trabalha no que já tá derrubado, plantando (feirante e produtor rural, 63 anos, feira do pequeno produtor).</p>
	Informante 07	<p>Esses produtos, os produtos da floresta, é de suma importância! É de suma importância, porque são produtos que a gente sabe a origem e são bons [...]. É o cupuaçu que vem para cá, vem a castanha-do-Pará, aí vem o coco babaçu que também tem muito aqui na nossa região. Eles trazem também muita pupunha. São produtos por época, né? Então, quando é a época, o produtor tá trazendo e vendendo aqui. O porco que eles criam lá e abatem, eles vendem aqui. Tem muita carne de porco. Tem também os criador de peixe, os que tem criatórios de peixe que hoje já trazem o peixe para vender na feira, até por um preço mais barato, mais razoável. A semana passada... duas semanas atrás aí, eu vi o peixe sendo vendido por sete reais o quilo (feirante e representante da Associação da feira das Laranjeiras, 49 anos).</p>
Trabalho	Informante 08	<p>Não aceitaria um emprego não! Não quero trabalhar mais para ninguém, não! Não aceitaria! Vou trabalhar para mim até quando der. Eu já me acostumei aqui! A principal vantagem é que a gente tem dinheiro todo dia. Todo dia tem dinheiro! Empregado a gente só recebe de mês em mês. Aqui, eu faço o horário, não tem horário para eu chegar e para eu sair, na hora que eu vier é bem-vindo. Ontem mesmo, eu tava de ressaca e fechei aqui no horário do almoço, fui pra casa, fiz uma carne de panela e ainda dei um cochilo pequeno (feirante e ex-coordenador da feira da 28, 63 anos, feira da 28).</p>
	Informante 09	<p>Praticamente eu mudaria, não porque eu não gosto da feira, eu gosto! Gosto muito! Mas sim porque tem vários tipos de coisas que aparecem aqui na feira, às vezes ladrão, gente imunda, essas coisas. Às vezes as pessoas não olham para gente bem, entendeu? Porque uma feira realmente... eu considero a feira assim como uma irmandade. A feira para as pessoas, que sabem o que é feira e tem educação, sabe que ela é desenvolvimento! Nós temos que se unir com as pessoas. Não é por olho grande em cima. É defender como um grupo, colaborar com a</p>

Trabalho (cont.)		<p>limpeza. Porque, no meu conhecimento, os feirantes deveriam ser uma irmandade só. Deveria ser tudo unido! Um preço de um era de outro, porque se fosse ia ver conforme a vontade da pessoa, se fosse na minha mão compra, se fosse na dele compra, ninguém tirava freguês de ninguém. Para mim seria satisfação, um prazer. A gente passa pelas mesmas coisas, mesmos problemas, deveria nos unir, mas isso aí é da vida, né? [...]. Mas é bom trabalhar pra gente mesmo moça, porque na hora que você precisa de alguma coisa é só ir lá e comprar, não é preciso ficar pedindo para marido: “me dá um dinheiro aí?!”. Porque sempre que tu pede: “pra que tu quer esse dinheiro?” Aí tem que dizer para o que é que quer. Quando é da gente não, compra o que quer. Eu compro minhas panelinhas, compro as colchas da minha cama, entendeu? Levo para casa e ele nem pergunta quanto foi, porque sou eu que to comprando. O dinheiro é meu e eu posso me orgulhar mesmo. Esse dinheiro aqui é meu! Às vezes eu tiro no cartão, mas aí eu me viro e pago. Por exemplo, trabalhar para os outros e ficar humilhando, trabalhar de domestica numa casa, todo dia tem uma reclamação para gente. Patrão não quer que a gente sente uma hora para descansar, e aqui não! Aqui você vai, você almoça, pega um cochilo que nem eu aqui. Aqui eu cochilo, que dá no horário de meio dia e eu almoço, aí o sono chega e eu dou meu cochilo [...]. Dia de domingo, o meu velho vem comigo me ajudar. Ele trabalha dia de semana, né? É pedreiro, pesca também. Então, dia de domingo ele tira o dia pra vim aqui comigo para vender também e ajudar, né? Fazer uma renda a mais pra gente. Ele só vende banana. (feirante, 56 anos, feira da 28).</p>
	Informante 10	<p>Se viesse me oferecer um emprego eu não mudaria não! Porque aqui eu trabalho para mim! Lá seria serviço para os outros. Não largo aqui para mim sair para trabalhar por aí, mesmo ganhando mais que aqui. Aqui eu me mando, eu faço o meu horário, venho se eu quiser, não tenho ninguém para me aporrinhar, pra me humilhar. As coisas que eu quero fazer eu faço! Mas, sempre tem que ter aquele compromisso e aquela responsabilidade de eu vim para o serviço todo dia e, depois, mesmo que eu feche mais cedo, cuidar de assunto pessoal (feirante, 32 anos, feira das Laranjeiras).</p>
	Informante 11	<p>Eu venho na van. Aí quando chega ali eu desço e vou na minha casa, porque eu tenho uma casa aqui na rua, pego minha redinha, meu lençol, pego um ônibus e venho. Chega aqui minhas verduras já tá aqui. Aí vou amarrar. Passa a noite toda amarrando, amarrando... Num é toda não! Tem um intervalo que a gente se deita um pouco para descansar o corpo, mas é muito</p>

		<p>divertido, eu acho. Eu gosto de vim para cá porque tem as minhas amigas que a gente vai conversar, contar as coisas que aconteceu, né? Eu gosto de trabalhar assim [...]. Eu gosto também porque eu sempre gostei de trabalhar para mim mesma, sabe? Eu sempre gostei de produzir! Eu gosto também de mexer com artesanato. São coisas que eu faço eu mesma, com minhas próprias mãos. Então, a verdura me trouxe uma coisa melhor, porque eu mesmo vou lá, eu planto, eu colho, sempre gosto de trabalhar com essas coisas assim. Coisas que eu mesmo faço. Ah... A casa também fica animada! É outra animação, quando a gente vai se encontrar é aquela alegria. Chega e vai contar as coisas, passa a noite sorrindo, contando história, lorota. Aí é assim (risos)! No dia que não tem verdura para trazer a gente fica na roça agoniada. Eu mesmo fico pensando: “ô... essa hora as meninas tão lá, olha!”. Aí a gente fica... Meu marido diz “tu já gosta de ir é pela folia!” (risos). E eu acho que não sou só eu, é todas elas! Porque elas também contam essa mesma história (feirante e produto rural, 51 anos, feira do pequeno produtor).</p>
	<p>Informante 12</p>	<p>Num largo esse trabalho não! Minha filha, todo dia eu chego cedo aqui, chego mais ou menos umas 5 horas. Aí quando é domingo, eu venho meia noite, do sábado para domingo, nem dorme. É o tempo de ajeitar as bancas, fica conversando. Aí a gente arruma... e quando dá fé já amanhece. Vem muita gente, se você vier dar uma olhada, você vai ver. Vem muita gente! Tem uns que vendem mais, eu sou um dos que vendem mais. Eu para o pessoal todinho daqui. Eu tenho umas freguesas já, sempre vêm aqui. Eu não sei porque o pessoal gosta de vim sempre aqui, ó! (risos) Eu vou vender aí enche de gente dia de domingo. Eles já me conhecem. Vem gente da Marabá Velha, da Cidade Nova, comprar aqui, olha?! Dia de domingo, se você ver dessa banana aqui, eu trago muito. Bota assim na metade da mesa aqui e vai tudo embora, levam tudo! Essa banana de quintal aqui (feirante, 64 anos, feira da 28).</p>

Fonte: Trabalho de campo realizado em julho de 2013, e de agosto a dezembro de 2014.

Elaboração: Débora Aquino Nunes, 2014.

Através do quadro 07, identificamos que o celular é um instrumento importante para a atividade dos feirantes, sendo o objeto técnico que facilita o contato entre eles e os seus fregueses. Ao chegar alguma mercadoria específica, os feirantes entram em contato com alguns de seus clientes, que, muitas vezes, mesmos morando em núcleos diferentes, dirigem-se à feira para comprar tais produtos (informante 01 e informante 02). As relações se estreitam. Identificamos que os celulares são objetos presentes de maneira relevante em todas as feiras aqui analisadas.

Alguns feirantes também trabalham com polpa de frutas congeladas e os freezers se fazem presente tanto na zona rural (entrevista 03) quanto na própria feira. Nas feiras das Laranjeiras e da 28, que possuem eletricidade, as balanças de precisão e os ventiladores, em menor proporção, também se apresentam como relevantes objetos que marcam a sua paisagem.

Assim, entendemos que, no atual período, as técnicas se espalham e atingem, praticamente, a todos de maneira desigual e diferente. Elas são mais flexíveis, divisíveis e dóceis, sendo mais acessíveis ao uso pelos diferentes grupos sociais, sejam eles hegemônicos e/ou qualificados tecnicamente ou hegemonzados e sem grandes conhecimentos técnicos. Nesse sentido, as técnicas modernas vêm sendo utilizadas e reutilizadas crescentemente no circuito inferior (SILVEIRA, 2004), aumentando a necessidade de capital fixo para esses agentes; elemento novo no debate dos circuitos econômicos. A tecnologia transforma a relação cidade-floresta nas feiras-livres ao auxiliar a reprodução social dos grupos de menor poder aquisitivo e/ou por modificar e criar novas necessidades.

É interessante destacar que a técnica pode, simultaneamente: a) fechar a sociedade e seus horizontes, invadindo os pensamentos e as ações e estabelecer uma linha de procedimentos metódicos ligados à produtividade, à racionalidade tecnocrática e ao fetiche dos símbolos e dos objetos do capital, como o dinheiro; b) ameaçar este mundo fechado, podendo ir até mesmo ao extremo de seus estragos pelo aniquilamento nuclear, e; c) abrir o caminho do possível, com a condição de ser ela investida no cotidiano, no vivido (LEFÈVRE, 1969).

Neste trabalho foi identificada também a importância da floresta para as feiras-livres de Marabá, mesmo sabendo que se apresenta apenas como resíduo. É nela que são realizadas as atividades agroextrativistas, onde algumas pessoas habitam e se apropriam do seu espaço. Essas atividades são permeadas por um sentimento de orgulho ao colocar para vender a sua produção, fruto dos seus meios e objetos de

trabalho. Admira-se a beleza, os cheiros e os sabores dos produtos. Os sonhos perpassam a altivez de comercializar as mercadorias produzidas por si próprio, de ter mais liberdade sobre o preço e a distribuição dos produtos e de se sentir capaz de (sobre)viver através da apropriação da floresta e do desenvolvimento do agroextrativismo (informante 04).

Nas feiras-livres as pessoas têm a oportunidade de trazer com mais liberdade a produção da mata para a cidade, comercializando-a, permutando-a ou distribuindo-a para os amigos e parentes (informante 04). Da floresta são trazidos produtos para a cidade, os quais os frequentadores podem saber sobre a sua origem, o seu tratamento e a sua qualidade. Nessa interação, estreitam-se as relações entre a cidade e a floresta (informante 07).

Além da produção, a floresta para muitos aparece como espaço do habitar. Isto é, o espaço de participação de uma vida social, de uma comunidade, de uma aldeia ou de uma cidade. O ser humano apresenta-se como usuário e criador, não como consumidor e objeto (LEFÈBVRE, 2005). A floresta é fundamental para a realização do trabalho e da vida. As pessoas se conhecem. É nela onde se encontram os amigos e os parentes dos feirantes/produtores (informante 05).

Nesse sentido, as feiras conseguem ser uma extensão da dimensão da floresta que permanece mesmo que de forma tímida na cidade. Nesses espaços as pessoas se encontram, os produtos da floresta são trocados concomitantemente com os conhecimentos e histórias de vida, tanto entre as pessoas que nela habitam (informante 05), quanto entre estas e a população citadina.

Assim, para além do interesse permeado pela acumulação e pelas racionalidades que reduzem a condição humana à dimensão econômica e aos automatismos do capital, produzindo um simulacro de vida cotidiana orientada pelo consumo e pelo dinheiro, a floresta aparece como espaço que pode proporcionar uma vida melhor para seus habitantes e para os citadinos. O seu uso e apropriação, e não a sua propriedade, possibilita a ingestão e o comércio mais barato de frutas e alimentos poucos contaminados com agrotóxicos e livres de conservantes. Ela é importante também para manutenção dos recursos hídricos e de um clima mais ameno na região (informante 05 e informante 06).

Para a população que nela habita, a floresta aparece como um elemento que fornece uma tranquilidade maior, um descansar e dormir mais gostoso e uma paz interior e exterior relevante. Tais dinâmicas e processos permeiam a vida cotidiana

ligada a ela (informante 05 e informante 06) e escapam as cotidianidades e ao viver imposto pela ordem hegemônica. Suas dinâmicas são inerentes à vida dos feirantes/produtores, sendo levadas à cidade de Marabá e os seus conhecimentos permutados nas suas feiras-livres, num (des)encontro de ritmos de vida diferentes.

Dessa maneira, nas feiras-livres a vida cotidiana produzida e produtora da mediação entre cidade e floresta se apresenta através de temporalidades e espacialidades diferentes e desiguais, perpassando pela criação e repetição, pelo lógico e ilógico. Malheiro (2006), ao estudar o Porto do Açaí e sua feira, em Belém, demonstra que as relações de troca pressupõem um reconhecimento entre os seus agentes, sendo também produto desse reconhecimento. Ao lado da troca, desenvolve-se uma interação, o encontro. O espaço do comércio e das relações de troca, como a feira-livre, é condição para o espaço do encontro e para a criação da diferença.

Nas feiras-livres de Marabá as interações de mundo diferentes, da cidade e das ausências e das presenças da dimensão da floresta na região, entrecruzam-se. O espaço é produzido entre a lógica do trabalho, para além de sua relação com o capital, e as vivências dos pequenos agricultores, dos atravessadores, dos feirantes citadinos e dos frequentadores que são oriundos de Marabá, da própria floresta, da região, de outras cidades e, até mesmo, de outros estados. Nessa mistura, (des)encontra-se diferentes usos e abusos do tempo, ritmos de vida dessincronizados, que remetem a outrora, ao agora e à modernidade, reinventado dialeticamente a vida cotidiana e o trabalho nas feiras-livres de Marabá, abrindo o caminho para, através das existências e coexistências, vislumbrar as novas possibilidades, mais humanas, de se viver e pensar a Amazônia.

É da floresta e de sua apropriação, em sua relação com a cidade, que parte das pessoas de Marabá sobrevive e reproduz sua vida cotidiana. Ela é até mesmo entendida como essencial para a sobrevivência da espécie humana. E alguns só a derrubam e retiram suas madeiras somente quando é essencial para a sobrevivência, e não para a acumulação. O trabalho se realiza na transformação de bens florestais em objetos carregados de valores-de-uso (informante 06). Apesar disso, a mata, com seus recursos extrativistas e com suas lendas, muitas vezes não é preservada tanto pelos pequenos agricultores quanto pelos grandes agropecuaristas (informante 05). A negação e a ausência da floresta são processos dominantes no espaço regional.

Em relação ao trabalho, muitos dos entrevistados não aceitam trocar suas atividades por um emprego assalariado. Um dos principais motivos é poder ser chefe de si mesmo, não se submetendo a certas normas, regras e humilhações impostas pelos outros. A possibilidade de flexibilizar os horários, de dar um cochilo e de sair na hora do almoço e ir para casa comer e descansar, chegando mais tarde na feira sem ninguém reclamar, são vantagens consideradas pelos feirantes (informante 08 e informante 10). Mas, mesmo com essas flexibilidades, é necessário ter responsabilidade e compromisso de ir à feira todos os dias (informante 10), pois o trabalho é que dá base para o sustento da pessoa e/ou da família; reafirmando uma das características originais do circuito inferior da economia, a importância do trabalho intensivo (SANTOS, 2008b).

Ademais, eles ganham dinheiro, mesmo que seja pouco, todos os dias, e se acostumam com essa dinâmica. No trabalho assalariado, o dinheiro é recebido concentrado no começo do mês. Isso aparece como uma dificuldade para a sobrevivência cotidiana dos feirantes (informante 08). A margem de lucro é pequena, mas constante, e a necessidade faz com que a perspectiva do negócio se dê a curto prazo (SANTOS, 2008b). Produzem-se estratégias, acordos tácitos e experiências que são alicerces para a reprodução material e imaterial desses grupos.

Nas feiras-livres nem tudo pode se resumir ao dinheiro. Às vezes, nem mesmo um maior salário é capaz de fazer com que o feirante abandone o seu trabalho, tendo em vista as vantagens apontadas anteriormente (informante 10). Têm pessoas também que aceitariam mudar de trabalho, não porque não gostem da dinâmica da feira, mas sim pelos problemas, principalmente relacionados à estrutura e a algumas inimizades que se fazem presente. Tais problemas atingem, de certa forma, o ideal de feira-livre presente no imaginário de alguns feirantes. Estes se referem ao espaço como produzido e produtor das relações próximas, da união e da ajuda mútua, no qual cada indivíduo defende o grupo que pertence, já que, praticamente, os problemas e as dificuldades se repetem. O que for bom para um, será bom para a feira. Dever-se-iam realizar também certas estratégias em conjunto, como a combinação de preços. Porém, contraditoriamente, o trabalho na feira também é considerado importante. Ele, por exemplo, abre a possibilidade para as mulheres se tornarem financeiramente mais independentes. A renda auferida traz uma maior liberdade em relação ao consumo e um maior sentimento de orgulho sobre si mesmas, sendo capazes de sobreviver através de seu próprio trabalho (informante 09). Na relação entre vantagens,

problemas, ideais e possibilidades é que se produz parte do trabalho nas feiras-livres de Marabá.

O orgulho, em bom sentido, que a feira traz perpassa também a capacidade exercida pelos feirantes de conhecer pessoas, de gostar e trocar informações com os frequentadores, de possuir clientes fiéis, que chegam, até mesmo de outros núcleos, compram, ou não, e conversam, animando a feira (informante 12).

Além disso, o trabalho familiar (informante 10) ou com pessoas já conhecidas e próximas marcam as relações nos espaços de feira-livres. Existem casais que dividem a mesma barraca e alguns ajudantes e/ou carregadores são parentes ou conhecidos dos feirantes. O trabalho infantil também pode ser encontrado na feira. As crianças e adolescentes auxiliam os feirantes, descarregam os produtos dos atravessadores (foto 13) e ajudam na limpeza e organização da produção (foto 14).

Se os grandes produtores rurais brasileiros são impedidos pela justiça de utilizarem mão-de-obra infantil, apesar de nem sempre cumprirem tal regra, isso não se realiza em alguns espaços que comercializam os seus produtos, como as feiras-livres de Marabá. Atualmente, cada vez mais, aumenta-se a necessidade de exploração do trabalho e nas feiras-livres de Marabá lança-se mão do trabalho infantil. Este é ilegal e diminui os gastos com descarregamento dos caminhões dos atravessadores e com o comércio dos produtos.

As crianças e os adolescentes conseguem trabalho a partir, principalmente, da indicação de algum conhecido ou parente que já trabalha na feira ou em suas proximidades. Eles não possuem carteira assinada ou qualquer outro benefício trabalhista, prevalecendo acordos verbais. O trabalho infantil é utilizado como forma de diminuir as despesas e/ou acelerar o trabalho de organização e comércio das mercadorias. Em ambos os casos os conhecimentos dos atravessadores, dos feirantes e/ou dos produtores são transmitidos de geração em geração. No ato de trabalhar, os adultos exploram e também ensinam os mais jovens o que fazer, como fazer e porque fazer. Quais os segredos de descarregar os caminhões? Como é realizado o transporte das mercadorias, a produção e extração de produtos? E como faz para se manter as mercadorias frescas e bonitas?. Nesse meio tempo, histórias diversas se cruzam, “causos” são contados e acordos são feitos.



FOTO 13: ADOLESCENTE TRABALHANDO NO DESCARREGAMENTO DA PRODUÇÃO TRAZIDA PELO PRINCIPAL ATRAVESSADOR DA FEIRA DA 28: na feira das Laranjeiras e da 28 essa cena é comum. Principalmente nos dias de quarta-feira e de quinta-feira, os atravessadores chegam à cidade de Marabá e descarregam perto das feiras, utilizando comumente o trabalho de adolescentes. O serviço dura a manhã inteira e é remunerado entre 10 a 15 reais.
Autora: Débora Aquino Nunes, 2014.



FOTO 14: MENINA AJUDANDO FEIRANTE A CUIDAR E A ORGANIZAR A PRODUÇÃO ÀS VESPERAS DA REALIZAÇÃO DA FEIRA DO PEQUENO AGRICULTOR: a feirante ensina a criança a organizar, separar e cuidar da produção. Aprende-se como manter o produto sempre com aspecto de fresco, sempre bem cuidado e cheiroso. Além disso, os maços são preparados e amarrados por ambas, estando prontos para a venda.

Autora: Débora Aquino Nunes, 2013.

As relações simbólicas, de prazer e de trocas de histórias de vida, também permeiam o trabalho nesses espaços. Não é só transportar, armazenar, organizar e vender. O ato de participar da feira traz consigo novas amizades, alegrias e sorrisos. O trabalho é marcado assim pela necessidade de sobrevivência e também de realização da dimensão do vivido, no qual a folia, a alegria e o prazer são tão importantes para a vida cotidiana quanto o dinheiro (informante 11 e informante 12).

Nesse sentido, parte da população da região amazônica mantém processos de trabalho ligados aos usos e às apropriações da floresta, através do extrativismo e/ou agroextrativismo, transformando pelo trabalho a madeira, as ervas, as sementes, e produzindo frutas, verduras e legumes, entre outros produtos. Mas também o trabalho para muitos é produto e produtor de rituais e festas, dando base para a realização de trocas simbólicas dentro da floresta e entre ela e as cidades na região. Em geral são processos de trabalho não reconhecidos como monetários, ou só parcialmente, embora gerem um importante fluxo econômico local e regional. Eles evidenciam a relação cidade-floresta e marcam parte da vida cotidiana amazônica (CASTRO, 2008), na qual a cidade, através principalmente de suas feiras-livres, é o mercado de destino de parte importante da produção, das vivências, das histórias e estórias de vida de tal relação.

Assim, nas feiras-livres, no limite da troca, está o encontro entre ritmos e espacialidades da floresta e da cidade. As pessoas se aglomeram ao redor das barracas, dos panos estendidos no chão com a produção, do isopor cheio de polpa de frutas regionais, das bacias e caixotes carregados de frutas, temperos, verduras e unguentos da floresta. Muitas já se conhecem, chamam-se pelo nome, conversam sobre a feira, sobre a produção e sobre histórias do dia-a-dia. O reconhecimento entre os agentes, feirantes, produtores e frequentadores, é mútuo, o que permite observar relações criadas a partir do ato de troca.

Nesse sentido, as relações próximas, de amizade e parentesco, também marcam as feiras-livres. O reconhecimento vai para além de uma estratégia econômica, na qual a proximidade pode facilitar as trocas, atingindo o cotidiano em suas múltiplas dimensões do vivido (quadro 08).

Quadro 08: A importância da interação social para os feirantes

Eixo	Informante	Entrevista
Relação entre feirantes	Informante 01	Tem uns feirantes legais, tem outros que não são tanto. É igual no colégio, que no colégio você tem seus amigos, seu grupo, entendeu? Você tem os amigos que você confia, que eles gostam de você e você deles. Agora, já tem outros que já não gostam de você, tem inveja, sei lá, já não gostam de você sem você ter feito nada com ele. “Só quer ser, aquela menina só quer ser, olha o jeito dela”. Aí é assim! É igual na feira também. Quando a gente vem tem uns que já ficam de olhão, a minoria, mas tem, aí já fica com raiva, já fica chamando o freguês da gente para ele. Mas tem pessoas boas aqui também! Quando eu preciso sair, por exemplo, elas duas ficam reparando aqui para mim, eles aí, digo: “olha eu vou lá no banheiro”, aí ela fica reparando pra mim. Aí quando ela saí eu reparo para ela. Tem também quando eu saio esse pessoal vende pra mim, quando alguém precisa sair, eu vendo para eles. E é assim! Eu vendo para os outros, eu ajudo, é por isso que Deus me ajuda (feirante, 56 anos, feira da 28).
	Informante 02	A minha relação é muito boa! Eu vou, eu converso, me dou bem com a feira inteira. Todo santo dia é uma prosa, é uma fofoca diferente. Principalmente eu mais essa daí, a Maria, mais aquela, mais aquele rapaz daí, o outro lá da outra banca, esse aqui da banana. A gente se reúne normalmente ali atrás da barraca da Maria, tem até uns banquinhos ali (risos)! É só para achar graça, menina! É alegre, divertido! (feirante, 32 anos, feira das Laranjeiras).
Relação entre feirantes e frequentadores	Informante 03	Eu acho que eles se sentem feliz, né? Por tá comprando aqui na minha banca, porque toda semana tão aqui comigo, né? É que nem tu tá vendo aí. Todo tempo é assim. Todos eles... toda a semana é assim! Eles gostam! Inclusive essa barraca aqui do lado tem uma cumadre minha, o povo até diz que ela parece comigo, sabe? Acho que de tanto a gente conviver junto, o povo diz que ela parece comigo. Aí o pessoal vive procurando por ela também, porque não veio hoje, aí perguntam para mim (risos)! Aí eles todo tempo é assim. A gente sempre gosta de agradar o freguês, que é para ele poder voltar de novo. Tem freguês que é fixo mesmo. Inclusive aquele senhor que tá ali, que sentou naquela hora ali e ficou batendo um papo, ele não falha. Esse aí é outro (feirante e produto rural, 51 anos, feira do pequeno produtor).

	Informante 04	<p>Eu tenho freguês que sempre vem comprar aqui comigo. Eu não to te falando? Aquela lá é umas delas, que acabou de vim aqui comprar o molho. Ela atravessa tudo aí para comprar aqui. Só uma vez que eu venda para a pessoa, ela já fica gostando de mim e já vem aqui direto. É só saber receber o freguês bem, trabalhar bem, que é o que importa. Aí, eles sempre voltam. Por exemplo, eu sou comerciante, como é que eu vou atender o freguês aqui com a cara feia? Não dá! Tem que ser alegre! Aqui o negócio é o seguinte, vem gente rica, vem gente que não tem muito. Quando eu conheço a pessoa até deixo ela pagar depois (feirante, 56 anos, feira da 28).</p>
Relação entre os feirantes e deles com os frequentadores	Informante 05	<p>Tem gente que vem comprar aqui direto. Passa por todo mundo e vem direto aqui. Todo domingo! Aquele comprou cinquenta, esse aqui trinta e um reais, e assim vai. Esse rapaz aí vem a seis anos direto comigo [...]. Ele tem conta sim. Pega agora e paga no final da semana. Mas ele paga direitinho, já conheço ele. De feirante eu conheço quase todo mundo aqui. Eu conheço aquelas meninas ali desde pequenininhas, desse tamanhozinho. Ixi, elas passavam por aqui ajudando a mãe com uma bacia na cabeça. Ixi, elas eram bem pequenas, crianças mesmos naquela época. Quando eu trabalhava do outro lado ali, do vale transporte, elas passavam com as bacias na cabeças, eram crianças, né? Já tão grande já, já tão vendendo aqui na feira, já viraram feirante, né? A maioria aqui começou de criança, esse pessoal aí. Eu acho que eles se tornaram feirantes porque preferiram, ganha mais dinheiro que empregado. Todo dia tem o seu dinheiro para gastar e aqui a coisa é boa viu. Mesmo quando você vende fiado o pessoal paga direitinho, mas só vende quando conhece, né? Às vezes a gente tem uns amigos e não deixa de arrumar para eles, né? Tem um cara que de oito em oito dias ele me compra trinta reais e depois me paga, [...] tem uns sete, oito anos que ele me compra aqui (feirante e ex-coordenador da feira da 28, 63 anos).</p>

Fonte: Trabalho de campo realizado em julho de 2013 e de agosto a dezembro de 2014.

Elaboração: Débora Aquino Nunes, 2014.

Através do quadro 08, identificamos que as relações entre os feirantes vão para além de uma ordem monetária, sendo característica das feiras-livres de Marabá. Num jogo dialético entre antipatia e amizade, as interações sociais se realizam. Os feirantes sempre possuem aqueles amigos que ajudam e aqueles que não gostam. Os amigos, normalmente, reparam um a banca do outro. Na hora de necessidade, quando os feirantes precisam se ausentar, sempre tem alguém de olho na sua barraca, mesa, cadeira e qualquer material que eles utilizem para o seu trabalho. Até mesmo realizam a venda pelo outro, repassando, posteriormente, o dinheiro ao amigo feirante (informante 01).

O dia-a-dia da feira é marcado por risos, fofocas, trocas de informações e ajuda mútua. Estreitam as relações entre alguns. A conversa se apresenta muitas vezes de maneira divertida e descompromissada com a lógica econômica (informante 02). Os feirantes mais antigos conhecem uma boa parte dos companheiros de trabalho (informante 05).

Também é importante entender a relação entre os feirantes e os frequentadores para analisar a dinâmica e os processos das feiras-livres de Marabá. A felicidade e o gostar de estar na feira e de trabalhar e habitar ou se relacionar diretamente com produtos regionais são dinâmicas importantes nesses espaços. O reconhecimento mútuo produz relações mais próximas, nas quais uns perguntam pelos outros, sobre a saúde, os amigos e a vida. A troca coexiste com o encontro (informante 03), e essas dinâmicas produzem parte das mudanças e permanências da relação cidade-floresta na Amazônia. Isso porque esse encontro se dá tanto entre feirantes que trabalham principalmente com a produção extrativista e agroflorestal e os frequentadores, quanto entre estes e os feirantes que trabalham, sobretudo, a partir de uma lógica organizada pelos atravessadores e redes de supermercados de Marabá. Nessa coexistência produzem-se interações que negam ou fazem com que resistam a relação cidade-floresta em Marabá.

Existem relações bem estreitas entre os indivíduos partícipes das feiras. Feirantes separam a produção para os conhecidos e os frequentadores atravessam a feira inteira ou se dirigem de outro núcleo para comprar com alguém também conhecido, aproveitando para conversar, pechinchar, comprar fiado (informante 04 e informante 05), sorrir e brincar. As relações próximas entre os feirantes e os frequentadores e a confiança que se instaura a partir daí permite com que o crédito pessoal, o fiado, seja facilitado para alguns. A troca econômica é permeada pela

amizade e, como amigos, eles se ajudam (informante 05). Entre eles, plantas, licores, materiais usados para casa e para a horta e frutas são doados e permutados. Os produtos da floresta, agroflorestais, da pequena agricultura do entorno e das grandes plantações de outras regiões brasileiras invadem as feiras-livres de Marabá, mesmo que de maneira diferente, produzindo conhecimentos e interações baseadas na presença e na ausência da floresta tanto para os feirantes citadinos e do campo como para os frequentadores.

Nas Laranjeiras e na 28, domingo após o término dessas feiras, muitos se encontram em bares próximos ou na igreja. E na feira do pequeno agricultor, após sua finalização, próximo das 13:00 horas, alguns feirantes e frequentadores se reúnem aos pés das barracas e, posteriormente, no bar para conversar. O ovo de galinha caipira trazido do PA que não vendido na feira é consumido no local e oferecido com farinha para os próximos. As latinhas de cerveja e os sorrisos dos trabalhadores se estendem pela tarde. Fala-se bem, fala-se mal das pessoas, fala-se do sindicato, da plantação, do governo, da família, da vida, dos maridos, das esposas, dos filhos, dos amigos, das viagens, entre outras coisas que marcam as vivências e o viver da/na relação cidade-floresta. Nessas conversas, as pessoas, com seus defeitos e qualidades, e as dinâmicas da natureza, apresentam-se como centrais, recebendo mais atenção do que os bens materiais e a capacidade de acumulação das pessoas.

Em relação aos frequentadores, os principais motivos que eles possuem para ir à feira dizem respeito à questão econômica, de preço baixo dos produtos, o que não se realiza, como já exposto. A possibilidade da pechincha e do fiado e as questões das relações de proximidade, da praticidade, da diversidade e da qualidade de produtos que esses espaços apresentam, bem como a (re)produção da confiança que é firmada entre eles e os feirantes, também são motivos importantes (quadro 09).

Quadro 09 – Principais motivos para ir à feira segundo os frequentadores

Eixo	Informante	Entrevista
Preço baixo	Informante 01	Eu venho para cá por causa dos preços, né? Eu acho que eles são mais em conta, com certeza! Eu sempre venho, mas mais aos finais de semana que é quando eu tenho tempo, venho mais à vontade! Sem aquela correria para procurar as coisas. Eu venho sempre aqui para abastecer a casa com produtos mais baratos (estudante e vendedora, 23 anos, feira da 28).
	Informante 02	Não vou mentir! Eu venho pra comprar e para pesquisar. Tem coisas que tá mais cara que no supermercado. Tem coisa que tá mais cara, mas aí eu já conheço, né? Se tiver mais barato eu compro, se não eu deixo de mão. Olha... o quilo de farinha que eu fui comprar ali, eu achei que tá mais cara que no supermercado. Aí já vou comprar no supermercado, porque eu to comprando com o meu dinheiro, não to comprando fiado. Aí eu já deixo para o supermercado. Mas tem coisa que compensa como o alface, o cheiro-verde, a laranja, esses compensam (dona de casa, 52 anos, feira do pequeno agricultor).
Qualidade, preço baixo e relações de proximidade	Informante 03	Acho que o motivo é comprar produtos novinhos, fresquinhos, mais baratos, né? Coisa de qualidade, que a gente sabe que eles tiraram ontem e tão passando para gente hoje. Então, é melhor! E o precinho também, que a gente compra e cobra deles também. Aqui sempre é uma parceria. Mas sempre aqui é mais barato! Em todo lugar aqui de Marabá o cheiro-verde é dois reais. E aqui você pode ir nas barracas todas, o cheiro é um real só; e ainda vem mais. Aí, todo mundo compra um pacote, três, quatro, cinco maços, né? A gente cobra deles que aqui o preço seja mais baixo, né? Porque se não, não tem vantagem. Eu posso ir no supermercado pagar no cartão. Então quando eles querem levantar o preço a gente vai e conversa. Às vezes não tem jeito! Porque eles mesmo que pagam o transporte e as vezes é caro, mas as vezes a gente, consumidores, consegue segurar. Porque feira tem que vender coisa mais barata. Mas não só eu, todo mundo cobra, o pessoal que vem sempre que já conhece eles, né? Feira é feira! Mas as vezes não tem jeito! Aí tudo bem, porque a gente sabe que é difícil, é pegar, colher, botar num caminhão, num ônibus e trazer. Isso tudo sem ajuda de ninguém da prefeitura, sem ajuda de ninguém. Não é fácil não! Mas a gente sempre tá conversando com eles. Eu, por exemplo, sempre venho, todo o sábado e eu sempre bato um papo com elas aqui, não sobre isso só, mas sobre as coisas mesmo, a vida, né? Eu sempre venho converso, com elas, compro um coco, jenipapo.

		<p>Aqui tem essas coisas diferentes, jucá, jatobá, umas coisinhas assim, diferente! E também porque no supermercado tu compra dois reais de macaxeira, e vem pouquinho e também pronto! É dois reais e pronto! Em supermercado, né? Aqui não! Tu compra três reais eles já botam bastante, já botam até mais de três sempre, sempre é assim. Quando tu conhece eles mesmo, aí mesmo que sempre leva um pouquinho a mais. É bom! Muito boa essa feira. Todo sábado eu tô aqui. Olha, cupu também. Tem cupu por aí de três reais, dois e cinquenta. Aí aqui tem uma menina, aquela ali, que me vende de dois reais. Às vezes tem um menorzinho assim, “ah, a senhora vai comprar dez. Vou colocar esse então aqui a mais”. Aí eu saio com as sacolas aqui. É muito bom! (aposentada e dona de casa, 62 anos, feira do pequeno agricultor).</p>
	Informante 04	<p>Eu venho aqui para comprar as coisas mais frescas, mais barata. Quando eu tô de folga às vezes eu venho só para passear porque aqui é gente direto, né? Venho dá uma olhada no movimento e nos produtos bonitos. Eu tenho conhecidos, então eu bato um papo. Eu participo dessa feira aqui, não para trabalhar, eu não tenho ponto aqui... eu participo dessa feira aqui desde doze a quinze anos atrás. Outrora eu era feirante na feira 32, vendia comida lá, eu mais minha mulher. E sempre vinha aqui comprar as coisas. E hoje que eu to trabalhando fora, ainda costumo vim aqui toda semana. Eu gosto tanto dessa feira aqui! Eu vivo aqui direto. Deu final de semana eu tô aqui. Dia de semana eu tô aqui e eu tô aqui! Eu venho aqui de três a quatro vezes por semana. Eu gosto demais desse local aqui, é o melhor local de Marabá! [...] Assim... Nem todos me conhecem, mas eu tenho muitos amigos aqui. Eu chego na banca de um e converso, indago um pouco, converso alguma coisa com ele, digo alguma bobagem e brinco. Passo e vou comprar minha carne, e bato um papo, é assim! Eu ando todo dia, mas também não fico o tempo todo, para não enjoar, né? (risos) É assim! Eu passo, converso e depois vou embora (técnico agrícola, 58 anos, feira da 28).</p>
Praticidade, qualidade e relações de proximidade	Informante 05	<p>O que me traz aqui na feira é a diversidade, né? Aqui eu encontro tudo que eu procuro! Tudo que eu procuro aqui eu encontro. Tudo que tem em Belém, eu encontro aqui. Dou uma conversada com o feirante, dou uma pechinhada e consigo, às vezes, um preço mais em conta. Até jambu tem aqui, ali no canto lá. A primeira vez que eu saí de casa, quando eu cheguei aqui em Marabá, foi para cá para feira (risos)! Atrás das coisas mais baratas e que só tem em feira, né? (encarregado de obras, 40 anos, feira da 28).</p>

Praticidade, qualidade e relações de proximidade (cont.)	Informante 06	Eu acho que a praticidade que a feira proporciona, porque as outras são lá na Laranjeiras, lá na 28, em outros núcleos, né? Aí fica difícil! E aqui têm a vantagem, que nas outras não têm muito. Até têm, mas não como aqui, de a gente ter produtos naturais, né? Sem ser aqueles produtos de mercado. Aqueles produtos que vêm de longe, que já vêm sofrido, que já vêm cheio de agrotóxico, já vêm surrado. Aqui é muito melhor! olha só aquele cheiro-verde empezinho, com as folhas verde, verde. Mais natural, né? Eu acho que é muito importante ela continuar aqui, até porque é a única opção da cidade para gente conseguir produtos melhores (dona de casa, 40 anos, feira do pequeno agricultor).
	Informante 07	Eu venho pra feira porque é mais perto de casa. Eu venho para comprar aqui porque tem mais variedade. Aqui tu encontra da carne ao cheiro-verde. Dá pra comprar tudo aqui! E os produtos da feira são muito bons! Eu compro tudo fresquinho, na hora. Eu sempre compro nela ali, que ela é minha vizinha e eu sempre compro na mão dela. Aí eu venho pra feira todo dia, todo dia, comprar um cheiro-verde, um alface, um tomate, para fazer salada, para temperar a comida. Todo dia eu tô aqui. Todo dia tem que ter um cheiro-verde, um alface, a salada em casa. Porque verdura é muito saúde, dá muito saúde. Já sou freguês dela antigo. Rola um caderninho, um fiado. É bom, né? A pessoa já faz amizade aí e pronto! Já fica mais fácil, né? (desempregado, 28 anos, feira das laranjeiras)
	Informante 08	Acho que o principal motivo é pelas verduras que são sempre mais novinhas que em outro canto, né? Venho para fazer compras, comprar legumes. Aqui às vezes tu encontra coisa que não encontra no Alvorada, por exemplo, ou quando encontra tá velha, tá murcha já. Então, eu sempre compro as coisas para abastecer a casa. Eu sempre venho duas vezes aqui. Eu venho no domingo e normalmente na quarta-feira. Eu só compro nessa menina aqui. Venho direto com ela toda vez! Toda vez! Num sei porque. Acho que é porque eu me simpatizei com ela, aí bato um papo, às vezes peço para separar algumas coisinhas. Às vezes, quando ela não tem, eu compro lá na morena ali, mas normalmente eu sempre venho nela sim. Eu já conheço, né? Sei que ela é honesta. Aí depois vou me embora (vendedora, 43 anos, feira das Laranjeiras).
	Informante 09	Eu venho comprar, né? Comprar verdura, polpa de fruta, às vezes tomar um açaí. Eu não gosto muito de ir nos supermercados não! Lá não é a mesma coisa, porque não pode bater um papo. As pessoas só andam com pressa, mal educadas. Aqui não! É mais light as coisas. Eu venho e

		enquanto eu tomo meu açaí bato um papo, né? Aqui é mais apropriado para comprar as coisas, porque no supermercado fica mais caro também [...]. Eu venho quase todo dia, porque aqui tu encontra de tudo. Vê essa alface bonita aí! Aqui você encontra produtos mais fresquinho, o cheiro-verde mais fresquinho. O preço é mais acessível! Você encontra a couve, o pepino, tudo é regional. Porque no supermercado é uma... vem de fora, né? Aí nesses caminhões de longe, cheio de agrotóxico. Aqui não! Aqui é cultivado aqui dentro da região. Então, eu acho que ela é mais natural. Tu vê que ela é naturalzinha... é... A pimenta de cheiro. É natural. Eu acho que é mais por causa da naturalidade dos produtos. Normalmente os produtos do supermercado não, eles são tão seco, vem com agrotóxico (engenheiro civil, 50 anos, feira das Laranjeiras).
Confiança	Informante 10	A feira é muito importante para nós frequentadores. Eu sempre compro com o mesmo feirante porque eu já conheço, já sei como funciona e ele já sabe o que eu gosto. Como eu gosto das coisas. Eu sempre compro com aquele ali meu peixe e nunca deu problema nenhum. Nunca me vendeu peixe batido. Já é de confiança mesmo, eu sempre venho nele. Olha que eu sou sempre muito exigente naquilo que eu compro, que eu faço, mas eu, realmente, não tenho o que reclamar (aposentada, 65 anos, feira das Laranjeiras).
	Informante 11	A feira chama muita atenção da gente pelo fato de ter muita verdura, frutas e outras coisas que a gente acha de melhor qualidade aqui do que no supermercado. Porque são direto dos cultivadores que tratam com mais carinho das coisas, você pode ver nas barracas, tudo arrumadinho, colorido, tudo novinho. A gente tem até uma segurança maior de vim comprar aqui com eles porque a gente sabe a procedência e sabe como eles tratam as coisas. É isso que traz a gente na feira, com certeza! (estudante, 22 anos, feira do pequeno agricultor).

Fonte: Trabalho de campo realizado em julho de 2013 e de agosto a dezembro de 2014.

Elaboração: Débora Aquino Nunes, 2014

Identificamos, através do quadro 09, que o preço baixo é um dos motivos que atraem os consumidores à feira (informante 01 e informante 02). Alguns preferem comprar no supermercado o que é mais barato, deixando para adquirir na feira apenas os produtos que estão mais em conta (informante 02). O que vale aqui são as relações de troca firmadas, não importando a procedência do produto. Demonstra-se, então, a invasão da dimensão econômica nos interstícios da organização do espaço e da vida cotidiana das feiras-livres.

A expansão do crédito facilitou a compra no cartão e a prazo nos supermercados da cidade, os quais, atualmente, atuam como fortes concorrentes e também abastecedores das feiras-livres. Para alguns, a feira só levaria vantagem, então, ao apresentar um preço menor (informante 01 e informante 02). Na feira do agricultor existe, até mesmo, uma cobrança maior dos frequentadores sobre os feirantes em relação aos preços dos produtos. Os frequentadores entendem que os produtores rurais teriam uma liberdade maior sobre a sua produção, podendo modificar o seu preço final (informante 03). Junto a isso também aparece a questão da qualidade dos produtos. A vantagem de encontrar, frutas e verduras mais frescas e produtos diferentes são atrativos das feiras-livres (informante 03).

Apesar dos supermercados se espalharem, cada vez mais, pela cidade de Marabá, algumas pessoas ainda preferem ir às feiras-livres. Isso porque as rápidas e indiretas relações sociais presentes nos supermercados, mediadas principalmente pela dimensão econômica, afastam alguns indivíduos desses estabelecimentos. A resistência se produz e se propaga pelas feiras. O humano vive e sobrevive. Tal resistência está ligada à permanência de relações mais próximas e às conversas e ações sem fins lucrativos presentes (informante 09). Assim, apesar da negação da floresta na região, das relações de troca e da expansão do crédito e do consumo serem elementos centrais e característicos do atual período (SILVEIRA, 2005, 2009, 2010), outras relações permanecem, estando ligadas, nesse caso, às contraracionalidades, nas quais as trocas nas feiras-livres de Marabá coexistem com as relações de reconhecimento e proximidade, e à presença residual da relação cidade-floresta.

Nesse sentido, a proximidade entre frequentadores e feirantes se faz importante. A conversa, sem pressa entre eles, as brincadeiras e a troca de saberes significam e são significantes das feiras-livres e de sua representação no imaginário dos frequentadores (informante 03 e informante 04). A proximidade faz com que estes,

ao comprar certa quantidade de produtos, levem para casa sempre um pouco a mais ou então ganhem um outro produto de graça (informante 03). São cabeças de alho, limão, pimentinha, uma banana a mais, entre outras coisas.

Identifica-se também outra característica importante. Os frequentadores participam das feiras-livres, muitas vezes, não só como consumidores, mas como pessoas que mantêm relações de todas as ordens com o espaço e com os grupos sociais presentes. A amizade permeia muitas das interações (informante 04).

A proximidade torna os frequentadores fiéis aos feirantes conhecidos, criando um laço que vai para além da troca. Estes últimos guardam as sacolas dos amigos e separam e/ou trazem algum produto específico por encomenda, pois têm certos produtos que só são encontrados nas feiras (informante 08), principalmente os de origem regional.

Criam-se relações de confiança. O ato de conhecer o próximo facilita as compras e a manutenção das relações de proximidade (informante 10), sempre renovadas. Como a feira, principalmente a do pequeno produtor, chama a atenção pela qualidade dos produtos fruto da agricultura familiar; esta que é entendida como mais humana na sua relação com a floresta, faz com que os frequentadores criem uma segurança maior em relação aos produtos ofertados (informante 11).

Outro motivo importante para ir à feira é a possibilidade de pechinchar e de comprar fiado. A primeira é quase regra na tentativa de conseguir produtos mais baratos (informante 05) e a segunda aparece como possibilidade para a aquisição dos produtos a prazo nas feiras. Para comprar fiado é necessária uma proximidade maior entre frequentador e feirante, sendo a amizade, a vizinhança e o parentesco elementos centrais (informante 07).

A diversidade também é um motivo importante. A praticidade de encontrar uma grande variedade de frutas, legumes e temperos nas feiras atraem os frequentadores (informante 07 e informante 09), bem como a localização desses espaços próximos das suas residências (informante 07 e informante 06).

A feira do agricultor apresenta uma vantagem específica ligada à qualidade dos produtos. Os supermercados e as outras feiras da cidade são abastecidos principalmente por atravessadores que trazem as mercadorias de outros estados, no sol e na chuva, para Marabá, e isso pode durar dias. As grandes plantações utilizam de maneira frequente maquinários agrícolas e produtos químicos para controle de pragas e adubação. Essa produção chega à cidade, segundo os frequentadores, já

“sofrida”, “surrada” e cheia de agrotóxicos. Assim, as frutas, verduras e temperos ofertados na feira do agricultor parecem ser mais naturais, mais bem cuidados, bonitos e novinhos, sendo um motivo importante de atração dos frequentadores (informante 06).

Porém, essas características também fazem parte do discurso dos frequentadores de outras feiras (informante 08 e informante 09), apesar dessa qualidade na realidade pouco existir, pois a maioria das frutas, verduras e temperos presentes nas feiras das Laranjeiras e da 28 são oriundos das grandes redes de supermercados ou dos atravessadores, ambos agentes adquirem os produtos das grandes plantações. As mercadorias são apanhadas ainda maduras²⁹, o que é mais um fator que diminui sua qualidade.

A relação cidade-floresta se apresenta, então, numa mediação entre mudanças e permanências. Ao produzir relações de contra-racionalidades de uso e apropriação do espaço e de interações vividas, ela permanece e se apresenta como possibilitada futura, na qual o encontro e a diferença podem se apresentar como virtualidades para se pensar e sentir o espaço amazônico. Como mudança, sabemos que a floresta está ausente principalmente nas feiras das Laranjeiras e da 28. Estas são abastecidas e possuem inter-relações diretas com outras regiões brasileiras, negando a própria floresta em sua materialidade na cidade. Contraditoriamente, a floresta é muitas vezes ligada à representação das feiras-livres pelos seus frequentadores, estando presente de maneira muito mais imaterial nesses espaços do que através de seus produtos. Essa presença-ausência é também uma das características da atual relação cidade-floresta em Marabá.

Em relação à importância que as feiras-livres assumem na opinião dos frequentadores, o quadro 10 expõe as seguintes características principais: sobrevivência, diversidade, preço e qualidade dos produtos, desenvolvimento regional, renda e prazer.

²⁹ Informações concedidas pelos principais atravessadores das feiras-livres das Laranjeiras e da 28.

Quadro 10: A importância das feiras-livres para os frequentadores

Eixo	Informante	Entrevista
Diversidade, produtos regionais e sobrevivência	Informante 01	A importância dela é que ela tem todos os nossos produtos. Os produtos da nossa região, aqui no Pará, né? Eu digo que a importância dela é de ter tudo aqui que eu preciso. E toda cidade precisa de uma feira, né? Não conheço uma cidade que não tenha uma feira, nem que seja pequena. É assim que a gente que não tem muito consegue comprar as coisas, né? Negocia ali, quando você conhece o feirante pendura aculá, e assim a gente vai levando. E essa feira não é diferente! É importante muito essa feira! Por exemplo, pros feirantes, é sustentabilidade para eles, né? Dá um recurso, dá um futuro melhor para eles, dá uma sustentabilidade para eles também (encarregado de obras, 40 anos, feira da 28).
	Informante 02	A importância dessa feira é muitas. Primeiro para ajudar o próprio produtor daqui, né? Que trazem as coisas pra cá e vendem, conseguem escoar a produção, aos trancos e barrancos, mas conseguem! E conseguem também um dinheiro, uma renda a mais. E segundo que até o material, o produto em si, sai mais barato para o comprador, porque não tem o meio de transporte que vem de longe, “ah, porque tem que pagar o transporte”, “as estradas estão horríveis”, “leva dias para chegar aqui”, “o governo que não ajuda”. Então, conseguem atender os que não têm muito dinheiro e que moram na cidade. Tem gente que tem dinheiro que vem comprar aqui, até porque, como eu disse, os produtos são melhores. Mas para o pessoal que não tem muita grana, essa feira é mais importante ainda, é como eles tem como comprar as coisas para casa, entendeu? (dona de casa, 40 anos, feira do pequeno agricultor).
Sobrevivência e renda	Informante 03	É muito importante! Cada núcleo da cidade tem sua feira, né? Então, aqui é só ela aqui. Então, eu acho que ela é super importante. Ela é atrativa aqui! É só ela que tem no começo do bairro para atender todos os bairros aqui. É o maior núcleo, então, ela é muito importante. Ah... porque gera renda, né? Trabalho para esse povo aí! Que muitas vezes esse povo vem da roça, não tem muita oportunidade. Então, a feira é boa porque na feira eles tem um empreguinho e dá para se manter aqui, dá pra sustentar a família, dá pra viver, né? É fonte de vida! É a fonte de vida deles! (engenheiro civil, 50 anos, feira das Laranjeiras).
Desenvolvimento regional	Informante 04	Essa feira aqui ela tá estimulando até o desenvolvimento mesmo. Traz o desenvolvimento para eles! Porque até um certo momento essa feira aqui não tinha esse espaço, que foi conseguido com muita luta dos próprios produtores, para eles terem um espaço para trazer a produção e gerar uma renda pra eles; além de atender à população com produtos melhores, mais baratos,

		melhor cuidado. Essa feira é de fundamental importância tanto para eles como para nós! A gente usufrui aqui do que a gente mesmo planta, porque muitas vezes vem de fora. Então, a gente tá usufruindo do que é da gente, da nossa terra e é muito interessante isso. (estudante, 22 anos, feira do pequeno agricultor).
Preço baixo, qualidade dos produtos e renda	Informante 05	Para nós, consumidores, a importância é a questão do preço, né? Você sabe que a economia hoje não tá tão fácil. Então, você vê uma feira dessa e é direto do produtor para o consumidor, quer dizer que você cortou o atravessador. Então você tem um preço bem melhor! Além da saúde também, porque os produtos são mais frescos, orgânicos, né? E para eles, isso aqui é um avanço. Porque às vezes o atravessador vai lá comprar matando, põe o preço lá em baixo e eles pouco conseguem tirar alguma coisa. Aqui não! Aqui já botam o preço deles, ou seja, a margem deles é bem melhor, entendeu? E os consumidores valorizam isso, os produtos que vem diretamente da mão deles (administrador, 37 anos, feira do pequeno agricultor).
	Informante 06	A importância dela é que ela tem muito emprego... dá muito emprego para o pessoal aqui da redondeza. Ela é umas das maiores da cidade. A feira é uma renda aqui no Marabá para todo mundo. Dá dinheiro para o pessoal, né? Para a gente que frequenta sem essa feira aqui ia ser muito ruim, ó? É muito importante ela para nós aqui, que vem comprar direto. Aí, se não tivesse ela ia faltar em casa o cheiro-verde, o alface, as frutas, né? Porque ia ser mais difícil de comprar. No supermercado é mais caro, é mais longe e não é fresquinho como aqui (desempregado, 28 anos, feira das laranjeiras).
Prazer, qualidade dos produtos e sobrevivência	Informante 07	Eu acho que é porque aqui é uma alternativa para o pessoal procurar coisas de qualidade. Essa que é a importância, mais barato! E para eles é bom, porque dá uma renda a mais e também tu vende as tuas próprias coisas, fruto do teu próprio suor. Então, eu acho que eles trabalham com orgulho, muito alegre. Eles correm atrás disso mesmo. É trabalhoso, mas eles vêm todos satisfeito. Tu não vê uma briga, um emburrado. É sempre assim, brincando, conversando. Geralmente quem pega esse pique de ir para feira é prazeroso, tanto para eles como para nós. Vem porque gosta e também para passar os produtos deles próprios para gente, de primeira qualidade (aposentada e dona de casa, 62 anos, feira do pequeno agricultor).

Fonte: Trabalho de campo realizado em julho de 2013 e de agosto a dezembro de 2014.

Elaboração: Débora Aquino Nunes, 2014

Como podemos identificar, através do quadro 10, para os frequentadores as feiras-livres são importantes pela diversidade de frutas, verduras e temperos; principalmente os que são produzidos na região. A facilidade de realizar negócios através da conversa e da relação de proximidade também é relevante, pois é assim que as pessoas com baixa renda conseguem muitas vezes ter acesso às mercadorias (informante 01).

Para eles, as frutas, verduras e temperos ofertados são de melhor qualidade, pois vêm direto da roça para a cidade, não passando dias em caminhões, no calor e no sol, como acontece com os produtos presentes nos supermercados. Com isso, é maior a liberdade dos feirantes sobre o preço da produção, devido, principalmente, ao menor custo para o escoamento (informante 02). Assim, cortam-se os atravessadores, barateiam-se as mercadorias e valoriza-se o trabalho dos pequenos produtores rurais (informante 05).

Os frequentadores acreditam também que a feira não é só importante para eles, mas também para os feirantes, que tiram seu sustento das atividades que realizam nela. Garante-se um futuro melhor para eles (informante 01). As feiras-livres possibilitam que o pequeno produtor na região possua um espaço próprio para realizar o comércio dos seus produtos (informante 02).

A feira também gera renda e oferta de trabalho para a população da cidade e da floresta, possibilitando sua reprodução social (informante 03 e informante 07). Elas são espaços alternativos, onde estão ofertados os produtos regionais de qualidade e também com menor preço (informante 07). Dessa forma, estimula-se o desenvolvimento regional. Isso porque os produtores rurais conseguem sobreviver, arrecadar algum dinheiro e, concomitantemente, atender com produtos de qualidade e a preço baixo à população, principalmente a de menor poder econômico (informante 04, informante 02 e informante 06). A questão de apresentar frutas e verduras orgânicas, sem agrotóxicos e mais frescas é de grande importância para os frequentadores e, simultaneamente, para a saúde da população (informante 05); o que ocorre, principalmente, na feira do pequeno agricultor e aos finais de semana nas demais feiras-livres, não sendo dominante nas feiras das Laranjeiras e da 28.

O orgulho dos feirantes/produtores de comercializar os frutos de seu próprio trabalho, também é identificado como uma das importâncias das feiras-livres para os frequentadores. O trabalho é permeado pela alegria e satisfação, e não só pelo seu valor econômico. O prazer de estar fazendo algo que gosta aparece como um dos

pilares das relações e atividades realizadas nas feiras. Tal prazer é compartilhado tanto pelos feirantes como pelos frequentadores (informante 07).

Para os agentes hegemonzados, muitas vezes, o que importa é a sobrevivência do conjunto, mesmo em meio aos diferentes interesses dos diversos atores. Tal ação comum não é obrigatoriamente o resultado de pactos explícitos, nem de políticas claramente estabelecidas. A própria existência e sobrevivência, adaptando-se a situações cujo comando frequentemente escapa aos respectivos atores, acaba exigindo acordos tácitos e outras relações que escapam à racionalidade dominante (SANTOS, 2008a e 2011).

As feiras-livres são organizadas pela lógica do circuito inferior da economia, que faz parte das estratégias de acumulação capitalista e que assegura a sobrevivência dos grupos de menor poder econômico e do exercício de reserva, bem como, cada vez mais, é incorporada pelos agentes do circuito superior da economia, drenando seus excedentes. A relação entre os circuitos não é dicotômica, mas de complementariedade, de conflito, de concorrência e/ou de exploração. Ademais, nelas a vida cotidiana apresenta-se nos encontros das diferenças, na dialética entre cotidiano e cotidianidades e no conflito explícito e/ou implícito de sobrevivência da relação cidade-floresta.

Em Marabá existem outros tipos de feiras que asseguram a modernização do espaço regional e a negação, mais veementemente, da relação cidade-floresta no sudeste paraense, são as feiras de exposição. Estas se vinculam às atividades que exercem grande pressão sobre os recursos naturais, como a agropecuária e a mineração.

3.2 O circuito superior da economia e a vida cotidiana: a importância da tecnologia, da informação e do mundo country para a EXPOAMA

As feiras de exposição são espaços recentes na configuração do território nacional e estão ligadas ao período de modernização e urbanização do País. Em 1940, acontece a primeira grande feira no Brasil, a Feira Nacional das Indústrias de São Paulo, que foi organizada pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. No entanto, feiras de exposição com características ligadas a um determinado setor econômico, com o intuito de

venda e exposição de produtos em um certo período do ano, surgem apenas na década de 1950 (MONTES; CORIOLANO, 2003).

Nesse contexto, têm origem e, posteriormente, ganham importância no Brasil as feiras ligadas ao setor agropecuário. Em seus primórdios, as feiras agropecuárias eram direcionadas essencialmente ao público de grandes produtores rurais e trabalhadores ligados a essa atividade, como os grandes latifundiários, os zootecnistas, os agrônomos e os veterinários. Seus objetivos eram essencialmente promover a confraternização desses agentes e divulgar, sob forma didático-pedagógica, as inovações técnico-científicas e comercializar produtos como animais e equipamentos (SILVA, 2008).

O fato é que as feiras de exposições agropecuárias foram gradativamente sendo incorporadas pela indústria cultural a partir do final da década de 1980, com forte viés mercadológico. Além dos seus objetivos já instituídos, juntaram-se os interesses de outros grupos econômicos (multinacionais e comerciantes de produtos e símbolos modernos em geral), ao mesmo tempo em que se manteve e se reforçaram certos objetivos político-ideológicos (reafirmação do poder dos grupos dominantes) (SILVA, 2008).

Atualmente, essas feiras estão no centro de uma nova rede de práticas e representações do rural, que envolvem grandes públicos, fomentam novas formas de sociabilidades, por meio do entretenimento, do lazer e do dinheiro, e, principalmente, expandem o consumo de símbolos ruralistas em diversos espaços rurais e urbanos (ALEM, 2005).

No sudeste paraense isso não foi diferente. A primeira feira de exposição da sua principal cidade, Marabá, estava ligada diretamente ao papel de destaque que a agropecuária foi ganhando na região. A I Exposição Agropecuária de Marabá ocorreu em 1976 e foi uma das primeiras feiras desse gênero no Estado do Pará. Ela foi realizada no então inaugurado Parque de Exposições Agropecuárias de Marabá, construído no núcleo urbano da Nova Marabá, a dois quilômetros da Rodovia Transamazônica. Lá foram realizadas as feiras de exposição entre 1976 e 1984³⁰.

Nesse período, o seu principal organizador foi o Sindicato Rural de Marabá, criado em 8 de outubro de 1965. Antes ele era denominado de Sindicato dos Castanheiros de Marabá. Tal mudança na nomenclatura demonstra a influência de

³⁰ Informações concedidas pelo Sindicato dos Produtores Rurais em julho de 2013.

outras categorias de produtores, dentre as quais se destacavam os pecuaristas (CVDR, 2007).

O objetivo da EXPOAMA era reunir em Marabá, cidade representativa do sudeste paraense, os principais grupos econômicos ligados à agropecuária. Visava-se a confraternização, às trocas de experiências e ao fortalecimento de novas alianças e estratégias de proteção da categoria. Além disso, de 1985 até 1998 não foram realizadas nenhuma feira de exposição agropecuária na cidade.

Marabá ficou entre 12 e 15 anos sem ter nada, só existia o Sindicato Rural, muito tímido. O pessoal daqui ainda era aqueles que vinham do período da castanha. Era esse pessoal, que só depois começou a investir na agropecuária. A feira era mais para eles mesmo, para confraternizar e também pensar em coisas para fazer para proteger a classe. Esse era o objetivo. A feira era bem pequena, só para esse pessoal mesmo (presidente do Sindicato Rural de Marabá, 62 anos, julho de 2014).

Nesse período de inatividade da feira, ganhou destaque outra atividade econômica na região, a exploração mineral. Tal atividade reorientou os investimentos e o poder dos principais grupos político-econômicos, bem como trouxe novos agentes econômicos para a região (VELHO, 1972) e novas racionalidades, valores e comportamentos ligados à modernidade. Porém, com a apropriação das feiras agropecuárias pela indústria cultural, com destaque para a festa de Barretos e sua organização e promoção realizada pela Rede Globo de Televisão, a maior empresa de meio de comunicação de massa brasileira, esses espaços, agora metamorfoseados, ganharam relevância (ALEM, 2005).

Nesse sentido, em Marabá, no ano de 1996, o Sindicato Rural foi transformado em Sindicato dos Produtores Rurais de Marabá (SPRM) e uma nova direção, com novas propostas, assumiu sua coordenação. Em 1999, a EXPOAMA foi, então, reinaugurada, mantendo o mesmo nome, em um novo parque de exposição, dessa vez localizado no Distrito Industrial de Marabá.

Aí em 96, nós, ditos forasteiros, que somos chamados aqui em Marabá pelo povo daqui, é... chegamos ao Sindicato do Produtor Rural, elegemos o nosso presidente, que foi o Geraldo Capota, que é um Mineiro, e a partir de 98, com a eleição do Doutor Carivaldo, nós formamos uma diretoria que resgatou..., construímos este parque. Então, nós adquirimos esse terreno do governo do Estado e construímos o parque de exposição em 98. E aí demos o nome de Parque de Exposição Agropecuária de Marabá e começamos a primeira feira em 99 [...]. Aí, por que hoje é a 27ª, sendo que o parque só tem 14 anos? Porque nós resgatamos o passado, para não perder, entendeu? Então, quando nós fizemos a primeira EXPOAMA aqui, ela foi a 13ª, nós resgatamos aqui o passado de Marabá, aí demos o nome de EXPOAMA (Exposição

Agropecuária de Marabá) (tesoureiro do Sindicato Rural de Marabá e coordenador da EXPOAMA, 50 anos, julho de 2013).

A reinauguração da EXPOAMA aconteceu no dia 26 de junho de 1999 com a I Grande Cavalgada e a XII Exposição Agropecuária de Marabá (EXPOAMA). A Cavalgada consiste em um desfile de cavalos, cavaleiros e amazonas, que têm seu trajeto marcado para começar no início da Nova Marabá e terminar no Parque de Exposição de Marabá. Ela acontece alguns dias antes da EXPOAMA, apresentando-se como o ato que marca o início da temporada country e da festa do agronegócio na cidade.

A cavalgada é um desfile, principalmente da elite local pecuarista, que atravessa a cidade glorificando-se. A população se reúne às margens das ruas e das avenidas para fotografar e observar a passagem dos cavaleiros e das amazonas, que acenam, bem como dos bois, das carroças e dos cavalos. Através da espetacularização, tenta-se atrair a atenção da população. Produzem-se espectadores em consonância com tudo aquilo e estimula-se o consumo dos símbolos do campo modernizado, que aparecem como mediadores da hierarquização e do status social (foto 15).

Os mais bem trajados, que melhor representam os simulacros importados do campo modernizado, recebem um prêmio do SPRM ao chegar ao parque. Caravanas de Marabá, dos municípios do entorno e até mesmo de outros estados participam desse ato. No ponto final é realizado um grande churrasco de comemoração do desfile e de confraternização dos grandes produtores rurais da região.

Entre os participantes, é trocada experiências de vida sobre a produção, as tecnologias, os carros, principalmente pick-ups, os problemas do dia-a-dia, entre outros assuntos que os aproximam e estreitam os seus laços. Há um reconhecimento mútuo entre eles. Essas trocas também fazem parte e marcam a vida cotidiana dos participantes da Cavalgada.



FOTO 15 – XV GRANDE CAVALGADA - EXPOAMA: as caravanas são compostas por homens e mulheres, às vezes também por crianças, que normalmente vão trajadas com o mesmo modelo de camisa, calça jeans, cinto e chapéu. Podemos observar também a presença do berrante, símbolo típico do campo de outras regiões do País. Como numa marcha, a cavalgada atravessa o núcleo da Nova Marabá e entra no Distrito Industrial até o parque de exposição de Marabá.

Fonte: Foto cedida pela Assessoria de Comunicação do Sindicato dos Produtores Rurais de Marabá (SPRM), 2013.

É importante também destacar que, na verdade, o terreno do atual Parque de Exposição de Marabá, localizado no Distrito Industrial, foi cedido em comodato pelo governo municipal ao SPRM (MARABÁ, 2013). Ademais, com o intuito de invocar uma tradição, um passado contado pela elite sobre si própria, manteve-se o nome da feira e deu-se continuidade ao número de sua edição.

O terreno cedido pela prefeitura não possuía nenhuma benfeitoria e ficava à margem da PA-150, tendo, então, uma ótima localização diante dos fluxos regionais. O parque de exposição de Marabá se configura da seguinte forma: nas suas extremidades localizam-se os estábulos, onde ficam os bois que serão leiloados, o espaço destinado para realização de leilões, a sede do SPRM, a arena de shows, que comporta apresentações de bandas nacionais e da etapa do rodeio de Barretos³¹ e a pista da prova equestre. Ao redor dessa pista encontram-se bancos pintados com os nomes dos principais colaboradores do sindicato. Entre as extremidades encontram-se os estandes das empresas e a praça de alimentação. O SPRM divide e apresenta um croqui aos empresários que podem adquirir o direito do uso de parte do parque no período da feira, mediante o pagamento de certa quantia em dinheiro. Os estandes são alugados dependendo do seu tamanho e da sua localização.

A EXPOAMA, ao longo do tempo, foi ganhando grande notoriedade no cenário nacional, pelo porte da feira, pela qualidade e diversidade dos produtos expostos, pela quantidade de público e pelos eventos realizados, desde provas equestres até, atualmente, umas das etapas do rodeio de Barretos. A EXPOAMA aparece como uma das maiores e mais importantes feiras de exposição agropecuária do Norte e Nordeste do País. Sua importância é reconhecida pelo poder público, pelos representantes de sindicatos e associações de produtores rurais de outros municípios do sudeste paraense, pelas empresas e pelo público presente.

Aos seus objetivos iniciais, de confraternização e a troca de informações e produtos entre os agentes ligados diretamente ao setor agropecuário, atualmente

³¹ O Circuito Barretos de Rodeio, é realizado em várias cidades brasileiras e é organizado pela Liga Nacional de Rodeio (LNR). Esta surgiu em 2006 com o objetivo de promover e organizar tal circuito e conceber um novo modelo de atuação profissional no mercado de rodeios. O campeão de cada etapa ganha o direito de disputar a final, realizada no maior palco de rodeio do Brasil, o Parque do Peão, em Barretos, durante a Festa do Peão de Boiadeiro. Para uma cidade qualificar-se como etapa da LNR o evento deve atender inúmeros padrões técnicos e de qualidade determinados. Visa-se, além de disseminar os rodeios como grandes eventos pelo interior do país, transformar Barretos em uma espécie de meca brasileira, à semelhança do que se via em cidades dos EUA, como Pecos e Dallas (Texas), Oklahoma City (Oklahoma), Los Angeles (Califórnia) e Las Vegas (Nevada), além de outras, que formam um circuito ininterrupto, cuja a produção de símbolos e de capital ligado ao campo moderno recobre quase todas as regiões do País e dura o ano todo (ALEM, 2005).

foram adicionados outros, ligados aos interesses e às necessidades do capital de forma geral na região.

A EXPOAMA hoje é a maior feira agropecuária da região Norte e Nordeste do Brasil. Não é a maior feira de Marabá, mas... ela abrange duas regiões do País. Que ela é a maior feira do Norte e Nordeste e está entre as 10 maiores feiras do Brasil hoje [...]. O principal objetivo da feira, que isso aqui é uma feira, não é uma festa. E as pessoas têm que entender que o Sindicato Rural promove uma feira do agronegócio, da indústria e do comércio. Então, nosso objetivo é fomentar nosso negócio, é fomentar negócios, vendas, marketing, máquinas de implementos, animais, artesanatos, ou seja, fomentar o comércio todo da cidade e região. Esse é o intuito da exposição. Show de rodeio é um complemento que o sindicato tem que fazer para fazer o social para a população, mas não é esse o foco do sindicato. O foco do sindicato é a feira do agronegócio (tesoureiro do Sindicato Rural de Marabá e coordenador da EXPOAMA, 50 anos, julho de 2013).

Podemos identificar, então, que apesar da confraternização e da reafirmação do poder da elite continuar como um dos objetivos dessa feira, a dimensão econômica da EXPOAMA é que ganha destaque, segundo a informação de seu organizador. O central é fomentar o comércio e o serviço de produtos e símbolos ligados à agropecuária moderna, negando a floresta em pé.

Os shows e os eventos são vistos como uma contrapartida “social” que o SPRM realiza junto à população, justificando, principalmente, a ajuda financeira e infraestrutural que o poder público fornece. No discurso, os entretenimentos presentes na feira aparecem com menor importância, devido à sua incapacidade de movimentar grande capital. Porém, eles são necessários, já que criam uma atmosfera capaz de envolver a população nas teias do capital (ALEM, 2005; SILVA, 2012) e, particularmente para a Amazônia, no apoio da exploração e negação da floresta.

Nesse sentido, tenta-se diminuir os questionamentos sobre os impactos, as violências e as transgressões que a atividade da agropecuária moderna alcança na região. Cria-se uma imagem distorcida de tal atividade, que passa a estar ligada ao moderno, no qual o capital, a tecnologia, a transformação do sujeito em objeto, o consumo e o dinheiro assumem uma posição esquizofrênica, alienada e fetichizada que invade as relações sociais e a produção dos espaços regionais, ganhando notoriedade. Trabalha-se para impor, incisivamente e sutilmente, uma identidade regional a partir dessa distorção.

Como produto e produtora da modernidade presente na Amazônia, a EXPOAMA é um espaço imbuído da ordem, da técnica e da informação que atinge o

campo moderno brasileiro. Ela é organizada por grandes produtores agropecuaristas que estão diretamente ligados à ordem do circuito superior da economia. A sua abrangência extrapola os limites do Município de Marabá e se estende à população e aos investidores, que desenvolvem ou pretendem desenvolver atividades no sudeste paraense. Sendo uma das principais feiras de exposição da região, nela estão presentes os produtos e os serviços com alta tecnologia e que requerem certa quantidade e qualidade de informação. É assim, um importante espaço organizado a partir da negação das relações cidade-floresta e que dá base para a reprodução simbólica e material do moderno que avança sobre a região (quadro 11).

Quadro 11: A importância da EXPOAMA para as empresas e para o Sindicato dos Produtores Rurais de Marabá

Eixo	Informante	Entrevista
Marketing, vitrine e Economia	Informante 01	A feira é muito importante! Mas na feira a gente não vende muito! Ela é mais uma vitrine! Aquele ditado de que “quem não é visto não é lembrado”, né? Então, eu tenho certeza que quando você ver uma máquina amarela, aquele símbolo ali, você vai lembrar da New Holland. Você vê uma máquina azul daquela ali e vai lembrar da gente. Ela é muito importante por isso! É a maior feira da região, onde a gente pode ser visto (diretor de vendas, 61 anos).
	Informante 02	A EXPOAMA é a grande vitrine para o agronegócio, né? Então, você vê a parte de agropecuária que é muito forte aqui na região, você vê equipamentos, caminhões. Então, é assim... É a oportunidade para os investidores verem as oportunidades de negócio que a região tem. Pelo fato do Estado do Pará ser carente em serviços, aqui é um lugar para gerar negócios. Eu vejo o Pará com vários cifrões, né? Quer ganhar dinheiro vem para cá! Aqui tem muita oportunidade (gerente de manutenção de equipamentos pesados, 34 anos).
	Informante 03	A EXPOAMA é muito importante! Na época da EXPOAMA, a Marabá recebe muito visitantes de toda a nossa região e inclusive fora da nossa região. O pessoal do sul vem conhecer. Então, é famosa a nossa feira, e o pessoal procura muito bem divulgar ela. Então, movimenta o dinheiro na cidade, traz novos investidores para região. Essa é a importância dela! (gerente, 54 anos).
Espaço modelo e Economia	Informante 04	Olha... hoje a gente tem gente do Brasil inteiro, não só da região. O Estado do Pará, praticamente quase todas as localidades do Estado que tem feira, tem exposição, eles vêm a EXPOAMA para aprender, para ver o que está se fazendo aqui e o que está se trazendo de novidade para eles copiarem e implementarem nas suas cidades. Então, a EXPOAMA hoje, no Estado do Pará, é uma referência. No Brasil, a gente tem visitantes do Brasil inteiro que participam da feira com stands também, porque Marabá... a gente sabe que é uma região que está no foco do país hoje. Então, todo empresário que vem a Marabá, que quer começar algum empreendimento, o primeiro

		<p>lugar que ele vem é na feira. Aqui que ele vai sentir o termômetro, aqui que ele vai sentir o que é a cidade, o que é a região, a possibilidade de negócios dele [...]. A EXPOAMA não movimenta só dentro do parque, ela gera uma receita em toda uma região que se beneficia daquele evento. Então, o que? Hotéis, restaurantes, taxistas, moto-táxi, empresas de ônibus, aeroportos. Vamos dizer também o shopping hoje, roupa, sapato, chapéu, o que se vende na cidade; comida, supermercado. Porque aquele tanto de restaurantes que se estabelece aqui, são todos de fora. Eles vão fazer as compras aonde? Nos supermercados para abastecer! Então, se a gente for fazer uma conta boba aí, a imprensa, a mídia, principalmente, essa receita vai para 70, 80 milhões de reais que a EXPOAMA movimenta na região de Marabá. Se não existisse a EXPOAMA, esse dinheiro não entrava na cidade (tesoureiro do Sindicato Rural de Marabá e coordenador da EXPOAMA, 50 anos).</p>
Economia, Desenvolvimento e inovação	Informante 05	<p>É muito complexo, mas nós sabemos que hoje... nós sabemos que o agronegócio representa mais de 30% do PIB paraense. Mais de 30%, não é pouco! Hoje, o Estado do Pará é um dos maiores exportadores de carne bovina, a nossa proteína vermelha. Nós temos a felicidade que Marabá, o município de Marabá, é que impõe e põe o Estado do Pará nesse patamar. Daí, então, a gente começa a ver a necessidade e a importância que a feira de exposição assume a cada ano que passa. E ela vem aumentando, ela é responsável por movimentar a economia e a região, gerando desenvolvimento. Ela traz o que é maior novo e inovador no mundo do agronegócio. O que tem de mais novo está aqui! (presidente do Sindicato Rural de Marabá, 62 anos).</p>
	Informante 06	<p>A feira é importante porque fomenta o desenvolvimento e faz com que a economia cresça no município. O volume de recursos que é gerado numa feira dessa, nesses 9 dias, ultrapassa aí a casa dos 100 milhões de reais em negociações aí de animais, máquinas, de equipamentos, certo? De entretenimento, que são os shows, leilões de gado. Então, movimenta os recursos e ele fica no município. Então, isso acaba afetando a economia local do município. Então, é muito importante [...]. E também de ter... de certa forma, trazer o movimento financeiro para o município, que isso é importante, né? Vê os bancos financiando equipamentos, máquinas. Isso é importante! (gerente regional, 49 anos)</p>

Consumo, lazer, renda e negócios	Informante 07	<p>A importância da feira para cidade é que ela vai desde os negócios ao lazer das famílias, a cultura, né? Tu movimenta o dinheiro! A cidade toda fica em alerta. Abrange desde de o ambulante ao mototaxi, todo mundo participa! Então, é uma semana boa, a cidade movimenta, gira muito. Traz muito movimento! Movimenta os bares, tem música, aumenta o consumo, né? E para gente, como é nossa praça, a gente faz questão de vim, atender o nosso cliente, confraternizar também, entendeu? Reunir o pessoal da empresa e sempre correndo atrás de negócios, né? De mais negócios (vendedor, 26 anos).</p>
	Informante 08	<p>A importância da EXPOAMA é muita! É um período de grande negócio para gente aqui, né? É cultural, as pessoas esperam, se arrumam. Normalmente, o período que ferve a cidade, que tem dinheiro circulando e se vende tratores. É esse período do ano! Então, aqui se inicia um ciclo de grandes vendas. Vamos dizer assim: é o inicial, digamos assim, de 90 dias de grande volume muito alto de vendas. A maior parte das vendas vão ser nesses três meses agora do ano. A feira movimenta muita a cidade! Gera emprego para muitos! Gera renda! Emprego não, porque é temporário, né? Mas gera um trabalho aí, uma renda, nesse período para muitos aí. Entra muito dinheiro! Circula muito dinheiro na cidade! Isso movimenta a cidade! (vendedor, 29 anos).</p>
	Informante 09	<p>A EXPOAMA é de extrema importância, onde vem gente da região toda para visitar e conhecer os animais e os produtos que estão em oferta, como o trator... você vê que tem stand até de combustível aqui dentro. Então, é uma festa bem importante para movimento do capital da cidade. Então, são 9 dias de festa. 9 dias que traz muitos visitantes. Com isso, gera renda tanto nos comércios quanto nos restaurantes, em bares. É uma opção também para o pessoal sair, rir um pouquinho, se divertir, também precisa! Todo mundo já sabe que todo ano tem e já prepara a roupa para festa. Os produtores já esperam para saber das novidades, aproveitar as ofertas especiais, essas coisas (gerente de vendas, 35 anos).</p>

<p>Afirmação da categoria, agronegócio e informação</p>	<p>Informante 10</p>	<p>A gente fala de agronegócio, as vezes é uma palavra um pouco difícil para alguns, porque nós sabemos o seguinte: é fácil comprar um arroz e uma carne na gondola do supermercado, mas tem muitas crianças e até adolescentes que não sabem como o arroz é produzido. Eu tenho um lugarzinho interessante... há muito tempo atrás... eu tenho um sobrinho chamado Fábio, e aos 6 anos de idade ela falou: “tio, mas isso é um arroz?”. Ele viu um pé de arroz e não sabia. É muito fácil, ele só viu o arroz já no pacote, o leite na caixinha, a mussarela... ele gostou da mussarela, mas ele não sabe a origem. Iogurte, café, o estudante não sabe a forma como é produzido. Vai na farmácia, o algodão, não sabe! Até nós não atentamos da onde vem o algodão. Dr. (...), ex-secretário de agricultura, ele é sabedor disso. Você vai na farmácia compra um algodão e você não sabe da onde ele foi produzido e assim tem muitas e muitas crianças e adolescentes, e muitas vezes até adulto. Então, a feira é também uma oportunidade de conhecer da onde vem os produtos, o seu pão de cada dia, seu café, seu almoço. A EXPOAMA serve também para isso. Ela prima pelo agronegócio! Ela mostra na cidade, na zona urbana, tudo que nós produzimos... Aquilo que o produtor rural produz na zona rural: o boi, como eu falei, a carne, a nossa proteína vermelha, o leite e os seus derivados, as máquinas agrícolas, que não são produzidas aqui, mas sem a zona rural produzindo o alimento nada adiantaria essas máquinas agrícolas. A gente vê uma colheitadeira bonita, grande, mas sem o produtor rural a indústria não fabricaria e o comércio não venderia. É por isso que eu digo que eu tenho uma enorme satisfação de estar na liderança de um sindicato, onde ele produz o pão de cada dia, onde gera emprego e gera renda. Isso dá muito orgulho! Orgulho no bom sentido (presidente do Sindicato Rural de Marabá, 62 anos).</p>
	<p>Informante 11</p>	<p>Eu acho que é um local, um lugar que acontece as trocas de informação. A gente vê vários stands aqui. Vem trazendo tecnologia do mundo inteiro. Tecnologia de ponta aqui para a região. Você vê pecuarista conversando. Então, é a hora e lugar de trocar ideia. Do produtor ficar antenado no que está acontecendo, nos melhores animais, né? (representante técnico, 32 anos)</p>

Fonte: Trabalho de campo realizado em julho de 2013 e julho de 2014.

Elaboração: Débora Aquino Nunes, 2014.

Através do quadro 11, identificamos a múltipla importância da EXPOAMA para os grandes empresários e para os representantes dos pecuaristas da região. Primeiramente, ela aparece como vitrine para os produtos e animais de ponta na região. Os estandes com suas cores, formas e logos adentram, junto com os seus produtos, o imaginário de diversos grupos sociais. A vitrine também serve para reafirmar a representação desses produtos e a sua ligação com a modernidade capitalista, organizando as conexões entre símbolos, empresa e população (informante 01) e também filtrando, através das lentes da economia, os olhares sobre a produção do espaço regional (informante 02).

Essa feira é a oportunidade dos grandes empresários serem vistos, de realizar grandes negócios (informante 02) e de novos grupos de investidores conhecerem a região (informante 02 e informante 03). Como espaço de grande abrangência, a EXPOAMA é uma das principais feiras de exposição do sudeste paraense, recebendo visitantes também de outras regiões do Pará e do Brasil. Ela é capaz de movimentar e servir como termômetro econômico da cidade de Marabá e da região. Isso porque ela movimenta e traz dinheiro à cidade, atingindo diversos setores do comércio e serviço, como shopping, supermercados, hotéis e restaurantes (informante 04).

É importante frisar que, apesar do aumento de movimento de capital nesse período na cidade, a maioria dos produtos expostos é oriunda de fora da região, sendo os comerciantes de Marabá apenas representantes ou revendedores das multinacionais e grandes empresas nacionais. O que cabe a eles é a renda gerada principalmente das vendas. A gestão e a produção intelectual das mercadorias são externas, bem como a concentração da mais-valia. Reafirma-se o comando e o domínio de regiões longínquas sobre o espaço regional. Este processo é uma das características do circuito superior da economia (SANTOS, 2008b) que organiza, direta e indiretamente, a EXPOAMA e, através da negação, a relação cidade-floresta na região.

Pela sua importância, a EXPOAMA está ligada ao circuito das feiras de exposição do sudeste paraense como um espaço modelo que deve ser copiado por outros municípios. Os símbolos e as atividades que levam à substituição da floresta por pastos são elementos disseminados, então, a partir desse espaço para a região. Dessa forma, os organizadores desse tipo de feira se deslocam a Marabá para aprender sobre a dinâmica da exposição, realizar contatos e conhecer o que tem de mais inovador e tecnológico no contexto da agropecuária moderna (informante 04).

A importância da EXPOAMA também é analisada através da sua capacidade de movimentação e criação de capital. Tal capacidade aparece diretamente ligada ao desenvolvimento (informante 05 e informante 06). A lógica é a da causalidade, na qual a maior participação no P.I.B. e nas exportações levaria automaticamente ao desenvolvimento regional (informante 05).

Apesar de Marabá já ter passado por diversos booms econômicos, esse desenvolvimento, na realidade, não aconteceu. Marabá continua apresentando baixos índices de padrão de vida (TRINDADE JR., PEREIRA, 2007) e de serviços públicos, bem como uma infraestrutura insuficiente para atender à sua população.

Identificamos também que a EXPOAMA se apresenta como um espaço de lazer da sociedade burocrática de consumo dirigido³² (LEFÈBVRE, 1991). Os shows e os leilões são vistos através e na mediação do seu potencial econômico (informante 06). Nela se reúnem famílias e amigos em prol, principalmente, do consumo no e do espaço, ou seja, do consumo de produtos, informações e animais presentes na feira e, concomitantemente, do consumo das formas-conteúdos e símbolos da racionalidade capitalista, como as pick-ups e as imagens que se remetem à moda country e à atividade da agropecuária moderna (informante 07, informante 08 e informante 09). Até mesmo a confraternização entre pessoas é imbuída da lógica econômica, tendo por trás a geração de negócios (informante 07), o que faz parte da vida moderna.

Com a cidade imersa nesse contexto, aumenta a circulação de dinheiro, atingindo espaços e agentes que estão fora do cerco do Parque de Exposição (informante 06a, informante 08 e informante 09). O discurso da sua importância gira em torno também da renda gerada em todos os setores da economia, desde os grandes empresários e pecuaristas aos moto-taxista e vendedores de lanche (informante 08 e informante 09). A realização da feira, então, atinge tanto os agentes do circuito superior quanto do circuito inferior da cidade. As relações entre esses circuitos mais convivem e contribuem do que problematizam sua realização.

Nesse sentido, identificamos que as atividades do circuito superior da economia não podem ser entendidas apartadas do circuito inferior. Na EXPOAMA, os grandes

³²A denominação de “sociedade burocrática de consumo dirigido” marca tanto o caráter racional da sociedade, como também os seus limites. Estes que estão ligados a impossibilidade de realização plena da racionalidade burocrática imposta, do objeto que ela organiza (o consumo no lugar da produção da vida) e do plano para o qual ela dirige seu esforço (a direção da vida cotidiana). A sociedade burocrática de consumo dirigido é um produto da sociedade contemporânea e do atual modo de produção capitalista e também a sua negação (LEFÈBVRE, 1991).

comerciantes de maquinários e intensivos agrícolas convivem com os pequenos comerciantes de lanches e prestadores de serviço, como os moto-taxistas, em prol da realização da feira.

Os restaurantes presentes na praça de alimentação são abastecidos pelas grandes redes de supermercado e também, em menor proporção, por pequenos produtores, principalmente de galinha caipira e de carneiro e de frutas típicas da região, como o cupuaçu. Dessa forma, a floresta consegue aparecer, mesmo que de forma tímida, através dos produtos de sistemas agroflorestais praticados em algumas propriedades na região, que combinam floresta (árvores frutíferas, ornamentais e/ou que ajudam a equilibrar o ecossistema), pequena criação de animais e produção de verduras e hortaliças.

Eu ando em todas as barracas, ando tudo por aí, faço contato, falo com todo mundo, conheço todo mundo, porque eu sou um comprador e vendedor. Então, eu compro e vendo tudo o que você pode imaginar e que tenho direito. Hoje mesmo eu trouxe uns frangos caipira e vendi aqui na feira. Eu trago... eu faço linguiça caseira, eu tenho frango, crio porco lá no PA, tenho horta, planto cupuaçu, tenho coqueiro. Tudo que eu puder, eu trago para vender aqui na EXPOAMA (pequeno produtor rural, 49 anos, julho de 2014).

Por fim, uma outra importância da EXPOAMA diz respeito ao seu caráter de afirmação do discurso e do poder dos pecuaristas da região. Para os grandes produtores rurais, é nessa feira que a população pode conhecer os produtos oriundos do campo e também aprender sobre a importância do agronegócio para o abastecimento da cidade (informante 10). Tal atividade, praticada em outras regiões brasileiras, é uma das principais responsáveis por organizar os espaços das feiras-livres de Marabá, onde os seus produtos se apresentam com preços mais altos dos que os praticados nos grandes estabelecimentos comerciais da cidade. Apesar do discurso, é relativa importância do agronegócio principalmente para a população com menor poder econômico, que passa a ter mais dificuldades de adquirir produtos de primeira necessidade.

Os grandes agropecuaristas na EXPOAMA tentam demonstrar a sua importância diante da sociedade e da atividade industrial, esta que aparece como dependente de seus investimentos e consumo (informante 10). Além disso, eles se encontram e trocam informações ligadas à produção, à tecnologia, a animais de ponta, entre outros temas, fortalecendo os laços entre os indivíduos da categoria e a agropecuária na região (informante 11).

Destaca-se também que no circuito superior da economia do agronegócio, o campo pode se ligar diretamente às dinâmicas do capital e transforma parte da cidade segundo as suas necessidades de aquisição de produtos e serviços especializados (ELIAS, 2011). Isso, de certa forma, também acontece no sudeste paraense, onde parte da produção é exportada, como o gado em pé, praticamente em natura para outros países; demonstra-se a conexão direta entre pecuária, que transforma a floresta em pasto, e o exterior. Promove-se, com isso, o comércio e os serviços especializados em Marabá, que passa a se apresentar como o principal núcleo urbano que dá suporte à atividade da agropecuária moderna na região, sendo a EXPOMA um espaço que demonstra tal centralidade e papel.

Na sua última edição, a EXPOMA contou com importantes empresas de abrangência regional, nacional e internacional. Entre elas ganham destaque as concessionárias e as empresas ligadas ao comércio de produtos agropecuários, pois elas, além de serem maioria na feira e de movimentar grande quantidade de capital, são as que mais representam a negação da relação cidade-floresta mediada pelo ideal moderno e a sua dominação para fins de acumulação (quadro 12).

Quadro 12: Concessionárias e empresas de comércio de produtos agropecuários com estandes na XXVIII EXPOAMA/2014

Nome	Ano de instalação	Produtos e/ou serviços ofertados na feira	Marcas em exposição / Sede Matriz
Avanthy	2008	<ul style="list-style-type: none"> • Carros nacionais e importados • Utilitários (caminhões) • Equipamentos (peças e acessórios) • Primeiro atendimento do serviço pós-venda (manutenção, instalação de equipamentos, entre outros) • Serviço gourmet (agua, refrigerante, drinks, coquetéis e salgados) 	Hyunday / Coreia do Sul DAF / Estados Unidos
Correntão Rural	1988	<ul style="list-style-type: none"> • Máquinas Pesadas* • Agroquímicos • Sementes • Vacinas, antibióticos e anti-inflamatórios para animais • Produtos para nutrição animal • Serviço gourmet (agua, refrigerante, drinks, coquetéis e salgados) 	Agrale / Brasil Dow AgroSciences / Estados Unidos Merial / Brasil Novartis / Suíça Pfizer / Estados Unidos Purina / Suíça (Subsidiária do grupo Nestle) Schering-Plough / Estados Unidos Vetbrands / México Vallée / Brasil
Concessionária Zucar	2012	<ul style="list-style-type: none"> • Carros nacionais e importados • Utilitários (caminhão e van) • Pick-ups • Equipamentos (peças e acessórios) 	Chery / China Rely / China

		<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro atendimento do serviço pós-venda (manutenção, instalação de equipamentos, entre outros) • Serviço gourmet (água, refrigerante, drinks, coquetéis e salgados) 	
RR Imports	1998	<ul style="list-style-type: none"> • Carros nacionais e importados • Pick-ups • Utilitários (caminhões, ônibus e micro-ônibus) • Máquinas pesadas* • Equipamentos (peças e acessórios) • Primeiro atendimento do serviço pós-venda (manutenção, instalação de equipamentos, entre outros) • Serviço gourmet (água, refrigerante, drinks, coquetéis e salgados) 	Mitsubishi / Japão Fiat / Itália Chery / China Agrare / Brasil
Canopus veículos	2004	<ul style="list-style-type: none"> • Carros nacionais e importados • Pick-ups • Equipamentos (peças e acessórios) • Primeiro atendimento do serviço pós-venda (manutenção, instalação de equipamentos, entre outros) • Serviço gourmet (água, refrigerante, drinks, coquetéis, salgados e doces) • Música ao vivo 	Toyota / Japão
Motobel	1991	<ul style="list-style-type: none"> • Máquinas pesadas* • Implementos agrícolas** • Equipamentos (peças e acessórios) • Serviço pós-venda (manutenção, instalação de equipamentos, entre outros) 	Valtra / Finlândia Baldan / Brasil Komatsu / Japão
Agrinorte	2006	<ul style="list-style-type: none"> • Máquinas pesadas* • Implementos agrícolas** • Equipamentos (peças e acessórios) 	John Deree / Estados Unidos

		<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro atendimento do serviço pós-venda (manutenção, instalação de equipamentos, entre outros) 	
Sotrec	1998	<ul style="list-style-type: none"> • Maquinas pesadas* • Equipamentos (peças e acessórios) • Primeiro atendimento do serviço pós-venda (manutenção, instalação de equipamentos, entre outros) • Serviço gourmet (agua, refrigerante e cerveja) 	Caterpillar (CAT) / Estados Unidos
JBC	2008	<ul style="list-style-type: none"> • Maquinas pesadas* • Implementos agrícolas** • Equipamentos (peças e acessórios) • Primeiro atendimento do serviço pós-venda (manutenção, instalação de equipamentos, entre outros) 	Rech tratores / Brasil
Agripeças	2002	<ul style="list-style-type: none"> • Maquinas pesadas* • Implementos agrícolas** • Equipamentos (peças e acessórios) • Primeiro atendimento do serviço pós-venda (manutenção, instalação de equipamentos, entre outros) • Serviço gourmet (agua e refrigerante) 	Baldan / Brasil Tatu Marchesan / Brasil Inroda / Brasil Piccin / Brasil
Samurai	2006	<ul style="list-style-type: none"> • Carros nacionais e importados • Equipamentos (peças e acessórios) • Primeiro atendimento do serviço pós-venda (manutenção, instalação de equipamentos, entre outros) • Serviço gourmet (agua, refrigerante, drinks, coquetéis e salgados) 	Honda / Japão
DuNort	2001	<ul style="list-style-type: none"> • Carros nacionais e importados • Equipamentos (peças e acessórios) • Primeiro atendimento do serviço pós-venda (manutenção, instalação de equipamentos, entre outros) 	Renault / França

		<ul style="list-style-type: none"> • Serviço gourmet (agua, refrigerante, drinks, coquetéis e salgados) 	
Nissan Tropical	2006	<ul style="list-style-type: none"> • Carros nacionais e importados • Pick-ups • Equipamentos (peças e acessórios) • Primeiro atendimento do serviço pós-venda (manutenção, instalação de equipamentos, entre outros) • Serviço gourmet (agua, refrigerante, drinks, coquetéis, salgados e doces) • Música ao vivo 	Nissan / Japão
Sul Pará	1994	<ul style="list-style-type: none"> • Carros nacionais e importados • Pick-ups • Utilitários (caminhões, ônibus e micro-ônibus) • Máquinas pesadas* • Equipamentos (peças e acessórios) • Primeiro atendimento do serviço pós-venda (manutenção, instalação de equipamentos, entre outros) • Serviço gourmet (agua, refrigerante, drinks, coquetéis e salgados) • Música ao vivo 	Volkswagen / Alemanha Massey Ferguson / Canadá Sany / China Man La / Alemanha
Rodobens	2000	<ul style="list-style-type: none"> • Utilitários (caminhões, ônibus e micro-ônibus) • Equipamentos (peças e acessórios) • Primeiro atendimento do serviço pós-venda (manutenção, instalação de equipamentos, entre outros) • Serviço gourmet (agua, refrigerante, cerveja, whisky, drinks, coquetéis e salgados) 	Mercedes bens / Alemanha
Itaipu Norte	2006	<ul style="list-style-type: none"> • Utilitários (caminhões) • Equipamentos (peças e acessórios) 	Scania / Suécia

		<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro atendimento do serviço pós-venda (manutenção, instalação de equipamentos, entre outros) • Serviço gourmet (agua, refrigerante, cerveja, whisky, drinks, coquetéis e salgados) • Música ambiente e sala climatizada 	
Revemar	1981	<ul style="list-style-type: none"> • Carros nacionais e importados • Pick-ups • Equipamentos (peças e acessórios) • Primeiro atendimento do serviço pós-venda (manutenção, instalação de equipamentos, entre outros) • Serviço gourmet (agua, refrigerante, drinks, coquetéis e salgados) 	Volkswagen / Alemanha
Raimac	1995	<ul style="list-style-type: none"> • Máquinas pesadas* • Máquinas leves*** • Equipamentos (peças e acessórios) • Primeiro atendimento do serviço pós-venda (manutenção, instalação de equipamentos, entre outros) • Serviço gourmet (agua e refrigerante) 	New Holland / Estados Unidos Still / Alemanha
Açores Marabá	2011	<ul style="list-style-type: none"> • Balanças para animais 	Balança Açores / Brasil
Kontentor Marabá	2012	<ul style="list-style-type: none"> • Sistemas de contenção hidráulica para bovinos. 	Kontentor / Brasil
Valfran Marabá	2010	<ul style="list-style-type: none"> • Sistemas de contenção hidráulica para bovinos. • Balanças para animais 	Valfran / Brasil
Agromax	2001	<ul style="list-style-type: none"> • Utilitários (caminhões) • Equipamentos (peças e acessórios) • Primeiro atendimento do Serviço pós-venda (manutenção, instalação de equipamentos, entre outros) • Equipamentos (peças e acessórios) 	Iveco (subsidiaria do grupo Fiat) / Itália

		<ul style="list-style-type: none"> • Serviço gourmet (água, refrigerante, drinks, coquetéis e salgados) 	
Norte Caminhões	2001	<ul style="list-style-type: none"> • Utilitários (caminhões) • Equipamentos (peças e acessórios) • Primeiro atendimento do serviço pós-venda (manutenção, instalação de equipamentos, entre outros) • Serviço gourmet (água, refrigerante, drinks, coquetéis e salgados) 	Cargo (subsidiária do grupo Ford) / Estados Unidos
Disbrava	2006	<ul style="list-style-type: none"> • Carros nacionais e importados • Pick-ups • Equipamentos (peças e acessórios) • Primeiro atendimento do serviço pós-venda (manutenção, instalação de equipamentos, entre outros) • Serviço gourmet (água, refrigerante, drinks, coquetéis e salgados) 	Chevrolet / Estados Unidos

* Considera-se como máquinas pesadas os tratores, as retroescavadeiras e as colheitadeiras.

** Os implementos agrícolas são peças que devem ser acopladas às máquinas pesadas que auxiliam no tratamento e na preparação do solo, além de também poder ajudar no trabalho de plantio, de manutenção da plantação e de coleta, como: arados, grades, cultivadores, semeadoras, roçadeiras e plainas.

*** Entende-se como máquinas leves as empilhadeiras industriais, o corta-grama e os rebocadores.

Fonte: Trabalho de campo realizado em julho de 2014

Elaboração: Débora Aquino Nunes, 2014.

Identificamos, através da análise do quadro 12, que a maioria das principais empresas presentes na EXPOAMA se instalaram em Marabá a partir da década de 2000. A minoria tem origem na década de 1990, e a única que data da década de 1980 é a Revemar. Isso porque, a partir de 2000, com o anúncio da construção de novas infraestruturas na região e com o projeto de implementação da maior empresa de produção mineral do Brasil, a Aços e Laminados do Pará (ALPA), no Distrito industrial de Marabá, instalaram-se novas empresas nessa cidade e dinamizaram-se às atividades ligadas ao grande capital, como a agropecuária e a mineração (TRINDADE JR. *et al*, 2012; NUNES, 2012).

As principais empresas presentes na EXPOAMA expõem e comercializam carros nacionais e importados, com destaque para as pick-ups, bem como peças e equipamentos, veículos utilitários, agroquímicos, sementes, vacinas, antibióticos, anti-inflamatórios, produtos para nutrição animal, implementos agrícolas e máquinas pesadas e leves. Todos esses produtos possuem um alto grau de tecnologia e requerem informações especializadas e formas de trabalhos específicos.

É pequena a presença de carros populares expostos na feira, demonstrando que o seu público-alvo são os grandes empresários e latifundiários da região. Essa hierarquia de modelos corresponde também a uma hierarquia social, dos que podem construir a ordem hegemônica e dos que aparecem como agentes passivos. Nesta sociedade, em que a coisa tem mais importância que o homem, o carro é um objeto rei (LEFÈBVRE, 1969). No caso das feiras de exposição agropecuária, as pick-ups assumem esse papel.

Nós trabalhamos com veículos, sendo que aqui na feira o nosso carro forte é a pick-up. A pick-up é voltada também.... é bem específico para produtor rural, tanto carros cabine simples como de cabine dupla. Hoje em dia ter um carro como esse não é luxo e sim necessidade, e, se for confortável e fácil de dirigir melhor ainda (diretora de vendas, 35 anos, julho de 2014).

As pick-ups, tornaram-se um dos símbolos de prestígio e do campo moderno na sociedade atual. As empresas, munidas da alta publicidade, criam no imaginário a necessidade de consumo desses tipos de automóveis. Para Lefèbvre (1969), a nossa sociedade percebe o automóvel enquanto símbolo dotado de prestígio e de poder, que encobre a indigência programada da técnica e as razões econômicas, políticas e sociológicas hegemônicas. A técnica já permite a produção de veículos mais perfeitos, mas não a faz. O absurdo transparece. Os carros cobrem-se com os signos da rapidez

e da hierarquia social. Eles são capazes de desenvolver altas velocidades num país onde a velocidade é limitada. Esse bem de consumo dito durável se deprecia, atualmente, com uma velocidade extraordinária, sendo que os fabricantes aceleram tal depreciação com o objetivo de aumentar a velocidade do giro do capital. Os implementos agrícolas e as máquinas pesadas e leves expostas e comercializadas na EXPOAMA também passam por esse processo.

A necessidade de velocidade, principalmente de produção de capital, e seus símbolos atingem a organização do espaço regional. É cada vez mais necessário negar as apropriações, como a da floresta, e transformá-la em elementos e atividades a serviço do avanço da economia. Com isso, incrementa-se também a produção com tecnologia de ponta e ostenta-se tal processo e ligação com a racionalidade econômica externa. Assim, a agropecuária na região utiliza tanto máquinas, implementos, intensivos agrícolas e animais de genética avançada, com o objetivo de aumentar o tempo de giro de capital e o lucro, quanto investe na aquisição de objetos, como pick-ups, cintos, chapéus e roupas de marca, que demonstram a sua posição social e o seu pertencimento a uma determinada categoria, a dos grandes produtores rurais.

Em relação aos serviços disponibilizados pelas principais empresas da EXPOAMA, o primeiro atendimento da pós-venda poderia ser realizado nos estandes, como a marcação da data para a revisão do automóvel, para instalação de acessórios, entre outros. O serviço gourmet também se fazia presente, sendo mais singelo nas empresas de implementos agrícolas e maquinários pesados e mais sofisticados nas empresas de utilitários e que realizavam exposição de pick-ups. Em algumas empresas, como a Canopus Veículos (foto 16) e a Nissan Tropical, em alguns dias identificamos a apresentação ao vivo de bandas e de duplas sertanejas. Na Itaipu Norte, por outro lado, eram constantes as conversas embaladas por um som ambiente, num dos mais sofisticados estandes da EXPOAMA (foto 17).



FOTO 16: ESPAÇO GOURMET DA CANOPUS VEÍCULOS: no estande da Canopus Veículos foi construído um espaço gourmet. Mesas e cadeiras foram espalhadas pelo ambiente; um minibar, que preparava drinks, com ou sem álcool, atendia aos pedidos do público, que se sentava, conversava com os vendedores, com os gerentes e entre si enquanto algumas bandas e duplas sertanejas se apresentavam. Criam-se, assim, espaços capazes de aproximar consumidor e vendedor.
Autora: Débora Aquino Nunes, 2014



FOTO 17: ESTANDE DA SCANIA (ITAIPU NORTE): a maioria dos estandes da feira apresentava um design de tendas e recebia iluminação e decoração especiais. Um dos que mais se destacavam era o estande da Scania, organizado e administrado pela empresa Itaipu Norte. Isso porque ele não possuía formato de tenda como a maioria, apresentava uma estrutura de ferro e vidro, chão de alumínio e iluminação e decoração que chamavam atenção. Dentro do estande se encontrava um ambiente climatizado com minibar, sofás e televisões e o escritório da empresa. Do lado de fora havia mesas e cadeiras postas a serviço dos frequentadores e dos representantes e vendedores da empresa, que conversavam entre si e eram atendidos pelo serviço gourmet.
Autora: Débora Aquino Nunes, 2014.

Com isso, tenta-se criar um clima de maior confiança e aproximação entre consumidor e empresa. Organiza-se um espaço agradável, onde o consumidor queira estar e permanecer por um tempo, aumentando as chances que os vendedores possuem de comercializar os seus produtos. As empresas, então, tentam copiar as lógicas e relações próximas, de confiança e amizade, que são marcas do circuito inferior da economia, distorcendo os seus fundamentos e as preenchendo com estratégias que possibilitam a acumulação. Como afirma Miyata (2010), as grandes empresas tentam se beneficiar do hábito da sua população de misturar negócios com relações pessoais. Com efeito, muitos clientes preferem gastar um pouco mais com alguém que conhecem. A importância do contato face a face e das redes de relacionamento torna-se especialmente relevante.

Além disso, todas essas empresas, com exceção da Itaipu Norte, que possui uma montadora no Distrito Industrial de Marabá, são apenas representantes de venda e/ou revendedoras de produtos de corporações maiores que estão espalhadas pelo mundo, em países como: Japão, China, Itália, Suíça, Suécia, Alemanha, França, Finlândia, Japão, China, Coreia do Sul, Estados Unidos e Canadá. A maioria dos carros utilitários, pick-ups e grandes máquinas agrícolas de ponta no mercado pertencem às multinacionais.

As grandes empresas nacionais ligadas ao agronegócio também estão representadas na feira, como: Baldan, Agrale, Merial, Vallée, Kontentor, Balança Açores, Valfran, Tatu Marchesan, Inroda, Piccin e Rech tratores, e possuem as suas sedes localizadas, principalmente, na região Sudeste do Brasil. A maioria dessas empresas é de implementos agrícolas ou de utensílios para a atividade agropecuária.

Nesse sentido, identificamos duas características recentes do circuito superior da economia que marcam a EXPOAMA, a saber: 1) a produção de tecnologia nacional de alta qualidade que coexiste com produtos das multinacionais, apesar de ser em menor quantidade, e; 2) com o desenvolvimento das tecnologias de informação e de circulação, as multinacionais optam, cada vez mais, por utilizar distribuidores e revendedores para comercializar os seus produtos, reduzindo significativamente as despesas fixas com o custo da equipe de venda (MIYATA, 2010), com a abertura de um novo estabelecimento, com os pagamentos de impostos e, de certa forma, com o marketing realizado em nível local e regional, beneficiando-se, com menos riscos e custos, do desenvolvimento da agropecuária na região.

Outro fator novo é que quando esse processo começou a ganhar forma em Marabá, as multinacionais escolhiam apenas um representante e aquele agente local ficava conhecido pela marca que representava. Atualmente, e cada vez mais, as empresas locais representam uma maior quantidade de corporações multinacionais em seus estabelecimentos, o que facilitou também a entrada dos produtos dessas grandes empresas na região do sudeste paraense.

Assim, as grandes corporações e empresas nacionais se fazem cada vez mais presente. As suas lógicas, orientadas pela produção de capital, e seus produtos, negam a floresta e invadem a região a partir de articulações com a elite regional. Promovem-se as derrubadas de matas e se homogeneíza a paisagem, com pastos e monoculturas (ASIS; HALMENSCHLAGER; OLIVEIRA, 2009). Como agentes do circuito superior, para eles o que conta é a capacidade de gerar lucro e aumentar o tempo de giro do capital (SANTOS, 2008b), não tendo muita relevância as apropriações, os resíduos e a relação cidade-floresta que ainda resiste.

É assim que Marabá reafirma seu papel na divisão territorial trabalho e no circuito superior do agronegócio. A mediação da floresta com a cidade é gradativamente substituída pela importância que assume a agropecuária moderna. Grupos como o Zucatelli e Revemar, além de possuírem revendedoras e/ou serem representantes de grandes marcas de veículos, também desenvolvem atividades agropecuárias e de melhoramento genético, realizando leilões de gados na feira.

Outra empresa que ganha destaque é a Vale. Apesar de sua principal atividade ser a mineração, ela participa ativamente da EXPOAMA, sendo uma das suas patrocinadoras e possuindo um dos maiores estandes instalados. A presença da Vale na feira denota tanto a importância que essa empresa possui no âmbito da difusão do ideal e das diversas atividades econômicas modernas na região, quanto o papel que a EXPOAMA possui em relação a promoção de tais atividades.

Nesse contexto, ganha relevância a tecnologia e a mão de obra qualificada. Como contradição para a produção do capital, tal relevância pode levar a crises, pois a mais-valia só pode ser retirada do tempo empregado pela força de trabalho. Assim, quando a máquina substitui os homens, as raízes do lucro são atacadas, bem como a capacidade de consumo da população. Podemos identificar e analisar a importância da tecnologia e da mão de obra qualificada para a agropecuária moderna através das entrevistas contidas no quadro 13.

Quadro 13 – Importância da tecnologia e do trabalho para as principais empresas presentes na EXPOAMA

Eixo	Informante	Entrevista
Trabalho	Informante 01	<p>Esse é o x da questão: aqui nós temos uma dificuldade muito grande na qualificação da mão de obra. Nós temos uma deficiência muito grande na mão de obra, tanto no comércio quanto no campo. Isso tem um reflexo... dentro do comércio. No nosso caso, a gente tá junto, acompanha o passo a passo, tem pessoas... que todos nós passamos por treinamentos. Esse ano mesmo já vai completar três cursos que a gente faz cursos de aperfeiçoamento, conhecimento do produto. Todo ano entra um produto novo. Aquele trator ali, por exemplo... para nós da região ele é novo. É um trator avançado. Hoje a companhia produz no Brasil a mesma máquina que se compra nos Estados Unidos, no Canadá, na Inglaterra, na Alemanha, na Itália, entre outros, enquanto que antigamente não vinha para o Brasil. [...]. Há uma parceria muito grande entre o comércio de máquinas e equipamentos e a indústria, e eles investem. Antigamente, nós tinha que sair daqui para fazer um curso, hoje não! Hoje eles saem de Curitiba, por exemplo, e vem para cá ministrar um curso para nós. Então, isso tudo vêm a melhorar o meio de campo aí, né? Agora o problema é lá na ponta, o homem que vai usar a máquina lá. Você imagina o homem comum do campo. Então, tem aquela preocupação hoje sobre o operador dessas máquinas simples, uma máquina daquelas ali ele não dá conta de operar. Essa máquina tem muita informação, e é tudo em inglês. O computador de bordo, ele te dá toda a informação que você pratica no campo: se você chega tarde, você também sabe quantos metros eu andei, quantos quilômetros, se eu parei a máquina e fui dormir com ar condicionado ali, ele me entrega, porque tá lá o período que eu trabalhei e o período que eu fiquei parado. Ele dá tudo sobre o meu trabalho, te informa quantos hectares você arrou por dia. Então, a cada dia que passa, as máquinas tão ficando mais sofisticadas e o homem comum infelizmente tá andando de marcha ré. Essa é uma preocupação! (diretor de vendas, 61 anos).</p>
	Informante 02	<p>De início já quase não acha mão de obra para trabalhar manual mesmo, entendeu? Já não tem mais! Então, bora procurar o pessoal mais qualificado, e também porque o pessoal começa a mecanizar as fazendas, começa a botar as máquinas. Aí, já vai para deficiência que não tem operador para operar as máquinas. Então, tipo assim, o pessoal que sabe é bastante concorrido. Acho que parte do princípio que o pessoal mesmo não corre atrás para se especializar,</p>

		entendeu? E falta também incentivo do governo, alguma coisa, para dar treinamento, fazer curso para o pessoal estar se capacitando (vendedor, 26 anos).
	Informante 03	Nossa assistência técnica, nossa mão de obra, nossa equipe é totalmente capacitada e preparada para trabalhar com os tratores, conhece profundamente o maquinário e a mecânica do trator. Em relação aquele pessoal da floresta é difícil! Não sei nem por onde começar. Acho que é falta de estudo. A falta de conhecimento técnico trava o conhecimento das pessoas. Hoje em dia, um questionamento que nós temos, junto com muitos dos produtores rurais, dos fazendeiros, dos donos dos negócios, é sobre a dificuldade de contratar pessoas para trabalhar, porque ninguém quer mais trabalhar em fazenda, tem o bolsa-família agora. Eles preferem fazer filho para aumentar o recurso! Verdade! É muito complexo! Geralmente o trabalhador da fazenda não tem capacidade técnica e nem intelectual para aprender a lidar com uma máquina, por exemplo. Então, o fazendeiro e o pecuarista têm dificuldade para encontrar um operador de máquinas, por exemplo. Não é tão fácil. Já pensou dar uma máquina de 200 mil para qualquer um? Se fosse o carro, nem a mulher tocava, né? Isso é complicado! (vendedor, 29 anos).
Tecnologia	Informante 04	A tecnologia, eu costumo falar, que ela é em favor da vida. Você é uma guria nova, mas tu já pensou o tempo que a gente roçava o mato com uma foice, derrubava no machado, queimava e ia plantar no meio daquela pauleira, no meio daquela cinza? Hoje, como não se derruba mais a mata, então, se mecaniza o solo. Hoje, nós temos um trator desse aí, que ele vai fazer com uma grade pesada um terreno próprio para lavrar. Ele vai fazer 7, 8 alqueires por dia. Agora, imagina quantos homens tu precisarias com enxadão para remover um solo desse? Então, nós temos implementos, as grandes! Os implementos seria lá no início quando começou o arado puxado pelos animais. Aqueles arados nós lá não usamos mais aqui, aquilo é obsoleto. Então, a tecnologia ela só vem a beneficiar o homem! Mas o homem da nossa região não está preparado para a tecnologia (diretor de vendas, 61 anos).
	Informante 05	A tecnologia hoje está sendo de grande importância. Mas para que? E por que motivo? Hoje no bioma amazônico você não está mais podendo desmatar. Então, você tem que trabalhar a sua área, você tem que fazer a tua área produzir mais, seja em grãos seja em carne. Então, você tem que partir sempre para a tecnologia [...]. Então, visando isso a Baldan tá com uma equipe voltada só para a tecnologia, ou seja, adubação com gps, taxa variável, plantadeira já com gps,

		com taxa variável, taxa fixa. Que hoje o dilema e o desafio é produzir mais em menos área (Gerente do departamento Comercial, 34 anos).
	Informante 06	Para mim é de fundamental importância, porque eu acho que a veterinária tem que acompanhar a medicina humana, que é o que serve de exemplo. Numa realidade de pecuária de exportação, de geração de ganho para o país, se o pecuarista não se atentar para as tecnologias ele vai ficar para trás. Ele não vai sobreviver na atividade. Então, ele tem que acompanhar para ter um rendimento, porque se não também cai naquela mesmice e o cara só fica reclamando que não ganha, mas o que ele faz para melhorar a renda do negócio dele? As vezes não faz nada! (gerente do setor técnico, 40 anos).

Fonte: Trabalho de campo realizado em de julho de 2014.

Elaboração: Débora Aquino Nunes, 2014

Através do quadro 13, podemos perceber a importância que o trabalho qualificado, em termos de conhecimento e experiência sobre máquinas e equipamentos modernos, adquire no atual contexto, onde a tecnologia ganha, cada vez, mais força. Tal tecnologia, com seus equipamentos e informação, está voltada antes de tudo para otimizar o tempo de giro de capital e aumentar a produção; essa é uma característica central do circuito superior da economia. Sua apropriação está concentrada nas mãos de poucos e ela carrega consigo a informação e os comportamentos adequados à prática capitalista (SANTOS, 2208a, 1998).

Há uma necessidade desse tipo de trabalho qualificado nas empresas que produzem os equipamentos, nas revendedoras e nas representantes de vendas, bem como é exigido dos trabalhadores da floresta que se adaptem. Nelas os cursos são ofertados regularmente para facilitar o conhecimento dos produtos, já que são cada vez maiores os números de lançamentos e produtos novos no mercado (informante 01), criando novas necessidades e aumentando a velocidade da obsolescência da própria técnica; processos necessários para o aumento do giro do capital (LEFÈBVRE, 1969).

Isso exige o estudo continuado sobre a tecnologia empregada em cada lançamento e muitas vezes o domínio de outra língua, principalmente o inglês, pois algumas máquinas e equipamentos, mesmo sendo fabricados e/ou montados no Brasil, possuem no seu painel de comando (informante 01) os nomes específicos de peças e ações denominadas em inglês.

Em relação ao homem da floresta, a sua adaptação nem sempre pode ser realizada de maneira rápida e eficaz, como exige o capital, gerando um alto grau de preocupação entre os comerciantes, fabricantes, revendedores e grandes agropecuaristas. Encontram-se, dessa forma, enormes dificuldades de impor esse tipo de trabalho qualificado na região. A velocidade com que a tecnologia avança não é acompanhada pelo homem simples (informante 01 e informante 02). Essa tecnologia tem uma alta capacidade de controle e domínio sobre o trabalhador, o qual é vigiado em cada passo e em cada instante em que se encontra manipulando tal tecnologia (informante 01).

Além disso, a dificuldade de se encontrar mão de obra qualificada, muitas vezes, é atribuída ao desinteresse dos trabalhadores da floresta e a falta de cursos de aperfeiçoamento, o que gera uma sobre valorização do trabalho qualificado (informante 02).

A modernidade é confundida muito com o progresso, sendo o seu oposto binário tradicional, sinônimo de atrasado (MARTINS, 2011). Nesse sentido, de fundo positivista, reinstala o escalonamento do processo histórico, relegando à relação cidade-floresta àquilo que supostamente não teria espaço nem faria parte da modernidade, aparecendo como estorvo. Assim, passa a ser necessário substituí-la por relações mais modernas que facilitem a reprodução da ordem vigente e a ordem do capital, como as ligadas à agropecuária e à mineração.

Nesse sentido, a qualificação do trabalhador é entendida como conhecimento suficiente para mexer com modernas tecnologias, não sendo qualificado o trabalho relacionado aos grupos e indivíduos da floresta, que se encontram atrasados e até mesmo são empecilhos para o avanço da modernidade na região. Assim, o homem comum da floresta é percebido enquanto incapaz técnica e intelectualmente, pois não possui o conhecimento e o comportamento exigido pelo mercado e pelo processo produtivo capitalista (informante 03).

O governo também aparece com sua parcela de culpa para a dificuldade de ofertada de mão de obra qualificada na região, seja pela falta de incentivo (informante 02), seja por uma crítica aos seus programas de distribuição de renda, como o bolsa família, que para alguns informantes geraria pessoas avessas ao trabalho (informante 03); crítica direcionada às políticas públicas que não incentivam diretamente as atividades ligadas ao circuito superior da economia; estas que aparecem como as únicas capazes de gerar desenvolvimento, aqui confundido com o progresso técnico e econômico.

O quadro 13 também expõe diretamente a importância da tecnologia para esses agentes hegemônicos. Ela aparece atrelada à ideia de estar a serviço do homem (informante 04) e de ser um processo evolutivo obrigatório, tendo em vista a degradação do bioma amazônico e a exigência de aumento da produtividade e lucratividade (informante 05). Porém, a tecnologia não está ligada ao reflorestamento ou à preocupação da sobrevivência do homem na Amazônia, e sim à proibição do desmatamento na região que cria a necessidade de se produzir mais em uma mesma área. O avanço tecnológico tem, dessa forma, como principal objetivo permitir uma maior exploração econômica da região (informante 05 e informante 06) e continua negando a floresta e, nesse caso, favorecendo as atividades que necessitam retirar a mata, como a agropecuária moderna.

Numa realidade de exportação, é exigida a adesão dos grandes produtores a essa lógica (informante 06). Atualmente, a competitividade comanda nossas formas de ação e o consumo comanda nossas formas de inação. Isso, às vezes, impede o nosso entendimento do mundo. A concorrência se estabelece como regra, tendo a guerra enquanto norma (SANTOS, 2011).

A tecnologia ao invés de libertar o homem é utilizada na contemporaneidade principalmente para facilitar a sua exploração (SANTOS, 2011). A técnica pode permitir a produção de alimentos, concomitantemente, com a manutenção da floresta, mas não a faz. E ela, a serviço do capital, ajuda a sustentar as desigualdades. Faz-se o moderno sem a modernidade (MARTINS, 2011) e amplia-se a alienação do ser humano.

Assim, entre a importância da técnica, do trabalho qualificado e das atividades que negam a floresta, é que a EXPOAMA produz e dissemina comportamentos na região ligados à cotidianidade do viver moderno. Ela, através dos seus conjuntos de signos, significa e justifica uma sociedade metódica, competitiva, que transforma sujeitos em objetos, fazendo parte de sua ideologia. A cotidianidade instaurada traz consigo o signo do novo e da novidade: o brilho e o paradoxo marcado pela tecnicidade e pelo mundano, pelo audacioso, pela troca e pelo efêmero, indicando aquilo que você deve acreditar e o que deve ser (LEFÈBVRE, 1991a).

A racionalização e a standardização da vida e do espaço e os símbolos ligados ao campo moderno, tornam-se, então, elementos centrais para a EXPOAMA tanto quanto a sua capacidade de geração de negócios; o que é um reflexo, produto e produtor da negação da relação de cidade-floresta imposta e exposta na região (quadro 14).

Quadro 14 – Os frequentadores e alguns elementos da cotidianidade na EXPOAMA

Eixo	Informante	Entrevista
Consumo de símbolos e signos	Informante 01	Eu venho para cá para ver as atrações, ver os stands, as máquinas, são bonitas né? Ver também as novidades, na questão dos automóveis, ver os shows, os rodeios, namorar um pouco. Nessa época, aqui que estão as atrações da cidade. Todo mundo vem para cá! Marca para se encontrar, para aproveitar um pouco a vida e ver as novidades né? (desempregado, 28 anos).
	Informante 02	A feira movimentava o comércio em todos sentidos! É roupa, é comida, é bebida, essas coisas. Eu mesmo que trabalho na Mariza lá no shopping vejo isso. Muita gente da cidade e de fora passeando, visitando e comprando com a gente. É normalmente o que sai mais são roupas da moda country, todo mundo quer se vestir, quer participar como deve da festa, né? Na Mariza tá muito bom! Ainda mais que é um mês de liquidação de todas as coisas. Então, tá muita correria, muita gente comprando mesmo. É o mês que as lojas aproveitam bastante esse evento. O estilo que mais sai é, com certeza, o xadrez e a bota, não pode faltar (estudante, 18 anos).
	Informante 03	Na verdade é assim... o parque de exposição de Marabá é um ponto turístico, de certa forma já é um ponto turístico daqui. E me atrai devido ao fato de me chamar muita atenção. A questão dos estandes, das grandes máquinas, das pessoas, o movimento, né? A gente costuma vim visitar os lugares aqui, comer, andar um pouco e também participar dos shows que tem, né? Sair com as amigas (entrevista 26, estudante e vendedora, 22 anos).
Diferença e semelhança das feiras de exposição	Informante 04	Fui em Itupiranga, mas faz muito tempo. O que tem de diferente na feira de Marabá é a estrutura! Aqui é a melhor que tem na região! O local aqui é muito amplo, disponibiliza uma estrutura muito grande para comportar tanta gente, vários estandes, as atrações, né? Agora de parecido, parecido mesmo é quase tudo, muda só a proporção né? Tem sempre carro, trator, máquinas, e aqui na região é quase sempre as mesmas empresas fazendo as exposições, né? Então, acaba que é organizado e parece muito uma com a outra. Tem o gado, né? Apesar que Itupiranga era menos gado, era mais simples. Aqui já é bem mais evoluído (desempregado, 28 anos).

	Informante 05	A eu venho para me divertir, beber uma gelada, ver o povo bonito! Todo ano eu tô aqui! Eu já fui na feira de Xinguara. Bom, o que eu acho de parecido é a organização, a forma como é organizada essas feiras, os estandes, a praça de alimentação. As empresas é que são as mesmas ou representam as mesmas marcas. O diferencial de Marabá é a estrutura! Aqui é maior, cabe mais gente, tem mais stands que as outras (assistente administrativa, idade não informada).
	Informante 06	Eu acredito que o que Marabá tem de diferente é a grandeza da feira! Essa feira participa do circuito nacional. Então, o que tem de mais diferente, eu acredito, é essa questão do ranking, da divulgação, das raças que tem aqui. Tem a nelore, entre outras. Eu acredito que esse é o diferencial da feira, né? O que tem de parecido é que no geral, assim, elas são muito próximas! Mas acredito que Marabá seja maior, assim. Porque, assim, toda feira vem a parte comercial, que tem a parte dos veículos, dos caminhões, né? E pelo outro lado também tem essa dinâmica de exposição de animais, né? Apesar de, como eu te disse, aqui ser maior, mas nas outras sempre tem também. Tem shows, algumas tem rodeio também (zootecnista, 34 anos).
Negócios e conhecimento	Informante 07	A feira exerce uma grande atração em nós que somos desse setor, da agropecuária, pela qualidade e diversidade dos produtos reunidos aqui, pelos animais, pela facilidade de compra. E a alta genética que hoje os empresários no ramo da pecuária tão trazendo para região. Então, a gente busca ver o que tem de melhor no mercado, é conhecimento, né? Então, a gente busca qualidade. Aqui a qualidade do gado é melhor! A gente vê que temos aqui o melhor gado da região com uma excelente genética. Além das outras coisas que tem no parque também. As concessionárias são boas, né? Tanto de carro, caminhão, como de máquinas agrícolas, implementos também, máquinas de esteira, essas coisas. Marabá é a melhor [...]. Esse tipo de feira, assim de magnitude, as empresas, da organização do material exposto, do gado, Marabá é a melhor! (fazendeiro e empresário, 48 anos).

Fonte: Trabalho de campo realizado em julho de 2014

Elaboração: Débora Aquino Nunes, 2014

Através da análise do quadro 14, identificamos que na EXPOAMA o consumo de símbolos e signos ligados à modernidade do capital e à ideologia da classe dominante rural marcam as práticas sociais presentes. Os estandes com o seu colorido e magnitude, as grandes máquinas, os implementos agrícolas e os automóveis, que remontam a uma lógica produtivista do campo moderno, tomam corpo e se reproduzem no imaginário, nos desejos e nas práticas dos frequentadores (informante 01 e informante 03). Nesse sentido, o espaço é consumido com os seus significados postíços.

As relações sociais muitas vezes são mediadas por relações econômicas, de consumo de alimentos, bebidas, shows e rodeios (entrevista 03). Os sons e imagens são âncoras firmes que dão suporte a esse consumo. A moda country, com suas botas, cintos e chapéus, assim como o estilo sertanejo, faz parte dos tons e das melodias presentes na EXPOAMA, impondo e importando uma forma a caráter de ser e agir (informante 02). O movimento e as relações são repetitivos, pouco criativos e muito imitativos. A moda copia o vestuário norte-americano e as músicas são carregadas de símbolos e signos de um campo moderno. O carro de luxo e as pessoas transformadas em objetos, principalmente as mulheres, são elementos importantes nas letras das músicas que tocam repetidamente, da manhã até a madrugada, nos autofalantes espalhados pelo Parque de Exposição de Marabá. Produzem-se, então, cotidianidades ligadas à negação da floresta em favor do mundo country importado e do apoio a atividades do campo moderno.

Na EXPOAMA há uma maior facilidade e oportunidade de realização de negócios, bem como são disseminados conhecimentos ligados à pecuária moderna. É alta a genética dos gados leiloados (informante 07). Os automóveis, os maquinários e os implementos são tecnologicamente de ponta e a facilidade de crédito e de consumo é relevante (informante 08). Não restam dúvidas que essa feira é expressiva e que possui um significado também de “festa popular” destinada a um público cada vez mais amplo e heterogêneo. Silva *apud* Silva (2012) comenta sobre a homogeneização das vestimentas dos frequentadores desse tipo de festa que lembram o mundo rural. Estudantes, trabalhadores de diversos setores da cidade, donas de casa, empresários, motoristas e até mesmo as crianças incorporam personagens muitas vezes alheios ao seu cotidiano. Afinal, todos querem se tornar um pouco sertanejos, caipiras, country, cowboys, peões, fazendeiros, atuando em um cenário criado para desenvolver o consumo material e imaterial do e no espaço, sendo as relações sociais

mediadas pelo dinheiro e pelos objetos técnicos-informacionais. Assim é que comportamentos, valores, necessidades e desejos são fabricados e impostos na região do sudeste paraense, tanto para aqueles ligados diretamente ao campo moderno quanto para os cidadãos que incorporam apenas os seus símbolos.

A padronização atinge também a organização interna das feiras de exposição. Elas são parecidas entre si, principalmente no que se refere aos estandes, às empresas participantes e à organização do evento através de setores. Todas têm leilões; representantes de maquinários, de intensivos agrícolas e de produtos agropecuários; concessionárias; bancos e instituições públicas diversas; praça de alimentação; e arena de shows. Elas se diferenciam, principalmente, por sua proporção e magnitude. Os frequentadores deixam claro que, apesar das semelhanças, a EXPOAMA é a maior desse tipo na região, tem mais movimento e estandes, participa do circuito nacional de rodeio e é melhor em termos de qualidade dos leilões e dos produtos ofertados (informante 04, informante 05 e informante 06).

Entendemos, por seu turno, que a vida cotidiana não pode ser reduzida à dimensão da programação, da repetição estéril e da organização metódica. Mesmo em espaços como esse, algo sempre escapa. As paqueras, o bate papo com os amigos, o andar “improdutivo” e lento, permeado pelo prazer de estar próximos das pessoas que se gosta, o divagar pelo espaço e pelas ideias sem consumi-las e a apropriação de alguns locais pelos trabalhadores, são bons exemplos. Há uma pequena presença dos trabalhadores rurais, que conversavam entre si e com os frequentadores sobre os produtos da floresta e seu beneficiamento, bem como vendem a sua produção, a saber: sorvetes de castanha-do-pará, de açaí, de coco e de cupuaçu, doce de cupuaçu, bombons de açaí, de cupuaçu e de castanha-do-pará, remédios homeopáticos e frascos de mistura de andiroba, mel e copaíba, no estande do SEBRAE. Estes são alguns elementos que consciente e/ou inconscientemente se fazem presente na EXPOAMA e que dão base para a produção do cotidiano que não se reduz às relações econômicas e para a resistência da relação cidade-floresta mesmo em espaços do capital.

Porém, o hegemônico é que dita as maiorias das regras e sociabilidades no mundo contemporâneo, misturando técnica e ordens produtivas com a interação social. Em Marabá, a dimensão do capital, simbólica e material, ligada a agropecuária moderna e a negação da floresta toma corpo e ganha ressonância na importância que a EXPOAMA assume para os frequentadores (quadro 15).

Quadro 15: A importância da EXPOAMA para os frequentadores

Eixo	Informante	Entrevista
Cultura e economia	Informante 01	Movimenta muito a economia da cidade! A economia e a própria cidade, né? Fica com mais gente, mais movimento. É um outro clima esse período [...]. Ah, porque tem mais pessoas! A gente conhece gente nova. Eu gosto muito de sertanejo, então, para mim é bom! Porque essa cultura fica muito viva esse tempo. Então, é assim, é a bota, o chapéu, o cinto, o shortinho e a música. Nada disso pode faltar! Então, a cidade fica mais divertida! (estudante e vendedora, 22 anos).
	Informante 02	Bom... A feira é uma coisa muito importante... Muito rica para o Município! Porque traz a cultura para o Município e também traz o desenvolvimento. A feira é uma coisa muito boa, que faz não só o campo, mas a cidade melhorar! Porque traz a festa, traz cultura, traz show, traz negócios, muitos negócios. Isso é bom para a cidade melhorar (pecuarista, 49 anos).
Crescimento econômico, vitrine, lazer	Informante 03	Ah... tem uma importância muito grande, né? De trazer turista, de aumentar as vendas, circular o dinheiro, aumentar a parte econômica da cidade e da região, de mostrar que a gente também tem potencial para... Além de tá crescendo! O maior crescimento aí e tudo, nós temos qualidade também e vamos continuar crescendo! Você pode ver que a feira sempre tende mais... Sempre tá crescendo! Isso é devido também não só a quantidade do nosso gado, mas a qualidade. E sim, a EXPOAMA consegue dar esse apoio para os produtores da região em termos de comércio, serviços, né? Ela divulga a região, né? A região produz muito gado. E eu acredito que na questão de entretenimento também, né? De lazer, também, para as pessoas que estão aqui. É a parte econômica e de lazer, o turismo (zootecnista, 34 anos).
	Informante 04	Eu acho... Na minha visão, ela é uma porta de entrada para muitas outras empresas virem. Algumas pessoas vêm simplesmente por vir. No meu caso, antes de conhecer a cidade eu tinha uma outra visão, agora eu tenho uma visão totalmente diferente! Eu conheço a riqueza daqui. Eu conheço o potencial daqui. Aqui é um lugar que se a pessoa quiser, ela tem capacidade de vencer e se dar bem. E acredito que, assim como eu, muitas pessoas dariam conta de vim, se instalar aqui e usufruir da potência que tem aqui, porque aqui é uma potência, a gente vê que é. Aqui, mostra o que se produz de bom no campo, a qualidade da produção, digamos, do gado, do leite, e de muitas outras coisas. Eu não tenho vínculo com essa área de produção, mas aqui a gente vê isso. Eu sempre faço algumas imagens de alguns estandes, a gente vê as próprias pessoas da cidade aproveitando, e visitantes também. Tem muitos visitantes, e isso desperta a curiosidade e a necessidade de ir no comércio, preparar uma

		<p>roupa especial ou, então, conhecer o comércio. Vê um estande aqui e já quer ir lá. Quer dar uma volta na cidade, ir no shopping. Com isso, eu acredito que vem uma arrecadação extra para o comércio, para o Município, para todo mundo. Uma arrecadação as vezes que o Município não conta, mas que ajuda muito o Município e valoriza muito também o comércio do município, porque desde o pequeno até o multi, grande, multinacional empreendedor, ele tem condição de se expor aqui. Basta ele ter cabeça e interesse de se expor, porque o marketing é muito complexo. É uma mídia boa para quem sabe mostrar e aqui é o lugar para se mostrar. A gente vê que muita gente vende muito aqui, tanto na área de alimentação quanto na área de gado, de leite, a distribuidora de bebidas, a distribuidora de implementos agrícolas, o cara que produz feno, o cara que produz material de montaria, cela, essas coisas! Então, é muito amplo! Ela abrange tudo! No caminho que ela vai, muita coisa com ela vai junto. Se a pessoa tiver capacidade de explorar, ela vai mostrar não só pra região, digamos assim pra Marabá, mas para o País todo [...]. E essa feira é muito grande, agora tu imagina outras pessoas que vêm para conhecer e conhecer o que é o comércio. Isso normalmente dá para sentir e ver nas feiras e é o que expõe realmente o comércio, porque se a feira for fraca, normalmente o comércio tá fraco (videomaker, 28 anos).</p>
Espaço de referência e qualidade dos produtos agropecuários	Informante 05	<p>E ela é muito boa para cidade! Acho gratificante ir ver os gados bonitos que têm aqui, muito bons, com uma boa genética. Essa feira para cidade é muito importante principalmente para os pequenos agricultores poder ter acesso a uma genética dessas aí. É muito bom para os pequenos agricultores! Porque para a gente conseguir ter acesso a isso, ou fazer um cruzamento na nossa fazenda é muito difícil. Até porque nem todo mundo tem dinheiro para inseminar as suas vacas e ter uma boa genética para o seu rebanho (pequeno produtor e assistente administrativo, 50 anos).</p>
	Informante 06	<p>A feira do setor agropecuário começam no sul, em São Paulo, né? Que é Ribeirão Preto. E isso... ela vai avançando pelo País com as novidades e muitas vezes as empresas trazem as novidades para a região. No caso de Marabá, como ela é uma cidade polo, é costumeiro vim para cá. Marabá é a cidade mais importante da região. Da EXPOAMA, as novidades também saem para os outros municípios, né? Então, aqui é que aparecem as novidades. Começam a aparecer máquinas novas, implementos novos, novos negócios, novo mercado no ramo industrial e também no ramo de pecuária. É importante também pelo gado que é de excelentíssima qualidade (fazendeiro e assistente administrativo, 48 anos).</p>

Fonte: Trabalho de campo realizado em julho de 2014

Elaboração: Débora Aquino Nunes, 2014.

Identificamos, através do quadro 15, que para os frequentadores a importância econômica e cultural da EXPOAMA é um elemento central. Para eles, o que mais importa são os movimentos de capital e de pessoas na cidade (informante 01 e informante 02), os grandes negócios (informante 02) e a cultura trazida pelo campo modernizado e pela moda e música sertaneja (informante 01 e informante 02), que tal feira organiza e incentiva. Isso porque o turismo, o aumento das vendas e a circulação de dinheiro levariam ao aumento da arrecadação municipal de impostos e ao desenvolvimento econômico de Marabá e do sudeste paraense (informante 04). Reproduz-se, dessa forma, o discurso dos organizadores e comerciantes ligados à EXPOAMA.

Além disso, tal feira de exposição aparece como um excelente espaço-vitrine de demonstração e divulgação do potencial regional, que é entendido através do desenvolvimento de atividades econômicas ligadas à agropecuária (informante 03 e informante 04). A EXPOAMA é uma porta de entrada para as grandes empresas e para que novos investidores possam conhecer Marabá e sua região, expondo também a capacidade e a potencialidade do comércio dessa cidade (informante 04).

Para o frequentador 04, todos têm condições de expor na feira, porém ele também admite que isso é complexo e difícil, pois o empreendedor deve possuir conhecimentos sobre ferramentas e estratégias modernas de marketing. Sabemos que esses conhecimentos estão concentrados nas mãos de poucos agentes. No atual momento histórico-geográfico, ele aparece como arma para sobreviver na competição em busca da acumulação de capital que reina entre as empresas (SANTOS, 2011, 1998).

Ademais, a EXPOAMA para os frequentadores aparece como um espaço do lazer. Conectado diretamente à espetacularização e ao entretenimento organizado pelos agentes hegemônicos, tal lazer é mediado pela dimensão econômica (informante 03), gerando a necessidades de aquisição de roupas, equipamentos, entre outras coisas, fora do cerco da EXPOAMA. Assim, as lojas de departamento e de vestuário, bem como o circuito inferior através de vendedores ambulantes podem suprir tal necessidade, reafirmando as relações entre os circuitos e a produção de cotidianidades modernas que atingem cada vez mais pessoas.

Nesse sentido, o lazer é para todos (ou quase todos), e está ligado à ruptura momentânea com o cotidiano. O lazer não é mais a festa ou a recompensa do labor, também não é a atividade livre que se exerce por si mesma. É o espetáculo

generalizado: shows, rodeios, televisão, cinema, turismo. Ele é, então, usurpado e transformado pela sociedade burocrática de consumo dirigido (LEFÈBVRE, 1991).

A importância da EXPOAMA para os frequentadores também aparece ligada diretamente à oferta de técnicas e de informações modernas da agropecuária. Ela é um espaço importante para aquisição e exposição de máquinas e animais de alta genética, bem como para a dispersão de tais produtos na região (informante 06).

Podemos perceber, então, que os discursos dos frequentadores são, muitas vezes, atravessados pela ideologia do capital e dos grupos hegemônicos, reproduzindo as racionalidades que têm na dimensão econômica e na negação da floresta os seus focos principais. Produzem-se símbolos alienados e reafirma-se o consumo do e no espaço. Mesmo que a agropecuária não os atinja diretamente, ela aparece enquanto boa para a cidade e para a região por proporcionar o desenvolvimento e um movimento maior de capital, gerando renda e demonstrando o potencial marabaense.

Assim, a EXPOAMA, antes de tudo, reafirma e dá base para a exploração do espaço e para a produção de cotidianidades na região. A relação cidade-floresta é constantemente negada. Exacerba-se a importância da agropecuária em detrimento de outras atividades desenvolvidas também no campo, como o extrativismo e os sistemas agroflorestais. Os produtos e valores expostos e presentes na EXPOAMA estão muito mais ligados à floresta derrubada.

É dominante a presença de colheitadeiras, tratores, implementos agrícolas e gado de alta genética, em detrimento de produtos e objetos que nos remetem à floresta em pé, como: bombons, doces e sorvetes de cupuaçu, castanha-do-pará, açaí, remédios homeopáticos ou óleos e essências produzidos com andiroba, copaíba e mel. Nas suas últimas cinco edições, os produtos do agroextrativismo e/ou do extrativismo foram expostos apenas no estande da Secretaria Municipal de Agricultura, em 2013³³, e em parte do estande do SEBRAE/EMBRAPA, em 2014.

Assim, a floresta é invadida por dinâmicas e processos alheios que resignificam a sua relação com a cidade, com os homens e com as formas de trabalho presente na região. Relativiza-se a dinâmica marcada pela forte interação entre os homens e deles com o seu meio, reafirmando as cotidianidades que extrapolam o cerco e o período da EXPOAMA e que marcam o imaginário e o espaço percebido (LEFÈBVRE,

³³ Informações cedidas pelo coordenador da EXPOAMA, em julho de 2013.

1979) dos mais diversos grupos sociais. Destacamos, nesse contexto, a expansão e a influência do mundo country e dos objetos expostos, ambos negam a floresta e seus valores culturais. Apesar disso, como vimos, algo sempre escapa, seja em relação às vivências que não se reduzem à dimensão econômica, seja através de produtos e conhecimentos da floresta que se fazem presentes mesmo que de forma diminuta.

Além da EXPOAMA, outra importante feira de exposição de Marabá, que negou a relação cidade-floresta e que deu base para o processo de avanço econômico e organização capitalista sobre a vida e o espaço regional, foi a FICAM. Esta, por um certo tempo, também ajudou a conectar a cidade de Marabá com as lógicas modernas capitalistas longínquas e a relativizar a importância da floresta em pé na região.

3.3 A mineração no sudeste paraense: uma breve apresentação da FICAM

Outra importante feira de exposição da cidade de Marabá foi a Feira da Indústria, Comércio e Arte de Marabá (FICAM). Ela surgiu na década de 1990 e foi modelada segundo os critérios de eficiência e racionalidade que comandam o atual processo técnico-científico-informacional moderno e que necessitam de um discurso e de locais que os difundam.

Com a importância que ganhou a atividade de mineração no sudeste paraense e com a entrada de novos comerciantes, prestadores de serviços e indústrias no contexto regional, concentrados na cidade de Marabá (TRINDADE JR. *et al*, 2012), criou-se a necessidade de se organizar uma feira de exposição com o objetivo de reunir a classe empresarial, trocar informações, realizar grandes negócios, modernizar a produção e estreitar as relações entre empresários e população, e, principalmente, projetar Marabá, o sudeste paraense e o Estado do Pará no mercado mundial.

A feira possibilitava às empresas participantes a divulgação dos seus produtos e serviços. A FICAM era um ótimo instrumento de negócios e marketing. A ACIM sempre busca vencer os desafios que se apresentam para o nosso crescimento e desenvolvimento de Marabá e também da região, porque Marabá é a maior cidade da região, né? com o maior comércio, serviços... Então, o trabalho é duro e a FICAM era um espaço que a gente tinha para confraternizar, trocar uma ideia, rever alguns amigos, vender, claro, conhecer o que tem de mais moderno para a produção, mas, principalmente, era um local para projetar as empresas, fazer conhecer não só o Município, mas também a região, o Estado do Pará, para o mundo (vice-presidente da ACIM, 55 anos, setembro de 2014).

Assim, em 1992, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), em parceria com a Associação Comercial e Industrial de Marabá (ACIM), realizou a I FICAM no ginásio do Serviço Social da Indústria (SESI), objetivando divulgar as empresas do Município, além de contribuir significativamente para o avanço industrial e comercial da região. Essa feira foi fundamental na medida em que reafirmou a ligação de Marabá com as dinâmicas modernas. Novas técnicas e produtos eram apresentados e um clima de negócios e shows invadia e modificava a cidade (MARABÁ, 1999) em prol do comércio e da mineração.

A exposição englobava uma grande variedade de produtos e serviços modernos, tendo público-alvo dos micros aos grandes empresários locais, grandes empresas de abrangência regional, nacional e internacional, e também parte da população de Marabá; aquela que tinha condições financeiras de pagar pelos ingressos cobrados na entrada da feira (MARABÁ, 1999; MARABÁ, 1994; UM BALANÇO, 1997). Através de pesquisa em jornais e no acervo de revistas e informes da ACIM, apresentamos os seus aspectos gerais (quadro 16).

Quadro 16: Aspectos gerais da FICAM para os empresários e frequentadores

Eixo	Características
Desenvolvimento	Essa feira é um importante espaço de fomento ao desenvolvimento municipal e regional, pois gera renda, movimentação o capital na região e facilita a modernização da produção e a dinamização do comércio. Ela atrai pessoas de todas as partes do país e da região, que, ao consumir na cidade, incrementam os cofres públicos através de uma maior arrecadação de impostos (MARABÁ, 1994; SEBRAE, 1996; FICAM, 1996; MARABÁ, 1999).
Espaço Vitrine	Na FICAM é exposta a produção regional, atraindo investidores e demonstrando a importância e o dinamismo econômico da cidade de Marabá e da região do sudeste paraense para o Estado do Pará, para o Brasil e para o mundo (FICAM, 1996; V FICAM, 1996; MARABÁ, 1999; UMA DAS MAIORES, 2002).
Importância da participação da população	O número de frequentadores e o movimento de capital interferem diretamente no reconhecimento e na importância da FICAM dentro do cenário das feiras de exposição estadual e nacional. Ela, por atrair o capital, as pessoas e aumentar a arrecadação, fomenta o desenvolvimento, apresentando-se como uma feira de interesse de toda a população (PELO DESENVOLVIMENTO, 2002; UMA DAS MAIORES, 2002).

Lazer e cultura	A FICAM é um espaço de consumo e de contemplação do que tem de mais moderno na indústria e no comércio. Ela cria um clima psicológico na cidade a favor da economia. O lazer e a informação, facilitados pelos grandes shows e palestras promovidas, aparecem como elementos importantes para a sustentação e organização desse espaço (I CONGRESSO, 1997; MARABÁ, 1999).
Negócios	A FICAM é importante também como um espaço de geração de renda para os microempresários e de grandes negócios para os grandes empresários. Os primeiros se beneficiam, principalmente, das transações realizadas nesse local, já os segundos também aproveitam para reafirmar seu nome no mercado e no imaginário popular, bem como para alavancar as suas vendas tanto na feira quanto no período pós-feira (SEBRAE 1996; MARABÁ, 1999; PELO DESENVOLVIMENTO, 2002).
Técnica e informação	A FICAM visa também à modernização das empresas e contribui para o avanço comercial e industrial da região. Ela sedimenta e traz objetos modernos para ser expostos e adquiridos em Marabá, bem como realiza palestras que possuem como eixo norteador: o empreendedorismo, o aproveitamento econômico do espaço e do tempo, a realização de grandes negócios e a participação do Estado no setor econômico (I CONGRESSO, 1997; MARABÁ, 1999).

Fonte: Marabá (1994), SEBRAE (1996), FICAM (1996), V FICAM (1996), Um balanço (1997), I Congresso (1997), Marabá (1999), Pelo desenvolvimento (2002) e Uma das maiores (2002).
Elaboração: Débora Aquino Nunes.

No quadro 16 identificamos as principais características da FICAM. Para os empresários e frequentadores, tal feira proporcionava um aumento no movimento de capital na região, pois ela estimulava a indústria, o comércio e o serviço, através da disponibilidade maior de linhas de crédito e da concentração, em um mesmo espaço, de micros, pequenas, médias e grandes empresas, o que estimulava o consumo, atraindo pessoas para Marabá (MARABÁ, 1999; UMA DAS MAIORES, 2002). Tal atração movimentava o comércio e o serviço da cidade, aumentando a arrecadação de impostos do Município e propiciando o seu desenvolvimento. Dentro dessa lógica, a feira se apresentava como de interesse tanto para a classe empresarial como para a população como um todo (V FICAM, 1996; PELO DESENVOLVIMENTO, 2002).

Percebemos aqui que, assim como na EXPOAMA, a ideia de desenvolvimento está ligada à dinamização econômica do espaço e das relações. Sabemos que tal dinamização não corresponde consequentemente a uma disponibilidade maior de

serviços, técnicas, informações para a totalidade da população e a um melhor padrão de vida nas cidades médias amazônicas (TRINDADE JR., PEREIRA, 2007).

Como espaço vitrine, a FICAM reunia parte da produção regional com vista a atrair novos investidores e novos negócios e a demonstrar a importância e o dinamismo econômico de Marabá e do sudeste paraense ao Estado do Pará, ao Brasil e ao mundo. Além disso, essa feira dava uma grande importância à participação da população enquanto consumidores, não enquanto sujeitos ativos, pois quanto mais movimento de pessoas na feira, tanto maior era a arrecadação com os ingressos e o seu reconhecimento. Em 1996, a FICAM entrou no calendário nacional de feiras de exposição do Ministério da Indústria e Comércio; o que demarca a sua importância para o País (SEBRAE, 1996).

Ademais, a FICAM era um espaço de consumo e de contemplação do que tem de mais moderno na indústria e no comércio. Através de seus símbolos e signos, ela resignificava parte do imaginário popular regional, reafirmando o consumismo, o individualismo e o dinheiro como parte da racionalidade presente em Marabá e na sua região. A FICAM criava um clima psicológico na cidade a favor de uma racionalidade economicista e moderna. O lazer e a informação, facilitados pelos grandes shows e palestras promovidos e mediados por interesses econômicos, aparecem como relevantes elementos para a sustentação e organização desse espaço.

Os negócios realizados também assumiam uma grande importância. Os pequenos empreendedores sempre tiveram um espaço reservado na feira, apesar de serem a minoria, sendo este um espaço relevante para incrementar a sua renda e realizar um pequeno marketing de seus produtos. Para os grandes empresários, a FICAM era uma oportunidade para reafirmar seu nome no mercado e no imaginário popular e alavancar as vendas durante a feira e no período pós-feira.

Assim como na EXPOAMA, principalmente alguns micros e pequenos empresários comercializavam produtos que nos remetem a floresta em pé, como: sorvete, doces e bombons de frutas regionais (UMA DAS MAIORES, 2002), porém, era o setor mineral, sobretudo, que sustentava as dinâmicas e a organização da FICAM.

Essa feira de exposição reunia importantes empresas nacionais, estaduais e regionais, que traziam à Marabá novas informações e técnicas produtivas e de serviços. Após a década de 2000, importantes multinacionais, além da empresa Vale, também se faziam presentes, como a Metso Minerals, a Weir, a Kvaerner e a DEMAG

(PELO DESENVOLVIMENTO, 2002; UMA DAS MAIORES, 2002). As principais atividades destas multinacionais estão ligadas à mineração, à indústria pesada e à produção de tecnologia e informação que facilitam a extração ou produção de energia. Tais atividades agem desestruturando e reestruturando o espaço e a economia na região em prol da produção de capital (TAVARES, 1999). É necessário, então, apropriar-se de maneira desigual e combinada do território, espriar sua dominação e criar novos espaços e cotidianos (HARVEY, 1996). Dessa maneira, o moderno reestruturou a região e a cidade de Marabá e encontrou na FICAM uma base para disseminação de seus valores e de suas formas de produção e consumo.

A FICAM sedimentava e trazia novos objetos, com suas lógicas de uso e de organização do trabalho, para ser expostos e adquiridos em Marabá, bem como distribuídos na região. Foram promovidos também palestras e o I Congresso Empresarial do Sul e Sudeste do Pará. Os temas trabalhados em ambos englobavam, principalmente, empreendedorismo, aproveitamento econômico do espaço e do tempo, realização de grandes negócios e participação do Estado no setor econômico. Assim, as trocas de informação entre empresários locais e regionais, com empresários nacionais e representantes de multinacionais se estreitavam, facilitando também novas parcerias e transações financeiras (I CONGRESSO, 1997; MARABÁ, 1999).

A exposição englobava uma grande variedade de produtos e serviços, desde os ligados às atividades automotivas, passando pela siderurgia, até à apresentação e comercialização de produtos alimentícios e para o escritório e o lar. As principais instituições privadas de representação da classe empresarial da região também se faziam presentes na feira. O quadro 17 apresenta os principais agentes que mais frequentemente participaram da organização da FICAM, desde a primeira até a última edição. Foram realizadas dezessete edições dessa feira, entre os anos de 1992 e 2010, sendo que em 2006 não foi realizada tal feira por motivos de crise no mercado local³⁴.

³⁴ Informação concedida pelo vice-presidente da Associação Comercial e Industrial de Marabá (ACIM), em novembro de 2014.

Quadro 17: Principais agentes que participaram da organização da FICAM

Nome	Exposição	Abrangência	Participação na organização
Grupo Revemar	Utilitários, carros e motos	Regional	Colaborador / Patrocínio
Grupo Zucatelli	Utilitários, carros e motos	Regional	Apoio
Leolar	Eletroeletrônicos, eletrodomésticos e materiais para o lar e escritório.	Regional	Apoio
Supermercado Alvorada	Grãos, carnes, frutas, verduras e produtos alimentícios industrializados.	Regional	Apoio / Colaborador
Companhia Vale do Rio Doce (CVRD)	Projetos sociais, importância da empresa para a região e exposição de rochas	Internacional	Patrocínio
Companhia Siderúrgica do Pará (COSIPAR)	Importância da empresa para a região e exposição de rochas	Internacional	Patrocínio
Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa (SEBRAE)	Informações sobre a instituição, prestação de serviço e organização da feira.	Nacional	Organização / Apoio
Federação das Associações Comerciais, Industriais e Agropastoris do Estado do Pará (FACIAPA)	Informações sobre a instituição, importância do comércio, indústria e projetos agropecuários para a região e organização da feira	Estadual	Organização
Federação das Indústrias do Estado do Pará (FIEPA)	Informações sobre a instituição e importância do setor industrial.	Estadual	Colaborador
Associação Comercial e Industrial de Marabá (ACIM)	Informações sobre a instituição, importância do comércio e da indústria de Marabá para o desenvolvimento da região e organização da feira	Regional	Organização

Fonte: Um balanço (1997), FICAM (1999), Marabá (1999), Pelo desenvolvimento (2002), Uma das maiores (2002) e ACIM.

Organização: Débora Aquino Nunes, 2014.

Através da análise do quadro 17, constatamos que, dos 10 principais agentes que participaram da organização da FICAM, todos possuíam uma abrangência que vai para além da cidade de Marabá. Os principais grupos e empresas identificados foram: a CVRD, posteriormente transformada em empresa Vale, que se apresentou como a principal patrocinadora da feira, estando presente em todas as suas dezessete edições; o grupo Revemar e o Supermercado Alvorada, através da sua colaboração direta, como local de vendas de ingresso e de patrocínio, a partir da sua sexta edição; os grupos Zucatelli e Leolar, através do apoio para a logística e infraestrutura da feira, principalmente, a partir da oitava edição; a COSIPAR, que da sétima à última edição da feira, participou ativamente através de patrocínio; a ACIM e o SEBRAE, que eram as instituições que organizavam, articulavam e promoviam a FICAM; e a Federação das Associações Comerciais, Industriais e Agropastoris do Estado do Pará (FACIEPA) e a Federação das Indústrias do Estado do Pará (FIEPA) que sempre colaboraram com a infraestrutura e logística da feira.

Esses agentes aproveitavam a FICAM, principalmente, para se autopromoverem na região, reafirmando a sua importância para reorganização regional. Alguns agentes, como as federações, as associações, o SEBRAE e a CVRD, apresentavam projetos sociais que eram por eles realizados, a fim de criar uma imagem positiva junto à população. Produziam-se, então, discursos que giravam em torno dos benefícios trazidos pelas atividades modernas, principalmente de mineração, para o município, munícipes e para a região. Tais atividades transformaram o espaço regional e tentaram limpar ou se apropriar das dinâmicas presentes, com a ajuda do Estado, em prol da produção econômica mundial. Essa estratégia é realizada até hoje pela Vale, só que na EXPOAMA³⁵.

Após a crise de 2008 no mercado mundial, a FICAM foi perdendo força. Isso porque atualmente com a maior especialização do espaço, hierarquização produtiva, financeirização e conexão dos mercados e da produção, uma crise imobiliária gerada em outro país, mais especificadamente nos Estados Unidos, por excesso de crédito e aumento da inadimplência atingiu de forma diferente e desigual a maioria dos espaços do mundo, inclusive a Amazônia. A falta de confiança no mercado gerou a queda de preço de alguns produtos primários, como o ferro (MACHADO; FONSECA, 2010), base do setor industrial de Marabá.

³⁵ Informação cedida pelo representante da empresa Vale na EXPOAMA em julho de 2014.

A instabilidade do comércio e da indústria levou a ACIM a realizar a última edição da FICAM em 2010; ano em que um novo sistema de determinação de preços veio se estabelecer tendo como base a média do mercado observada nos três meses anteriores, o que baixou o preço da tonelada de ferro no mercado internacional (MACHADO, FONSECA, 2010).

A crise reafirma a ligação direta que a FICAM possui a em relação ao circuito superior da economia e à lógica reticular do capital. As relações que produziam essa feira eram orientadas por interesses distantes, pouco se integrando às dinâmicas regionais. A floresta, entendida como objeto exterior e estranho ao homem, era negada intensamente e a exploração do espaço regional atendia à necessidade do capital e não das pessoas. Nesse sentido, quando o mercado internacional entrou em crise e atingiu várias atividades e dinâmicas a ele ligadas, alguns espaços que difundiam sua lógica e seus produtos, como a FICAM, entraram também em crise, desaparecendo.

**CAPÍTULO 4 - AS POLÍTICAS PÚBLICAS URBANAS E REGIONAIS E A RELAÇÃO
CIDADE-FLORESTA NA AMAZÔNIA ORIENTAL**

Na vida cotidiana das feiras-livres de Marabá e das suas feiras de exposição podemos identificar e analisar através da materialidade, dos processos de trabalho e da dimensão simbólica, as mudanças e as permanências da relação cidade-floresta em Marabá. Tal processo foi e está sendo influenciado direta e indiretamente pelas políticas públicas desenvolvidas na região, que vem privilegiando atividades relacionadas a negação da floresta, como a agropecuária moderna e a mineração. O que conta é uma maior participação no mercado internacional através de produtos primários; papel atribuído ao Brasil no cenário da divisão internacional do trabalho.

Assim, para entender como o Estado, através de suas políticas públicas, trata a relação de Marabá com a floresta, apresentaremos neste capítulo reflexões realizadas com base no Plano Diretor (MARABÁ, 2006b), na Lei Orgânica do Município (MARABÁ, 2009) e no Plano Plurianual de Marabá 2014/2017 (MARABÁ, 2014); em levantamentos de informativos da prefeitura e nos principais jornais de Marabá; em entrevistas semiestruturadas gravadas com representantes do poder público ligados ao planejamento e a organização das feiras-livres e das feiras de exposição e com as instituições públicas presentes na EXPOAMA (Banco do Brasil, Banco da Amazônia e EMBRAPA)³⁶; e na gravação do evento de abertura da EXPOAMA³⁷, que reuniu os principais políticos ligados ao setor do agronegócio paraense.

4.1 A negação da relação cidade-floresta: o conceber as feiras-livres e as feiras de exposição de Marabá

Atualmente, Marabá se destaca como cidade média que polariza e organiza vários projetos econômicos no sul/sudeste do Pará, como: a) a construção de um parque de Ciência e Tecnologia em Marabá; b) a ampliação da exploração das minas de ferro e de cobre de Carajás; c) a expansão da infraestrutura do Distrito Industrial

³⁶ Ao todo foram realizadas 7 entrevistas com os representantes do poder público. As três primeiras com as Secretarias Municipais de Agricultura, de Desenvolvimento Urbano e de Obras; uma entrevista com o prefeito municipal; duas entrevistas com bancos públicos, Banco do Brasil e Banco da Amazônia, respectivamente; e uma entrevista com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA).

³⁷ Ao participar do evento de abertura da EXPOAMA, em 12 de julho de 2014, na sede do Sindicato dos Produtores Rurais de Marabá, realizamos a gravação dos discursos dos representantes públicos presentes, a saber: a) prefeito de Marabá; b) secretário de indústria e comércio de Marabá; c) presidente da Câmara Municipal de Marabá, e; d) secretário estadual de agricultura.

de Marabá (DIM); d) a construção da hidrovía Araguaia-Tocantins e do porto público em Marabá; e) e a instalação da empresa Aços Laminados do Pará (ALPA) no D.I.M., que será uma das maiores siderúrgicas brasileiras (MARIN; TRINDADE, 2010).

Tais projetos estão ligados diretamente ao aproveitamento econômico do espaço e à negação da floresta, bem como a importância que a cidade de Marabá assume para o desenvolvimento de atividades modernas na região. Porém, os movimentos de camponeses e indígenas continuam reivindicando o direito de continuar a utilizar os recursos, de permanecer na terra e circular livremente, de realizar seu trabalho, que vai para além da relação com o capital, e de se apropriar e habitar na floresta (OLIVEIRA, 1988; MARIN; TRINDADE, 2010). Enquanto isto, permanece um sistema social repressivo apoiado no aparato policial militar e em recursos jurídicos do Estado que favorecem a impunidade e a concentração fundiária (MARIN; TRINDADE, 2010)

A economia tornou-se mundializada e todas as sociedades terminaram por adotar, de forma mais ou menos total ou explícita, um modelo técnico único que se sobrepõe à multiplicidade de recursos naturais e humanos (SANTOS, 1998). As diversas frações do espaço são postas ao alcance dos mais diversos capitais, que guiam os investimentos, a circulação de riquezas e a distribuição de mercadorias, sendo o Estado conivente. Assim, cada lugar é ponto de lógicas que trabalham em escalas diferentes, reveladoras de níveis diversos, e, às vezes, contrastantes, na busca da eficácia e do lucro, no uso das tecnologias do capital e do trabalho. Redefinem-se os lugares como “ponto de encontro de interesses longínquos e próximos, mundiais e locais, manifestados segundo a gama de classificações que está se ampliando e mudando” (SANTOS, 1998, p.18).

Fala-se da morte do Estado, mas o que vemos é o seu fortalecimento para atender aos reclamos internacionais, em detrimento da população local, cuja vida se torna mais difícil. O discurso de menos Estado se vale da porosidade que se abre na fronteira para a fluidez de informação e dinheiro. Porém, o Estado não se torna menor, ele apenas, muitas vezes, omite-se em relação às necessidades da população, tornando-se mais ágil, forte e presente ao serviço da reprodução do capital. A instalação dos capitais globalizados supõe, então, que o território se adapte às suas necessidades de fluidez e que o seja Estado flexível a seus interesses (SANTOS, 2011).

Isso não é diferente quando comparamos as políticas desenvolvidas nas feiras-livres, espaço de sobrevivência e resistência da população de baixo poder aquisitivo, com as feiras de exposição de Marabá, as quais reúnem os grandes grupos econômicos da região, expandindo seu modo de pensar e agir ligados à exploração e negação da floresta.

Nesse contexto, o governo municipal, em parceria com a Caixa Economia Federal e o Ministério do Turismo, foi o principal responsável por acabar com o Mercado Municipal de Marabá, em 2006, transformando-o em biblioteca pública. O discurso oficial aponta para o descrédito dado ao mercado, atrelando-o à imagem de um espaço que alojava bêbados e “vagabundos”. Era necessário refuncionalizá-lo e dar a ele uma nova vida (RESTAURAÇÃO, 2008; MERCADO, 2008; MARABÁ, 2010), como se as relações e espacialidades lá existentes não pudessem existir na cidade moderna, pois estariam ligadas ao atraso e à reprodução de grupos sociais marginais, não contribuindo diretamente para o que aparece como realmente importante, a reprodução do capital e dos grupos mais abastados economicamente.

Em relação às políticas desenvolvidas propriamente para as feiras-livres de Marabá, os espaços das feiras das Laranjeiras e da 28³⁸ foram os que mais receberam o apoio do Estado. Ambas passaram por um processo de reforma e padronização, no final da década de 1990, com apoio do governo municipal. A prefeitura também ofereceu cursos de aperfeiçoamento aos feirantes (MARABÁ, 2001). Porém, os agricultores/feirantes que sobrevivem da agricultura, do extrativismo e do agroextrativismo reclamam que essa política dificultou o seu acesso à feira, pois as barracas foram distribuídas principalmente para moradores da cidade³⁹. Eles, atualmente, ficam concentrados na parte de fora dos espaços construídos.

A feira do agricultor, por sua vez, contou no início com o apoio do Município, principalmente através do custeio do transporte dos produtores rurais, da floresta à cidade, e vice-versa; essa ação durou apenas dois anos, e até os dias atuais não foi retomada⁴⁰. Para todas as feiras-livres, legalmente, o Município de Marabá é obrigado a tomar medidas, que nem sempre são cumpridas (quadro 18).

³⁸ A obra na feira da 28 contou com a parceria do sindicato dos trabalhadores da feira da 28, que contribuiu com 50% do cimento utilizado na construção de quiosques e da fundação (FEIRA, 1995). Tal obra custou R\$ 183.000.000 (cento e oitenta e três mil reais) para os cofres públicos (MARABÁ, 2001).

³⁹ Informações retiradas das entrevistas realizadas com os feirantes das Laranjeiras e da 28.

⁴⁰ Informações retiradas das entrevistas realizadas com os trabalhadores da feira do agricultor e com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marabá.

Quadro 18: Legislação e Planos Municipais que contemplam as feiras-livres

Leis e planos	Eixo	Objetivos
Plano Plurianual do Município 2014/2017	Comércio	Desenvolver economicamente o comércio entre as micros e pequenas empresas e estruturar os centros de compras locais (bairros, folhas, ruas, feiras e avenidas)
	Desenvolvimento sustentável da agricultura	Implantar feiras-livres
	Desenvolvimento sustentável da agricultura	Manter feiras-livres
	Desenvolvimento sustentável da agricultura	Capacitar agricultores/produtores e feirantes
	Desenvolvimento sustentável da agricultura	Incentivar o consumo dos produtos da agricultura familiar no Município
Plano Diretor	Comércio e Serviços	Apoiar e promover atividades de capacitação nas áreas de manuseio de alimentos, gestão de negócios e comercialização, junto aos comerciantes locais, feirantes e vendedores ambulantes
	Comércio e Serviços	Incentivar a formação e instalação de feiras de produtores, a fim de aproximar os consumidores dos produtores rurais
	Setor Agropecuário	Incentivar o abastecimento de feiras e mercados locais e regionais
Lei Orgânica do Município	Da competência privativa	Promover os mercados e as feiras
	Da Política Agrícola, Agrária, Fundiária e do Abastecimento	Viabilizar a implantação de feiras do produtor e de entrepostos de comercialização localizados estrategicamente
	Da Política Agrícola, Agrária, Fundiária e do Abastecimento	Priorizar o abastecimento do mercado interno, dado seu caráter social, através de sistemas de comercialização direta entre produtores e consumidores
	Da Política Agrícola, Agrária, Fundiária e do Abastecimento	Intervir no sistema de abastecimento local, desenvolvendo programas sociais específicos, no sentido de garantir a oferta de alimentos básicos à população, dando prioridade à estrutura varejista de feiras livres e mercados
	Da Política Agrícola, Agrária, Fundiária e do Abastecimento	Garantir o escoamento da produção, principalmente ao pequeno produtor, sendo responsável por abrir estradas vicinais e dar manutenção às já existentes

	Da Política Agrícola, Agrária, Fundiária e do Abastecimento	Garantir, como forma de incentivo ao pequeno produtor, meios e condições de transportes para escoamento de sua produção
	Da Política Agrícola, Agrária, Fundiária e do Abastecimento	Destinar áreas nas feiras-livres e mercados aos pequenos agricultores, para comercialização de seus produtos
	Da Política Agrícola, Agrária, Fundiária e do Abastecimento	Formar e executar a política agrícola, agrária e fundiária, através da participação dos diversos setores de produção, comercialização e consumo
	Da Política Agrícola, Agrária, Fundiária e do Abastecimento	Criar um programa de armazenamento comunitário, com a implantação de armazéns ou depósitos localizados em pontos estratégicos, em que a agricultura familiar apresente significativo potencial produtivo

Fonte: Marabá (2006b, 2009, 2014)

Elaboração: Débora Aquino Nunes.

O quadro 18 demonstra que os planos e as leis municipais ligados às feiras-livres de Marabá não contemplam a floresta como um espaço que pode participar da sua organização. Tais feiras estão incluídas de maneira setorial e, principalmente, nos eixos de comércio e serviço, de desenvolvimento sustentável da agricultura e de política agrícola, agrária, fundiária e do abastecimento. Assim, o agroextrativismo e o próprio extrativismo não aparecem em nenhuma das estratégias municipais formais para o desenvolvimento das feiras-livres marabaneses; não ficando claro também o que está se considerando como sustentável.

Dessa maneira, no atual plano plurianual do Município de Marabá 2014-2017 (MARABÁ, 2014), as ações que estão previstas para serem desenvolvidas são: implantar e manter feiras-livres, incentivar o consumo dos produtos da agricultura familiar no Município e capacitar agricultores/produtores e feirantes. Assim, tenta-se seguir o que está previsto no plano diretor do Município e na sua Lei Orgânica.

O primeiro institui que é dever do município: apoiar e promover atividades de capacitação nas áreas de manuseio de alimentos e de gestão de negócios e de comercialização junto aos feirantes; incentivar a formação e a instalação de feiras de produtores, a fim de aproximar os consumidores dos produtores rurais; e estimular o abastecimento de feiras e mercados locais e regionais (MARABÁ, 2006b).

O segundo prevê como competência do Município promover os mercados e as feiras-livres, com destaque para a implantação de feiras do produtor, pois o abastecimento do mercado interno, dado o seu caráter social, deve ser priorizado, com evidência ao desenvolvimento de sistemas de comercialização direta entre produtores e consumidores (MARABÁ, 2009).

Compete também ao Município de Marabá intervir no sistema de abastecimento local e desenvolver programas sociais específicos que garantam a oferta de alimentos básicos à população, dando prioridade à estrutura varejista de feiras-livres e mercados (MARABÁ, 2009). Dessa forma, o lado comercial das feiras-livres é o que mais se destaca.

Com a finalidade de garantir o escoamento da produção, principalmente ao pequeno produtor, está previsto também que o Município se responsabilize em relação à abertura de estradas vicinais e a manutenção das já existentes, bem como garanta, como forma de incentivo ao pequeno produtor, meios e condições de transportes para escoamento de sua produção (MARABÁ, 2009).

Além disso, a prefeitura é responsável por destinar áreas nas feiras-livres e nos mercados aos pequenos agricultores para comercialização de seus produtos, além de criar um programa de armazenamento comunitário, com a implantação de armazéns ou depósitos localizados em pontos estratégicos do Município, onde a agricultura familiar apresente significativo potencial produtivo. A sua política agrícola, agrária e fundiária, por seu turno, deve ser formada e executada com efetiva participação dos diversos setores da população da cidade e do campo (MARABÁ, 2009).

Nesse sentido, a floresta em pé, juntamente com os seus produtos, é preterida em relação à pequena agricultura. Esta aparece como um setor que deve ser incentivado para contribuir diretamente com a organização e o abastecimento das feiras-livres e para o desenvolvimento sustentável do campo marabaense e dos pequenos produtores rurais. Porém, os principais planos e as leis municipais acabam muito mais incentivando a substituição e manutenção da ausência da floresta do que o uso consciente de seus recursos, pois acabam por apoiar as atividades agrícolas e ignorar os sistemas agroflorestais e as atividades extrativistas praticadas e possíveis.

Diante desse contexto, o prefeito de Marabá, João Salame Neto, e os representantes ligados às feiras-livres da Secretária Municipal de Desenvolvimento Urbano e da Secretaria Municipal de Agricultura, analisam a importância desses espaços para o Município de Marabá (quadro 19).

Quadro 19: Importância das feiras-livres para os representantes do poder público

Instituição	Entrevista
Prefeitura de Marabá	As feiras são muito importantes. Isso aí é de natureza até mesmo cultural. As pessoas gostam de se encontrar na feira, conversar, trocar ideia, brincar, além de ter a oportunidade de comprar produtos mais baratos que nos estabelecimentos formais porque o pessoal ali não paga imposto. Uma parte dali vem diretamente do produtor. Então, eles conseguem manter o preço menor, conseguem negociar. Então, eu diria que além de possibilitar a compra de produtos a preços mais acessíveis, é um momento de lazer da sociedade, né? De ir à feira. É quase como ir à igreja [...]. A melhor coisa é o fato do produtor não ter que pagar imposto. Ele pode trazer sua produção direto para feira. Assim, ele vai poder vender diretamente para o consumidor e, ao não pagar impostos, ele pode vender a um preço mais acessível. Por outro lado, é um local onde tem uma movimentação de gente muito grande, ou seja, tem um mercado consumidor garantido. Quer dizer, ele não precisa ir atrás de cliente, o cliente vai até ele. Então, eu acho que a combinação desses dois fatores é extremamente importante e a razão de ser da existência das feiras (prefeito de Marabá, 52 anos).
Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano	Elas são interessantes no sentido de trabalhar com o próprio produtor rural, com aquelas famílias mesmo que moram na zona rural. Para possibilitar que eles venham vender seus produtos, suas plantações, seus animais e para movimentar o comércio também. Elas polarizam o Município de Marabá e sua produção no campo. Pelo pouco conhecimento que eu tenho dessas feiras assim, porque agora que nós tamos licenciando, elas polarizam é... polarizam só a zona rural do Município [...]. Eu acredito que contribui bastante no desenvolvimento da comunidade. Não sei se você já teve oportunidade de ver, eles sempre chegam três, quatro, cinco da manhã em ônibus, vindo da zona rural. Um ajuda o outro! É uma cooperação entre eles mesmo e ajuda bastante nos bairros em que as feiras estão, porque o produto é mais barato, é de qualidade! Noventa por cento deles não tem esse negócio de agrotóxico! As pessoas às vezes saem de um outro bairro, por exemplo, para ir lá na feira da 28, porque ele não quer um produto industrializado, entendeu? Ele quer o produto natural mesmo (diretor de conflitos fundiários, 27 anos).
Secretaria Municipal de Agricultura	A gente acha que as feiras são muito importantes para o município, todas elas. Elas podem ser o ponto final da produção do nosso produtor, que pode trazer pra cá suas coisas, sua galinha, fruta, verdura, sua horta, e outras coisas. Mas infelizmente as feiras de Marabá vem perdendo o sentido. Sabe por quê? Porque quem comanda é o atravessador. A maioria dos produtos vem de fora, e a gente sabe disso, tem consciência. Por isso que eu digo que ela vem perdendo o sentido. A nossa produção é minoria e os produtos são caros. Tirando a feira do agricultor, lá na velha... tirando essa feira, que é um lugar específico que os nossos produtores se concentram, as outras perderam o sentido (diretor do setor de apoio ao pequeno produtor e mecanização, 44 anos).

Fonte: Trabalho de campo realizado em julho de 2013 e em outubro de 2014.

Elaboração: Débora Aquino Nunes

Através do quadro 19, identificamos que para o prefeito de Marabá, as feiras-livres aparecem ligadas a uma importância simbólico-cultural e de sobrevivência dos feirantes e da população citadina. Elas são marcadas pelo encontro e pelo lazer, onde a população vai para conversar, sorrir e brincar, e também pela possibilidade de oferecer mercadorias mais baratas, ser fonte de renda para a população do campo e também um espaço de troca direta entre produtor e consumidor.

Para o diretor de conflitos da Secretaria de Desenvolvimento Urbano, por seu turno, as feiras-livres são importantes porque são espaços onde os produtores rurais podem vender seus produtos, movimentando o comércio da cidade. Elas contribuem para o desenvolvimento local, para a agricultura e também para o fortalecimento das relações próximas, de amizade e de ajuda mútua, bem como são alternativas para os cidadãos consumirem produtos mais baratos e com maior qualidade. Porém, sabemos que a importância dos atravessadores para a organização das feiras das Laranjeiras e da 28, faz com que os produtos lá ofertados sejam, na realidade, mais caros comparados aos dos supermercados, e também apresentam qualidade parecida.

Tal dinâmica é identificada pela Secretaria Municipal de Agricultura. Para esta instituição pública, as raízes e a importância das feiras-livres de Marabá vêm sendo negadas, fazendo com que as mesmas percam o sentido ao ofertar produtos mais caros e afastar o produtor do consumidor, com exceção da feira do agricultor, na Velha Marabá, que ainda é constituída por feirantes/produtores rurais que trazem os produtos agroextrativistas, extrativistas e agrários do entorno para cidade.

Assim, ou a floresta não aparece nos discursos ou seus produtos são identificados como menos importante para a conformação das feiras-livres de Marabá. No mais, nem sempre o que está previsto nas leis e nos planos de Marabá, bem como nos discursos do poder público, é cumprido e/ou levado em consideração ao implementar ações nas feiras-livres. Nesse sentido, as próprias secretarias municipais não sabem ou fingem não saber de quem é a competência de incentivar e implementar ações de desenvolvimento para esses espaços (quadro 20).

Quadro 20: Ações desenvolvidas pelo poder público em relação às feiras-livres

Secretaria	Entrevista
Secretaria de Agricultura	A secretaria não tem nenhum projeto nas feiras-livres, até poque, infelizmente, nós não somos responsáveis pelas feiras. Era para ser um cargo nosso, mas não é! É da Secretaria de Obras. Estranho, né? É porque eles acham que é porque eles que construíram, então, é responsabilidade deles. Eu até já disse que é para a gente ver isso! Afinal, é uma parte do processo de produção, a parte final, a venda (diretor do setor de apoio ao pequeno produtor e mecanização, 44 anos)
Secretaria de Obras	Achamos as feiras importantes, mas isso não é competência nossa! A única coisa que ainda fazemos é cuidar do espaço construído das feiras das Laranjeiras. Daquele galpão que tem lá. Aí fazemos a reparação caso dê algum problema na energia, infiltração, essas coisas. Nós que construímos ele [...]. Tem até um projeto para a reforma dessa feira e aí os projetos, essas coisas mais estruturais, vão ser responsabilidade nossa (gerente do setor de obras, 38 anos).
Secretaria de Desenvolvimento Urbano	Na verdade a prefeitura, junto à SDU, ela tá querendo organizar a situação dessas feiras, porque hoje o que a gente encontra é situações de aluguel do bem público, de venda do bem público, entendeu? É uma coisa totalmente desorganizada. Ninguém paga nenhum tipo de imposto, entendeu? É por isso que a prefeitura tá entrando agora com esse processo de regulamentação das feiras, para ver se a gente ameniza um pouco a situação dessa irregularidade. Esse é o projeto para realizar. Nós temos também benfeitorias, que nós realizamos e que iremos realizar dentro das feiras, como a revitalização de todas elas. A gente vai arrecadar, mas também vai dar o retorno para eles, entendeu? O que o SDU se responsabiliza é pelo bem público, pelo bem construído e público e as pessoas que estão lá dentro, como a feira coberta da Laranjeiras, uma parte dos boxes que o Município construiu na 28, e também participamos de projetos para revitalizar ou construir novas feiras, principalmente para atender às pessoas que ocupam a via pública. Todas as feiras nós estamos querendo organizar! [...]. Eu não sei te falar todas as ações que o Município têm para introduzir dentro dessas feiras. Só o que é da nossa alçada é aquilo que eu te falei mesmo: organização, regulamentação, curso de capacitação para melhorar o desempenho e a qualidade dos produtos e reordenação, esse tipo de ação (diretor de conflitos fundiários, 27anos)

Fonte: Trabalho de campo realizado em julho de 2013 e de agosto a dezembro de 2014.

Elaboração: Débora Aquino Nunes, 2014.

Percebemos, através do quadro 20, que a Secretaria de Agricultura aponta que a responsabilidade sobre as feiras-livres é da Secretaria de Obras. Esta última assume a responsabilidade apenas sobre a estrutura construída da feira das Laranjeiras, principalmente relacionada à manutenção do seu sistema de energia e hidráulico, e as obras que poderão ser desenvolvidas nesse espaço.

A Secretaria de Desenvolvimento Urbano, por sua vez, é a que mais assume a responsabilidade de desenvolver projetos nas feiras. Ela é responsável por: a) mediar possíveis conflitos em relações aos bens construídos; b) fiscalizar a apropriação indevida e ilegal desses bens, como a posse de mais de uma barraca por feirante, o aluguel do bem público e as construções irregulares; c) organizar o espaço das feiras e regulamentar as suas atividades; d) promover cursos de capacitação para melhorar o desempenho e a qualidade dos produtos, e; e) participar da criação de novas feiras-livres em Marabá.

Assim, a responsabilidade atribuída ao SDU é setorial e orientada para a organização do espaço das feiras-livres das Laranjeiras e da 28. É previsto o incentivo as suas atividades comerciais, sem, com isso, levar em consideração as conexões e as relações que produzem o seu espaço. Ademais, a feira-livre do pequeno agricultor, espaço que mais concentra os habitantes e produtores da floresta, não é contemplada por nenhuma secretaria municipal. Contraditoriamente, é ela que mais possui destaque dentro dos planos e das legislações municipais.

Assim, em entrevista com o atual prefeito, identificamos que a única ação direta que está sendo desenvolvida em espaços orientados para o pequeno comércio e consumo de produtos alimentícios é a construção do Mercado da Morada Nova.

A gente tem estimulado a produção de milho, de mandioca, na região do Sororó. Esse ano a produção foi grande porque a Secretaria de Agricultura mecanizou o plantio. Então, a gente também tem recuperado dezenas de estradas vicinais, construindo pontes. Então, tudo isso colabora para que a feira da agricultura familiar possa ter hoje uma qualidade maior do que ela tinha anteriormente, quando não tinha ponte, não tinha estrada, quando a Secretaria de Agricultura praticamente não ajudava em nada. Então, esse é o estímulo que a gente vem dando para a feira do pequeno agricultor. Em relação aos outros projetos, nós estamos construindo uma feira coberta em Morada Nova, ela deve ficar concluída esse ano, no mais tardar início do ano que vem. Temos um projeto para revitalizar a feira das Laranjeiras e outro para construir a feira da folha 28. Então, espero que esse recurso entre esse ano pelo menos para uma delas e a da Morada Nova continua. Na folha 16 não tem nada de concreto. Por enquanto é só essa mesmo da folha 28, das Laranjeiras e tem um projeto para Velha Marabá também. Esse projeto para a Velha está incipiente, ainda está na fase arquitetônica, nós ainda não obtivemos recurso. Já os da Laranjeiras e o da 28 não, já está mais avançado,

tem emenda parlamentar, então eu espero que resolva o problema. Temos contado com o apoio forte do governo federal, agora mesmo celebrando um convênio de 5.000.000 (cinco milhões) de reais para a construção de pontes de concreto para a zona rural e mais 1.500.000 (um milhão e quinhentos mil) de reais para a manutenção de estrada vicinais, através do INCRA (prefeito de Marabá, 52 anos, novembro de 2014).

O Município, em parceria com o governo federal, está construindo o Mercado da Morada Nova, localizado no núcleo homônimo. A justificativa para implantação desse projeto foi que, atualmente, a cidade de Marabá precisa de um espaço adequado para dispor à população produtos frescos e de qualidade oriundos da sua zona rural e da região. Desta forma, está sendo construído esse mercado, com estrutura coberta de alvenaria e boxes para os feirantes, estando dividido em setores, como: comercialização de secos e molhados; horticultura; ervas aromáticas/medicinais; temperos regionais; frutíferas; farinhas e seus derivados; peixarias; carnes de aves; carnes suínas; carnes de gado; setor de administração da feira; e um palco para eventos (BRASIL, 2009).

Sabemos que Marabá já possui um espaço que atende ao requisito de oferecer produtos regionais para a população, uma das justificativas para construir o Mercado da Morada Nova, que é a feira do pequeno agricultor. Esta não vem sofrendo, há algum tempo, nenhuma ação regular do poder público. A contradição se faz mais uma vez presente.

Os projetos de reforma das feiras das Laranjeiras e da 28 também estão sendo estudados, bem como de construção de um mercado na Velha Marabá. Este último, é uma constante reivindicação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marabá e dos agentes que animam a feira do pequeno agricultor. Este é o projeto mais incipiente, o que demonstra o descompasso entre o pouco que está sendo pensado e implementado para as feiras-livres de Marabá e as necessidades e reivindicações dos trabalhadores rurais.

Algumas outras ações aparecem indiretamente também ligadas às feiras-livres, como o incentivo à produção de milho e de mandioca, a maior disponibilidade da oferta de maquinários aos agricultores e o aumento dos investimentos em infraestrutura, principalmente a relativa a pavimentação de vicinais e construção de pontes na zona rural. Entendemos que a questão da infraestrutura na zona rural atende muito mais às necessidades dos grandes latifundiários do que dos pequenos produtores. Isso porque estes últimos não possuem condições e nem incentivos para escoar sua

produção. O transporte subsidiado entre zona rural e cidade, que é uma das competências do Município, não está sendo realizado. Os produtores trazem por conta própria, em veículos alugados (caminhões, carros, motos e ônibus) as suas mercadorias. A segurança fica por conta dos próprios feirantes, assim como a organização da feira e a montagem e desmontagem de barracas e/ou de outros equipamentos que servem para sua proteção e para a exposição dos seus produtos, como: guarda sol, caixas, caixotes, mesas e bancos. Não foi identificado em nenhum trabalho de campo a presença de agentes do poder público nesses espaços.

Esse descompromisso e a pouca ação do Estado não se repete em espaços organizados pelo circuito superior da economia, que têm a floresta como recurso ou a nega, como as feiras de exposição. Nelas, a participação do poder público se configura de maneira mais efetiva. O plano plurianual de Marabá também prevê como responsabilidade do Município participar da promoção de eventos que propiciem a geração de negócios empresariais, como feiras, congressos e simpósios, e fomentar eventos de feiras e exposições (MARABÁ, 2012). Isso é respeitado e posto em ação, ao contrário do que está previsto para as feiras-livres. O governo do Estado também participa diretamente dos incentivos à EXPOAMA, conforme já exposto, atualmente a maior feira de exposição de Marabá e região (tabela 01).

Tabela 01: Doações e investimentos realizados pelo poder público para promoção da EXPOAMA, 2010-2014.

Ano	Valor Investido		Total
	Estado	Município	
2010	330.000	300.000	630.000
2011	350.000	350.000	700.000
2012	220.000	200.000	420.000
2013	302.500	450.000*	752.500
2014	110.000	200.000	310.000

*Somou-se a doação direta com o valor das obras de requalificação do parque de exposição de Marabá realizadas pela prefeitura no valor de R\$ 350.000,00 (trezentos e cinquenta mil reais).

Fonte: Pará (2010b, 2010c, 2011, 2012, 2013b, 2013c, 2013d, 2014a, 2014b, 2014c).

Elaboração: Débora Aquino Nunes.

Através da tabela 01, identificamos que o Estado, na sua esfera municipal e estadual, vem participando da promoção da EXPOAMA através de doações diretas para o Sindicato dos Produtores Rurais de Marabá (SPRM) e de investimentos infraestruturais no Parque de Exposição de Marabá. Em 2013, essas doações e investimentos alcançaram o maior valor dos últimos tempos, atingindo R\$ 752.500,00 (setecentos e cinquenta e dois mil e quinhentos reais), sendo R\$ 302.500,00 (trazendo

e dois mil e quinhentos reais) oriundos do governo do Estado e R\$450.000,00 (quatrocentos e cinquenta mil reais) da prefeitura municipal.

O ano de 2014, por sua vez, marcou a pior participação direta para a realização da EXPOAMA, com apenas R\$310.000,00 (trezentos e dez mil reais) doados diretamente, sendo R\$110.000,00 (cento e dez mil reais) provenientes do governo do Estado e R\$200.000,00 (duzentos mil reais) da prefeitura. Essa menor participação foi justificada pelas obras que estão sendo realizadas e que beneficiam diretamente a classe agropecuarista da região, como a pavimentação e recapeamento das rodovias estaduais e a construção de estacionamentos e infraestruturas de acesso e ao entorno do Parque de Exposição de Marabá. Além disso, identificamos, através do quadro 21, a importância que assume a EXPOAMA para os representantes públicos.

Quadro 21: Importância da EXPOAMA para os representantes do poder público municipal e estadual

Eixo	Informante	Entrevista
Reprodução do discurso do agronegócio enquanto importante atividade	Informante 01	<p>Uma outra oportunidade que se fez hoje é falar que a secretaria é próxima de todas as feiras de exposições e frisar aí as palavras do sr. Miranda que é preciso que as pessoas entendam sobre o agronegócio, sobre o comércio, esse setor que é fonte de renda e economia do Município e falar da sua importância. Acho que, como educador, eu acho que as pessoas precisam ter no currículo educacional e entender qual é a origem dos alimentos. A origem de todo o setor produtivo, para que se dê a devida importância. Como você falou em algum momento, vocês são travados, né? E como é que seria o mundo se nós não tivéssemos uma representatividade que fomentasse o desenvolvimento econômico nesse segmento do agronegócio e da agricultura. E aí entra também a agropecuária e todas essas fontes de alimentação que nós seres humanos possuímos. É uma honra muito grande estar aqui hoje. Quero cumprimentar todos os presentes e quero que a feira continue sendo melhor, como tem sido todos os anos. Uma vez que é umas das mais importantes feiras da região Norte do País e eu acho que a gente tem que se orgulhar disso! E fazer jus, a cada dia, disso que é nosso, que é do Município de Marabá (secretário de indústria e comércio de Marabá).</p>
Importância econômica e da classe dos grandes agropecuaristas de Marabá	Informante 02	<p>É uma alegria muito grande ver a realização da XVIII EXPOAMA na nossa cidade. Nós, há muito tempo, aprendemos a conviver com esse evento tão importante para o agronegócio, para a economia de Marabá. Nós tivemos a oportunidade, ao longo de tempo, de contar com a parceria da Associação Comercial e Industrial de Marabá. Tive a oportunidade de acompanhar a dedicação e a contribuição que cada produtor dá para a realização dessa feira. Receba aqui os cumprimentos da Câmara Municipal de Vereadores de Marabá, na minha pessoa, e na pessoa de meu colega Miguelito, e de todos os vinte e um vereadores. E também o reconhecimento da importância da classe produtiva para a economia do Município e sua extraordinária contribuição, que a região do sul e sudeste do Pará, em especial Marabá, dá para a balança comercial do Estado e dá para a balança comercial do Brasil. Então, recebam o nosso cumprimento e os nossos votos que essa feira seja, mais uma vez, um momento de realização de grandes negócios para a economia aqui da nossa cidade (presidente da Câmara de Vereadores de Marabá).</p>
Emprego e Renda	Informante 03	<p>Queria ressaltar também que o Governo do Estado tá com vocês. Vocês tão vendo aí a nossa PA 150, né? Onde o maior beneficiados vão ser vocês para o escoamento da produção. Então, quero dizer que o governo do Estado não olha a bandeira do agronegócio como uma</p>

		bandeira política, ele olha, sim, como uma bandeira de geração de emprego e renda. E é por isso que nós respeitamos essa bandeira de vocês. É por isso que o governo do Estado vem ajudando todo o ano feiras importantes como essa (evento de abertura 01, secretário do estado de agricultura)
Lazer, turismo e economia	Informante 04	A EXPOAMA já é uma outra vertente, já é para o setor empresarial rural, né? Para o pessoal que tem um poder aquisitivo maior, mas, de qualquer maneira, movimenta bastante a economia, né? São volumes significativos que são movimentados durante as feiras, durante os negócios que eles realizam lá. E a EXPOAMA no caso de Marabá, se tornou uma das grandes feiras do País, né? Então, ela é considerada hoje uma das mais importantes do Brasil. Então, para nós é um momento não só de lazer, é o momento também que os turistas se dirigem para cá, é o que chamam de turismo de negócios. Quer dizer, é muita gente que vem para Marabá, se hospeda em Marabá, movimenta os nossos hotéis, a nossa economia, para poder participar dessa feira. Essa feira agropecuária que é importantíssima! (prefeito de Marabá).
Vitrine, economia e arrecadação municipal	Informante 05	Eu vim num leilão do pessoal do grupo R&R. Há uns dias atrás nós tivemos um leilão do grupo REVEMAR e esses leilões mostram a exuberância, a força do setor produtivo de Marabá e da região, e a EXPOAMA acelera tudo isso. Nós estamos nos tornando campeões no melhoramento genético, no processo de inseminações, a qualidade do nosso rebanho, hoje, é cantada em prosa e verso ao nível nacional. Temos disputados torneios a nível nacional e ganho, né? Então, isso tudo é produto do pequeno, do médio e do grande agricultor. Quer dizer, eles estão de mão dadas com o poder público federal, estadual e municipal [...]. Só para vocês terem uma ideia, falando um pouco da prefeitura, quando o Mirandinha (presidente do SPRM) me procurou o ano passado para a gente fazer o convênio e ele me propôs 300 mil, eu disse “Mirandinha, cem só”, ele disse “mas rapaz!”, eu disse “eu peguei a prefeitura quebrada, dois meses de salários atrasados, não tem a menor condição de fazer isso. Como é que eu vou justificar isso para as pessoas? Não tem chance”. E ele disse, “mas tu promete que para o ano que vem tu melhora?”, eu digo “rapas, se eu der conta de arrumar a prefeitura e eu acho que eu vou dar conta, eu prometo melhorar”. E nós fizemos cem mil ano passado e já fizemos duzentos mil esse ano. Eu arrumei, se não, não tinha feito, né? Melhorou 100%. E não foi só o convênio de 200 mil reais. Tem também..., é importante a sociedade saber, tem que transparecer esses negócios, né deputado Hidelgado? Então, nós fizemos também... ajudamos com todo o maquinário para fazer o novo estacionamento.

		<p>Isso não é pouco dinheiro. É um dinheiro razoável que a gente gastou com isso. Então, temos procurado participar, por quê? Porque isso retorna para o Município. Aqui, nas vendas que são feitas aqui, gera ICMS, ISS, os hotéis geram ISS. Então, uma parte do investimento, ele retorna na forma de impostos para o cofre da prefeitura. Para concluir, nós asphaltamos ao longo do ano, eu disse lá no leilão da REVEMAR, dois mil quilômetros de estradas vicinais. Muitas estradas vicinais melhoraram. Quer dizer, podemos escoar melhor a nossa produção [...]. Eu acredito que o agronegócio ainda vai crescer muito aí. Problema tem, mas nós não podemos chorar. Temos que brigar e eleger os representantes do agronegócio, seja de que partido for, para que a gente possa melhorar a nossa produção e para que vocês possam ajudar Marabá a se tornar cada vez mais uma potência. Se depender de nós, Mirandinha, eu não vou prometer que a gente cresce mais cem por cento, tá certo? Porque aí já é demais, é progressão geométrica, mas eu quero ver se a gente melhora um pouquinho mais, né? De preferência com os nossos deputados que consigam um pouco mais de dinheiro para a gente aqui, né Julia Rosa? Não posso prometer cem por cento, porque se não vai para quatrocentos conto ano que vem, aí não dá. Mas eu espero que, se eu der conta de melhorar mais um pouco a situação da prefeitura... [...] eu possa melhorar no ano que vem a contribuição para a nossa grande EXPOAMA (prefeito de Marabá).</p>
--	--	--

Fonte: Trabalho de capô realizado em julho e novembro de 2014.

Elaboração: Débora Aquino Nunes.

A reprodução do discurso do agronegócio enquanto importante atividade aparece como relevante. A EXPOAMA, apresenta-se como a oportunidade que a população tem para conhecer os produtos regionais, oriundos da grande agropecuária, e reconhecer a importância dos produtores rurais para o desenvolvimento da dinâmica de Marabá, do Estado do Pará e do Brasil. Esse setor e seus agentes, para o secretário de indústria e comércio de Marabá, deveria ser melhor estudado nas escolas (informante 01).

A importância da EXPOAMA aparece também ligada a um sentimento de pertencimento, construído pelos grupos envolvidos na sua organização, que tenta se fazer presente na vida cotidiana de Marabá (informante 01). É importante destacar que como espaço organizado pelo circuito superior da economia, as lógicas e as racionalidades se produzem na dialética entre global, regional e local, não sendo apenas intrínseca ou endógena, nesse caso, à Marabá. A forte integração com o exterior faz com que as feiras de exposição de Marabá sejam mais vulneráveis aos momentos de crises do capital, como ocorreu com a FICAM; sendo esse pertencimento, então, relativo.

Ademais, para o poder público, a EXPOAMA é importante para a economia do Município, para a realização de grandes negócios e para o desenvolvimento do agronegócio em Marabá. Assim, é reconhecida a importância do que eles chamam de “classe produtiva”, principalmente, porque esta participa diretamente da balança comercial de Marabá, da região e do Brasil (informante 02). Identificamos que o termo “classe produtiva” é utilizado pela maioria dos representantes públicos para designar a categoria formada pelos grandes agropecuaristas, reafirmando, implícita e explicitamente, que os pequenos agricultores são muito mais meros trabalhadores do que produtores; talvez porque eles não façam parte diretamente e com intensidade de uma contabilidade global.

O que conta é a importância da inclusão do Município e da região na lógica e no mercado capitalista (SANTOS, 2011, 2008b). Assim, justifica-se o apoio às feiras de exposição por representarem tais agentes produtivos, pois estes participam diretamente da geração de emprego e de renda paraense. Além disso, o governo do Estado assume que as obras de infraestrutura realizadas no sudeste paraense beneficiam principalmente essa categoria (informante 03).

Entendemos que, com a crescente mecanização do campo, diminui-se a necessidade de utilização de trabalhadores pouco qualificados, e aumenta-se, com

menor intensidade, a necessidade do trabalho “qualificado” (ELIAS, 2006a, 2006b). Não se justifica, então, o laço entre grandes atividades agropecuárias e a geração de emprego e renda no Estado do Pará, impregnado no discurso dos representantes do poder público⁴¹.

A importância da EXPOAMA para esses agentes também gira entorno do lazer e do incentivo ao turismo e à economia. O turismo de negócios ganha relevância nesse período, pois movimenta um volume significativo de capital e de pessoas na cidade (informante 04). Isso faz com que aumente também a arrecadação de impostos da prefeitura; uma das justificativas para o incentivo financeiro municipal destinado à realização dessa feira (informante 05).

A EXPOAMA aparece também como uma importante vitrine para a produção e para a atividade agropecuária da região. Nela é demonstrada a exuberância e a força do setor produtivo de Marabá e da região. Apesar de o prefeito atribuir tal dinâmica a todos os setores do campo (informante 05), identificamos que essa feira é organizada pelos grandes grupos agropecuários, sendo os pequenos produtores aliados de sua organização, participando de maneira relativa da EXPOAMA.

O prefeito visa continuar aumentando a participação do Município na EXPOAMA, principalmente com doações diretas. Ele expõe também a importância de eleger representantes do agronegócio para melhorar a produção, a economia e os incentivos para esse setor (informante 05), o que pode aprofundar a exploração e a negação da relação cidade-floresta em Marabá.

Assim é que os governos estadual e municipal entendem a importância e justificam a sua participação na EXPOAMA. Admite-se, então, que uma das importâncias da EXPOAMA é incentivar e fomentar o agronegócio do Estado; atividade que está baseada, em grande parte, na substituição da floresta por pastos e por grandes plantações de monoculturas.

Em relação ao governo federal, ele participa diretamente dessa feira através das políticas de desenvolvimento rural encabeçadas principalmente pelos seus bancos. O BASA e o Banco do Brasil possuem estandes dentro da feira (foto 18), financiando todas as transações realizadas, bem como são patrocinadores desse evento. Além deles a EMBRAPA também possui um espaço na EXPOMA (quadro 22).

⁴¹ Em relação ao emprego formal, o setor da agropecuária em Marabá teve um saldo de -23 e -86 trabalhadores, em 2013 e 2014, respectivamente (BRASIL, 2015).



FOTO 18: ESTANDES DOS BANCOS PÚBLICOS NA EXPOAMA 2014: o Banco do Brasil e o Banco da Amazônia possuíam estandes dentro da EXPOAMA, localizados um ao lado do outro. Ao seu redor alguns produtos, como tratores, implementos agrícolas, pick-ups e caminhões recém-financiados eram expostos. Ambos possuíam serviço gourmet e promoviam, em vários dias, confraternizações entre funcionários, diretores e clientes.

Autora: Débora Aquino Nunes, 2014.

Quadro 22: Bancos e instituições públicos federais em face da importância e dos seus objetivos para com a EXPOAMA

Eixo	Instituição	Entrevista
Importância da EXPOAMA	Banco do Brasil	A EXPOAMA, ela já está solidificada dentro do eixo de negócio do Município, certo? Para o Banco do Brasil... O banco sempre participou nas edições da EXPOAMA e de uns tempos para cá de forma mais intensa em função do crescimento do agronegócio aqui na região, né? A importância dessa feira é um conjugado de fatores, porque ela atende o fornecedor, o produtor que precisa adquirir o equipamento ou o animal, o fornecedor da ração, dos insumos, das sementes ou então do trator que vai trabalhar a terra, do caminhão que vai fazer o transporte dos animais, né? E o Banco do Brasil, ele fica no meio, fazendo a intermediação dos recursos, para que um consiga fazer negócios e crescer com a parceria de toda a cadeia. Para o Banco do Brasil, além de ser um grande parceiro do agronegócio hoje, está aliado ao fato da própria... A pecuária ela já vem se desenvolvendo, mas o banco está entrando muito forte no investimento agropecuário. Algo que eu posso lhe garantir, que há três anos atrás não existia. Então, o banco ele cresceu muito no agronegócio, financiando a aquisição dos animais para o produtor. Quando ele consegue adquirir os animais, o banco lhe alcança os recursos e ele tem dois anos para começar a pagar. Ele tem até seis anos de prazo para acabar de pagar. Então, ele consegue colocar o boi no pasto, engordar, vender, fazer lucro e ainda consegue pagar o banco e sobra ainda dinheiro para ele (gerente da agência da Velha de Marabá, 44 anos).
	BASA	Olha, a EXPOAMA é muito importante! Não só para o BASA, mas também é importante para a região, sabe? A nossa exposição... O parque é um dos principais do Estado do Pará e o BASA, como parceiro do produtor e parceiro do Sindicato, é que vem dá esse aporte financeiro para estrutura do parque. Porque como parceiro do sindicato também, há um percentual também, disso aí, que é destinado ao sindicato rural para sua estrutura, para estrutura do parque e tudo. Então, nós acreditamos que a feira é de grande importância para a comunidade e para a sociedade, porque movimenta a cidade, traz investimentos, gera renda, movimenta o capital. E é importante também ter um banco como parceiro, como o BASA [...]. A principal vantagem de ter uma feira dessa aqui... Olha é muito importante! Porque nós temos um setor agropecuário muito pujante aqui na região, aqui em Marabá. Nós temos um dos principais rebanhos e um rebanho de muita genética, né? Nós temos uma pecuária aqui muito desenvolvida para o setor do agronegócio. A feira ajuda no desenvolvimento da região também. Por isso que nós tamos aqui! Ela ajuda porque cada um que está aqui... Olha, aqui gera muito negócios, gera muito emprego, desde o pequeno negócio, desde aqueles que vende suas pequenas coisas, seus pequenos negócios, do cara do

		sorvete aos grandes empresários que aqui estão. Então, quer dizer, todos eles se beneficiam da feira. Então, a feira é muito importante! (técnico agrícola e gerente do setor rural, 60 anos).
	EMBRAPA	A EXPOAMA, pelo que eu sei, é uma das maiores feiras de exposição do Estado do Pará. É a primeira vez que a EMBRAPA está se apresentando aqui. Tanto é que nós estamos num estande aqui dividindo espaço com o SABRAE, né? Assim, até porque é o primeiro ano da EMBRAPA aqui. Nós estamos num espaço dos empresários, não é nem um espaço destinado para a EMBRAPA mesmo, nós precisamos ter alguma vitrine tecnológica para mostrar o nosso trabalho e nossas tecnologias. A importância de estar aqui é para mostrar o material que nós temos. Nós estamos com dois colegas de Belém aqui, dois técnicos que tem larga experiência, que é para tirar a dúvida de quem procura a EMBRAPA aqui na feira (diretor da sub-regional da EMBRAPA em Marabá).
Objetivos da instituição na feira	Banco do Brasil	O nosso objetivo é reforçar cada vez mais a presença do banco do agronegócio. Inclusive esse ano o banco é patrocinador também da EXPOAMA, né? Então, o banco tá, cada vez, investindo mais e acredito que ainda nós vamos chegar no nível de outros estados, onde as feiras que ocorrem você tem um terminal pronto para acolher as propostas dos próprios clientes, que é o que acontece em outras regiões das grandes feiras, né? Aqui a gente ainda não chegou nesse nível, mas vamos conseguir! Esse terminal funciona... na verdade ele interliga ao sistema do banco, porque o banco tem um sistema próprio que acolhe as propostas. Aí o cliente, vamos dizer, é de Bom Jesus, ele pode acolher a proposta aqui e ela automaticamente vai cair na agência lá para eles darem condução. E claro, aí tem um controle separado para você ver o número de negócios que você fez, separados por segmentos, pela própria feira, porque ela vai ter um cadastro especial. Isso já acontece em outras feiras de outras regiões. O banco já tem um projeto para instalar esse sistema por aqui. Inclusive, no ano passado, a gente conseguiu trazer aqui para a EXPOAMA a caravana do agronegócio, que é o que? É onde a diretoria do banco, eles fazem um cronograma e eles participam das principais feiras do País, né? E vão especificamente lá para atender à demanda e dar assessoria. E no ano passado nós conseguimos incluir a EXPOAMA na caravana dessas principais feiras do país. Então o objetivo... assim como nesse ano o banco já foi patrocinador da feira. A tendência é cada vez mais crescer e ampliar essa parceria (gerente da agência da Velha Marabá, 44 anos).
	BASA	Olha, o BASA, o Banco da Amazônia, é um dos principais articuladores e financiadores do agronegócio de um modo geral. Assim, não poderia deixar de ser parceiro aqui do parque desde o início, desde quando mudou para cá até hoje. Então, o BASA tem sido parceiro do Sindicato Rural e dos nossos produtores. Nosso objetivo é sempre atender melhor os nossos produtores no

		<p>financiamento, né? Porque aqui na feira a principal coisa que o BASA atua é no financiamento de máquinas e implementos agrícolas, esses equipamentos [...]. E esse é um dos principais objetivos do banco. É exatamente isso! Financiar o desenvolvimento da região (técnico agrícola e gerente do setor rural, 60 anos).</p>
	EMBRAPA	<p>O nosso objetivo é expor os nossos projetos. Nós temos vários projetos e várias tecnologias, que vem sendo desenvolvidas aqui na região, expostas aqui no nosso estande. Temos coisas sobre o projeto Biomas da Amazônia, que tem em todas as regiões, todos os biomas do Brasil, o caso dos pampas, serrado, pantanal, mata atlântica, semi-árido. E esse projeto está sendo desenvolvido bem aqui num vizinho nosso que é São Domingo do Araguaia, mas nós não temos ainda resultados porque o projeto foi montado agora em dezembro. Então tem agricultura, foi colhido os dados da agricultura agora na semana passada. Nós temos a parte florestal. Nós temos a integração lavoura-pecuária-floresta, mas esse projeto é mais desenvolvido no nordeste paraense, mas temos material sobre ele aqui, entre outros projetos que a EMBRAPA tem. E também nós temos trabalhando aqui, em parceria com o SEBRAE, na piscicultura, na pecuária de leite. Temos também um trabalho na área de fruticultura, estamos tentando montar um polo de fruticultura aqui na região de Carajás e também o trabalho de qualificação da mão-de-obra, que é uma demanda que está surgindo muito fortemente aqui na região como um todo, não só em Marabá (diretor da sub-regional da EMBRAPA em Marabá).</p>

Fonte: Trabalho de campo realizado em julho de 2014

Elaboração: Débora Aquino Nunes, 2014.

A importância da EXPOAMA para o Banco do Brasil, como podemos identificar através do quadro 19, está ligada ao atendimento das necessidades dos fornecedores, da ração, insumos, sementes, maquinários agrícolas, caminhões até a de animais de alta genética; e dos produtores, que precisam adquirir equipamentos modernos e animais de ponta. O Banco do Brasil aparece, então, como facilitador e mediador das transações econômicas entre esses agentes, pois disponibiliza linhas de crédito específicas e recursos para a realização de grandes negócios. Assim, toda a cadeia produtiva é beneficiada. Esse banco é um grande parceiro do agronegócio e, nos últimos anos, vem desenvolvendo programas mais específicos que beneficiam esse setor.

Para o BASA, a EXPOAMA é umas das mais importantes feiras do Estado do Pará. Ela ajuda no desenvolvimento da região, pois movimenta capital na cidade, traz investimentos e turistas e gera renda, sendo importante para a sociedade de uma maneira geral. Além disso, é um espaço organizado para atender às necessidades do setor do agronegócio, que desponta como importante atividade econômica na região, através da pecuária, com rebanhos de alta genética. Por isso, o BASA, enquanto parceiro dos produtores rurais e do SPRM, participa dando suporte financeiro para as transações realizadas dentro da feira, ajudando, dessa maneira, a desenvolver a região.

Percebemos, então, a importância da EXPOAMA reconhecida pelos bancos públicos gira em torno do desenvolvimento da grande agropecuária e do agronegócio. Eles justificam as suas participações na feira, visto a importância dessas atividades para o crescimento da economia brasileira e regional.

O discurso dos bancos públicos federais tenta justificar as ações do Estado ao englobar a população inteira como beneficiária das feiras de exposição, principalmente, porque geraria renda. Encobrem-se os verdadeiros favorecidos, que se encontram longe da cidade e da região ou estão ligados à lógicas longínquas, que pouco englobam a população de modo geral e que vêm negando a relação cidade-floresta, o que se reflete também nos preços dos alimentos ofertados nas feiras-livres. Esse discurso é necessário para a reprodução do capital e de suas estratégias, bem como para amenizar questionamentos e reações populares. Na tentativa de justificar as ações dos agentes públicos em prol dos grandes grupos agropecuaristas, povoa-se o imaginário e as interações sociais com retóricas que confundem avanço econômico com desenvolvimento.

A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), por seu turno, identifica como a principal importância da EXPOAMA o seu papel enquanto espaço-vitrine que possibilita a exposição de tecnologias e de projetos das instituições públicas, como os dela própria.

Em relação ao objetivo do Banco do Brasil em participar da EXPOAMA, é de reforçar, cada vez mais, a sua presença no agronegócio. Tal banco vem aumentando o seu investimento nesse setor e já estuda a possibilidade de instalar na EXPOAMA um terminal interligado ao seu sistema nacional para acolher as propostas dos clientes oriundos de qualquer parte do Brasil. Isso já acontece nas principais feiras brasileiras.

Tal aprofundamento da técnica e da informação nas feiras de exposição facilitaria a difusão do consumo e do crédito na região, ajudando a responder à necessidade de aumento do tempo de giro do capital. Isso tudo conectando com subsídios e políticas de crédito do Estado. Assim, os seus bancos públicos fornecem um tempo extra para começar a pagar as parcelas dos investimentos realizados na EXPOAMA, apresentando uma baixa taxa de juros e possibilidade de grande número de parcelas. Esse processo pode reafirmar e aprofundar a negação da floresta.

O BASA tem como objetivo se aproximar e atender melhor aos produtores rurais, facilitando, por exemplo, os financiamentos de máquinas e implementos agrícolas. Ele é um dos principais articuladores e financiadores do agronegócio da região, não podendo deixar de participar de umas das maiores feiras desse setor no Estado do Pará. Articula à atividade da grande agropecuária, baseada principalmente na transformação da floresta em pasto e na grande propriedade de terras, ao desenvolvimento da Amazônia.

A EMBRAPA, por sua vez, destoa um pouco dos objetivos dos bancos públicos. Essa instituição visa expor seus projetos, seus estudos e suas tecnologias. Assim, disponibiliza materiais sobre os projetos: Bioma da Amazônia, que começou a ser desenvolvido recentemente na região; e Lavoura-pecuária-floresta, que está concentrado no nordeste paraense. São divulgados também dados e produtos oriundos de atividades desenvolvidas em parceria com o SEBRAE, na piscicultura e na pecuária de leite, bem como trabalhos sobre a fruticultura e a importância da qualificação da mão de obra regional.

Em 2014, na última edição da EXPOAMA, identificamos que o estande SABRAE/EMBRAPA era o único que apresentava estudos, projetos, materiais e produtos que remetem à floresta em pé, bem como à sua importância. A maioria das

atividades incentivadas e expostas estavam ligadas ao extrativismo e ao sistema agroflorestal de produção, que não degradam de forma intensa o meio natural. Contrapunha-se, então, a lógica e o apoio à atividade que organiza essa feira de exposição, que é a agropecuária, responsável por degradar a maior parte da floresta da região (HURTIENNE, 2005)

Ao contrário das feiras-livres, identificamos a presença de representantes, funcionários e técnicos do poder público que participam diretamente da organização, da exposição e da publicidade da EXPOAMA. As principais instituições presentes, além das que possuem estandes na feira, são: a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER); a Secretaria de Agricultura do Estado; a Secretaria de Agricultura do Município; e a Agência de Defesa Agropecuária do Pará (ADEPARÁ).

Assim, tendo como referência as feiras-livres e as feiras de exposição de Marabá, identificamos que as feiras-livres aparecem preteridas em relação às feiras de exposição. As primeiras aparecem como espaços a serem incentivados nas leis e nos planos municipais, assim como se vislumbra a sua importância no discurso do poder público. Porém, poucas ações efetivas são realizadas e dentre essas nenhuma contempla a floresta e os sistemas agroflorestais como elementos e atividades importantes para o desenvolvimento das feiras-livres. As feiras de exposição, por seu turno, sofrem ações diretas do poder público. O governo municipal, estadual e federal, vem desenvolvendo políticas de fomento a EXPOAMA e também ao setor agropecuário.

Concebe-se o espaço, então, a partir de uma contabilidade global e das lógicas e interesses do capital. Assim, os grupos sociais que produzem a relação cidade-floresta que ainda resiste no sudeste paraense são muitas vezes visibilizados pelo poder público. Como um dos representantes desses grupos, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marabá apresenta-se como uma forte entidade de classe no sudeste paraense, mas que vem perdendo força na última década, atualmente sendo preterido pelo poder público em relação aos grandes agropecuaristas, que formam o Sindicato dos Produtores Rurais de Marabá. O Estado contribui, nesse sentido, para a manutenção do *status quo*, sufocando as necessidades do homem comum, e para a transformação da relação cidade-floresta em Marabá, a partir principalmente da sua negação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui desenvolvido mostrou como atualmente se produz a relação cidade-floresta em Marabá, uma cidade originalmente “da floresta” e que hoje aparece como cidade média da Amazônia oriental, que polariza interesses próximos e distantes, sendo dominada pelas características das “cidades na floresta”, que ganharam força após 1960 (TRINDADE JR., 2010a). Isso porque, com a abertura da fronteira econômica regional para o capital, deu-se um novo sentido e valor a essa relação em Marabá. Imprimiu-se novas dinâmicas de uso do espaço e de trabalho na região, porém, sem fazer desaparecer totalmente as vivências e sobrevivências ligadas à relação cidade-floresta, agora metamorfoseada e residual.

Através do método de análise adotado, o regressivo-progressivo, analisamos, primeiramente o que está posto no espaço das feiras-livres e feiras de exposições de Marabá, e, posteriormente, construímos a sua geografia histórica, fazendo sempre a medição entre os movimentos de modernização, as transformações e as resistências socioespaciais.

Assim, destacamos que em um contexto passado, de gênese de Marabá, a floresta exercia um importante papel na região que possibilitava a exploração econômica do território e do trabalhador, o aumento da sua “ocupação” e a (sobre)vivência das populações na região. Ela configurava símbolos e produtos, que se ligavam e pertenciam à produção do espaço regional. Atualmente, com a importância das rodovias e com a integração da região ao interesse do capital nacional e internacional, a relação cidade-floresta foi alterada, e sua importância foi relativizada, tanto econômica quanto sociocultural. Ganharam relevância as atividades da agropecuária e da mineração, reduzindo e negando a floresta a favor da acumulação capitalista. Esmaga-se, cada vez mais, as sobrevivências e as vivências que permanecem e que têm como principal referencial a própria floresta e a reprodução social humana.

Entendemos que o avanço da economia mundial sempre ocorreu com base na exploração de recursos naturais e na busca incessante de novas tecnologias e informações que possibilitem apropriar-se de novas áreas. Sendo assim, o processo de acumulação foi continuamente alimentado pelas mudanças técnico-informacionais do mundo do trabalho e pela descoberta ou transformações de regiões inteiras em espaços com possibilidades de serem incorporados como fronteira de recurso (CASTRO, 2011).

Nesse sentido, Marabá vinculou-se diretamente aos projetos desenvolvimentistas voltados para a região e que exerceram grande pressão sobre a floresta, uma vez que eles estão associados à exploração dos recursos naturais, à criação de pastagens e/ou à mineração. Tais atividades exercem pouca integração com o entorno e com a vida local. Isso “implica, em consequência, num distanciamento dos novos comportamentos difundidos em relação aos saberes e valores da floresta, responsáveis, em grande parte, pela atitude de preservação da vida e do ecossistema (TRINDADE JR., 2014, p. 284).

Tal processo se refletiu tanto em espaços marcadamente do circuito superior da economia, como as feiras de exposição, e também do circuito inferior da economia, as feiras-livres. Atualmente, as feiras das Laranjeiras e da 28 se organizam muito mais a partir de circuitos produtivos que têm origem em outras regiões, do que através das relações entre cidade e floresta ou, até mesmo, entre cidade e entorno. Os principais produtos ofertados são adquiridos das mãos de atravessadores, fruto da agricultura intensiva praticada no Centro-Sul e no Nordeste do País. Além disso, vêm ganhando importância para o abastecimento das feiras-livres as redes de supermercados, que também adquirem frutas, verduras e hortaliças de grandes produtores, dessa vez concentrados no Sudeste brasileiro.

Nessas feiras, os produtos do extrativismo e dos sistemas agroflorestais desenvolvidos no entorno de Marabá estão presente principalmente aos finais de semana, quando a população do campo se dirige a esses espaços para comercializar a sua produção. Porém, esses produtos estão em menor proporção e aparecem juntamente com as mercadorias da pequena produção agrícola, que também destrói a floresta a favor das plantações, sendo incentivada pelo poder público.

Assim, destacamos que as feiras-livres também fazem parte das estratégias capitalistas de organização da produção do capital nos países subdesenvolvidos, dando suporte para a reprodução do exército de reserva e da população de baixa renda e assegurando a exploração desigual e combinada do território e do trabalho. Elas são organizadas a partir do circuito inferior da economia, apresentando tais características: a) trabalho intensivo, permeado tanto pelo valor-de-troca quanto pelo valor-de-uso, sendo indispensável para sobrevivência dos grupos ali presentes; b) crédito pessoal, como o fiado, que é disponibilizado somente para pessoas conhecidas, aprofundando as interações sociais; c) pechincha, que é uma forma que os frequentadores encontram de baixar os preços do produtos através do diálogo e

do contato próximo com os feirantes, aprofundando também as interações sociais; d) apropriação parcial, mais cada vez maior, das tecnologias, que favorecem a atividade de feirantes; e) oferta volumosa e facilitada de trabalho, sendo uma das alternativas de sobrevivência tanto para o exército de reserva do capital quanto para a população de menor poder econômico que já não quer mais se inserir no mercado de trabalho formal; f) pequenos estoques, porém, às vezes, com qualidade melhor, no caso dos produtos da floresta, agroflorestal e da agricultura familiar; g) importância da proximidade para as relações de troca, estas que estão sendo sempre solapadas pela importância que assume a expansão do crédito e que ganha o dinheiro na mediação das relações sociais; h) publicidade realizada a partir do “boca-a-boca”, sendo o reconhecimento mútuo e/ou a qualidade dos produtos uma arma fundamental de sobrevivência; i) frequente reutilização dos bens, com o trabalho orientado para transformação de objetos em utensílios utilizados diretamente para a exposição dos produtos e abrigos dos feirantes; j) pequeno, porém cada vez mais importante, overhead capital, e; k) forte conexão com outras regiões produtivas, como o Centro-Oeste e o Nordeste brasileiro, e em menor proporção com o Sudeste do País, relativizando as relações da cidade com a floresta, com exceção da feira do agricultor; l) forte presença dos atravessadores e dos grandes supermercados para o abastecimento das feiras-livres de Marabá, levando ao aumento do preço dos produtos, que chagam a ser maiores do que os encontrados nos supermercados da cidade, possuindo qualidade semelhante, com exceção também da feira do pequeno agricultor.

Dessa maneira, a feira-livre que mais se contrapõe a negação da floresta é a feira do pequeno agricultor, que concentra em seu espaço os produtores rurais do Município. Nela são ofertados produtos do extrativismo, dos sistemas agroflorestais de produção e da pequena agricultura e criação de animais. Assim, as mercadorias, os valores, os conhecimentos e os costumes produzidos através da relação cidade-floresta conseguem se fazer presente nessa parcela do espaço urbano marabaense.

Porém, podemos identificar até mesmo nesse espaço a presença de pequenos atravessadores, que compram a produção local e a revendem. Eles são minoria e também mal vistos pelos feirantes e organizadores de tal feira, mas conseguem se manter na feira.

Assim, residualmente nas feiras das Laranjeiras e da 28 e com mais importância na feira do pequeno agricultor, parte da relação cidade-floresta existe e

resiste em Marabá. A castanha-do-pará, o cupuaçu, os óleos e essências regionais (andiroba, cabacinha, copaíba, jucá, etc.), o açaí, o coco da praia e o tamarindus, vêm principalmente, aos finais de semana, do entorno da cidade e marcam, com maior ou menor intensidade, os espaços dessas feiras-livres.

Nos dias de semana, por seu turno, a dimensão da floresta sobrevive muito mais através do imaginário dos frequentadores, que acreditam estar mais próximos dos produtores e dos seus produtos do que realmente estão, visto a importância das mercadorias trazidas pelos atravessadores e, posteriormente, pelas grandes redes de supermercados, como o Matheus e o Colina.

Ademais, para além de sua relação com o modo de produção vigente, as feiras-livres são também espaços de resistências, da alteridade e do reconhecimento mútuo dos habitantes da cidade e do campo, que produzem a vida cotidiana e o espaço de Marabá e do entorno. Nelas a vida cotidiana consegue se realizar mais facilmente em sua amplitude, levando em consideração as dimensões que permeiam as relações humanas, da economia à cultura, do material ao imaterial. Apesar do objetivo central da feira ser a troca de mercadorias por dinheiro, nela se permutam também histórias e estórias de Marabá, do seu entorno e de outras regiões brasileiras. Isto é, as relações se estreitam. O fiado, a criatividade e as relações solidárias se tornam elementos centrais nas feiras-livres. As feiras-livres são um retrato da diversidade das classes sociais, das diferenças de renda, de modelos culturais, de espacialidades e de temporalidades desconstruídas, onde se fazem presentes ainda produtos da floresta e agroflorestais.

Nas feiras-livres de Marabá a dona de casa, o dono do bar, do restaurante, a criança, a moça da rua do lado, o rapaz que pede fiado, o habitante da floresta, o produtor rural, o atravessador e o feirante que mora na cidade encontram-se. As relações são mais diretas e a confiança, a amizade e até mesmo o parentesco se tornam essenciais para a sobrevivência dos grupos sociais que a utilizam. Constroem-se relações de reconhecimento mútuo, de afinidade e simbólicas.

Assim, elas não são apenas ordenadas pela rapidez e pela exploração do capital, podendo ser orientadas a partir das vivências produzidas na mediação entre Marabá e entorno, considerando a floresta como elemento importante. Enquanto as classes dominantes são envolvidas por uma teia que elas mesmas ajudam a tecer, as teias de uma racionalidade invasora de todos os arcanos da vida, que empobrecem e eliminam à floresta, as relações endógenas e a orientação para o futuro, ao reduzir o

próprio espaço a capital fixo e a vida ao interesse produtivista e economicista sem sentido, o espaço e o tempo do homem comum são produtos das vivências e não da passagem, sendo aliados da ação (SANTOS, 1998), reafirmando ou se contrapondo à ordem imposta de negação da relação cidade-floresta na região. Pode-se, então, através dos resíduos produzir possibilidades outras que levem em consideração a apropriação e o uso conscientes dos recursos naturais e as vivências produzidas através das experiências sociais. As feiras-livres são, apesar de tudo, espaços da criação e da inovação.

Dessa maneira, as relações cidade-floresta também sinalizam, mesmo que de forma residual, para outras possibilidades de vida que envolvem práticas econômicas, políticas, lúdicas e culturais com fortes laços e enraizamentos que se articulam às dinâmicas e aos ritmos da natureza que persistem na região.

As feiras de exposição de Marabá, por sua vez, surgiram ligadas às atividades da agropecuária e da mineração. Elas além de reafirmar o poder dos grupos econômicos dominantes, aparecem como vitrine do capital, espaço de lazer de uma sociedade burocrática de consumo (LEFÈBVRE, 1991) e de disseminação das técnicas, das informações e das interações sociais ligadas à produção econômica. Tal disseminação tenta invadir até mesmo os mais escondidos subterfúgios da vida cotidiana e reduzir e/ou negar a relação cidade-floresta.

Atualmente, entendemos que a EXPOAMA, única feira de exposição de Marabá e umas das mais importantes do sudeste paraense, é organizada através do circuito superior da economia ligado ao agronegócio, apresentando as seguintes características: a) forte presença da técnica, informação e ciência para organização do seu espaço e dos produtos nacionais e multinacionais expostos, orientados para atender às atividades de exploração e transformação da floresta em pastos e campos de cultivo; b) o trabalho é percebido enquanto força direcionada para a exploração mais “moderna”, técnica e informacional, do campo, com alto controle do desempenho produtivo e que se realiza, principalmente, sobre um espaço no qual se encontra ausente a floresta; c) os crédito bancários são institucionais, disponibilizados por bancos públicos que apoiam o agronegócio na região; d) a organização das finanças das empresas é burocrática; e) o espaço é homogeneizado, organizado a partir de padrão presente em outras feiras do Estado do Pará e do Brasil, ostentando símbolos e designs modernos ligados à exploração capitalista do campo; f) produção do capital como objetivo central; g) estoque de alta qualidade; h) preços fixos; i) margem de lucro

reduzida por unidade, mas importante pelo volume de negócios, sendo que a maioria dos agentes presentes na EXPOAMA são apenas revendedores ou representantes de empresas multinacionais, ficando encarregados de realizar apenas a etapa final do processo de produção do capital, o comércio/consumo; j) tenta-se criar uma relação mais próxima com a clientela, visto que no Brasil tais relações muitas vezes aparecem como centrais para a realização de negócios (MYIATA, 2010), porém o que, na realidade, está por traz é um simulacro de confraternização e proximidade, no qual a venda, a troca e o dinheiro são pilares; k) a publicidade aparece como um dos maiores objetivos das empresas ao participar da EXPOAMA e também demonstrar o potencial produtivo do agronegócio de Marabá e sua região; l) a reutilização de bens é nula; m) o overhead capital é indispensável, e; n) é grande a ligação e a dependência com o exterior, seja em relação à importação de tecnologias e informações e à revenda de produtos patenteados por empresas multinacionais, ou também através da dependência direta das grandes atividades da agropecuária em relação ao mercado internacional.

Identificamos, então, que os tratores, os implementos agrícolas, os adubos, os animais e os produtos veterinários expostos estão associados à derruba da floresta e à homogeneização da paisagem regional através da produção de pastos e de monoculturas. Entendemos também que a negação da floresta não se dá apenas de maneira material. Na EXPOAMA, tenta-se criar uma cotidianidade que é efetivamente a inconsciência e o inconsciente da modernidade.

Nesse contexto, tal espaço aparece como suporte à entrada de novos valores e costumes trazidos pela ideologia e pela racionalidade do capital. Negam-se os saberes e as práticas socioespaciais produzidos na mediação entre cidade e floresta a favor da racionalidade econômica e do estilo country importado. O uso e a ostentação de símbolos modernos do campo tornam-se importantes na reprodução da vida cotidiana de inúmeros grupos sociais. Ganha destaque, dessa maneira, as botas, os cintos, os chapéus, a música sertaneja, as pick-ups e uma forma de ser e agir copiada principalmente do estilo country norte-americano e colocada em prática na EXPOAMA. Dessa maneira, o homem da região perde, cada vez mais, o contato com o entorno e com as dinâmicas da floresta. Aliena-se com mais intensidade o processo produtivo, o trabalho e as relações cotidianas.

Porém, nas últimas duas edições da EXPOAMA, estavam presentes estandes que traziam valores e produtos da floresta. Em 2013, a Secretaria Municipal de

Agricultura expôs diversas mudas de plantas, dentre as quais: ipê amarelo, ipê vermelho, jacarandá e diversas árvores frutíferas de açaí, de cupuaçu, de pupunha, castanheiras e bananeiras. Em 2014, por sua vez, no estande do SEBRAE/EMBRAPA identificamos a presença de produtos que nos remetem na sua origem à floresta em pé, como: bombons, picolés, sovertes e doces de cupuaçu, coco e castanha-do-pará e óleos e essências de andiroba, copaíba e cabacinha.

Assim, mesmo que a agropecuária e o pasto marquem a lógica e as racionalidades produzidas na EXPOAMA, a floresta consegue se fazer presente nas últimas edições dessa feira, reunindo produtores que, além de comercializar a sua produção, trocavam experiências e histórias de vida.

Admitimos que Marabá se configura hoje muito mais como “cidade na floresta” (TRINDADE JR., 2010a), invadida e arrebatada pela modernização capitalista, que nega várias das suas antigas relações e dinâmicas. Pressionam-se os recursos da floresta e até mesmo nega-se a própria floresta em pé ao incentivar as atividades mineradoras e da agropecuária.

Dessa forma, apenas residualmente é que a relação cidade-floresta resiste nas feiras-livres e, menos ainda, nas feiras de exposição de Marabá, sendo a feira do pequeno agricultor o espaço em que ela mais se faz presente, porém dividindo a sua importância com os produtos, vivências e conhecimentos oriundos do trabalho ligado ao agroextrativismo, na qual a floresta ainda mantém certa importância, e aqueles da pequena agricultura, que é organizada em áreas já desmatadas.

Além disso, neste trabalho, também consideramos a relevância do Estado para a modernização da Amazônia, o que trouxe transformações importantes a serem consideradas no atual contexto de negação da relação cidade-floresta no sudeste paraense e em Marabá. A ação governamental definiu mecanismos de apoio financeiro e material a determinados segmentos econômicos, como os dos grandes proprietários de terra, comerciantes e industriais. O Estado, muitas vezes, deixou de exercer seu papel de minimizador de conflitos, favorecendo a violência privada (OLIVEIRA, 1990; COSTA, 2012b; VELHO, 1972) e ignorando a presença de espaços de sobrevivência e vivências da população de menor poder econômico.

Nesse contexto, entendemos que as políticas públicas desenvolvidas para os espaços das feiras-livres e feiras de exposição de Marabá estão muito mais voltadas para atender às necessidades da categoria dos agropecuaristas, que têm na negação da floresta um pilar para a exploração econômica regional, do que propriamente

atender às necessidades dos grupos sociais que sobrevivem das feiras-livres e, residualmente, da relação cidade-floresta em Marabá.

Dessa forma, as políticas públicas estão diretamente orientadas para o apoio e o fomento da EXPOAMA. Nela o Estado e o Município investem diretamente, além de contribuir com obras dentro do Parque de Exposição de Marabá; propriedade por comodato do SPRM. O poder público também desenvolve obras no entorno desse parque, e que facilitam o seu acesso e o escoamento da produção dos grandes grupos agropecuários da região.

O governo federal, por sua vez, atua na EXPOAMA através dos bancos públicos e da EMBRAPA. Os primeiros historicamente financiam toda e qualquer transação realizada, facilitando o crédito e o consumo de equipamentos e utensílios voltados ao agronegócio e à vida country imprimida e importada para a Marabá e região. A segunda possuiu pela primeira vez um estande na última edição da EXPOAMA e expôs projetos, tecnologias, dados, materiais bibliográficos e atividades desenvolvidas que estão ligadas à qualificação da mão de obra local, à piscicultura, à fruticultura, à criação de gado leiteiro e também à importância da produção agroflorestal para o desenvolvimento da região, destoando um pouco dos discursos e das ações do Estado voltados para essa feira.

Em relação às feiras-livres, o poder público desenvolve poucas ações orientadas para o fomento das atividades ali presente. Apesar do Município possuir em suas leis e planos, políticas para o desenvolvimento desses espaços, nem sempre isso é posto em prática. Ademais, ao incentivar a pequena agricultura apartada dos sistemas agroflorestais e extrativistas possíveis de se realizar na região, o que está previsto como responsabilidade do poder público também aparece negando a floresta. As secretarias municipais não sabem ou fingem não saber de quem é a responsabilidade. O máximo que está sendo feito é uma tentativa de organização da feira das Laranjeiras, pelo SDU, e a construção do Mercado da Morada Nova, pela prefeitura em parceria com o governo federal, que visa a atender e a desenvolver as relações da cidade com o entorno, mas sem levar em conta as reivindicações dos pequenos agricultores que vêm lutando para a construção de um mercado localizado na Velha Marabá.

Destacamos que antes de tudo, as políticas públicas deveriam ser dirigidas muito mais para encorajar o uso e os meios de existência e sustentação da vida do que a invasão e manutenção das lógicas capitalistas que negam a floresta, as

particularidades regionais e as especificidades de Marabá e do seu entorno. Dessa forma, pensar e analisar as feiras de exposição e as feiras-livres nos conduz a identificar a expansão da modernização, com o apoio do Estado, que atualmente se fazem presente de maneira intensa tanto em espaços do circuito superior quanto do circuito inferior, invadindo a vida cotidiana e negando material e imaterialmente a relação cidade-floresta. Entretanto, tal relação não desaparece totalmente. A resistência, através da manutenção de produtos, práticas e conhecimentos relacionados à floresta, ainda permanece e se faz presente em Marabá e no seu entorno.

Assim, entendemos que fragmentos da “cidade da floresta” (TRINDADE JR., 2010a) permanecem de forma transmutada no seu espaço, não mais ligados à vida rural não moderna e à floresta pouco transformada, mas sim à vida cotidiana produzida na mediação entre modernidade, sobrevivências e vivências e à apropriação da floresta, principalmente através das atividades agroextrativista. Mantêm-se residualmente as relações próximas entre Marabá e localidades do entorno (vilas, comunidades, povoados) e a articulação entre homens e ecossistema do qual fazem parte; processo que, cada vez mais, vem perdendo força, sendo continuamente pressionado pelas atividades modernas de exploração do espaço.

Por fim, é importante frisar que o sentido e o valor-de-uso atribuído às práticas tidas muitas vezes como de menor importância, podem igualmente contribuir para a transformação social. Assim, as resistências produzidas na relação cidade-floresta tendem a contribuir igualmente para pensarmos e pormos em ação projetos e políticas públicas que estimulem outras formas de conceber e ordenar o espaço urbano e regional de maneira menos ligada a padrões e a interesses externos e esquizofrênicos do capital, e mais conectada às potencialidades endógenas e possíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIM. Associação Comercial e Industrial. *Guia de Marabá: VII FICAM*. Marabá, 1999.

ALEM, J. M. Rodeios: a fabricação de uma identidade caipira-sertanejo-country no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 64, p. 94-121, dez./fev. 2005.

ALMEIDA, J. J. *A cidade de Marabá sob o impacto dos projetos governamentais*. São Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Programa de Pós-Graduação em História Econômica do Departamento de História da Faculdade de Filosofia Letra e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

AMARAL, M. D. B. *Dinâmicas econômicas e transformações espaciais: a metrópole de Belém e as cidades médias da Amazônia oriental – Marabá (Pa) e Macapá (Ap)*. São Paulo, 2010. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade de São Paulo.

AMARAL, M. D. As feiras em cidades médias da Amazônia: as relações desenhadas a partir das experiências das cidades de Marabá (PA) e Macapá (AP). In: Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 13., 2013, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UERJ, 2013.

ASIS, W. S.; HALMENSCHLAGER, F; OLIVEIRA, M. A formação da agropecuária no sudeste paraense: atores, conflitos e projetos de desenvolvimento. In: XXXIII Encontro Anual da ANPOCS, 33., 2009, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ANPOCS, 2009.

BECKER, B. K. *Amazônia*. São Paulo: Ática, 1990.

BECKER, B. *Amazônia: geopolítica na virada do III milênio*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

BRASIL. Decreto-lei nº 1.813, de 24 de novembro de 1980. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 24 nov. 1980.

BRASIL. Controladoria Geral da União - Portal da Transparência. *Convênio 707451*. Brasília, 2009. Disponível em: <<https://www.convenios.gov.br/siconv/ConsultarProposta/ResultadoDaConsultaDeConvenioSelecionarConvenio.do?sequencialConvênio=707451&Usu=guest&Pwd=guest>>. Acesso em: 20 dez. de 2014

BRASIL. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Projeto PRODES: dados por município. Brasília, 2013. Disponível em: <<http://www.dpi.inpe.br/prodesdigital/prodesmunicipal.php>>. Acesso em: 12 mar. de 2015.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *Informações para o Sistema Público de Emprego e Renda - dados por Município*. Brasília, 2015. Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_isper/index.php#> Acesso em: 15 de janeiro de 2015

CARDOSO, C. D.; LIMA, J. J. F. A influência do governo federal sobre cidades na Amazônia: os casos de Marabá e Medicilândia. *Novos cadernos NAEA*, Belém, v. 12, n. 1, p. 161-192, jun., 2009.

CARLOS, A. F. *A cidade*. São Paulo: Contexto, 1992.

CATAIA, M.; SILVA, S. C. Considerações sobre a teoria dos dois circuitos da economia urbana na atualidade. *Boletim Campineiro de Geografia*, Campinas, v.3, n.1, p. 55-75, 2013.

CASTRO, E, M, R. Urbanização, pluralidade e singularidades das cidades amazônicas. In: _____ (Org.). *Cidades na floresta*. São Paulo: Annablume, 2008. p. 11-40.

CASTRO, E. M. R. Tradição e modernidade: a propósito de processos de trabalho na Amazônia. *Novos Cadernos NAEA*, Belém, v. 2, n. 1, p. 31-50, dez. 1999.

CASTRO, E. M. R. O urbano plural e o multiétnico: trabalho, formas de sociabilidade e diferença em espaços de fronteira política na Amazônia. In: Encontro anual da ANPOCS, 35., 2011, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ANPOCS, 2011.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. *et all* (org.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

CEPEDA, V. A. Inclusão, democracia e novo-desenvolvimentismo – um balanço histórico. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.26, p.77-90. 2012.

CORRÊA, R. L. A periodização da rede urbana da Amazônia. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v.49, n.3, p.39-68, jul./set. 1987.

COSTA, F. A. *Formação rural extrativista na Amazônia: os desafios do desenvolvimento capitalista (1720 - 1970)*. Belém: NAEA, 2012a.

COSTA, F. A. *Formação agropecuária da Amazônia: os desafios do desenvolvimento sustentável*. Belém: NAEA, 2012b.

CVRD. Companhia Vale do Rio Doce. *Diagnóstico socioeconômico do sudeste do Pará*. Belém: CVRD, 2007.

DIAS, C. V. Marabá – centro comercial da castanha. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v.20, n. 4, p. 45-89, out./dez. 1958.

EMMI, M. F. *A oligarquia do Tocantins e o domínio dos castanhais*. 2. ed. Belém: UFPA/NAEA, 1999.

ELIAS, D. Globalização e fragmentação do espaço agrícola do Brasil. *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Barcelona, v. X, n. 218, ago. 2006a.

_____. Ensaio sobre os espaços agrícolas de exclusão. *Revista NERA*, Presidente Prudente, ano 9, n. 8, p. 29-51, jan./jun., 2006b.

_____. Agronegócio e novas regionalizações no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*. São Paulo, v. 13, n. 2, p. 153-167, nov. 2011.

_____. Relações campo-cidade, reestruturação urbana e regional no Brasil. In: Colóquio Internacional de Geocrítica, 12., 2012, Bogotá. *Anais...* Bogotá: Universidad Nacional de Colômbia. 2012. p. 1-16.

ELIAS, D.; PEQUENO, R. Espaço urbano no Brasil agrícola moderno e desigualdade soioespaciais. *Terra Livre*, ano 21, v. 2, n. 25, p. 13-33, jul./dez. 2005.

ENGEL, V. L. *Introdução aos Sistemas Agroflorestais*. Botucatu: FEPAF, 1999.

FEIRA II. *Jornal Correio do Tocantins*, Marabá, 28 abr./04 abr. 1995. Caderno Voz do Povo, p. 3

FICAM agrada expositores. *Jornal Correio do Tocantins*, Marabá, 20 nov./26 nov. 1996. Cadernos 2, p. 2.

FICAM deve movimentar 5 milhões. *Correio do Tocantins*, Marabá, 10 set. / 13 set. 1999. Caderno 01, p.1.

FRASER, M. T. D.; GODIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, Santos, v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 64-89.

GOFFMAN, E. *La presentación de la persona en la vida cotidiana*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1971.

_____. *Comportamentos em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos*. Petrópolis: Vozes, 2010.

GONÇALVES, C. W. P. *Amazônia, amazônias*. São Paulo: Contexto, 2001.

HARVEY, D. *A justiça social e a cidade*. São Paulo: Hucitec, 1980.

_____. *Condição pós-moderna*. 6ª ed. São Paulo: Loyola, 1996

_____. *Espaços de esperança*. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2012.

HOLANDA, V. C. C. *Modernizações e espaços seletivos no nordeste brasileiro: Sobral – conexão lugar/mundo*. São Paulo, 2007. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo.

HOMMA, A. K. O. Amazônia: como aproveitar os benefícios da destruição?. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.19, n. 54, p. 115-135, mai./ago. 2005.

HURTIENNE, T. Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural na Amazônia. *Novos Cadernos NAEA*, Belém, v.8, n.1, p.19-71, jun. 2005.

I CONGRESSO empresarial do sul e sudeste do Pará. *Jornal Opinião*, Marabá, 03 nov./04 nov. 1997. Caderno Especial, p.3.

LEFÈBVRE, H. *Posição: contra os tecnocratas*. São Paulo: Nova Crítica, 1969.

_____. *La producción de l'espace*. Paris: Anthropos, 1974.

_____. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *O direito à cidade*. 5ª ed. São Paulo: Centauro, 2005.

_____. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 2008a.

LIMA, M. M. *A ribeira & a orla: espacialidades e territorialidades urbanas ribeirinhas em uma cidade amazônica em transformação*. Belém, 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará.

LIPIETZ, A. *Miragens e milagres: problemas da industrialização no terceiro mundo*. São Paulo: Nobel, 1988.

MACHADO, L. O. Urbanização e mercado de trabalho na Amazônia brasileira. *Cadernos IPPUR*, Rio de Janeiro, vol. XIII, n.1, p. 109-138, jan./jul.1999.

MACHADO, L. O. *Mitos e realidades da Amazônia brasileira no contexto geopolítico internacional (1540 – 1912)*. Barcelona, 1989. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Departamento de Geografia Humana, Universidade de Barcelona.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.

MALHEIRO, B. C. P; TRINDADE JR., S. C. Entre rios, rodovias e grandes projetos: mudanças e permanências em realidades urbanas do Baixo Tocantins (Pará). In: TRINDADE JR., S. C; CARVALHO, G. (Org.). *Pequenas e médias cidades na Amazônia*. Belém: UFPA, 2008.

MACHADO, R. Z.; FONSECA, P. S. M. Insumos básicos: diagnóstico e perspectivas. In: ALEM, A. C.; GIAMBIAGI, F (Orgs.). *O BNDES em um Brasil em transição*. Rio de Janeiro: BNDES, 2010. p. 321-333.

MALHEIRO, B. C. P. *Desigualdade e diferença nas margens da cidade: o Porto do Açai, espaço de (sobre)vivência na orla fluvial de Belém (PA)*. Belém, 2006. Monografia (Graduação em Licenciatura e Bacharelado em Geografia) – Faculdade de Geografia e Cartografia, Universidade Federal do Pará.

MANTEGA, G. *A economia política brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1984.

MARABÁ. Prefeitura Municipal. *Informativo da Prefeitura*. Marabá, ano 1, n. 7, 11 set. 2001. p. 6.

MARABÁ. Lei nº 17.213 de 09 de outubro de 2006. *Acervo documental da SEPLAN*, Marabá, PA, 06 out. 2006. Disponível em: <<http://www.seplan.maraba.pa.gov.br/attachments/article/46/PLANO%20DIRETOR.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2013.

MARABÁ. Prefeitura Municipal. *Relatório Ambiental Urbano Integrado*. Marabá, 2008.

MARABÁ. Câmara Municipal. *Lei orgânica do Município de Marabá*. Marabá, 2009.

- MARABÁ. Secretaria de Cultura. *O mercado municipal de Marabá*. Marabá, 2010.
- MARABÁ. Fundação Casa da Cultura. *Arquivos Públicos da Fundação Casa da Cultura*. Marabá, 2012.
- MARABÁ. Secretaria de Indústria e Comércio. *O Distrito Industrial de Marabá: estudos locacionais*. Marabá, 2013.
- MARABÁ. Secretaria Municipal de Planejamento. *Plano Plurianual 2014/2017*. Marabá, 2014.
- MARABÁ abre feira da indústria e do comércio. *Jornal Correio do Tocantins*, Marabá, p.1, 28 out./03 nov. 1994
- MARIN, R. E. A.; TRINDADE, J. Wakymãhãmektokônhito-nxàkaka: projeto da hidrelétrica de Marabá - Pará. In: ALMEIDA, A. W. B. (Org.). *Conflitos sociais no Complexo Madeira. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia*; UEA Edições, 2010. p. 367-389.
- MARTINS, J. S. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história da modernidade anômala*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- _____. *A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- _____. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 2009.
- _____. (Org.). *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- MARX, K. *O Capital: Crítica da economia política*. Vol. I, Tomo I. São Paulo: Abril Cultural, 1989.
- MASCARENHAS, G. DOLZANI, M. C. S. Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. *Revista Ateliê Geográfico*, Goiânia, v. 2, n.2, p. 72-87. ago. 2008.
- MEDEIROS, J. F. S. *As feiras livres em Belém (PA): dimensão geográfica e existência cotidiana*. Belém, 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Pará.
- MERCADO grande dará lugar a uma biblioteca. *Jornal Correio do Tocantins*, Marabá, 11 mar./12 mar. 2008. Caderno 2, p.3.
- MIYATA, H. *Trabalho, redes e territórios nos circuitos da economia urbana: uma análise da venda direta em Jundiaí e região metropolitana de São Paulo*. São Paulo, 2010. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo.
- MONTENEGRO, M. R. *O circuito inferior da economia urbana na cidade de São Paulo no período da globalização*. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

MONTES, V. A.; CORIOLANO, L. N. M. T. Turismo de eventos: promoções e parcerias no Brasil. *Revista Turismo em análise*, São Paulo, v.14, n.1, p. 40-69, mai. 2003.

MOTT, L. R. B. Estruturas e funções das feiras rurais do Nordeste do Brasil: o caso da feira de Brejo Grande, Sergipe. *Cadernos Ceru*. São Paulo, v. 12, p. 57-81, 1979.

NASSER, A. C. A.; FUMAGALLI, M. A opressão da equivalência, as diferenças. In: MARTINS, J. S. (Org.). *Henri Lefebvre e o retorno a dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996.

NUNES, B. F. A interface entre urbano e o rural na Amazônia brasileira. In: CASTRO, E. M. R (Org.). *Cidades na floresta*. São Paulo: Annablume, 2008. p. 41-58.

NUNES, D. A. *Marabá: dinâmicas socioespaciais e centralidade política de uma cidade média na Amazônia oriental*. 2012 [s.n]. Relatório de pesquisa (Programa Institucional de Bolsistas da Iniciação Científica) – Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

NUNES, D. A.; CARDOSO, S. M. Verticalidades e horizontalidades em uma cidade média da Amazônia oriental: a centralidade econômico-política de Marabá-Pa. In: Simpósio Nacional de Geografia Urbana. 13., 2013, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UERJ, 2013.

NUNES, D. A.; TRINDADE JR., S. C. (Sobre)vivências ribeirinhas na orla fluvial de Marabá-Pará: agentes, processo e espacialidades urbanas. *Novos Cadernos NAEA*, Belém, v.15, n.1, p. 209-238, jun. 2012.

OLIVEIRA, J. A. *Cidades na selva*. Manaus: Editora Valer, 2000.

OLIVEIRA, F. O surgimento do anti-valor: capital, força de trabalho e fundo público. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 22, p. 8-28, out., 1988.

OLIVEIRA, A. U. *Amazônia: monopólio, expropriação e conflitos*. 3ª ed. Campinas: Papirus, 1990.

_____. *A agricultura camponesa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

OLIVEIRA, J. A.; SCHOR, T. Das cidades da natureza à natureza das cidades. In: TRINDADE JR., S. C.; TAVARES, M. G (orgs.). *Cidades ribeirinha na Amazônia: mudanças e permanências*. Belém: EDUFPA, 2008. p. 15-26.

PAIS, J. M. Paradigmas sociológicos da análise da vida cotidiana. *Análise social*, Campinas, v. 22, n. 90, p. 7-57, 1986.

PAIXÃO, R. T. S. R. *Feira e trabalho na cidade de Vigia-Pará*. Belém, 2007. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Pará.

PARÁ. Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará. *Produto Interno Bruto dos municípios do Estado do Pará – 2013*. Belém: Governo do Estado do Pará, 2010a.

PARÁ. Diário oficial. *Extrato de termo de convênio*. Belém, 14 out. 2010b. Cad. Executivo 3, p. 15.

- PARÁ. Diário oficial. *Convênio 12/2010*. Belém, 9 jul. 2010c. Cad. Executivo 2, p. 8.
- PARÁ. Diário oficial. *Extrato de termo de convênio*. Belém, 27 jul. 2011. Cad. 6, p. 11.
- PARÁ. Diário oficial. *Convênio e outros repasses*. Belém, 4 jul. 2012. Cad. 7, p. 4.
- PARÁ. Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará. *Estatística municipal de Marabá*. Belém: Governo do Estado do Pará, 2013a.
- PARÁ. Diário oficial. *Extrato de termo de convênio*. Belém, 28 jan. 2013b. Cad. 7, p. 8
- PARÁ. Diário oficial. *Convênio 2013-038*. Belém, 16 jul. 2013c. Cad. 5, p. 2.
- PARÁ. Diário oficial. *Convênio e outros repasses*. Belém, 13 ago. 2013d. Cad. 11, p. 7.
- PARÁ, Diário oficial. *Convênio e outros repasses*. Belém, 15 jul. 2014a. Cad. 4, p. 13.
- PARÁ. Diário Oficial. *Convênio 2012-035*. Belém, 4 jul. 2014b. Cad. 7, p. 4.
- PARÁ. Diário oficial. *Convênio 2014-037*. Belém, 14 jul. 2014c. Cad. 2, p. 10.
- PATERNOSTRO, J. *Viagem ao Tocantins*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.
- PELO desenvolvimento. *Jornal Opinião*. Marabá, 06 nov. 2002. Caderno Especial, p.1.
- PINTO, J. N. *Feira livre de Cametá: agentes da produção do espaço e seus papéis*. Cametá, 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Faculdade de Geografia, Universidade Federal do Pará.
- RESTAURAÇÃO do mercado grande, na Velha Marabá, está quase pronta. *Jornal Opinião*, Marabá, 13 mar./14 mar. 2008. Caderno 2, p.3
- ROCHA, G. M. *Todos convergem para o lago! Hidrelétrica de Tucuruí: municípios e territórios na Amazônia*. Belém: NUMA/UFPA, 2008.
- RUA, J. Urbanidades no rural: o devir de novas territorialidades. *Campo-Território*, Uberlândia, v.1, n.1, p. 82-106, fev. 2006.
- SALVADOR, D. S. C. O. Espaço geográfico e circuito inferior da economia urbana. *Mercator*, Fortaleza, v. 11, n. 25, p. 47-58, mai./ago. 2012.
- SAMAIN, E. “Ver” e “dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, v.1, n.2, p. 23-60, jul./set. 1995.
- SANCHEZ, F. A (in)sustentabilidade das cidades-vitrine. In: ACSELRAD, H. (Org.). *A duração das cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 155-175.
- SANTOS, M. *Técnica, espaço e tempo*. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: 2005.

_____. *O espaço cidadão*. 7ª ed. São: Edusp, 2007.

_____. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 2008a.

_____. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia dos países subdesenvolvidos*. 2ª ed. São Paulo: USP, 2008b.

_____. *Urbanização brasileira*. 5ª ed. São Paulo: EDUSP, 2009.

_____. *Por uma outra globalização*. 5ª ed. São Paulo: Record, 2011.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SEABRA, O. C. L. Territórios do uso: cotidiano e modo de vida. In: MARTINS, J. S. (Org.). *Henri Lefebvre e o retorno a dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SEBRAE em preparativos para realizar a V FICAM. *Jornal Correio do Tocantins*, Marabá, 30 set./ 05 out. 1996. Caderno 2, p. 3.

SENA, A. L. *O trabalho informal nas ruas e praças de Belém: estudo sobre o comércio ambulante de produtos alimentícios*. Belém, 1998. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Universidade Federal do Pará.

SILVA, C. G. A Festa na exposição agropecuária de Araçatuba/SP. *Universitária*, v. 1, p. 1-16, 2008.

SILVA, C. A. *Goiânia(s): representações sociais e identidades*. Goiânia, 2012. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás.

SILVA, C. A.; ALMEIDA, M. G. Goiânia, “cidade sertaneja”, “capital country”: mídia, representações sociais e identidades. *Habitus*, Goiânia, v. 8, n. 1/2, p. 59-84, jan./dez. 2010.

SILVA, I. S.; CASTRO, E. M. R. Interações rural-urbano: a sociobiodiversidade e o trabalho em portos, feiras e mercados de Belém, Pará. *Novos Cadernos NAEA*, Belém, v. 16, n. 1, p. 109-126, jun. 2013.

SILVA, H.; DINIZ, S.; FERREIRA, V. Circuitos da economia urbana e economia dos setores populares na fronteira amazônica: o cenário atual no sudeste do Pará. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 61-76, nov. 2013.

SILVA, M. A. P.; MALHEIRO, B. C. P. Faces ribeirinhas da orla fluvial de Belém: espaços de (sobre)vivência na diferença. In: TRINDADE JR., S. C.; SILVA, M. A. P. (orgs.). *Belém: a cidade e o rio na Amazônia*. Belém: EDUFPA, 2005.

SILVEIRA, M. L. Globalización y circuitos de la economía urbana em ciudades brasileñas. *Cuadernos del Cendes*. Caracas, v. 21, n. 57, set., 2004.

_____. Por que há tantas desigualdades sociais no Brasil? Um panorama da riqueza e da pobreza brasileira. In: A., E. S (org.). *Que país é esse? Pensando o Brasil contemporâneo*. São Paulo: Globo, 2005. p.141-178.

_____. Metrópolis brasileñas: un análisis de los circuitos de la economía urbana. *Revista Eure*, Santiago de Chile, v. XXXIII, n. 100, p. 149-164, dez. 2007.

_____. Finanças, consumo e circuitos da economia urbana na cidade de São Paulo. *Caderno CRH*, Salvador, v. 22, n. 55, p. 65-76, jan./abr. 2009.

_____. Da pobreza estrutural à resistência: pensando os circuitos da economia urbana. In: *Anais do XVI Encontro Nacional dos Geógrafos*. Porto Alegre, jul. 2010.

SPOSITO, M. E. B. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: _____. (Org.). *Urbanização e cidades: perspectivas geográficas*. São Paulo: UNESP, 2001.

SPOSITO, E. S. *Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

TAVARES, M. G. *A dinâmica espacial da rede de distribuição de energia elétrica no Estado do Pará (1960-1996)*. Rio de Janeiro, 1999. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

TAVARES, M. G. A formação territorial do espaço paraense: dos fortes à criação de municípios. *Revista acta geográfica*, Boa Vista, ano II, n. 3, p. 59-83, jan./jun. 2008.

TRINDADE, J. R. B. *A metamorfose do trabalho na Amazônia: para além da mineração* Rio do Norte. Belém: UFPA/NAEA, 2001.

TRINDADE JR., S. C. *A cidade e o rio na Amazônia: mudanças e permanências face às transformações sub-regionais*. Projeto de pesquisa submetido ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Belém, 2008.

TRINDADE JR., S. C. Cidades na floresta: os “grandes objetos” como expressões do meio técnico-científico informacional no espaço amazônico. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 51, p. 113-138, mar./set. 2010a.

_____. Diferenciação territorial e urbanodiversidade: elementos para pensar uma agenda urbana em nível nacional. *Cidades*, Presidente Prudente, v. 7, n. 12, p. 49-77, jul.-dez. 2010c.

_____. *Cidade médias e reordenamento territorial na Amazônia: da centralidade econômica à centralidade sub-regional*. Projeto de pesquisa submetido ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Belém, 2011

_____. Das “cidades da floresta” às “cidades na floresta”: espaço, ambiente e urbanodiversidade na Amazônia brasileira. In: LIMONAD, E.; CASTRO, E. (orgs.). *Um novo planejamento para um novo Brasil*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014. p. 273-293.

TRINDADE JR., S. C.; SANTOS, E. R. C.; RAVENA, N. A cidade e o rio: espaço e tempo na orla fluvial de Belém. In: TRINDADE JR., S. C.; SILVA, M. A. P. (orgs.). *Belém: a cidade e o rio na Amazônia*. Belém: EDUFPA, 2005.

TRINDADE JR., S. C.; TAVARES, M. G. C. Cidades ribeirinhas na Amazônia: uma apresentação do tema. In: _____. (Orgs.). *Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências*. Belém: EDUFPA, 2008. p. 9-12.

TRINDADE JR., S. C.; PEREIRA, J. C. M. Reestruturação da rede urbana e importância das cidades médias na Amazônia oriental. In: SPOSITO, M. E. (Org.). *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão popular, 2007. p. 313-342.

TRINDADE JR., S. C. et al. *Uma cidade média na Amazônia oriental: a centralidade urbano-regional de Marabá no sudeste paraense*. Belém, 2012 (no prelo).

UMA DAS MAIORES feiras do norte do país. *Jornal Opinião*. Marabá, 06 nov. 2002. Caderno Especial, p.3.

UM BALANÇO como sempre polêmico. *Jornal Opinião*. Marabá, 13 set. 1997. Caderno Especial FICAM, p. 2-3.

V FICAM. *Jornal Correio do Tocantins*, Marabá, 20 nov./26 nov. 1996. Cadernos 2, p. 3.

VAINFAS, R. História da vida privada: dilemas, paradigmas, escalas. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 4, p. 9-27, jan./dez. 1996.

VELHO, O. G. *Frentes de expansão e estrutura agrária: estudo do processo de penetração numa área da Transamazônica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO BASE DAS ENTREVISTAS A SER REALIZADAS EM MARABÁ DURANTE A PESQUISA DE MESTRADO.

PROJETO DE PESQUISA – “A relação cidade-floresta na Amazônia oriental: entre feiras-livres e de exposição da cidade de Marabá-Pa”.

ROTEIRO – Representante do poder público

Nome:

Idade:

Instituição:

Cargo:

1 – Quais são as principais feiras de Marabá?

2 – O que as feiras de exposição representam para a dinâmica do Município e do sudeste paraense?

3 – Como se realiza a parceria (projetos, ações, programa e incentivos) da sua instituição com as feiras de exposição?

4 – Qual a importância das feiras de exposição para Marabá e para a sua sub-região?

5 – Há um retorno financeiro direto para o Estado desses eventos? Se sim, como esse dinheiro é reinvestido?

6 – Para você, essas feiras trazem o desenvolvimento para a cidade e sua sub-região? Por quê?

7 – Em relação as feiras-livres, qual a importância desses espaços para a cidade e seu entorno?

8 – Como a sua instituição se relaciona com esses espaços? Quais os projetos, ações, programas e incentivos concedidos?

10 – Há um retorno financeiro direto para o Estado das feiras-livres? Se sim, como esse dinheiro é reinvestido?

11 – Para você, essas feiras trazem o desenvolvimento para a cidade e sua sub-região? Por quê?

12 – Você tem mais alguma consideração a fazer?

APÊNDICE B - ROTEIRO BASE DAS ENTREVISTAS A SER REALIZADAS EM MARABÁ DURANTE A PESQUISA DE MESTRADO.

PROJETO DE PESQUISA – “A relação cidade-floresta na Amazônia oriental: entre feiras-livres e de exposição da cidade de Marabá-Pa”.

ROTEIRO – Representante dos organizadores das feiras de exposição de Marabá

Nome:

Idade:

Instituição:

Cargo:

1 – Qual é a principal feira de exposição que a sua instituição organiza ou organizou? Você pode me falar um pouco mais sobre o histórico dela?

2 – Para você, qual é o principal objetivo dessa feira?

3 – Quais as principais empresas que participaram do evento? Qual a origem delas?

4 – Qual a importância dessa feira para o sudeste paraense e para Marabá?

5 – Qual a relação da sua instituição com o Estado? Como você entende a atuação dele em relação à feira?

6 – Como você entende a importância da floresta e da natureza nesse evento?

7 – Como você entende a importância da tecnologia para EXPOAMA?

8 – Como você entende a importância do trabalho para EXPOAMA?

9 – Você tem alguma consideração a mais para fazer?

APÊNDICE C - ROTEIRO BASE DAS ENTREVISTAS A SER REALIZADAS EM MARABÁ DURANTE A PESQUISA DE MESTRADO.

PROJETO DE PESQUISA – “A relação cidade-floresta na Amazônia oriental: entre feiras-livres e de exposição da cidade de Marabá-Pa”.

ROTEIRO: Representantes das empresas que participam da EXPOAMA

Nome:

Idade:

Cargo:

Empresa:

Ano de Instalação:

Origem:

Subsedes ou representações fora de Marabá:

1 – A empresa trabalha com quais produtos e/ou serviços?

2 – Qual a importância da tecnologia para a sua empresa? E da informação?

3 – Qual a importância do trabalho?

4 – Por que foi escolhida a cidade de Marabá para a instalação da sua empresa?

5 - Qual a importância da EXPOAMA para Marabá e região?

6 - A empresa trabalha com que tipos (cheque, cartão, carta de crédito e financiamento) de transações financeiras?

7 – Para a sua empresa, qual o principal motivo de participar da EXPOAMA?

8 – Existem outras feiras que a empresa participa no sudeste paraense? Se sim, fale um pouco sobre elas.

10 – Como é feito o marketing da sua empresa (rádio, tv, jornal, internet, outdoors, panfleto)?

11 – Existe mais alguma coisa que você gostaria de falar?

APÊNDICE D - ROTEIRO BASE DAS ENTREVISTAS A SER REALIZADAS EM MARABÁ DURANTE A PESQUISA DE MESTRADO.

PROJETO DE PESQUISA – “A relação cidade-floresta na Amazônia oriental: entre feiras-livres e de exposição da cidade de Marabá-Pa”.

ROTEIRO: representantes das feiras-livres

Nome:

Idade:

Cargo:

1 – Qual foi o ano de instalação da feira que você representa? Você pode me falar um pouco sobre o histórico dela?

2 – Para você, qual é o principal objetivo dessa feira?

3 – Em relação aos feirantes, eles são novos ou antigos nesse ramo?

4 – Como você entende que se desenvolve a relação entre os feirantes? E entre eles e os consumidores?

5 – Quais e onde são produzidos os principais produtos comercializados? Você pode me falar sobre esse circuito da produção até a comercialização?

6 – Qual a relação da sua instituição com o Estado? Como você entende a atuação dele em relação à feira?

7 – Como você entende a importância da floresta e da natureza para as feiras-livres? E da tecnologia?

8 - Qual é a importância do trabalho para as feiras-livres?

9 – A vinda de supermercados e atacadões modificaram a dinâmica da feira?

10 – A atividade agropecuária e/ou de mineração interferiu de alguma maneira nas dinâmicas da feira? Existe algum conflito entre essas atividades e a de vocês?

11 – Você tem alguma consideração a mais para fazer?

APÊNDICE E - ROTEIRO BASE DAS ENTREVISTAS A SER REALIZADAS EM MARABÁ DURANTE A PESQUISA DE MESTRADO.

PROJETO DE PESQUISA – “A relação cidade-floresta na Amazônia oriental: entre feiras-livres e de exposição da cidade de Marabá-Pa”.

ROTEIRO: Feirantes (feiras-livres)

Nome:

Idade:

Quantos anos trabalha na feira:

Ajudantes:

1 – O que significa essa feira para você?

2 – Porque você se tornou feirante?

3 – Qual a importância do trabalho para você?

4 – Você trocaria a atividade de feirante por outro tipo de trabalho?

5 – Como se desenvolve a sua relação com os outros feirantes?

6 – E com os consumidores?

7 – Para você, qual é a importância da floresta e da natureza para a realização da feira? E para sua vida?

8 – Qual é a importância da tecnologia?

9 – Como você considera a atuação do Estado nas feiras-livres de Marabá?

10 – Da onde vem os seus produtos? Você pode me falar um pouco sobre esse circuito de produção, circulação, venda e consumo?

11 - Você tem alguma consideração a mais para fazer?

APÊNDICE F - ROTEIRO BASE DAS ENTREVISTAS A SER REALIZADAS EM MARABÁ DURANTE A PESQUISA DE MESTRADO.

PROJETO DE PESQUISA – “A relação cidade-floresta na Amazônia oriental: entre feiras-livres e de exposição da cidade de Marabá-Pa”.

ROTEIRO: frequentadores das feiras-livres

Nome:

Idade:

Local de moradia:

1 – Qual o principal motivo que lhe traz à feira?

2 – Com que frequência você vem à feira?

3 – Você costuma ir a outras feiras na cidade? Por quê?

4 - Para você, qual é a importância dessa feira?

5 – Como é seu relacionamento com os feirantes?

6 – O que poderia ser feito para que esse espaço atendesse melhor às suas necessidades?

7 – As ações do poder público têm valorizado as feiras-livres da cidade de Marabá? Por quê?

8 - Você tem alguma consideração a mais para fazer?

APÊNDICE G - ROTEIRO BASE DAS ENTREVISTAS A SER REALIZADAS EM MARABÁ DURANTE A PESQUISA DE MESTRADO.

PROJETO DE PESQUISA – “A relação cidade-floresta na Amazônia oriental: entre feiras-livres e de exposição da cidade de Marabá-Pa”.

ROTEIRO: frequentadores das feiras de exposição

Nome:

Idade:

Local de moradia:

1 – Qual o principal motivo que lhe traz à feira?

2 – Com que frequência você vem à feira?

3 – Você costuma ir em feiras de exposição de outras cidades? Por quê?

4 – Se sim, o que essas feiras têm de parecido ou diferente?

5 - Para você, qual é a importância dessa feira?

6 – Como é seu relacionamento com os feirantes?

7 – O que poderia ser feito para que esse espaço atendesse melhor às suas necessidades?

8 – As ações do poder público têm valorizado a EXPOAMA? Por quê?

9 - Você tem alguma consideração a mais para fazer?

APÊNDICE H - ROTEIRO BASE DAS ENTREVISTAS A SER REALIZADAS EM MARABÁ DURANTE A PESQUISA DE MESTRADO.

PROJETO DE PESQUISA – “A relação cidade-floresta na Amazônia oriental: entre feiras-livres e de exposição da cidade de Marabá-Pa”.

ROTEIRO: Atravessadores das feiras-livres

Nome:

Idade:

Local de moradia:

1 – Você abastece quais feiras-livres da cidade de Marabá?

2 – Além de Marabá, você abastece outros municípios? Quais?

3 – Quais os principais produtos que você comercializa?

4 - Qual a origem dessas mercadorias? Você poderia me falar um pouco sobre o circuito de transporte dessas mercadorias?

5 – Para você, qual é a importância das feiras-livres?

6 – Como se dá a ação do poder público em relação a esses espaços?

7 – Você tem mais alguma consideração a fazer?